

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



Delicadeza Linguística: do Mandarim ao Português
Interação aluno/professor no contexto universitário, através de email

SUN YUQI

Orientador: Prof. Doutor António Manuel dos Santos Avelar

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de Linguística, na especialidade
de Linguística Aplicada

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Delicadeza Linguística: do Mandarim ao Português
Interação aluno/professor no contexto universitário, através de email

SUN YUQI

Orientador: Prof. Doutor António Manuel dos Santos Avelar

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de Linguística, na especialidade de Linguística Aplicada

Júri:

Presidente: Doutora Maria Cristina de Castro Maia de Sousa Pimentel, Professora Catedrática e Membro do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- Doutora Maria da Conceição Carapinha Rodrigues, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- Doutor Fausto Felix Geert Caels, Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria
- Doutora Margarita Maria Correia Ferreira, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Doutor Rui Pedro Ribeiro Marques, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Doutor António Manuel dos Santos Avelar, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

2018

Resumo

Esta dissertação tem como fim último a compreensão da expressão da delicadeza linguística em contexto de aprendizagem de uma língua não materna, o português, por aprendentes universitários chineses. Trata-se de uma investigação sobre a comunicação escrita, por meio de email, entre aluno e professor, em que o primeiro é chinês e o segundo, em regra, português, em que se procura determinar as ações linguísticas que distinguem emails de alunos chineses e portugueses em situação idêntica de comunicação.

Sendo a delicadeza linguística um construto complexo, frequentemente associado ao de “face” (P. Brown & Levinson, 1978, 1987); ambos convocando elementos de edificação de natureza cultural, social, cognitiva, enunciativa e linguística, considerámos as noções de “face”, de *facework* (comportamento para atribuição de imagem do próprio) como resultado de um conjunto de fenómenos situados num determinado contexto e estabelecemos como princípio analítico as inter-relações entre face e identidade.

É realizada uma revisão bibliográfica sobre a expressão de delicadeza e as formas de tratamento em mandarim e estabelecido um contraste funcional entre algumas destas formas com as suas equivalentes em português.

Os textos dos emails são analisados através de dois estudos complementares, o primeiro quantitativo, o segundo, de natureza qualitativa. Estas análises centram-se em recursos de estruturação textual (cf. abertura, encerramento, entre outros) e de natureza sócio-pragmática e discursiva (cf. léxico atitudinal, forma de tratamento, indireção, modalidade, *small talks*, metáfora gramatical, deslocação do ato de fala principal para o final do email) e tiveram em conta as dimensões discursiva, argumentativa e avaliativa envolvidas.

Os resultados de ambos os estudos, suscetíveis de serem integrados na discussão sobre o desenvolvimento da competência sócio-pragmática em contexto de

aprendizagem de uma língua não materna, designadamente do português por estudantes universitários chineses, revelaram um desequilíbrio entre as competências sócio-pragmáticas e linguística, confirmando dados de investigação sobre a escrita de emails realizando pedidos (Economidou-Kogetsidis, 2011; Félix-Brasdefer, 2012; C. Pan, 2012) e permitiram detalhar as principais incidências no desenvolvimento da escrita de emails destes alunos até à fase derradeira da sua formação.

Palavra-chave: Expressão de Delicadeza Linguística, Formas de Tratamento, *Facework*, Identidade, Email

Abstract

This dissertation aims at the comprehension of the linguistic politeness in a L2 learning context, Portuguese by Chinese university students. It is an investigation about written communication between students and teachers by e-mail, in which the former refers to Chinese students and the latter are usually Portuguese teachers. The goal is to determine the linguistic actions that distinguish the e-mails written by Chinese students and those by Portuguese students in an identical communication situation.

Linguistic politeness is a complex construct, often associated with the concept of “face” (P. Brown & Levinson, 1978, 1987); both summoning cultural, social, cognitive, enunciative elements. In this study, the notions of “face” and facework (behavior to assign own image) are considered a result of a set of phenomena situated in a certain context. The interrelations between “face” and identity are established as an analytical principle.

A literature review on the politeness and addressing forms in Mandarin is carried out as a functional contrast between some of these forms and their equivalents in Portuguese.

The e-mails are analyzed through two complementary studies, the first as quantitative and, the second as qualitative. These analysis focus on the structure of the text (cf. opening, closing, among others) and the socio-pragmatic and discursive issue (cf. attitudinal lexicon, addressing forms, indirection, modality, small talks, grammatical metaphor, dislocation of speech act to the end of the e-mail) and the discursive, argumentative and evaluative dimensions involved were also considered.

The results of both studies may be included in the discussion about the development of a socio-pragmatic competence in a L2 learning context, namely the Portuguese language by Chinese university students. It revealed an imbalance between the development of socio-pragmatic competences and linguistic ones, confirming research data about the e-mails written with request purpose (Economidou-Kogetsidis, 2011, Félix-Brasdefer, 2012 and C. Pan, 2012). The results also allowed to detail the

main incidents verified in these students' development in e-mail writing at the utmost phase of their academic degree.

Key words: Linguistic Politeness, Addressing Forms, Facework, Identity, E-mail

Agradecimentos

O primeiro e mais especial agradecimento dirige-se ao meu orientador e sobretudo amigo, Professor Doutor António Avelar. Pelo seu interesse por este projeto, pela sua confiança incessante, fielmente depositada em mim desde o início do meu contacto com a área de linguística, e pelas nossas conversas frequentes, condições essas fundamentais para a realização deste trabalho. Obrigada pelo incentivo, pela paciência, pela generosidade e acima de tudo, pela amizade.

O mesmo também não teria sido possível sem a colaboração e a disponibilidade de um conjunto de pessoas e instituições. O meu agradecimento a:

As universidades, aos institutos politécnicos e universitários, tanto do lado oriental como do lado ocidental, aos professores e alunos que generosamente nos disponibilizaram os seus recursos privados, correios eletrónicos. Obrigada pelo seu tempo despendido nas comunicações e entrevistas.

Os meus pais. A minha gratidão excede às palavras. Obrigada pelo apoio incondicional constante, pelo amor e pela compreensão durante todos estes anos.

Agradeço ainda, com devido respeito, a todos os que estiveram ao meu lado com toda a paciência especialmente quando para ouvir sobre conceitos como delicadeza linguística, “face”, formas de tratamento ou realidades socioculturais na China e em Portugal. E a todos que me acompanharam nos momentos difíceis ou felizes.

“Now this is not the end. It is not even the beginning of the end. But it is, perhaps, the end of the beginning.”

– Winston Churchill

Índices

INTRODUÇÃO GERAL	1
PARTE I	2
CAPÍTULO 1 A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE DELICADEZA LINGUÍSTICA	15
1.1 Introdução	15
1.2 A teoria dos Atos de Fala	16
1.2.1 O desenvolvimento da teoria dos Atos de Fala	19
1.2.1.1 Classes dos Atos de Fala	21
1.2.2 O contributo de Leech	24
1.3 Implicatura e Máximas Conversacionais	27
1.4 Uma teoria da “Face”	33
1.4.1 Para uma teoria de Delicadeza Linguística	35
1.4.1.1 Limitações à teoria	42
1.4.2 A “Face” chinesa	45
1.5 O Princípio de Delicadeza de Leech	50
1.6 Conclusão	54
CAPÍTULO 2 DELICADEZA LINGUÍSTICA NA SOCIEDADE CHINESA E NO MANDARIM	55
2.1 Introdução	55
2.2 A Delicadeza na “era histórica” da China	57
2.2.1 O conceito de <i>lǐ</i>	59
2.2.1.1 Retificar o nome	61
2.2.1.2 Aproximação às máximas de Leech	64
2.3 Delicadeza na China contemporânea	65
2.4 Gu e o Princípio de Delicadeza chinesa	71
2.5 Conclusão	77
CAPÍTULO 3 A QUESTÃO DAS FORMAS DE TRATAMENTO	79
3.1 Introdução	79
3.2 “Poder” e “Solidariedade”	80
3.3 Formas de tratamento em Português	83
3.3.1 Classificação das formas de tratamento em Português	84
3.3.2 A visão tripartida em Cintra	87
3.4 Formas de tratamento em Chinês	89
3.4.1 Questões terminológicas e de categorização	89
3.4.1.1 Sinopse dos principais estudos	91
3.4.2 Fatores sócio-pragmáticos	96
3.4.2.1 Perspetiva histórica e sócio-pragmática	97
3.4.2.2 Fenómenos de generalização no Tratamento de Parentesco	99
3.4.3 Algumas considerações de natureza contrastiva	102
3.4.3.1 Tu e você <i>v.s.</i> <i>nǐ</i> e <i>nín</i>	105
3.4.3.2 Senhor e <i>xiānsheng</i>	107
3.4.3.3 Profissões e títulos académicos	109

3.5 Conclusão.....	111
PARTE II	113
CAPÍTULO 1 ESTUDO QUANTITATIVO DOS DADOS	115
1.1 Introdução	115
1.1.1 Procedimentos e metodologia	115
1.1.1.1 Recolha de dados	116
1.1.1.2 Metodologia de análise	119
1.2 Análise estatística	121
1.2.1 Descritivo	121
1.2.1.2 Procedimento; seleção e codificação das variáveis	122
1.2.2 Análise descritiva	128
1.2.2.1 Abertura e encerramento	128
1.2.2.1.1 Distribuição por língua materna	129
1.2.2.2 Assunto	131
1.2.2.3 Urgência dos emails.....	132
1.2.2.4 Propósitos sócio-comunicativos	133
1.2.2.5 Marcador de Delicadeza	134
1.2.3 Análise de Regressão	136
1.2.3.1 Universo dos emails.....	137
1.2.3.2 Cruzamentos: MDCN+LCN, MDPT+LPT, MDCN+MDPT	137
1.2.3.2.1 A hipótese do grau académico	138
1.2.3.2.2 A hipótese da interferência da língua materna	140
1.2.3.3 Escolhas individuais dos públicos considerados (MDCN, LCN, MDPT, LPT)	141
1.2.3.3.1 Emails de alunos chineses em pós-graduação (MDCN)	142
1.2.3.3.2 Emails de alunos chineses no curso de licenciatura (LCN)	143
1.2.3.3.3 Emails de alunos portugueses em pós-graduação (MDPT)	143
1.2.3.3.4 Emails de alunos portugueses no curso de licenciatura (LPT)	144
1.2.4 Análise dos propósitos sócio-comunicativos principais (Teste Kruskal-Wallis)	145
1.2.4.1 Procedimentos de codificação.....	145
1.2.4.1.1 Codificação dos propósitos sócio-comunicativos	146
1.2.4.2 Resultados	151
1.3 Apreciação global dos dados estatísticos.....	154
1.3.1 Predomínio das incidências estruturais	155
1.3.2 Proximidade discursiva; aluno chinês MDCN e aluno português LPT	155
1.3.2.1 Ordem e Extensão	156
1.3.2.2 Variáveis menos correlacionáveis.....	157
1.3.3 Expressão de delicadeza e Propósitos sócio-comunicativos	157
CAPÍTULO 2 ANÁLISE QUALITATIVA	159
2.1 Introdução	159
2.2 Enquadramento analítico	160
2.2.1 Abertura e encerramento padrão das escolhas dos alunos de língua chinesa	162
2.2.1.1 Alunos de licenciatura	162
2.2.1.2 Alunos de mestrado e doutoramento	166
2.2.1.3 O email dos alunos portugueses	169

2.2.2	Preponderância do “você”	170
2.2.3	Pedido e estratégias linguísticas na realização do ato de fala.....	173
2.2.4	Usos errôneos induzidos pela intenção de delicadeza.....	178
2.3	Apreciação global dos dados qualitativos	180
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	193
	ANEXO	217
	APÊNDICE DIGITAL CODIFICAÇÃO DOS EMAILS CONTIDOS NO CORPUS	

Índice de Figuras

FIGURA I-1	ESTRATÉGIAS DE DELICADEZA (P. BROWN & LEVINSON, 1978, P. 74, 1987, P. 69).....	36
FIGURA I-2	O ELEMENTO BIDIMENSIONAL NO TRATAMENTO (ADAPTADO DE BROWN & GILMAN, 1960, P. 259).....	81
FIGURA I-3	AS FORMAS DE TRATAMENTO E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS (CARREIRA, 1995).....	87
FIGURA I-4	FATORES PRAGMÁTICOS PARA A ESCOLHA ADEQUADA DA FORMA DE TRATAMENTO (ADAPTADO DE GU, 1992, P.12).....	96
FIGURA II-1	AGRUPAMENTO DE EMAILS DO <i>CORPUS</i> SEGUNDO A ESCOLARIDADE E LÍNGUA MATERNA.....	117
FIGURA II-2	EMAIL TIPO (LCN) SELECIONADO DO <i>CORPUS</i>	181
FIGURA II-3	EMAIL TIPO (MDCN) SELECIONADO DO <i>CORPUS</i>	182
FIGURA III-1	ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA PATERNA (CHAO, 1956, P. 228).....	217
FIGURA III-2	ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA MATERNA (CHAO, 1956, P. 229).....	218
FIGURA III-3	ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA DO MARIDO (CHAO, 1956, P. 229).....	218
FIGURA III-4	ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA DA ESPOSA (CHAO, 1956, P. 229).....	218

Índice de Quadros

QUADRO I-1	CLASSES DOS ATOS DE FALA (ADAPTADO DE LEVINSON, 1983; SEARLE, 1976).....	22
QUADRO I-2	A DIMENSÃO DE “CUSTO-BENEFÍCIO”: MINIMIZAÇÃO/MAXIMIZAÇÃO DA REGULAÇÃO DO CONTEÚDO (TRADUZIDO E ADAPTADO DE LEECH, 1983, P.107).....	25
QUADRO I-3	A DIMENSÃO DE INDIRETIVIDADE E DE OPCIONALIDADE: A MINIMIZAÇÃO/MAXIMIZAÇÃO DA REGULAÇÃO DO MODO (ADAPTADO DE FERNANDES, 2007, P.41; LEECH, 1983, P. 108).....	26
QUADRO I-4	AS ESTRATÉGIAS DE DELICADEZA DE BROWN & LEVINSON (P. BROWN & LEVINSON, 1987, PP. 101–227).....	37
QUADRO I-5	LEXICALIZAÇÃO ILUSTRATIVA DA MÁXIMA DE AUTO-DEPRECIÇÃO (ADAPTADA DE GU, 1990, P. 248).....	72
QUADRO I-6	O SISTEMA TRIPARTIDO DE FORMAS DE TRATAMENTO (ADAPTADO DE BIDERMAN, 1972, P. 365).....	87
QUADRO I-7	QUADRO SINÓTICO DAS CLASSIFICAÇÕES DAS FORMAS DE TRATAMENTO EM CHINÊS.....	93
QUADRO II-1	FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DOS EMAILS PRODUZIDOS POR ALUNOS CHINESES E PORTUGUESES.....	118
QUADRO II-2	FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM TENDO EM CONTA O NÍVEL DA ESCOLARIDADE.....	118
QUADRO II-3	CRITÉRIO DE CODIFICAÇÃO DAS FÓRMULAS NA ABERTURA DOS EMAILS.....	123
QUADRO II-4	CRITÉRIOS DE CODIFICAÇÃO DAS FÓRMULAS DO ENCERRAMENTO DOS EMAILS.....	123
QUADRO II-5	VARIÁVEIS INDEPENDENTES CONSIDERADAS NO ESTUDO.....	124
QUADRO II-6	CODIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS DEPENDENTES E INDEPENDENTES.....	127
QUADRO II-7	FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DE “ABERTURA” (VARIÁVEL Y1).....	128
QUADRO II-8	FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DE “ENCERRAMENTO” (VARIÁVEL Y2).....	128
QUADRO II-9	FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DE ABERTURA E ENCERRAMENTO NOS EMAILS DE ALUNOS CHINESES.....	129
QUADRO II-10	FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DE ABERTURA E ENCERRAMENTO NOS EMAILS DE ALUNOS PORTUGUESES.....	130
QUADRO II-11	RESULTADO GERAL DE ESTATÍSTICA DESCRITIVA: PREENCHIMENTO DE ASSUNTO.....	131
QUADRO II-12	FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DO PREENCHIMENTO DE ASSUNTO NOS EMAILS DOS ALUNOS CHINESES.....	131
QUADRO II-13	FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DO PREENCHIMENTO DE ASSUNTO NOS EMAILS DOS ALUNOS PORTUGUESES.....	131

QUADRO II-14	RESULTADO GERAL DE ESTATÍSTICA DESCRITIVA: URGÊNCIA DE EMAILS	132
QUADRO II-15	FREQUÊNCIA E PERCENTAGEM DO DIFERENTE NÍVEL DE URGÊNCIA DE EMAILS DOS ALUNOS CHINESES ..	132
QUADRO II-16	FREQUÊNCIA E PERCENTAGEM DO DIFERENTE NÍVEL DE URGÊNCIA DE EMAILS DOS ALUNOS PORTUGUESES	133
QUADRO II-17	FREQUÊNCIA E PERCENTAGEM DOS PROPÓSITOS SÓCIO-COMUNICATIVOS.....	133
QUADRO II-18	FREQUÊNCIA E PERCENTAGEM DOS PROPÓSITOS SÓCIO-COMUNICATIVOS NOS EMAILS DOS ALUNOS CHINESES.....	134
QUADRO II-19	FREQUÊNCIA E PERCENTAGEM DOS PROPÓSITOS SÓCIO-COMUNICATIVOS NOS EMAILS DOS ALUNOS PORTUGUESES	134
QUADRO II-20	FREQUÊNCIA E PERCENTAGEM DOS MARCADORES DE DELICADEZA	135
QUADRO II-21	FREQUÊNCIA E PERCENTAGEM DE MARCADORES DE DELICADEZA NOS EMAILS DOS ALUNOS CHINESES..	135
QUADRO II-22	FREQUÊNCIA E PERCENTAGEM DE MARCADORES DE DELICADEZA NOS EMAILS DOS ALUNOS PORTUGUESES	135
QUADRO II-23	ANÁLISE DE REGRESSÃO: SIGNIFICÂNCIA, VALORES GLOBAIS OBTIDOS	137
QUADRO II-24	ANÁLISE DE REGRESSÃO DE MDCN+LCN: VARIÁVEIS SIGNIFICATIVAS	139
QUADRO II-25	ANÁLISE DE REGRESSÃO DE MDPT+LPT: VARIÁVEIS SIGNIFICATIVAS.....	139
QUADRO II-26	ANÁLISE DE REGRESSÃO LINEAR DOS EMAILS PRODUZIDOS POR ALUNOS CHINESES: CORRELAÇÃO DA VARIÁVEL X8 GRAU ACADÊMICO E X6 MARCADORES DE DELICADEZA	140
QUADRO II-27	ANÁLISE DE REGRESSÃO DE MDCN+MDPT: VARIÁVEIS SIGNIFICATIVAS.....	141
QUADRO II-28	VALIDADE ESTATÍSTICA DAS CORRELAÇÕES APURADAS PARA OS ALUNOS MDCN	142
QUADRO II-29	VALIDADE ESTATÍSTICA DAS CORRELAÇÕES APURADAS PARA OS ALUNOS LCN	143
QUADRO II-30	ANÁLISE DE REGRESSÃO DE MDPT: VARIÁVEIS SIGNIFICATIVAS	144
QUADRO II-31	ANÁLISE DE REGRESSÃO DE LPT: VARIÁVEIS INDEPENDENTES SIGNIFICATIVAS	145
QUADRO II-32	PAPÉIS BÁSICOS DE ATOS DE FALA (ADAPTADO DE HALLIDAY, 1994, P. 69; HALLIDAY & MATTHIENSEN, 2004, P. 107)	147
QUADRO II-33	CODIFICAÇÃO DOS PROPÓSITOS SÓCIO-COMUNICATIVOS DOS EMAILS INCLUÍDOS NO <i>CORPUS</i>	148
QUADRO II-34	RESULTADO DESCRITIVO DOS PROPÓSITOS SÓCIO-COMUNICATIVOS PRINCIPAIS DE TODOS OS EMAILS NO <i>CORPUS</i>	151
QUADRO II-35	RESULTADO DO TESTE KRUSKAL WALLIS: SIGNIFICÂNCIA DAS TRÊS VARIÁVEIS “ABERTURA”, “ENCERRAMENTO” E “MARCADORES DE DELICADEZA”	152
QUADRO II-36	PREDOMINÂNCIA DOS PEDIDOS DE INFORMAÇÃO E BENS & SERVIÇOS.....	153
QUADRO II-37	QUADRO SINÓTICO DOS RECURSOS DE DELICADEZA CONSIDERANDO OS TRÊS PÚBLICOS LCN, MDCN E PT	183
QUADRO III-1	VOCATIVOS E TRATAMENTOS FAMILIARES (ADAPTADO DE CHAO, 1956; Y. CHEN, 1990; J. SHI, 2003)	222

Introdução Geral

Esta dissertação tem como fim último a compreensão da expressão da delicadeza linguística em situação de aprendizagem de uma língua não materna, o português, por aprendentes universitários chineses. Trata-se de uma investigação sobre a comunicação escrita, por meio de email, entre aluno e professor, em que o primeiro é chinês e o segundo, em regra, português. Adiante se discutirão os contornos discursivos da comunicação por intermédio de email e as implicações desta discussão quanto à própria investigação, já que a própria natureza desta forma de comunicação, predominante nos nossos dias, não é consensual entre os investigadores.

O email entre aluno e professor de culturas muito apartadas é um texto assaz rico, pelo que a sua análise envolve, desde logo, o conhecimento das duas culturas envolvidas, as questões relacionadas com a “face” e a identidade dos participantes, as relações interpessoais entre os participantes, o conhecimento que cada aluno tem da “comunidade de prática”, a qualidade da aprendizagem já realizada e das práticas

discursivas deste tipo de texto e o próprio estilo pessoal. A esta complexidade do objeto de análise acresce a não menos complexa natureza da investigação (sobre a expressão da delicadeza), onde abundam os estilos, os percursos e as perspectivas. Quanto ao presente trabalho, ater-nos-emos ao estudo das ações linguísticas observáveis, não pretendendo revelar o conhecimento que os participantes possam ou não ter de todos os outros fatores que intervêm na escrita. Temos como propósitos gerais, em primeiro lugar, identificar e discutir os aspetos mais relevantes com interferência na “face” e identidade dos participantes. Procuraremos, por extensão, trazer mais luz sobre os elementos contrastantes da expressão da delicadeza nas duas culturas em causa; porém, serão os textos inscritos nos emails dos alunos o fulcro principal da nossa análise.

Antes de mais, será benéfico justificar a nossa opção pelo termo “delicadeza”, uma vez que, “delicadeza”, “cortesia”, “deferência” e até o brasileiro “polidez” são termos empregues por investigadores portugueses e brasileiros, frequentemente com valor sinónimo. Tal como refere Carreira (2014), e estando esse facto patente em alguns dos seus trabalhos publicados na língua portuguesa, a palavra “delicadeza” será mais abrangente, já que inclui, não só os recursos de língua, mas também a “intencionalidade”, enquanto a “cortesia” evocará mais regras que garantem a etiqueta. Quanto à “polidez”, mais próxima da palavra inglesa (do ponto de vista fonético) “politeness”, evocará mais a superficialidade “polida” de uma pessoa, sem ângulos ou imperfeições (Carreira, 2014, pp. 28–29).

*Em minha opinião, e disso testemunham alguns dos meus trabalhos publicados em português, o termo “**delicadeza**” pela sua abrangência na intuição linguística dos falantes, estaria mais apto do que o termo “**cortesia**” a designar um domínio de estudo polifacetado que contemple tanto a intencionalidade e a relação interpessoal e social, como as manifestações verbais e não verbais e suas regras de funcionamento.*

(Carreira, 2014, p. 30)

O termo “delicadeza”, posto que reúne as duas dimensões acima apontadas por Carreira (*op. cit.*), proporciona, naturalmente, a consideração de uma terceira dimensão

a que chamaríamos contextual ou cultural, necessária para se compreender e estudar o fenómeno. É neste sentido, e na inclusão desta última dimensão que aprofundaremos os principais elementos das duas expressões de delicadeza, a portuguesa e a chinesa, relevando alguns dos elementos contrastivos em que ambas se expressam. É também esta perspectiva global que permite para uma determinada sociedade, por exemplo, a chinesa, determinar períodos evolutivos de delicadeza, associados a ruturas e evoluções que tiveram lugar no interior dessa cultura.

A delicadeza linguística é um construto complexo, muitas vezes, e em consequência de investigação preponderante, associado, de forma indelével ao de “face”; ambos convocando elementos de edificação de natureza cultural, social, cognitiva, enunciativa e linguística. Outras tantas são, portanto, as disciplinas associadas ao seu estudo (cf. pragmática, sociolinguística, teoria da enunciação, filosofia, sociologia, psicologia social, antropologia). Com efeito, a teoria de Brown e Levinson (1978, 1987) tem sido amplamente utilizada em estudos de delicadeza e recebeu apoio empírico extensivo. Nas últimas décadas, investigadores em pragmática e outros campos disciplinares tentaram usar a “face” como conceito chave na análise de comportamentos e interações pessoais (Haugh & Bargiela-Chiappini, 2010, p. 2073); todavia, esse trabalho seminal tem sido reiteradamente desafiado por múltiplos ângulos (Gu, 1990; Haugh, 2007; Kinnison, 2017; Song, 2017). A centralidade do conceito levou, inclusivamente, autores como Arundale (2013), Haugh (2009, 2013a), Haugh e Bargiela-Chiappini (2010) a defenderem a vantagem de se estudar a “face” e a sua teorização independentemente da delicadeza. Com efeito, a perspectiva que motivou as propostas iniciais de Brown e Levinson (1987), de pendor acentuadamente cognitivista, assumia a face como uma vontade interna, “internal want”, que influencia a comunicação no dia a dia; sublinhando, portanto, o aspeto normativo. Esta perspectiva que pode ser designada de “tradicionalista” influenciou um conjunto de estudos importantes e de autores consagrados nos quais se filiam Leech (1983, 2005), onde a consideração dos seus “principles of pragmatics” (1983) faz sentido, os trabalhos de Scollon & Scollon (1983, 1991, 2001), o trabalho de Lakoff (1990). O primeiro destes autores, Leech (1983), perspetivou a delicadeza enquanto recurso para reduzir fricções

na interação pessoal; Lakoff (1973) viu nela, sobretudo, um conjunto de recursos estratégicos para evitar o conflito; Holmes (1995), Scollon & Scollon (1995), por seu lado, focaram-se nas práticas ou comportamentos para construir a distância ou a solidariedade entre os falantes.

Muitas interrogações e reticências, porém, foram sendo apontadas, designadamente quanto à afirmação da sua universalidade. Neste trabalho, incluímo-nos num conjunto de investigadores que não veem na “face” um conceito meramente normativo e estático como se operacionalizou nos trabalhos acima referidos; pelo contrário, encaramo-la como uma entidade construída, gerida, apresentada e moldada no discurso. Entre estes autores, destacamos os que primeiro desenvolveram trabalho crítico teórico (Gu, 1990; Okamoto, 1999; Eelen, 2001; Mills, 2003; Richard J. Watts, 2003; Locher, 2004; Arundale, 2013; Kinnison, 2017; Song, 2017), trabalho este que sustentará os consensos atuais em torno da perspectiva que alguns denominam de pós-modernista. O argumento primordial desta perspectiva reside na evidência de que os elementos situacionais e contextuais só serão adequadamente discernidos e explicados num discurso situado. Mais recentemente, um grupo de investigadores (Spencer-Oatey, 2007; Haugh & Bargiela-Chiappini, 2010; Arundale, 2013; Haugh, 2013a, 2013b; Jiayi Wang & Spencer-Oatey, 2015, etc.), sublinhando a centralidade do papel da “face” no estudo da delicadeza, reclamam a sua autonomia. Em última análise, segundo esta perspectiva, um estudo sobre a face sobrepondo-se em grande medida com o estudo da delicadeza, não deixa de o extravasar, em alguns aspetos, quando o que está em causa são as relações interpessoais.

No contexto deste estudo, o que é essencial afirmar é a ideia de que a “face”, sendo construída, é gerida, apresentada e moldada no discurso e, patenteia três dimensões discursivas predominantes: a discursiva, a argumentativa e a avaliativa. Se as duas primeiras têm sido devidamente destacadas, a última dimensão merece aqui especial referência por destacar a necessidade constante de avaliação do que é positivo ou negativo numa determinada situação e cultura, aspeto que é crucial na análise de emails escritos por aprendentes chineses no interior de uma cultura como a portuguesa. A análise da delicadeza que realizaremos emerge, pois, da consideração das ações

linguísticas observáveis, do conhecimento necessário das “comunidades de prática” e da perspectiva que o falante tem sobre o assunto. Em consequência, este estudo não assume uma perspectiva estática e determinística da delicadeza, cuja análise é centrada no falante (indivíduo). Pelo contrário, pressupomos que a expressão da delicadeza resulta de um conjunto de fenómenos situados num determinado contexto e, portanto, no interior de um grupo.

Em conformidade com a perspectiva teórica escolhida, gostaríamos de, abertamente, introduzir a assunção de uma perspectiva genológica que é a nossa. Com efeito, partilhamos da posição de Marques, entre outros autores, ao afirmar “O género discursivo é necessário à compreensão dos comportamentos de cortesia” (M. A. Marques, 2009, p. 294). Acontece que o email não constitui um género discursivo¹, como em outro local desta dissertação se discute; outrossim, será veículo de várias possibilidades genológicas, consoante o propósito sócio-comunicativo. Apesar desta restrição, não deixamos de dar ênfase aos aspetos contextuais, da situação e da cultura, que envolvem a interação por email.

Já é tempo de dar uma explicação sobre o ponto de partida para esta dissertação. Tendo experiência, curta embora, de ensino das duas línguas enquanto línguas estrangeiras, mandarim e português, não nos resta a menor sombra de dúvidas que, se pretender ajudar um aprendente destas línguas, não são as questões dos sons, vocabulário ou gramática que requerem do professor mais perícia ou dedicação. Porventura, porque menos explorado nos currículos, manuais e até na investigação, é o desenvolvimento da competência sócio-pragmática que exige um maior saber fazer. O professor pode lamentar a inexistência de abundante bibliografia que oriente, para o ensino do português, o ensino desta competência. O ensino dos vários atos de fala em diferentes línguas, todavia, tendo sido alvo de abundantes e reveladores estudos, entre os quais destacamos os de Bardovi-Harlig (2001); Y.-F. Chang (2011); Ishihara & Cohen (2010); Yu (2004, 2011) será uma exceção no caleidoscópio de tópicos

¹ Temos como referência, entre as diversas escolas genológicas, as propostas da Escola de Sydney (Christie, 1998; Christie & Martin, 1997; Martin, 1999; Martin & Rothery, 1986) cuja definição de género implica o propósito sócio-comunicativo e a estruturação interna.

envolvidos naquela competência. A delicadeza, que faz parte integral da competência pragmática, não tem, na verdade, recebido a atenção devida nos documentos de ensino, encontrando-se os professores, frequentemente, desarmados perante as questões colocadas por esta expressão de “internal want”.

A referência pessoal sobre a motivação permite compreender mais de perto o propósito desta investigação - em última análise, o estudo terá, portanto, interesse por procurar dar resposta a questões que se colocam a um aprendente chinês ao estudar a língua portuguesa, designadamente no que diz respeito ao desenvolvimento da competência sócio-pragmática. Interessa-nos dar resposta a algumas perguntas primordiais:

- Quais os propósitos sócio-comunicativos predominantes na correspondência por email entre os alunos e os seus professores?
- Até que ponto o conhecimento sócio-pragmático revelado pelas escolhas dos alunos chineses é equivalente à sua competência linguística?
- Em que momento(s) da aprendizagem as escolhas dos aprendentes chineses se aproximam das dos alunos portugueses de licenciatura e de pós-graduação?

Outras questões estudadas com o desenvolvimento da investigação, terão, seguramente, relevância para a aprendizagem de outra língua por estes aprendentes, designadamente do inglês; língua que, em regra, precede o português na ordem normal de aquisição. A pertinência do estudo estender-se-á ao domínio da tradução e interpretação, porquanto melhorias são necessárias na transposição de textos de uma língua/cultura para a outra.

No primeiro plano do estudo, porém, estará o aprendente chinês na sua relação com o professor, num ambiente intercultural em que cada cultura em presença (a portuguesa e a chinesa) tem as suas normas específicas de comportamento. As opções do aluno circunscrevem-se ao conhecimento do que é considerado adequado, do ponto de vista da delicadeza, no interior da nova cultura e da capacidade para tornar as suas escolhas linguísticas conforme as regras da nova cultura. Em última análise, o fulcro desta dissertação é saber como constroem, apresentam e gerem os alunos a sua face discursiva em comunicação escrita (email) com o seu professor. Julgamos que os participantes

escolhidos (professor universitário e aluno) apresentam a vantagem de possuírem valorações simbólicas e de poder muito distintas em ambas as culturas, o que representa um fator de ponderação acrescido para o aluno no ato de escrita.

Para as convicções que estão na base desta investigação, contribuíram vários estudos sobre a escrita de emails entre alunos e professores, designadamente usando a língua inglesa. Mais particularmente, os estudos que refletiram sobre o modo como estudantes chineses, aprendentes de inglês, fazem pedidos (o propósito sócio comunicativo preponderante nos emails, como adiante se verá), em inglês aos seus professores (C.-F. E. Chen, 2001, 2006; Lee, 2004). Globalmente, estes estudos apontam para o facto de os aprendentes não serem capazes de se exprimirem através quer de formas linguísticas, quer de estratégias retóricas adequadas. O aluno chinês, concluem a generalidade dos estudos, tendem a estruturar os seus pedidos de uma forma indireta, recorrendo a várias ações típicas de pré-pedido, compatíveis com o que adiante discutiremos quanto às *small talks* e colocando o próprio ato do pedido no fim. Por outro lado, quanto aos recursos linguísticos do pedido, eles são mais diretos e sujeitos a poucas modificações lexicais e sintáticas. Wuhan Zhu (2012) sintetiza do seguinte modo a ideia que perpassa a maioria dos estudos:

Chinese speaking students probably transfer the request strategies that they normally use in Chinese to the English request emails written to professors. According to this, these studies thus conclude that the transfer may sometimes cause Chinese students to be unable to use English email requests appropriately and effectively in the institutional unequal-status communication.

(Wuhan Zhu, 2012, p. 106)

Na verdade, tal como Lin (2009) refere, em muitos destes estudos, pouca atenção foi dada à forma, função e distribuição de sub-estratégias dos atos de fala nos emails contendo pedidos. Outra limitação apontada por Zhu (2012) tem a ver com o facto de os participantes, na maioria destes estudos, serem originários de Hong Kong ou de Taiwan, o que representa uma séria limitação à representatividade do estudo, já que

estão sociocultural e pedagogicamente marcados.

Não ignoramos que o email constitui uma forma de escrita já presente em muitos *curricula* de ensino de PLE, o que permite que muitos alunos tenham praticado a sua escrita em contexto de aula. Na maior parte dos casos, no entanto, ter-se-ão limitado a interiorizar algumas formalidades de início e conclusão textual, e experimentaram o uso de algumas formas de tratamento². Ao planearem a escrita ou ao escreverem um email ao seu professor, os alunos são obrigados a realizar um certo número de escolhas linguísticas, sócio-pragmáticas e discursivas, quer quanto ao grau de diretividade e formalidade, quer quanto à presença e quantidade de estratégias de mitigação, quer quanto às formas de tratamento e, de um modo geral, quanto ao próprio estilo de delicadeza. O exercício de escrita com tal grau de implicações pode representar para o aprendente de L2 um grande desafio não só pelo restrito repertório linguístico como pela estranheza face às normas e valores da cultura associada à língua alvo.

O email apresenta, ainda, uma dificuldade acrescida que se prende com a sua própria natureza retórica. Autores há que consideram o email um género híbrido, por convocar uma expressão escrita próxima da oralidade. Quanto à questão do género, não acompanhamos estes autores nesta consideração já que, sendo o email uma prática comunicativa que usa a virtualidade tecnológica como meio, nele podem ser veiculados vários géneros, consoante o propósito sócio-comunicativo do autor (cf. narrativo, instrucional, argumentativo ou outro). Já quanto ao hibridismo, aceitamos que a imediatez do meio, proporcionando a sensação de que o alocutário se encontra em condições de resposta imediata, quase permitindo o diálogo, dado que essa proximidade como que autoriza escolhas linguísticas mais próprias da oralidade. É, pois, de considerar este desafio acrescido para o aluno no momento da escrita, momento tão essencial e crítico onde convergem, nem sempre de forma harmónica, todos os fatores acima apontados.

É bom ter presente, e por essa razão dedicamos a esse assunto um capítulo nesta

² Não temos disponível nenhum dado relativo ao tipo de texto em estudo; porém, estudos apontam para que, de um modo geral, apesar da proficiência na língua alvo poder ser alta, os estudantes revelam uma inadequada consciência pragmática na escrita de L2 que pode resultar em mensagens incongruentes com erros pragmáticos significativos (Cohen, 2016).

dissertação, a complexidade da delicadeza linguística em mandarim que fica a dever-se, antes de mais, às múltiplas camadas e mudanças sociais que tiveram lugar desde a mais remota antiguidade, atravessando um longo processo de acomodação de práticas linguísticas. Com efeito, da delicadeza linguística em mandarim emergem duas fases de desenvolvimento; um período chamado histórico e um período contemporâneo de delicadeza (Y. Pan & Kádár, 2011a, 2011b), ambas, porém, desconectadas de forma tão pronunciada que leva a que alguns autores considerem o fenómeno caso único. Durante a Revolução Comunista (1921-1949) e após a fundação da RPC em 1949, uma nova forma de pensamento ter salientando as ideias de “igualdade” e “solidariedade” (Fairbank, 1997; Q. E. Wang, 2001), muito recentemente, novas mudanças ideológicas vêm tendo impacto sobre o uso da linguagem delicada na interação social, onde a aplicação de fórmulas mais cuidadas ou tidas como educadas é estimulada e os valores confucianos são ressuscitados, redefinidos e acomodados de forma muito diversa na própria sociedade chinesa.

É neste contexto que evolui o escritor dos textos estudados nesta dissertação. Não podemos deixar de encará-lo como sendo portador da complexidade linguística e cultural acima exposta, operando, portanto, no momento das suas escolhas discursivas, designadamente nas de natureza sócio-pragmática, com base em informações e práticas não estabilizadas na sua L1. Lançará mão da informação que manuais e professores lhe dispenderam nos últimos anos de aprendizagem, mas sabe-se bem quão deficiente é, em regra, esta informação; procurará, muitas vezes, amparo no que aprendeu para a língua inglesa, mas também se sabe quão diferente é a expressão de delicadeza naquela língua e no português.

Para a realização deste trabalho, perseguimos objetivos muito discretos, se comparados com a riqueza do material recolhido, inerente à natureza do próprio texto, mas também quando aproximado à multiplicidade de abordagens de investigação da expressão de delicadeza, à disparidade e distância cultural envolvida no estudo. Este contraste entre os objetivos da investigação e o campo do mesmo, teve naturalmente consequências na metodologia usada. Trata-se de um estudo que trabalha dados qualitativos, designadamente no que diz respeito à aproximação às incidências e

fórmulas de expressão de ambas as culturas e a alguns aspetos textuais de difícil quantificação, como algumas incidências retóricas de abertura e encerramento, das *small talks*, do uso do “você”, entre outros. A par deste estudo qualitativo, realizamos uma análise quantitativa cujo tratamento estatístico teve como suporte o *software Statistical Product and Service Solutions* (IBM SPSS), instrumento que nos pareceu adequado à natureza do estudo, permitindo uma análise de Regressão e um teste Kruskal Wallis. No primeiro caso, o estudo procura demonstrar a correlação entre variáveis (dependentes e independentes), tais como o propósito sócio-pragmático no envio do email, a sua extensão e a sua urgência, entre outras. O teste Kruskal Wallis procura determinar os propósitos sócio-pragmáticos preponderantes nos emails.

A organização desta dissertação corresponde, quase, ao desenvolvimento da própria investigação. Assim, tendo-nos interessado o estudo do email entre aluno e professor, procurámos na informação bibliográfica informação pertinente para a análise e essa procura levou-nos, praticamente, às origens dos estudos da delicadeza, razão pela qual o Capítulo 1 revisita o passado dos mesmos, constituído por estudos, desde os anos sessenta, que num ou noutro aspeto particular, podem estar datados, mas continuam a ser incontornáveis, até porque representam um *continuum* de propostas sólidas, de tal forma intrincado que a referência a uma delas implica a referência da sua antecedente. Passamos em revista os contributos de John Austin e John Searle (Teoria dos Atos de Fala), H. P. Grice (Máximas Conversacionais), Leech (Princípio de Delicadeza), autores que procuraram explicar o funcionamento das línguas em situações de comunicação concretas. São, de resto, as propostas destes autores que nos permitem estabelecer uma ponte entre as longínquas ideias de Goffman (1955/1995, 1959, 1967), com o essencial do modelo incontornável de Brown & Levinson (1978, 1987), também revisitado neste capítulo.

No Capítulo 2 procedemos a uma revisão crítica dos estudos sobre a delicadeza linguística na sociedade chinesa e no mandarim, destacando os períodos (histórico e contemporâneo) determinantes para a acomodação atual. Passemos pela discussão do significado de *Li* e pelas suas implicações filosóficas, sociais e políticas, e apresentamos a proposta de Yueguo Gu (1990, 1992), baseada nas máximas conversacionais de Leech.

Porque o sistema das formas de tratamento em chinês é relativamente mais complexo que o do ocidente (Guo & Xu, 2005, p. 444), dedicamos o Capítulo 3 desta primeira parte à apresentação e discussão das formas de tratamento desta língua. O sistema de tratamento em português é, também, alvo de uma breve apresentação, procurando-se estabelecer elementos comparativos discretos. Com efeito, têm-se registado alguns paradoxos em traduções e no domínio do ensino de ambas as línguas devido à simplificação dos valores de que algumas formas de tratamento são portadoras.

Na Parte II, dá-se conta dos dois estudos; no Capítulo 1 da análise quantitativa; no Capítulo 2 da análise qualitativa.

PARTE I

Capítulo 1 A Formação do Conceito de Delicadeza Linguística

1.1 Introdução

Este capítulo será dedicado a passar em revista as teorias que, direta ou indiretamente, mais influência têm nesta investigação. Trata-se de contributos nem sempre oriundos da área dos estudos linguísticos, como são os casos dos filósofos John Austin, John Searle, H. P. Grice, que procuraram fazer entender o funcionamento das línguas em situações de comunicação concretas. Nesta revisão introdutória, poderiam figurar os trabalhos de inúmeros linguistas, designadamente os que revelaram sensibilidade sociolinguística, sócio-pragmática ou que procuraram, de algum modo, entender o funcionamento da língua para além do nível frásico. Centrar-nos-emos, em primeiro lugar, no desenvolvimento da teoria dos Atos de Fala porque, embora já longínqua, tem inspirado um considerável número de trabalhos centrados no ensino de uma língua não materna (Bardovi-Harlig, 2001; W. Chang & Haugh, 2011; Ishihara, 2010; Ishihara & Cohen, 2010; Kasper, 2001; Yu, 2004, 2011), estudos estes focados em pedidos, recusas, elogios, desacordo, em diferentes línguas. Daremos conta do

contributo vindo também da pragmática (Leech, 1983), contributo este, indispensável à compreensão do fenómeno da delicadeza, e passaremos em revista a teorização em torno do conceito de “face” que, em determinado momento do seu desenvolvimento, se confunde, ou pode confundir, com o próprio conceito de delicadeza. Das ideias de Goffman (1955/1995, 1959, 1967), às incontornáveis propostas de P. Brown & Levinson (1978, p. 63), passando por uma reflexão sobre as limitações do modelo de “face”, a discussão levar-nos-á à primeira abordagem, nesta dissertação, da questão central: a “face” chinesa *per se* e no confronto com a portuguesa.

Antes de prosseguirmos, suscitamos duas observações prévias que se prendem com a gestão dos conteúdos deste capítulo. Em primeiro lugar, sendo a literatura tão vasta, abarcando propostas que se desenvolvem desde os anos sessenta do século passado, a sua síntese é tarefa difícil, de resto, já bastante ensaiada em muitos trabalhos. Tentámos seguir um critério de apresentação do essencial de cada proposta, relevando a parte que melhor se compatibiliza com os estudos que se lhe seguem e que, afinal, contribuem para os consensos possíveis nos estudos atuais sobre a delicadeza. Em segundo lugar, o critério de apresentação, procurando ser diacrónico, também não consegue ser cumprido na perfeição, na medida em que alguns dos desenvolvimentos teóricos são relativamente concomitantes e intercetam-se. Trata-se, portanto, de uma revisão que, procurando ser inclusiva, tem as limitações do espaço e da abrangência, tendo-se dado destaque à teia consensual que se foi tecendo nas últimas décadas.

1.2 A teoria dos Atos de Fala

A teoria dos Atos de Fala é uma proposta desenvolvida, primeiramente, pelo filósofo John Austin nos anos 60 do Séc. XX e nas subsequentes duas a três décadas, depois aprimorada pelo seu pupilo, John Searle (1965, 1969, 1976, 1979). A teoria incorpora uma visão filosófica da linguagem em que se parte do pressuposto de que falar não é um mero ato de enunciação, mas representa uma efetiva ação: “(...) usar uma linguagem ou falar são formas de fazer coisas” (Lima, 2007, p. 20). Assim se redefine uma nova natureza da língua e se procura atingir a essência da comunicação linguística,

também ela redefinida.

Austin (1962) parte da constatação de que nem sempre um enunciado cumpre o propósito comunicativo que aparenta pretender realizar e que, nos atos de fala da realidade comunicativa quotidiana, uma primeira distinção se impõe “[...] many utterances which look like statements are either not intended at all, or only intended in part, to record or impart straightforward information about the facts [...]” (Austin, 1962, p. 2). O autor propõe, então, uma categorização que distingue duas categorias principais de atos de fala: atos de fala *constativos* e *performativos*. Com esta distinção, Austin pretende, justamente, distinguir enunciados cujo único aspeto relevante é a atribuição de um valor de verdade (constativos) de enunciados que constituem simultaneamente ações (performativos). As diferenças entre ambos residem na sua objetividade sócio-comunicativa, no seu funcionamento em determinado contexto de ocorrência, mas nunca nas suas diferenças estruturais, como sublinha Gouveia:

A diferença entre os enunciados performativos e os enunciados constativos não é, portanto, uma diferença estrutural, mas uma diferença de qualidade, enquanto atos de fala.

(Gouveia, 1996, p. 390)

A evidência da proposta de Austin pode ser encontrada nos exemplos seguintes:

- (1) O carro da Maria é branco.
- (2) O carro da Maria está a trabalhar.
- (3) Nomeio-a diretora desta empresa.

Os dois primeiros enunciados pertencem à categoria dos constativos já que o primeiro apenas descreve um estado de coisas e o segundo, um acontecimento; em ambos é apenas estabelecida uma relação de verdade. No caso do terceiro enunciado, após a enunciação, algo acontece, de facto (a senhora/interlocutor torna-se diretora da empresa). Austin fez também notar que, no caso dos enunciados performativos, um verbo pode indicar claramente a natureza da ação, pelo que se designa por verbo performativo. No exemplo acima, o verbo “nomear”, mas na língua portuguesa, muitos

verbos como, “perguntar” (fazer uma pergunta), “afirmar” (fazer uma afirmação), “declarar” (abertura de uma sessão), “ordenar” (dar uma ordem), etc.

Os enunciados performativos estão tipicamente associados à primeira pessoa do singular do indicativo (eu) e podem ser precedidos pela expressão “pelo presente...” (cf. Pelo presente, nomeio-a diretora da empresa), expressão que é, muitas vezes, usada para identificar o tipo de enunciado.

Assim, em conformidade com as suas ideias, Austin sugere que o locutor, ao falar, executa três atos: atos locutórios, atos ilocutórios e atos perlocutórios.

Os *atos locutórios* são manifestações físicas da enunciação com determinado sentido e referência e correspondem à produção do enunciado segundo as regras gramaticais da língua. Os *atos ilocutórios* serão realizados pelo locutor quando produz um enunciado em determinadas condições sob intenções comunicativas claras (cf. convidar, avisar, anunciar, ameaçar, etc.). “Convencer”, “persuadir” ou “assustar” estão entre as intenções que podem presidir a um ato de fala, seja este ou não realizado com a presença de um verbo performativo (“prometer”, “declarar”, “nomear”, “censurar”, etc.) (Austin, 1962; Levinson, 1983). Porém, a realização de qualquer ato, ao ser reconhecida pelo seu interlocutor, é suscetível de provocar uma reação (consequência verbal ou física do mero ato de comunicar), tratando-se neste caso de um *ato perlocutório*.

Um enunciado pode, pois, realizar os diferentes tipos de atos de fala, uma vez que eles não são mutuamente exclusivos:

(4) A porta está aberta.

O enunciado pode pertencer ao ato de enunciação ou ato locutório pois é um ato de produção do enunciado. Poderá ser considerado como um ato ilocutório, i.e., pode corresponder, por exemplo, a um pedido para o interlocutor fechar a porta. O enunciado pode, inclusivamente, ser um ato perlocutório a) se o interlocutor for fechar a porta ou, b) se o interlocutor sentir o enunciado como uma censura pelo facto de ter deixado a porta aberta.

1.2.1 O desenvolvimento da teoria dos Atos de Fala

A teoria dos Atos de Fala foi um marco no desenvolvimento da pragmática. Mesmo que algumas considerações de Austin não sejam suficientemente precisas ou completas, o autor é, sem dúvida, o fundador da teoria. A sua proposta ultrapassa um olhar filosófico sobre a natureza da comunicação linguística e proporciona uma base teórica para estudos posteriores. A teoria dos atos de fala do linguista americano John Searle (1969), discípulo de Austin, reflete a magnitude da base teórica original, sendo uma, porventura a mais adequada, das várias revisões a que foi submetida a teoria de Austin.

Sendo as investigações de Austin sobre as ideias isoladas da fala, o estudo de Searle (1965, 1969, 1976, 1979) levou essa teoria ao ponto de indagar sobre a interação e comunicação linguística entre os seres humanos. Segundo Searle (1969), a unidade básica na comunicação não é, apenas, uma palavra ou uma frase, mas será o ato de fala na sua globalidade e complexidade; assim, a comunicação linguística é constituída por uma sequência de atos de fala. A utilização da linguagem, como a execução de muitas atividades sociais, é uma ação com intenções que se cumpre dentro de certos limites e restrições (Searle, 1969).

Searle, ao contrário de Austin, que ignorou a relação entre o ato de fala propriamente dito e o valor semântico do mesmo (enunciado), distingue o *ato ilocutório* e o *conteúdo proposicional* de um enunciado. O conteúdo proposicional de um enunciado é composto por duas partes: a referência, i.e., o que está a ser referido, e a predicação, ou seja, o que é dito ou predicado sobre o que está a ser referido. Searle utiliza os seguintes exemplos para explicar a relação entre o conteúdo proposicional e o ato ilocutório:

- (5) O João vai sair?
- (6) O João vai sair.
- (7) João, sai.
- (8) Será que o João vai sair?
- (9) Caso o João saia, eu também saio.

(adaptados de Searle, 1965, pp. 4–5)

Como se pode constatar nos exemplos propostos, diferentes atos de fala que resultam em diferentes atos ilocutórios poderiam ter o mesmo conteúdo proposicional. Neste caso, os cinco enunciados possuem o mesmo conteúdo proposicional já que “João” e a ação de “ir-se embora” são sempre referidos. Ainda assim, os enunciados poderiam, em diferentes ocasiões, realizar diferentes atos ilocutórios.

Outro conceito associado aos anteriores é o de *força ilocutória*, que pode ser concebida como o significado ilocutório do ato, aquilo que determina a sua função como, nos exemplos acima mencionados, pergunta, suposição, pedido/ordem, desejo e hipótese, etc. É possível distinguir, em cada tipo de ato ilocutório, uma força ilocutória, uma vez que cada tipo de ato ilocutório tem implicado uma intenção ilocutória distinta que, de certo modo, regula e integra a força ilocutória.

Segundo Searle, a natureza de um ato, ou a força ilocutória de um enunciado, são indicados por alguns dispositivos linguísticos, os quais Searle intitula “dispositivos indicadores da força ilocutória”. De entre estes, para além dos verbos performativos, que inequivocamente indicam o tipo do ato ilocucionário, a intenção de um enunciado poderá ser expressa através de alguns meios, por exemplo, através da ordem das palavras, do tom, da pontuação, do modo da linguagem, entre outros.

Estas observações e propostas não implicam que, por exemplo, enunciados como “Ai!” ou “Meu deus!” que, sem dúvida nenhuma, executam atos ilocutórios, não possuam conteúdo proposicional.

Searle propôs uma tipologia de atos de fala, ainda hoje de grande utilização em estudos de diversa natureza que, baseando-se em doze vertentes principais.

There are at least a dozen linguistically significant dimensions of differences between illocutionary acts. Of these, the most important are illocutionary point, direction of fit, and expressed psychological state.

(Searle, 1976, p. 1)

O autor, porém, parte, essencialmente de três parâmetros de análise: *o objetivo ilocutório*, *a direção de ajuste* e *o estado psicológico expresso (a condição de sinceridade)* (Searle, 1979).

These three dimensions – illocutionary point, direction of fit and sincerity condition – seem to me the most important, and I will build most of my taxonomy around them.

(Searle, 1979, p. 5)

O objetivo ilocutório refere-se à intenção ou ao propósito com que um enunciado é produzido e o respetivo tipo de ação ilocutória. Por exemplo, de forma geral, “pedir”, “ameaçar”, “ordenar”, entre outros, têm como objetivo fazer o alocutário/ouvinte seguir um determinado percurso de ação.

A direção de ajuste refere-se à consequência provocada pela intenção do ato ilocutório, i.e. a relação entre a fala e o mundo objetivo, sendo que diferentes tipos de atos ilocutórios podem diferir nas suas direções de ajuste.

O terceiro aspeto considerado prende-se com o facto de o locutor, muitas vezes, inevitavelmente, expressar a sua atitude e o seu estado psicológico, o que permite distinguir as ações de “prometer”, “jurar” ou “ameaçar” (que exprimem uma intenção e vontade de fazer algo) das de “pedir”, “ordenar” ou “sugerir” (em que o locutor exprime a sua intenção de fazer com que o alocutário realize algo).

1.2.1.1 Classes dos Atos de Fala

Com base nesses três aspetos, Searle estabeleceu seis grandes classes de atos de fala: atos ilocutórios assertivos ou representativos, diretivos, compromissivos, expressivos, declarações e declarações representativas (Z. He, 2011; Levinson, 1983; Searle, 1976), que procuraremos caracterizar sumariamente no Quadro I-1.

Atos de fala ilocutórios	Intenção ilocutória (condição essencial)	Verbos típicos performativos	Dimensões de variação	
			Direção de ajuste	Estado psicológico
assertivos	o locutor dedica-se à verdade do enunciado expresso	afirmação, informação, juramento, descrição, acordo, etc.	↓ palavras → mundo	crença
diretivos	o locutor tenta fazer o interlocutor realizar algo	convite, conselho, solicitação, ordem, etc.	↑ mundo → palavras	desejo e vontade
compromissivos	comprometer o locutor com a realização de uma ação futura	compromisso, promessa, jura, ameaça, etc.	↑ mundo → palavras	intenção
expressivos	expressa-se o estado psicológico	agradecimento, agrado, parabéns, desculpas, etc.	n/a	tristeza, lamento, gratidão
declarações	realizar uma mudança no estado de coisas, criando uma nova realidade	nomeação, declaração, designação, etc.	↑ mundo → palavras palavras → mundo	?
declarações representativas	<i>idem</i>		↓ palavras → mundo	crença

Quadro I-1 Classes dos Atos de Fala (adaptado de Levinson, 1983; Searle, 1976)

Nos atos assertivos, inicialmente designados por Searle como “representativos” (Searle, 1976, p. 10), o objetivo ilocutório consiste em traduzir a crença do locutor acerca da verdade de uma proposição. A direção de ajuste será “palavra-mundo”, ou seja, o que o locutor diz tem que estar relacionado com a realidade do mundo (Searle, 1979). Aqui o grau da força ilocutória poderá ser diferente consoante os diferentes graus de comprometimento do locutor face à veracidade do enunciado expresso:

- (10) Não fomos nós que os convidámos.
- (11) Nego termos sido nós a convidá-los.
- (12) Fazemos uma pausa às 14h30.

Nos atos ilocutórios diretivos, o objetivo ilocutório consiste em levar o interlocutor

a realizar uma ação. A direção de ajuste será “mundo-palavra”, pois com a proposição expressa pelo locutor haverá alguma mudança no mundo. O desejo e a vontade serão o estado psicológico (Searle, 1979). O grau de tentativa varia dos atos mais leves de “convidar”, “sugerir” para os mais intensos, por exemplo “ordenar”, “exigir”:

- (13) Achava melhor falares mais baixo.
- (14) Não te importas de falar mais baixo?
- (15) Fala baixo!

Quanto aos atos compromissivos, o objetivo ilocutório será comprometer o locutor com a realização de uma ação (Searle, 1979). Os compromissivos são manifestações de vontade e a direção de ajuste é “mundo-palavra”, i.e., irá acontecer algo conforme o que o locutor diz. O conteúdo proposicional corresponde à ação que o locutor pretende realizar no futuro. Porém, poderemos verificar que, embora o objetivo ilocutório seja o mesmo, o grau de compromisso varia de ato para ato, na medida em que também, estes, contêm, diferentes verbos performativos³:

- (16) a. Na próxima semana entregarei a minha tese.
 - b. Prometo entregar a minha tese na próxima semana.
 - c. Juro que entrego a minha tese na próxima semana.
- (17) Se não me obedeceres, és despedido.

Nos atos ilocutórios expressivos, o objetivo ilocutório consiste em expressar o estado psicológico do locutor e a sua atitude conforme o estado de assunto especificado no enunciado. Esse ato não possui a direção de ajuste, pois o locutor não pretende mudar a realidade através da sua palavra nem necessita de fazer corresponder a sua fala ao mundo objetivo (Searle, 1979):

- (18) Muito agradecida pela sua disponibilidade.
- (19) Peço desculpa pelo atraso.
- (20) Adoro o cheiro do mar!

³ É conhecida, neste caso em particular, a barreira colocada pelos verbos performativos aos aprendentes chineses, não tanto quanto ao seu valor absoluto, mas sobretudo, relativamente, aos diferentes usos que os portugueses que lhes dão.

No que diz respeito às declarações, elas possuem a característica de que o bom desempenho de um ato desta classe trará a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade (Searle, 1979, p. 16). O objetivo das declarações consiste em realizar uma transformação no estado das coisas, criando uma nova realidade. A direção de ajuste é “mundo-palavra”, pois as palavras irão criar novas realidades no mundo; porém, ao passarem a existir, as proposições expressas poderão, então, ser consideradas verdadeiras, portanto a direção de ajuste também poderá ser palavra-mundo. Não existe a condição do estado psicológico do locutor neste tipo de atos, pois o falante, ao realizar uma declaração, só tem de dizer as palavras apropriadas às circunstâncias.

(21) A companhia não tem a intenção de renovar o contrato consigo.

(22) Declaro-vos marido e mulher.

(23) Ficamos por aqui, a aula está terminada.

Relativamente às declarações assertivas, combinam os objetivos do ato ilocutório assertivo e das declarações, trazendo um novo estado de coisas à existência. Por exemplo:

(24) Declaro que João Monteiro é trabalhador desta empresa.

(25) É a resposta da Luísa que está melhor.

1.2.2 O contributo de Leech

Leech, baseando-se em diferentes funções e distintos objetivos sociais de estabelecimento e manutenção da delicadeza, acrescenta à lista searleana, quatro “outros” tipos de atos ilocutórios:

- 1) atos competitivos, tais como *ordenar, perguntar, pedir, implorar*, etc., que entram em conflito com a delicadeza;
- 2) atos conviviais, que apoiam a delicadeza, e são usados para *oferecer, convidar, congratular-se e agradecer*, etc.;
- 3) atos colaborativos em caso de *informar, relatar, anunciar, ensinar*, entre

outros, serão indiferentes quanto ao objetivo social; e por fim,

- 4) atos conflituais, que são ações destinadas a romper com as favoráveis relações entre os interlocutores: *ameaçar, acusar, amaldiçoar, repreender*, etc. (Leech, 1983, pp. 104–105).

Na consideração da delicadeza ou não-delicadeza de um comportamento linguístico, um ato ilocutório é tanto mais cortês quanto maior for o benefício para o alocutário e maior o custo para o próprio locutor⁴. Tendo isto em mente, limitamos a nossa atenção, de momento, aos atos ilocutórios competitivos e conviviais, com as suas correspondentes categorias de delicadeza negativa e positiva, sendo os atos colaborativos não ameaçadores para ambos os interlocutores e os atos conflituais sem dúvida adversos à delicadeza.

Leech (1983) elaborou uma escala de custo e benefício, quer para o locutor quer para o alocutário que estabelece uma graduação entre o enunciado sem recursos da delicadeza e o enunciado mais delicado.

	custo para o alocutário	menos delicadeza
1) Descasque essas batatas.		
2) Passe-me o jornal.		
3) Sente-se.		
4) Olhe para isto.		
5) Aproveite as suas férias.		
6) Come mais uma tosta.		
etc.	benefício para o alocutário	mais delicadeza

Quadro I-2 A dimensão de “custo-benefício”: minimização/maximização da regulação do conteúdo⁵
(traduzido e adaptado de Leech, 1983, p. 107)

Como se pode constatar, um ato ilocutório possuirá mais delicadeza quanto maior for o benefício para o alocutário, tratando-se de situações em que os conteúdos proposicionais são diferentes. Se o conteúdo proposicional é mantido, uma outra forma

⁴ Esta questão é discutida na abordagem ao Princípio de Delicadeza de Brown e Levinson (1978, 1987), ver 1.4, Parte I.

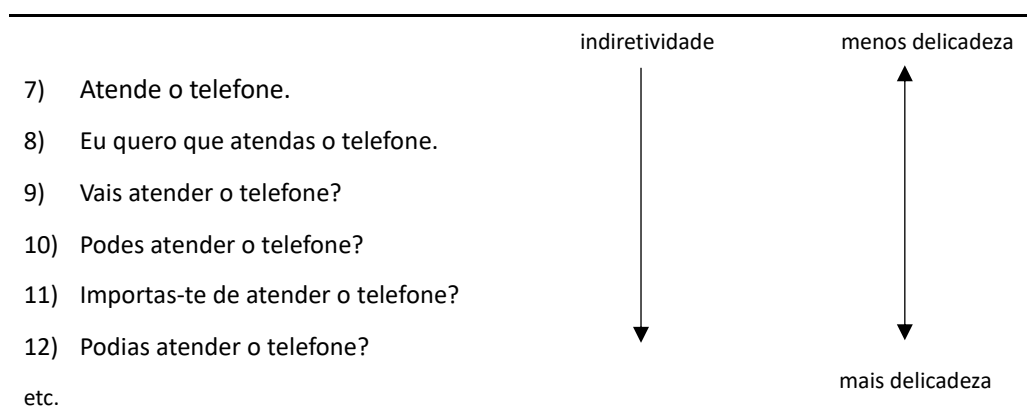
⁵ Os exemplos nos Quadros 2 e 3 são traduções livres do inglês, já que as duas línguas se afastam neste ponto em particular, pelo que uma tradução mais ao pé de letra resultaria em enunciados quase agramaticais.

de obter uma escala de delicadeza é, em muitas culturas, utilizar-se um tipo de ilocução progressivamente mais indireta (Leech, 1983, p. 108).

(a) because they increase the degree of optionality, and (b) because the more indirect an illocution is, the more diminished and tentative its force tends to be.

(Leech, 1983, p. 108)

Leech apresenta o seguinte esquema exemplificativo, no Quadro I-3. Na nossa perspectiva, esses tipos de ilocução mais indiretos em prol de mais elevada delicadeza são relacionados com a utilização de modalidade ou avaliatividade:



Quadro I-3 A dimensão de indiretividade e de opcionalidade: A minimização/maximização da regulação do modo (adaptado de Fernandes, 2007, p. 41; Leech, 1983, p. 108)

Segundo Searle, em certas situações, poderemos adotar um modo que nos permita praticar mais de uma ação ao mesmo tempo e é isso denominado por “Atos de fala indiretos”.

O fenómeno da linguagem indireta despertou grande interesse entre os teóricos dos Atos de fala e o uso dela está bastante difundido na comunicação linguística quotidiana. Trata-se de atos em que um ato ilocutório é realizado indiretamente por meio de outro (Searle, 1975, p. 60) pelo que o locutor, “[...] utters a sentence, means what he says, but also means something more” (Searle, 1975, p. 59). Melhor dizendo, na realização de atos de fala indiretos, estão envolvidos dois atos de fala em vez de um, i.e., o ato ilocutório primário e ato ilocutório secundário. O secundário é literal enquanto o

primário não o é, mas indica a verdadeira intenção do enunciado. É o caso de um docente a proferir um enunciado assertivo: “Quero que vocês façam esses exercícios de gramática.”, pretendendo que os alunos ajam como indica o conteúdo proposicional; mas o que enuncia exige, efetivamente, um ato diretivo. Quer como asserção quer como pedido, o ato é realizado por meio de um enunciado que não vê alterado o seu conteúdo proposicional.

Vejamos mais um enunciado:

(26) Podes dizer-me que horas são?

Como se pode perceber, o exemplo (26) não é apenas uma pergunta, nenhum alocutário em estado mental normal e em circunstâncias normais de comunicação, responderia “Posso sim.”, mantendo-se, depois, em silêncio. Esse enunciado é fundamentalmente, um pedido, solicitando que o alocutário, com a intenção entendida, aja segundo o conteúdo proposicional (que é mais do que uma mera pergunta a pedir resposta de “sim” ou “não”). Mas de que forma poderiam os alocutários, encarando situações como esta, reconhecer as verdadeiras intenções ocultas? Em determinada situação de comunicação, o locutor e o seu alocutário operam as suas trocas linguísticas a partir de conhecimento anterior e informação comumente partilhada, quer linguística, quer não linguística, e de princípios gerais de raciocínio e de dedução. Para além deste aspeto, há ainda que considerar o papel das convenções, sociais ou culturais, bem como de determinados princípios de comportamento linguístico (Searle, 1975), um dos quais chamado “*Princípio de Cooperação*”, estudado por H. Paul Grice, em função do qual as nossas trocas conversacionais se estruturam discursivamente.

1.3 Implicatura e Máximas Conversacionais

O contributo de Grice⁶ visa explicar o modo como o alocutário, a partir do que é

⁶ O linguista e filósofo H. P. Grice foi convidado, tal como J. L. Austin, para a conferência de William James Lectures realizada na Universidade de Harvard, onde a sua teoria de Implicatura Conversacional (*Conversational Implicature*) foi indicada, pela primeira vez, no ano 1967. A versão mais concisa da tese foi publicada em 1975 em *Logic and Conversation* In P. Cole & J. L. Morgan (Eds.), *Speech Acts* (Academic P, pp. 41–58). New York.

literalmente proferido pelo locutor, opera para interpretar a verdadeira intenção comunicativa, esteja ela claramente expressa ou implícita (Thomas, 1995/2013, p. 56). É “essencialmente uma teoria a respeito de como as pessoas usam a língua.” (Levinson, 1983, p. 126).

Parte-se do pressuposto de que a linguagem verbal é uma manifestação social configurada em função das necessidades comunicativas dos falantes, pelo que, sendo nós seres sociais, recorreremos à linguagem utilizada como instrumento para estabelecer e moldar as relações com o nosso semelhante. Os enunciados não são, pois, factos isolados, mas trocas entre interlocutores com as quais se realizam interações interpessoais viáveis, pelo que não constituem, meramente, uma sucessão de observações desconexas; representam, de facto, esforços para uma cooperação bem sucedida, reconhecendo, cada participante, nestes enunciados, um conjunto de propósitos, ou pelo menos uma direção mutuamente aceite (H. P. Grice, 1975, p. 45).

Our talk exchanges do not normally consist of a succession of disconnected remarks [...] They are characteristically, to some degree at least, cooperative efforts; and each participant recognizes in them, to some extent, a common purpose or set of purposes, or at least a mutually accepted direction.

(H. P. Grice, 1975, p. 45)

É nesta linha de interrogações e de explanação teórica que Grice (1975) chega ao conceito de *Implicatura Conversacional (Conversational Implicature)* (H. P. Grice, *ibid.*, pp. 43–45) para abarcar o conjunto de implícitos presentes num enunciado. As implicaturas conversacionais podem ser subdivididas em *implicaturas conversacionais particularizadas* e *implicaturas conversacionais generalizadas* (H. P. Grice, 1975). As implicaturas conversacionais particularizadas são determinadas pela especificidade do contexto (H.P. Grice, *ibid*), enquanto as implicaturas generalizadas ocorrem mesmo na ausência de condições especiais; i.e., são independentes do contexto e relacionam-se com aspetos estruturais do enunciado, podendo ser facilmente confundidas com implicaturas convencionais (Gouveia, 1996).

Considerando atos de fala como um pedido (cf. Pode-me dizer que horas são?), a

resposta “Posso” só é aceitável face a uma interpretação semântica do enunciado. Porém, as nossas interações, orais ou escritas, exigem uma dimensão pragmática.

Para aceder a este significado implícito e ao objetivo perlocutório nas nossas interações, é postulada a presença de um princípio operativo que seja partilhado entre o locutor e o alocutário. Por isso, Grice (1975), em “*Logic and Conversation*”, propõe o *Princípio de Cooperação (Cooperative Principle)*:

Make your conversational contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged.

(H. P. Grice, 1975, p. 45)

O passo seguinte centrou-se na resposta à seguinte questão: para além do desejo de dar continuidade à conversação, quais serão as condições para que cooperação conversacional se realize? A resposta parece exigir dois fatores; que locutor e alocutário tenham informação comum, portanto que esta tenha sido anteriormente partilhada, bem como que ambos partilhem dos princípios gerais de raciocínio e de inferências, das convenções sociais e culturais, entre outros fatores, até então não devidamente considerados.

O Princípio de Cooperação resulta da constatação de que as interações são, de um modo geral, “esforços de cooperação, e cada participante reconhece nelas até certo ponto, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou pelo menos uma direção mutuamente aceite” (Grice, 1975, p 45). Este princípio materializa-se em torno de quatro princípios que regulam universalmente qualquer interação; as Máximas Conversacionais: de quantidade, de qualidade, de relação/relevância e de modo, que podem, ainda, envolver submáximas.

1) A Máxima de **Quantidade**, que se relaciona com a quantidade da informação incluída na interação linguística. Estão incluídas nesta categoria as seguintes duas submáximas:

i. Torne a contribuição tão informativa quanto é requerido pelo propósito sócio-comunicativo;

- ii. Não torne a contribuição mais informativa do que é requerido, de modo que o enunciado não resulte redundante (Grice, 1975, pp. 45–46; He, 2000).
- 2) A Máxima de **Qualidade** relaciona-se com a qualidade das informações proferidas, i.e., com a verdade.
 - i. Não afirme o que crê ser falso;
 - ii. Não produza afirmações sobre assunto acerca de o qual não dispõe de provas suficientes e adequadas (Grice, 1975, p. 46; He, 2000).
- 3) A Máxima da **Relação/Relevância** diz respeito à adequação das informações ao contexto de interação, implica que os contributos discursivos sejam “relevantes” (H. P. Grice, 1975, p. 46). Esta máxima conversacional revelará uma relação de pertinência com o objetivo da conversa. A contribuição dos participantes deverá ser adequada às necessidades imediatas em cada momento da interação e a mudança de tópico deve ser aceite por todos os interlocutores envolvidos na interação.
- 4) A máxima de **Modo** está relacionada não com o conteúdo do que é dito, mas sim com a maneira como o assunto é transmitido. Grice (1975) propõe aqui uma supermáxima que é “seja perspicuo” (Gouveia, 1996, p. 403; H. P. Grice, 1975, pp. 46–47) que se pode subdividir em:
 - i. Evite obscuridade quanto à expressão;
 - ii. Evite ambiguidades;
 - iii. Seja breve (evitar prolixidade desnecessária);
 - iv. Seja metódico (Grice, 1975, pp. 46–47).

Com as categorias expostas bem como as respetivas máximas e submáximas, Grice pretende sublinhar e entender o papel cooperativo da linguagem, reforçando a ideia de que o sucesso da manutenção da comunicação entre os seres humanos está relacionado com a sua natureza eminentemente colaborativa. O contexto em que ocorre a interação é, pois, determinante no estudo da linguagem usada.

A conexão entre o Princípio de Cooperação e as máximas conversacionais com a implicatura conversacional é crucial para a boa compreensão do ato de fala. Por vezes,

a interpretação do enunciado inclui ambos os conceitos. Por exemplo:

(27) – Gostaste desta peça da Ópera de Pequim?

– Sim, a cantora era gira.

A resposta violaria, claramente, as máximas de relação (não apresenta uma resposta relevante), de modo (não é metódico e produz ambiguidade) e de quantidade (não proporcionou a quantidade de informação requerida); porém, o que está verdadeiramente em causa é o sentido da implicatura conversacional (o alocutário não gostou, realmente, da peça da Ópera de Pequim). Admitamos que, algumas vezes, propositadamente, não veiculamos a quantidade e/ou a qualidade da informação exigida por não a possuímos, ou porque não a desejamos partilhar com o interlocutor; nesses casos, a infração das máximas é inevitável. Situações como esta podem acontecer com todas as máximas, o que, segundo Grice (1975), configura uma situação de infração⁷ de máximas conversacionais geradora de uma implicatura conversacional (H. P. Grice, 1975; Niu, 2002).

Assim, o ato de entender ou derivar uma implicatura conversacional baseia-se nos seguintes fatores:

- o significado convencional das palavras utilizadas, junto com a identidade de qualquer referência que possa estar envolvida;
- o Princípio de Cooperação e as suas máximas;
- o contexto (linguístico, situacional e cultural) do enunciado;
- os outros elementos do conhecimento contextual;
- o (suposto) facto de todos os elementos relevantes pertencentes às posições anteriores estarem disponíveis para ambos os participantes, e estes assumirem esse facto.

O locutor deve, pois, saber construir o seu enunciado de modo a que o alocutário possa chegar ao significado “menos explícito” e, por outro lado, o alocutário deverá ter a capacidade para realizar inferências, assentes no conhecimento do mundo e na

⁷ O não-cumprimento das máximas conversacionais pode ser referido de vários modos: desrespeitar, violar, derrogar, suspender. Contudo, os académicos, incluindo Grice, normalmente utilizam somente o termo mais em geral que é o de “infração da máxima”.

experiência anterior comumente partilhada, para além de partilhar as mesmas convenções socioculturais do alocutário (ou pelo menos compreendê-las e mostrar o devido respeito pela diferença). Como afirma Lima (1983/2007):

Quando um interlocutor X infringe uma das máximas mas o outro, Y, tem apesar disso, razões para crer que X está numa atitude de cooperação, então Y é levado a considerar que X só infringiu a máxima ao nível daquilo que disse, mas que está a respeitá-la ao nível do que quis dizer: i. e., Y é levado a pensar que X está a implicar algo conversacionalmente e procura assim uma interpretação para a inusitada intervenção de X.

(Lima, 1983, pp. 31–32 apud Gouveia, 1996, p. 408)

As noções de Implicatura Conversacional e as máximas são consideradas um avanço marcante na área da pragmática. Porém, o Princípio de Cooperação por si só não consegue explicar a razão pela qual as pessoas optam, muitas vezes, por uma forma implícita enquanto transmitem a sua intenção. O que o Princípio de Cooperação não consegue responder ou explicar, o Princípio de Delicadeza (Leech, 1983) poderá auxiliar.

1.4 Uma teoria da “Face”

Historicamente, o termo “face” atravessou várias regiões, línguas e culturas e o seu significado figurativo tem origem na cultura chinesa⁸ (André, 2013; Y. Lin, 1935) se para tal recuarmos até ao século IV (Hu, 1944). A investigação académica, no que diz respeito à “face” tem uma longa e multidisciplinar história. Nas recentes décadas, a “face” estabeleceu-se firmemente como um conceito-chave, não só na pragmática, mas também na antropologia, sociolinguística, estudos de comunicação, sociologia, psicologia e outros domínios relacionados. Começando com o estudo seminal de Goffman (1955/1995), a “face” tem-se tornado aparentemente indispensável na discussão de vários aspetos das interações sociais, particularmente a delicadeza (Haugh, 2009). Mais tarde, com os contributos de Brown e Levinson (1978, 1987), o conceito foi usado como explicativo fundamental para a delicadeza linguística (Jiayi Wang & Spencer-Oatey, 2015).

Como referido, o sociólogo americano Goffman (1955/1995, 1959, 1967) é um dos pioneiros neste domínio, tendo cunhado, em 1967, o termo “face” como o alicerce da organização dos encontros interpessoais, considerando-o fundamental para as “regras de trânsito da interação social” (Goffman, 1967, p. 12). O conceito de “preservação da face” é o mais usado quando se trata de descrição do estabelecimento e da manutenção das relações durante o processo de interação social.

The term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes.

(Goffman, 1995, p. 222)

Segundo Brown e Levinson (1978), a face é a imagem pública que cada pessoa quer assumir, apresentar ou recuperar para si mesmo. e é também o elemento nuclear

⁸ Como “zona de contato” onde os chineses canalizavam o comércio com os britânicos, holandeses, portugueses e outros europeus, Macau e a província de Cantão estavam na vanguarda da interação linguística entre várias línguas/dialetos europeus e chineses. Segundo St. André (2013), inúmeros termos foram introduzidos no inglês, muitas vezes através do português (André, 2013, p. 68).

em noções muito expandidas de delicadeza em outros domínios comunicativos (1987, p. 62). A delicadeza está estritamente relacionada com o “*face-work*”⁹, i.e., preservação de face. A face negativa implica a reclamação básica do conjunto dos territórios, preservação pessoal da liberdade de ação e de não cedência deste território aos outros; enquanto a face positiva consiste em intuição de ter aprovação por parte de outros, compartilhando os mesmos desejos, obtendo solidariedade e semelhança (P. Brown & Levinson, 1987; Z. He, 2011).

We define:

negative face: the want of every “competent adult meer” that his actions be unimpeded by others.

positive face: the want of every member that his wants be desirable to at least some others.

(P. Brown & Levinson, 1987, p. 62)

[...] positive face concerns the desire to be appreciated and approved of by selected others. Negative face concerns a person’s want to be unimpeded and free from imposition.

(Tracy, 1990, p. 210)

Uma quantidade muito significativa de estudos tem-se concentrado nas consequências dos comportamentos relacionados com a “face”. De acordo com Goffman (1967, p. 9), a face pode ser “perdida, salva, dada e ganhada”, e, da mesma forma, Brown e Levinson argumentam que a face pode ser “perdida, mantida ou aprimorada, e deve ser constantemente atendida nas interações” (1987, p. 61). Os estudos que fazem alusão à preservação da face, especialmente no contexto de estudos de delicadeza linguística, vieram enriquecer a nossa compreensão da gestão de estratégias verbais e comportamentais (P. Brown & Levinson, 1987; R. Chen, 1993; Nwoye, 1992).

Mas, sendo as interações envolvidas em ações sociais, que são normalmente de

⁹ A teoria sobre a face de Brown e Levinson não é a única a debruçar-se sobre esta realidade comunicacional. Mais alguns investigadores escrevem também sobre os dois lados da face, utilizando outros termos como “deference vs. solidarity” (Scollon & Scollon, 1983) ou “self-determination vs. acceptance” (R. Janney & Arndt, 1992), entre outros.

Leech (2005), mesmo que concorde com a denominação de “face positiva” e “face negativa”, chegou a redefinir os objetivos dos dois aspetos da face: “Negative face goal: the goal of avoiding loss of face. (Loss of face is a lowering of that self-esteem, as a result of the lowering of that person’s estimation in the eyes of others). Postive face goal: the goal of enhancing face (i.e. the heightening/maintaining of a person’s self-esteem, as a result of the heightening/maintaining of that person’s estimation in the eyes of others).” (Leech, 2005, p. 27).

muita complexidade, os desejos de que a face seja protegida são constantemente contrariados pelo facto de que a maioria dos atos de fala produzidos são potencialmente “ameaçadores” (Kerbrat-Orecchioni, 2014, p. 49). Desde o trabalho de Culpeper (1996) da “indelicadeza”, tópicos sobre a “perda de face” e “ataque de face” têm sido abordados (Bousfield, 2008; Culpeper, 2008, 2011, 2012; Culpeper, Bousfield, & Wichmann, 2003, etc.). Os comportamentos ameaçadores nas interações interpessoais são, por conseguinte, designados por Brown e Levinson (1987) de “Atos Ameaçadores da Face” (“AAFs”, a sua abreviatura em português; “*face-threatening acts*” ou FTAs, a sua abreviatura em inglês). Eles afirmam que todos os atos que os interlocutores produzem podem ser, de alguma forma, ameaçadores a uma e/ou à outra face das pessoas envolvidas na conversação (P. Brown & Levinson, 1987; Z. He, 2000). É de notar que Kerbrat-Orecchioni (2005) observa que há um desequilíbrio aqui, na medida em que os atos “não ameaçadores” para a face ou o território não estão previstos no modelo. Numa tentativa de superar a falha observada, a autora atribui um estatuto autónomo à delicadeza positiva, enfatizando a sua função produtiva e propõe uma nova categoria (em certa medida, oposta a AAFs - FTAs em inglês) que contempla os chamados Atos Lisonjeadores da Face (ALFs; em inglês, FFAs, *Face-flattering acts*). Esta categoria é suscetível de emprestar alguma funcionalidade na análise da delicadeza num texto em mandarim.

1.4.1 Para uma teoria de Delicadeza Linguística

Um dos aspetos mais salientes da proposta de delicadeza de Brown e Levinson é ter sido definida como categoria universal (Kinnison, 2017). Associada a esta dimensão, está a suposição de que todos os sujeitos locutores são dotados de um “*face-want*”, ou seja, que todo o falante pretende que a sua face seja protegida e respeitada. Neste sentido, tornou-se crucial para os autores descrever como os falantes operam racionalmente para calcularem o peso de um ato ameaçador e escolherem uma estratégia correspondente ao nível percebido de ameaça de face, a fim de proteger o seu “território” e a sua “face” (P. Brown & Levinson, 1978, p. 63). Com o intuito de

suavizar as respectivas ameaças, os locutores tendem a selecionar estratégias de conduta que são denominadas por Brown e Levinson como “Estratégias de Delicadeza”. As possíveis opções estão patentes no Esquema I-1:

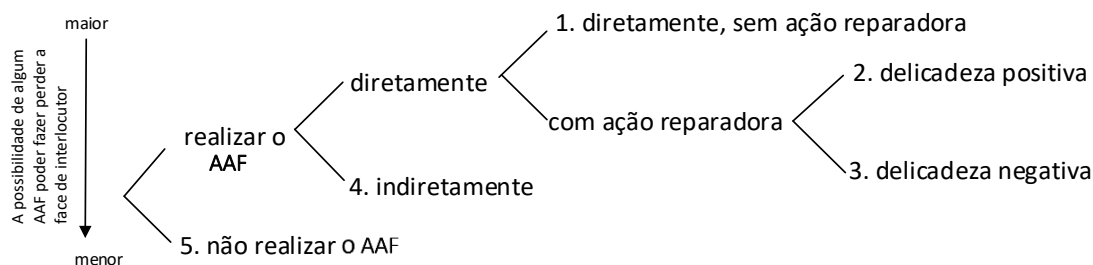


Figura I-1 Estratégias de delicadeza (P. Brown & Levinson, 1978, p. 74, 1987, p. 69)

Como se pode constatar no esquema acima exposto, as cinco estratégias em si mesmas são organizadas de acordo com o grau de gravidade no *continuum* da ameaça dos AAFs, ou pelo grau de diretividade, com a primeira estratégia sendo a mais direta e a última sendo a mais indireta. Ou seja, a opção 1 descreve a estratégia de delicadeza em que a ameaça para a face é maior, enquanto a opção 5 representa a estratégia em que a possibilidade de haver ameaça para a face é menor. É óbvio que as estratégias de delicadeza de Brown & Levinson se concentram principalmente em reduzir ou minimizar a possível ameaça à face do alocutário, ao invés da face do locutor, por meio da regulação da fala. Como consequência, para além das cinco estratégias referidas, Brown e Levinson chegam a um esquema de 15 (quinze) estratégias de delicadeza positiva, 10 (dez) de delicadeza negativa e 15 (quinze) de indiretividade, conforme podemos ver no quadro abaixo:

Estratégias de delicadeza

Delicadeza positiva (P. Brown & Levinson, 1987, p. 102)	1. Perceba o outro
	2. Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro
	3. Intensifique o interesse pelo outro. Mostre-se interessado pelos desejos e necessidades do alocutário
	4. Use marcas de identidade de grupo
	5. Procure acordo
	6. Evite desacordo
	7. Pressuponha, declare pontos em comum
	8. Faça piadas baseadas em valores e conhecimentos compartilhados
	9. Explícite e antecipe os desejos do alocutário
	10. Ofereça, prometa
	11. Seja otimista
	12. Inclua ambos, o locutor e o ouvinte, na atividade
	13. Dê ou peça razões, explicações
	14. Simule ou explícite reciprocidade
	15. Dê o que o alocutário pretende obter, tais como bens, simpatia, compreensão, cooperação, etc.
Delicadeza negativa (P. Brown & Levinson, 1987, p. 131)	1. Seja convencionalmente indireto
	2. Questione, seja evasivo
	3. Seja pessimista
	4. Minimize a imposição
	5. Mostre respeito
	6. Peça desculpas
	7. Impessoalize o locutor e o alocutário. Evite os pronomes “eu” e “tu/você”
	8. Declare o AAF (Ato Ameaçador de Face) como uma regra geral
	9. Nominalize
	10. Vá diretamente como se estivesse a assumir o débito, ou como se não estivesse a endividar o ouvinte
Indiretividade (P. Brown & Levinson, 1987, p. 214)	1. Forneça pistas (cf. Razões para fazer algo; condições para realizar algo)
	2. Dê indicações de associação
	3. Pressuponha
	4. Reduza a importância do ato
	5. Exagere a importância do ato
	6. Use tautologias
	7. Use contradições
	8. Seja irônico
	9. Use metáforas
	10. Faça perguntas retóricas
	11. Seja ambíguo
	12. Seja vago
	13. Faça generalizações
	14. Desloque o alocutário ¹⁰
	15. Deixe entender sem concluir, use elipses

Quadro I-4 As estratégias de delicadeza de Brown & Levinson (P. Brown & Levinson, 1987, pp. 101–227)

Como foi referido, segundo Brown e Levinson (1978, 1987), as opções perante a possibilidade de realizar um ato ameaçador da face (AAF) são:

¹⁰ Displace H; nos termos de Brown e Levinson (1987). Trata-se de uma estratégia que consiste em tornar o nosso alocutário alvo de mensagem que é dirigida a outrem.

1. direta, sem ação reparadora,
2. indireta e aberta com ação reparadora, com delicadeza positiva,
3. indireta e com delicadeza negativa,
4. indireta, fechada e implícita,
5. não fazer o AAF.

A estratégia 1 é usada quando o locutor mostra direta e abertamente o desejo de transmitir a sua intenção e não pretende neutralizar um dano potencial (Z. He, 2011, p. 101). Nesta situação, os atos ameaçadores da face acontecem normalmente quando (a) o locutor está numa situação de urgência ou eficiência, sem preocupação de levar a face em conta; ou (b) quando estes causam pouco dano para a face do destinatário; ou provavelmente (c) a distância social entre os interlocutores é considerável, sendo o estatuto social do locutor muito superior ao do alocutário (R. Chen, 1986; Z. He, 2000). A utilização do imperativo é a forma mais direta de realizar um ato de fala diretivo, por exemplo (Z. He, 2000, 2011):

(28) Vai devagar!

(29) Abra a janela.

(30) Olha, vamos ao cinema!

A realização de um ato com ação reparadora significa que o locutor está a considerar a preservação da face do seu alocutário, expressando a sua intenção através da estratégia de delicadeza positiva (estratégia 2), ou a delicadeza negativa (estratégia 3) (P. Brown & Levinson, 1978, pp. 74–75).

A estratégia de delicadeza 2 baseia-se na intenção de aproximação entre os participantes na interação. O locutor mostra a proximidade com o destinatário, dando importância à face do alocutário, neutralizando o dano potencial da face deste por meio de modificações. A estratégia inclui 15 (quinze) sub-estratégias (cf. Quadro I-4) que podem ser divididas em três grupos em conformidade com diferentes objetivos estratégicos: (a) declarar o ponto comum dos dois interlocutores, i.e., indicar que os interlocutores pertencem a um grupo em que compartilham necessidades específicas, incluindo metas e valores; (b) fazer o alocutário acreditar que pertence ao mesmo grupo

social que o falante e que ambos são cooperantes, compensando a preservação da face positiva do alocutário; (c) cumprir a necessidade do alocutário para alguns atos de fala, por exemplo, a sua intenção em ser compreendido, cuidado, admirado, etc. (P. Brown & Levinson, 1987; Z. He, 2011; Kerbrat-Orecchioni, 2014)

(31) É aquele o bairro onde moras, Maria?

(32) Porque não vamos à praia?!

(33) Fizeste bem. Compreendo-te muito bem, amigo.

A estratégia indireta com ação reparadora, e com delicadeza negativa (estratégia 3) é a que é geralmente considerada como “cortesia” do quotidiano. Baseia-se em evitar ou prevenir. O alocutário fica consciente de que o locutor reconhece e respeita a sua face negativa e não pretende atentar contra a sua liberdade de agir. Segundo Brown e Levinson (1987), há 10 (dez) sub-estratégias da delicadeza negativa (cf. Quadro I-4), tais como pedir desculpa, declarar o ato ameaçador da face (AAF) como uma regra geral, etc. Por exemplo:

(34) Não se importa de abrir a janela?

(35) Desculpe, sei que o professor deve estar muito ocupado, mas só queria fazer uma pergunta.

A estratégia 4 é feita de forma implícita e indireta. Brown & Levinson também sugerem 15 (quinze) sub-estratégias para esta estratégia (cf. Quadro I-4). Esse recurso é utilizado quando uma expressão pode ter mais do que uma intenção inequívoca atribuível (P. Brown & Levinson, 1978, p. 74). Ironias, metáforas, tautologias e eufemismos, entre outros, são consideradas recursos dessa estratégia. A estratégia também é concretizada através da violação das máximas conversacionais (cf. Capítulo 1.3). Por exemplo, no diálogo (38), o destinatário não deu uma resposta direta de “Sim, gostei.” ou “Não, não gostei.”, mas agiu de uma forma indireta, afirmando que “as pipocas eram deliciosas”. Violando a máxima de relação, o alocutário quer expressar a sua ideia “Não gostei do filme que me escolheste”, a fim de preservar a face do locutor.

- (36) Está muito calor cá dentro da sala.
(a intenção será: Abra a janela.)
- (37) Com este tempo, o que posso fazer?
(o tempo está mau, não posso fazer nada.)
- (38) – Gostaste do filme?
– Olha, as pipocas eram deliciosas.
(Não gostei do filme que me escolheste.)

Por último, o locutor pode optar por evitar a ameaça à face (estratégia 5).

A utilização de uma ou outra estratégia, segundo Brown & Levinson (1978, 1987), depende de três fatores¹¹; a distância social, o poder relativo, e as normas de conduta impostas por determinada cultura. Estes fatores têm importância distinta nas mais diversas culturas (Yan, 2016).

- 1) the “social distance” (D) of S [the speaker] and H [the hearer] (a symmetric relation);
- 2) the relative “power” (P) of S and H (an asymmetric relation);
- 3) the absolute ranking (R) of impositions in the particular culture.

(P. Brown & Levinson, 1978, p. 79)

Na teoria de delicadeza de Brown e Levinson, todo o tipo de ato de fala é potencialmente ameaçador de um ou outro aspeto da face do ouvinte ou do falante. Embora iminente, a ameaça facial está presente em graus variados, representada como a gravidade ou peso (W) de FTAx. Numa interação conversacional, os interlocutores calculam isso usando a fórmula: $W_x = D(S, H) + P(H, S) + R_x$, em que D representa a distância social entre os interlocutores, P, o poder relativo do ouvinte/alocutário face ao falante/locutor numa relação assimétrica, enquanto R_x é o *ranking* cultural e situacionalmente específico da imposição decorrente do ato ameaçador de face. O grau de delicadeza é consistente com o valor desses fatores (Bousfield, 2008, p. 88; P. Brown & Levinson, 1978, pp. 76–77).

A diferença de estatuto social e de poder entre os interlocutores são fatores

¹¹ Tracy (1990), criticando a teoria da delicadeza aponta o facto de que a teoria de Brown e Levinson deveria levar em conta o modo como a seleção de estratégias de “face-work” em certos papéis sociais (ex. aluno-professor) parece estar baseada mais em direitos e obrigações, e não numa computação abstrata de distância, intimidade e classificação (Tracy, 1990, p. 216)

indispensáveis quanto à escolha de delicadeza nas interações interpessoais, sendo que as diferentes culturas definem variadas normas de conduta, às quais os locutores devem obedecer. Brown & Levinson (1978, 1987) e Scollon & Scollon (1995/2001) argumentam que é possível fazer generalizações sobre grupos linguísticos e culturas em termos do grau a que pretendem, através da análise do tipo de delicadeza usado; negativa ou positiva. Devido à particularidade das culturas, as estratégias selecionadas variarão segundo as suas diferentes convenções sociais ou valores culturais acumuladas ao longo da história (R. Chen, 1986; Guo & Xu, 2005; Leech, 2005). Em certos contextos socioculturais e linguísticos, há uma tendência para a delicadeza negativa ser a norma (ex., culturas japonesa e inglesa) (Kádár & Mills, 2011, p. 27). Estes autores alegam que a deferência e a formalidade nestas culturas são tidas como mais importantes do que noutros contextos linguísticos e culturais. As culturas de delicadeza positiva (ex., culturas australiana e americana) (Kádár & Mills, 2011, p. 27), para Brown e Levinson, são aquelas onde a deferência e formalidade são vistas como um impedimento à comunicação e em que a solidariedade/camaradagem é, então, enfatizada. É claro que há diferenças de ênfase em grupos linguísticos quando se referem a certos tipos de delicadeza, cada grupo usufrui de ambos os tipos de delicadeza em maior ou menor grau (Mills & Kádár, 2011).

Ao discutir as formas com que as pessoas procedentes de diferentes contextos culturais implementariam as suas estratégias de delicadeza, é comum usar-se o termo “*ethos*”, definido como “a qualidade afetiva da interação característica de membros de uma sociedade” (P. Brown & Levinson, 1978, p. 248). Diferentes culturas incorporam diversidades de *ethos*, certas culturas tendem para uma ou outra das principais estratégias de delicadeza; porém, tal facto não significa que, após ter caracterizado certa cultura como de delicadeza positiva ou de negativa, somente uma estratégia seja permitida; será uma questão de predominância (Longcope, 1995). A importância atribuída à face positiva ou à face negativa também seria distinta dentro de diferentes culturas em que se manifestam diferentes “*ethos*”.

1.4.1.1 Limitações à teoria

A teoria de Brown e Levinson (1978, 1987) tem sido amplamente utilizada em estudos de delicadeza e recebeu apoio empírico extensivo. Nas últimas décadas, investigadores em pragmática e noutros campos académicos procuraram usar a “face” como conceito chave na análise de comportamentos e interações pessoais (Haugh & Bargiela-Chiappini, 2010, p. 2073). Nas últimas décadas, esse trabalho seminal tem sido reiteradamente desafiado por múltiplos ângulos (Gu, 1990; Haugh, 2007; Kinnison, 2017; Song, 2017), tendo sido apontadas algumas limitações que convém considerar.

As discussões iniciais sobre a teoria eram, de certa forma, reativas por natureza, concentrando-se em pontos específicos de discussão, tais como a validade da conceção de “face”¹² (Gu, 1990; Ide, 1989; Leech, 2005; Matsumoto, 1988; Nwoye, 1992; Pizziconi, 2003), já que a noção de que a delicadeza é motivada pelo desejo de preservar a face é sentida como “problemática para muitos académicos” (R. W. Janney & Arndt, 1993, p. 17), havendo um número crescente de investigadores que defendem o seu reexame (Arundale, 2009; Bargiela-Chiappini, 2003; Haugh, 2013a; O’Driscoll, 2011). Outro aspeto crítico consiste na afirmação da “universalidade” do conceito (Kiesling & Paulston, 2007; Leech, 2005, pp. 28–29), já que, em distintos contextos socioculturais, o modelo de Brown e Levinson deve ser sujeito a alterações (Felix-Brasdefer, 2008; Gu, 1985; Haugh & Chang, 2015; Lee-Wong, 2000; Matsumoto, 1988; Spencer-Oatey, 2008). No sentido de um maior aprofundamento dos conceitos, propostas há (ex., Arundale, 2013; Haugh, 2009, 2013; Haugh & Bargiela-Chiappini, 2010; Spencer-Oatey, 2007; Richard J. Watts, 2005) que sugerem que a “face” seja estudada como uma área de investigação independente da delicadeza.

Estudos demonstram que a aplicação da teoria de Brown e Levinson (1978, 1987) noutras culturas, designadamente não-ocidentais (mais especificamente, não anglo-saxónicas), obrigam a uma revisão de aspetos teóricos fundamentais já que, na origem,

¹² Por exemplo, sobre a definição do termo “face” de Brown e Levinson (1978, 1987), Leech criticou-a por ter ausência da correspondência entre as suas definições da face negativa e da face positiva. Leech propôs uma nova definição, de forma mais simples, clara e simétrica: “Face is the positive self-image or self-esteem that a person maintains as a reflection of that person’s estimation by others.” (Leech, 2005, p. 27).

não se chegou a abordar satisfatoriamente comportamentos discursivos em culturas afastadas. Sobretudo em sociedades onde o foco subjacente poderá não se concentrar no indivíduo, mas na identidade de um grupo, até de uma sociedade inteira, como nos contextos socioculturais chinês e japonês (Ide, 1989; Matsumoto, 1988, 1989; Tanaka & Tanaka, 1996) ou onde a delicadeza transmite diferentes significados ou valores normativos (Gu, 1990; Lee-Wong, 2000; Mao, 1994), a pecha do etnocentrismo faz sentido. Como Haugh (2013) refere, é o padrão moral que sustenta as nossas avaliações quanto às ações e significados sociais para distinguir como “bons” ou “maus”, “normais” ou “excepcionais”, “apropriados” ou “inapropriados” e, claro, como “delicadas” e “indelicadas” as ações linguísticas (Haugh, 2013b, p. 57) e este padrão constrói-se no interior das culturas.

As estratégias de Brown & Levinson (1978, 1987) foram evidentemente propostas tendo em consideração a língua e cultura inglesas (o facto é que a maioria dos trabalhos teóricos sobre a delicadeza foi conduzida por investigadores anglo-saxónicos) e a distinção de *ethos* linguísticos que permite aferir o “não-delicado” e o “delicado” poderá não ser apropriada para outras línguas e culturas (Ogiermann, 2015). O modelo talvez seja universalmente aplicável, mas o impacto de cada fator incluído na teoria poderá não ser sensível à particularidade de outras culturas. Brown e Levinson (1987, pp. 242–253), na verdade, estavam cientes da possibilidade da interferência cultural, tendo admitido que, em algumas culturas, uma das principais variáveis poderia ser definida no topo da sua faixa, tornando outros fatores menos influentes.

A realidade japonesa tem sido particularmente resistente ao uso do modelo, havendo investigadores japoneses (Ide, 1989; Matsumoto, 1988, 1989) que consideram que a “face” japonesa abarca uma conotação diferente da proposta por Brown e Levinson. Matsumoto (1988, 1989), não aceita que as ideias iniciais de Brown e Levinson, de que todos os membros da sociedade dão atenção às faces negativa e positiva, sejam necessariamente universais. Como afirma a autora, uma relação próxima entre a delicadeza e o desejo de salvar a face é provavelmente igual em qualquer cultura, no entanto, as evidências do contexto sociocultural nipónico tornam questionável assumir-se a universalidade da “face” e, em consequência, que não seja

aceitável que possa fornecer previsões corretas dos fenômenos de delicadeza nesta parte do mundo (Matsumoto, 1989, p. 219). Por extensão, a noção de que os indivíduos e os seus direitos têm forte centralidade na cultura europeia e americana, não pode ser considerada como básica para as relações humanas na cultura e sociedade japonesa (Fukushima, 2003), onde a tônica é posta no reconhecimento da posição social em relação aos restantes membros da sociedade.

What is of paramount concern to a Japanese is not his/her own territory, but the position in relation to the others in the group and his/her acceptance by those others. Loss of face is associated with the perception by others that one has not comprehended and acknowledged the structure and hierarchy of the group.

(Matsumoto, 1988, p. 405)

Os conceitos importantes de delicadeza não só se concentram, apenas, na “face”, mas também no “discernimento”¹³, em japonês é *wakimae*, que foi afirmado como fenómeno unicamente valorizado nessa cultura. Consequentemente, há estratégias de delicadeza que são usadas mesmo na ausência de Atos Ameaçadores de Face em japonês, ao contrário do que propõem Brown e Levinson. No que diz respeito à noção de *wakimae*, o “discernimento” japonês, Fukushima (2003) alega que, em muitas sociedades, é igualmente esperado que as pessoas ajam de acordo com as normas exigidas pela sociedade, a menos que alguém intencionalmente pretenda violar essas regras para um determinado propósito. De facto, Hill *et al.* (1986, p. 351) também acham que todos os humanos usam a linguagem de acordo com a delicadeza, mas que esta é, fundamentalmente, determinada pelo discernimento; com efeito, os resultados mostraram que o discernimento era um fator no uso delicado na língua japonesa e inglesa americana. Portanto, será adequado afirmar que o discernimento, ou o *wakimae*, não é a prerrogativa da sociedade japonesa, mas sim se aplica universalmente, embora possa haver diferenças de acordo com variadas normas de cada sociedade (Fukushima, 2003).

¹³ O termo “discernment”, usado por Fukushima, na senda de Hill et al. (1986) como o equivalente mais próximo de *wakimae*, é de difícil tradução. Estes autores justificam-no afirmando que “once certain facts of addressee and situation are noted, the selection of a appropriate linguistic form and/or appropriate behavior is essentially automatic.” Aqui optamos pelo equivalente literal “discernimento”, embora aceitemos que a tradução e o próprio conceito podem ser controversos.

1.4.2 A “Face” chinesa

De acordo com as observações anteriores, faz sentido proceder a um questionamento mais detalhado sobre as particularidades ditadas pela sociedade chinesa, ao longo dos tempos plasmadas no sistema linguístico.

A noção de “face” assume, na sociedade chinesa particularidades deveras salientes (Hinze, 2005, p. 171). Poucas culturas terão realizado uma elaboração tão complexa quanto ao seu sistema de “face” como a cultura e, por inerência, a língua chinesa (M. M. Yang, 1994, p. 140). Na língua chinesa, existem muitas expressões relacionadas com o tratamento da “face” (*liǎn*, 脸) que, naturalmente, incluem a própria designação, evocando ou transmitindo diferentes ideias. Por exemplo, *diūliǎn* (丢脸, perder a face) serve para descrever alguém que ficou desonrado e *bùyàoliǎn* (不要脸, não querer face), que transporta os valores de vergonhoso, obsceno, é usada quando se discute a face (da moralidade ou da honra). Ambas as expressões referem o carácter e a moral de uma pessoa, embora a segunda represente um grau de imoralidade e reprovação superior. É possível, em mandarim, recorrer a expressões mais longas, verdadeiros ditados, para se referir o relacionamento.

A expressão *fānliǎn* (翻脸, inverter ou virar a face), é usada quando a amizade/familiaridade sofre um sobressalto e é acompanhada, em regra, de uma mudança de atitude e de humor. Há uma outra expressão semelhante, que é *sīpòliǎn* (撕破脸, rasgar a face), indicando um rompimento absoluto de uma relação ou amizade. Ao contrário das primeiras, *diūliǎn* (perder a face) e *bùyàoliǎn* (não querer face), que podem aplicar-se apenas a um indivíduo, as duas últimas expressões transportam o aspeto interacional da face chinesa (Kinnison, 2017).

Nas interações em chinês, nomeadamente num ato de pedido, as expressões “*kànzài ... de miànzi shàng*” (看在……的面子上, considerar a face de alguém) ou às vezes “*gěi ... miànzi*” (给……面子, dar uma face a alguém), incluem um pedido oculto ao destinatário; “para além do domínio da legitimidade” (Ho, 1976, p. 874), por regra, orientado pelo conhecimento de alguém que tem mais poder do que os interlocutores, i.e., com estatuto superior, mais idade ou riqueza. Por vezes, o “poder legitimador”

poderá ser o do próprio locutor: “faz-me esse favor, porque eu sou poderoso, mais idoso, etc.”. Trata-se da face de relação/poder (Ho, 1976; Kinnison, 2017).

Na perspectiva de vários investigadores (André, 2013; Bargiela-Chiappini, 2003; Haugh, 2012; Kádár & Bargiela-Chiappini, 2011) se pretendermos usar a “face” como uma ferramenta analítica eficaz a fim de explicar mais fenómenos de interação comunicativa, devemos ter em conta os elementos acima apontados. Assim, as noções de “face” e de “preservação de face” de Goffman (1955/1995, 1967) farão mais sentido na análise da situação chinesa.

As conexões entre a tradição teórica de Goffman e o conceito chinês de “face” são proficuas; Haugh (2012, p. 112), a autora que, porventura, mais tem influenciado a investigação recente, não deixa de ter em conta as propostas de Goffman, que por sua vez elaborou sobre o longínquo trabalho de Hu (1944).

De facto, o primeiro estudo académico sobre a “face” chinesa foi conduzido por Hu (1944). Neste trabalho, o autor investiga cuidadosamente as situações em que as expressões de “face” são usadas em interação, bem como os seus significados plenos para os falantes chineses (Hu, 1944, p. 15). O autor propõe a distinção entre duas palavras que estão, graficamente, relacionados com “face”, i.e., “mien-tzŭ/mien”¹⁴ (miànzi 面子) e “lien” (liǎn 脸). O primeiro termo, *miànzi*, é o aspeto social da face chinesa que representa a reputação de um indivíduo, alcançada através da vida, do sucesso e da ostentação na sociedade em que está envolvido. O outro termo, *liǎn*, traduz o especto relacionado com a moralidade que representa a confiança da sociedade na integridade do carácter moral de uma pessoa. Neste sentido, pode dizer-se que *mien-tzŭ* (*miànzi*) é a face adquirida, e *lien* (*liǎn*) é a face atribuída. A argumentação de Hu não só teve influência relevante nos estudos posteriores sobre a face chinesa como a sua “explicação das noções populares chinesas de *miànzi* e *liǎn* teve uma influência formativa no trabalho de Goffman” (Haugh, 2012, p. 12).

¹⁴ “Mien-tzŭ/mien”, “lien” são formas que pertencem ao sistema de transliteração da língua chinesa Wade-Giles. No presente trabalho um outro sistema, *pinyin*, é utilizado, como se pode verificar entre parênteses.

[...] *mien-tzǔ*, stands for the kind of prestige that is emphasized in this country: a reputation achieved through getting on in life, through success and ostentation. This is prestige that is accumulated by means of personal effort or clever maneuvering. The other kind of “face,” *lien*, [...] is the respect of the group for a man with a good moral reputation [...]. It represents the confidence of society in the integrity of ego’s moral character,” the loss of which makes it impossible for him to function properly within the community. *Lien* is both a social sanction for enforcing moral standards and an internalized sanction.

(Hu, 1944, p. 45)

Outos acadêmicos chineses continuaram a investigação sobre a “face”, tais como Zhai (1994) na perspectiva sociológica, Zuo (1997), que analisa os diferentes aspetos da face chinesa denotado por *miànzi* e *liǎn*; Cheng (1986) e Hwang (1987, 2006, 2011), que discutiram os alicerces confucianos do conceito de face na China, etc.. Nos estudos sobre a “face” chinesa, a maior parte das (re)avaliações das teorias de Goffman e de Brown & Levinson concentra-se principalmente na discussão da concepção de “face” e no grau da relevância da “face negativa” e da “face positiva”, bem como na universalidade afirmada pela teoria de delicadeza (André, 2013; Fukushima, 2003; Kádár & Pan, 2011; Kinnison, 2017; Song, 2017; Ting-Toomey et al., 1991; Zhai, 1994). Uma associação, entretanto, é possível, já que, embora existam distinções (historicamente ténues) entre as culturas chinesa e japonesa, ambas foram influenciadas pela mesma tradição confucionista (Leech, 2005, p. 29). Ao criticar a teoria de Brown e Levinson, alguns investigadores chineses, entre os mais representativos, Gu (1990) e Mao (1994), têm uma perspectiva semelhante à dos acadêmicos japoneses (Ide, 1989; Matsumoto, 1988, 1989, etc.), no sentido de concederem mais importância ao grupo/coletividade do que ao indivíduo, pois o *ethos* chinês “privilegia a harmonia do grupo sobre a liberdade individual” (Mao, 1994, p. 473). No que diz respeito à conotação da “face”, Mao (1994) argumenta que a face negativa de Brown e Levinson se refere e valoriza a necessidade de um indivíduo de estar livre de imposições externas, enquanto a face da China “identifica um desejo chinês de reconhecimento público do seu prestígio ou reputação” (*op. cit.*, p. 460). Este autor considera, portanto, o conceito

de face chinesa e japonesa como sendo semelhantes: a face chinesa e japonesa pode ser considerada como força centrípeta, e o conceito da face proposta por Brown e Levinson pode ser considerado centrífugo.

Para Mao (1994), a face é uma imagem pública que cada indivíduo deseja reivindicar para si mesmo, o que implica que a tal imagem incorpore uma direção subjacente, projetante de identidade social ideal ou aspire a um ideal de autonomia individual (Mao, 1994, p. 639). Esta afirmação suporta as distintas orientações na visão dos comportamentos humanos da delicadeza entre os países do oriente e do ocidente:

[...] the Western orientation, with its preoccupation with the individual, and the Chinese orientation, which places the accent on the reciprocity of obligations, dependence, and esteem protection.

(Ho, 1976, p. 883)

A teoria de Brown e Levinson representará, assim, uma visão de “face privada” que eleva implicitamente o indivíduo sobre o grupo, a abordagem de Gu (1990, 1992) representa uma visão de “face pública” que enfatiza o grupo em vez do indivíduo (Nwoye, 1992). A delicadeza chinesa manifesta-se mais quanto à obediência às normas coletivas/sociais do que sobre a preservação da face de um indivíduo. Os chineses consideram que o valor de um indivíduo só existe quando este toma consciência do grupo a que pertence.

In China the group was always paramount and the individual consequently and often mercilessly subordinated to it. Each individual had to contribute to the general welfare and do nothing to disrupt the order and stability deemed so vital to the functioning of the system on which community life depended.

(Grasso, Corrin, & Kort, 1997, p. 12)

Portanto, sendo colocada mais ênfase na interdependência e no coletivo, o desejo de não ser impedido por outros é anulado pelo desejo de manter a dinâmica do grupo (sobre a delicadeza da China, cf. Capítulo 2, Parte I) (Gu, 1985; Hinze, 2007; Lee-Wong, 2000).

Prosseguindo na mesma linha de observações, a noção de “face negativa” também é criticada por não poder explicar alguns fenômenos nos países orientais. Spencer-Oatey (1992) argumenta que a China é menos orientada pela delicadeza negativa e mais pela delicadeza positiva, se comparada com as sociedades de língua inglesa. A face negativa no contexto chinês não é ameaçada pelo impedimento da liberdade de ação do locutário, mas é ameaçada quando o próprio locutor não pode viver de acordo com o que reivindicou, ou quando a sua própria ação o coloca numa situação desfavorável, por exemplo quando lhe acarretou má reputação.

Poderia existir “universalidade” nos comportamentos de delicadeza em diferentes contextos culturais, porém, o que é considerado como delicado é específico de certa cultura e de certa língua:

[...] politeness may indeed be a universal phenomenon, i.e. it is found in every culture. However, what counts as polite behaviour (including values and norms attached to such behaviour) is [...] culture-specific and language-specific.

(Gu, 1990, p. 256)

Brown e Levinson consideram a delicadeza como um sistema instrumental de meios para satisfazer os desejos individuais de preservar a face, enquanto os principais autores chineses consideram a delicadeza como uma função normativa na restrição dos atos de fala individuais, bem como uma sequência de trocas conversacionais. O incumprimento da delicadeza, segundo Fukushima (2003) implicará sanções sociais. Por isso, o conhecimento das variadas convenções e normas socioculturais é inevitavelmente considerável quanto à interação conversacional e à tentativa de reparar os “atos ameaçadores da face”. O conceito “face” e a sua forma de preservação deve, portanto, ser cuidadosamente ponderado em contextos socioculturais diferentes (Gu, 1990; Kiesling & Paulston, 2007; Lee-Wong, 2000).

Apesar das críticas e redefinições, é importante notar que a teoria de Brown e Levinson (1978, 1987) fornece um quadro inquestionável útil para a investigação de muitos aspetos diferentes da interação social (Holtgraves & Joong-nam, 1990, p. 727). Apesar das limitações acima discutidas, o quadro teórico coloca à disposição aos

estudos posteriores um meio de especificar e comparar as variáveis envolvidas na seleção da estratégia da delicadeza linguística. Para além disso, fornece uma base para a comparação intercultural, uma vez que as categorias que propõem possuem uma ampla aplicação, mesmo para as línguas e culturas que se afiguram diferentes da cultura anglo-saxónica em relação aos conceitos de “face”.

1.5 O Princípio de Delicadeza de Leech

Em 1983, Geoffrey Leech, retomando trabalhos de E. Goffman (1967), de Brown & Levinson (1978, 1987), entre outros, apresentou em “*Principles of Pragmatics*” (1983) o seu *Princípio de Delicadeza*, supostamente com a intenção de “salvar” o Princípio de Cooperação de Grice (1967). Tratou-se de um contributo importante, tanto mais que estabelece, claramente, a ideia de que a delicadeza se manifesta não só no conteúdo da interação, mas também na forma como os enunciados são gerenciados e estruturados pelos interlocutores (Leech, 1983, p. 139).

O Princípio de Delicadeza visa minimizar a expressão menos delicada e maximizar uma versão correspondente positiva, i.e., com mais delicadeza linguisticamente expressa. O Princípio constitui a base operacional para todas as interações verbais, com a finalidade de estabelecer sentimentos de comunidade e relacionamentos sociais, mantendo a expressão delicada (Leech, 1980, 1983, p. 81) e é categorizado em seis principais máximas heurísticas que podem indicar as interações, explicando as relações entre o sentido e a força na conversação quotidiana (Leech, 1983, p. 104):

- 1) a Máxima de Tato;
- 2) a Máxima de Generosidade;
- 3) a Máxima de Aprovação;
- 4) a Máxima de Modéstia;
- 5) a Máxima de Acordo;
- 6) a Máxima de Simpatia.

Segundo Leech (1983), a Máxima de **Tato** será a mais importante numa sociedade (de língua inglesa), tendo o autor dedicado um capítulo inteiro à sua apresentação. A

delicadeza diz respeito ao relacionamento entre dois participantes a quem podemos chamar de “si” próprio e de “o outro”¹⁵ numa relação que é essencialmente assimétrica. O que é delicado¹⁶ será menos favorável para a “face” do locutor próprio, e vice-versa. A Máxima de Tato implica (a) minimizar custos do outro e (b) maximizar benefícios para o outro (Leech, 1983, p. 132).

A Máxima de **Generosidade** consiste em (a) minimizar o benefício para si próprio e (b) maximizar o custo deste mesmo (Leech, 1983, p. 132). Segundo Leech, a máxima de Tato e a máxima de Generosidade são os dois lados de um mesmo assunto: “Bilaterality means that in practice, there is little need to distinguish the “other-centred” Maxim of Tact from the “self-centred” Maxim of Generosity.” (Leech, 1983, p. 133).

A Máxima de Tato serve para indicar, sobretudo, a forma como os pedidos ou as ordens são feitas, i.e., os atos de fala que requeiram do “outro” interlocutor uma ação; enquanto a segunda, a máxima de Generosidade é sobre o tratamento de “si”, do próprio locutor, indicando o compromisso do próprio relativamente ao seu alocutário.

A Máxima de **Aprovação** visa evitar a expressão de aspetos desagradáveis sobre o alocutário, consistindo em (a) minimizar as expressões de desacordo ou de crítica, (b) maximizar a expressão de acordo, consentimento e aprovação (Leech, 1983, p. 132).

Ao contrário da anterior, a Máxima de **Modéstia** requer (a) a minimização das expressões de aprovação e elogio para si próprio e (b) a maximização das depreciações próprias. Entre as máximas de Aprovação e Modéstia há, também, óbvia bilateralidade.

A Máxima de **Acordo** consiste em (a) minimizar desacordos entre os interlocutores e (b) maximizar o acordo (Leech, 1983, p. 132) enquanto a máxima de **Simpatia** exige que os interlocutores digam algo positivo, (a) minimizando a antipatia entre si e o outro e, naturalmente, em situação ideal, (b) maximizando a simpatia na conversação (Leech, 1983, p. 132).

Nem todas estas máximas têm a mesma relevância. A máxima de Tato, de Generosidade, de Aprovação e de Modéstia formam dois pares, sendo as primeiras

¹⁵ “The label *other* may therefore apply not only to addressees, but to people designated by third-person pronouns.” (Leech, 1983, p. 131).

¹⁶ Aqui preocupa-se com a delicadeza absoluta em vez de relativa. “We are still concerned with *absolute* rather than *relative* politeness.” (Leech, 1983, p. 134).

predominantes, no dizer de Leech (1983), a Máxima de Tato parece representar um constrangimento mais poderoso sobre o comportamento conversacional do que a Máxima de Generosidade; da mesma forma, a Máxima de Aprovação é mais poderosa do que a de Modéstia (Z. He, 2000; Leech, 1983, pp. 131 – 132). No interior de cada máxima, as submáximas “(b)” aparentam ser menos relevantes do que as submáximas “(a)”, o que aponta para o facto de a delicadeza negativa, cuja essência é evitar o desacordo, ser consideravelmente mais pesada e relevante do que a delicadeza positiva, cujo objetivo consiste em ir ao encontro de um acordo (Leech, 1983, p. 133).

A minimização e a maximização são dois conceitos-chave nas máximas de Leech, nomeadamente nas primeiras duas máximas: a máxima de Tato e a máxima de Generosidade (Leech, 1983, p. 132). A minimização/maximização de regulação do conteúdo é ilustrada através de exemplos hierarquizados (cf. Quadro I-2, p. 25). Mesmo que seja mantido o modo imperativo, e o assunto de “fazer pedidos”, nota-se que, quanto maior for o custo para o alocutório, o “outro”, menos delicado ficará o enunciado.

Enquanto a minimização/maximização da regulação do conteúdo opera na dimensão de “custo-benefício”, a minimização/maximização de regulação de modo opera na dimensão da indiretividade e da opcionalidade (Gu, 1990; Leech, 1983). Caso ao alocutário seja requerido realizar alguma ação, esse pedido terá de ser feito de forma delicada. Para exemplificar, se o locutor quer que o alocutário atenda o telefone, deverá suavizar a “ordem” usando a indiretividade e oferecendo àquele oportunidade de rejeição (cf. Quadro I-3, p. 26). Os enunciados no Quadro I-3 possuem um mesmo conteúdo proposicional. Ao usar o enunciado “Atende o telefone” (nº 7 do Quadro 3), o locutor expressa a sua crença de que o seu alocutário irá dar seguimento à sua pretensão. Ao introduzir, retoricamente, o elemento de dúvida na expressão da ordem, enunciados “Eu quero que atendas o telefone”, “Vais atender o telefone?”, “Podes atender o telefone?”, “Importas-te de atender o telefone?” e “Podias atender o telefone?” (nº 8 – nº 12 do Quadro I-3, p. 26), a certeza no acatamento da mesma é reduzida, pelo que o ato de fala resulta mais delicado. Nos exemplos, verifica-se um aumento gradual na delicadeza por meio da “minimização” do custo e “maximização” do benefício para

o alocutário (Z. He, 2000, 2011; Leech, 1983).

Leech (1983) introduziu outros dois princípios inerentemente relacionados com o Princípio de Delicadeza: o *Princípio de Ironia* e o *Princípio de Gracejo*. Em caso de conflito entre o Princípio de Cooperação e o Princípio de Delicadeza, a ironia será uma solução que permite ao falante expressar a sua antipatia de uma forma mais suave, implícita e delicada.

If you must cause offense, at lease do so in a way which doesn't overtly conflict with the PP [Politeness Principle], but allows the hearer to arrive at the offensive point of your remarks indirectly, by way of implicature.

(Leech, 1983, p. 82)

O Princípio de Ironia representa o que o próprio conceito designa; a possibilidade de, através de um paradigma irónico face a ofensa, injustiça ou forte desacordo com o alocutário, realizar um ato de fala que arrasta ironicamente uma opinião negativa, evitando cumprir o Princípio de Cooperação (sobretudo a máxima de Qualidade, pois atingiria a face do outro, e iria impedir a harmonia e a possível continuação da interação), ou expressar opinião verdadeira (que poderia pôr em causa o Princípio de Delicadeza): por exemplo, em vez de dizer “És má pessoa.” ou “Foste muito mau comigo.”, optar por dizer “És mesmo boa pessoa!” a fim de preservar a face do outro, não deixando de sustentar o sentimento do próprio locutor:

We are ironic at someone's expense, scoring off others by politeness that is obviously insincere, as a substitute for impoliteness.

(Leech, 1983, p. 142)

O Princípio de Gracejo, porventura, a forma superficialmente mais ofensiva, ou seja, menos delicada (Leech, 1983, p. 144) manifesta-se, sobretudo, em interações casuais. Com o fim de demonstrar solidariedade e proximidade com o destinatário, o locutor pode expressar algo que é (a) obviamente falso, (b) obviamente indelicado para com aquele (Leech, 1983, p. 144).

1.6 Conclusão

A teoria de Brown e Levinson (1978, 1987), assentando sobre a noção de “face”, ancorando-se no modelo original de interação conversacional de Grice (1975, 1989), baseia-se no pressuposto de que a comunicação verbal assenta numa base de racionalidade, sendo intencional e orientada por objetivos (P. Brown & Levinson, 1987, pp. 4, 58, 64). Admitindo as propostas griceanas (o Princípio de Cooperação e as quatro máximas conversacionais), Brown e Levinson propõem um modelo de delicadeza que visa explicar os “desvios”, i.e., as nossas estratégias linguísticas que podem ser aplicadas na comunicação interpessoal.

Tal como Leech (1983) refere, o Princípio de Cooperação e o Princípio de Delicadeza completam-se e influenciam-se mutuamente de modo a constituírem o que pode ser designado por sistema completo de Implicatura Conversacional (Brandão & Sathler, 2014; Chen R., 1985). Estes parecem ser os aspetos consensuais que presidem ao desenvolvimento dos estudos da delicadeza, todavia, o teste último para qualquer teoria é o seu campo de aplicação e, como já foi abordado neste capítulo, algumas limitações têm sido levantadas. A consideração das teorias na sua aplicação ao universo linguístico e cultural chinês merece, pois, alguns cuidados, como foi, acima, apontado e será, adiante, discutido. Nos próximos dois capítulos, dedicados mais especificamente à delicadeza chinesa e às suas formas de tratamento, continuaremos a dar conta destas limitações teóricas e de cuidados a observar na aplicação da teoria, sobretudo quando se estudam comportamentos linguísticos de falantes/aprendentes com *ethos* culturais tão afastados como o chinês e o português.

Capítulo 2 Delicadeza Linguística na Sociedade Chinesa e no Mandarim

2.1 Introdução

O estudo da delicadeza linguística em chinês tem representado um desafio exigente devido às múltiplas camadas e mudanças sociais que a afetam. Com efeito, na China, os fenômenos de delicadeza terão surgido na mais remota antiguidade, sendo provavelmente tão antigos como o Peking Man (*Homo erectus pekinensis*), escavado num subúrbio de Pequim em 1929 (Fairbank, 1997, p. 31). A evidência definitiva encontrada em *Hemudu* (situada na atual província de *Zhejiang*) atesta a existência de conceitos de delicadeza em *scripts* de osso do oráculo, um sistema de escrita amplamente utilizado na Dinastia *Shang* (1765-1122 a.C.) (Gu, 2011).

Então, a sociedade chinesa produziu diversos ditos e provérbios sobre a importância da delicadeza linguística e o poder da linguagem, tais como “*liáng yán yí jù sǎn dōng nuǎn, è yǔ shāng rén liù yuè hán*”¹⁷ e “*yì yán xīng bāng, yì yán sǎng*

¹⁷ “良言一句三冬暖，恶语伤人六月寒”，“Mesmo no inverno, uma palavra delicada faz o coração sentir-se quente, enquanto, mesmo em junho, uma palavra indelicada magoa e faz o coração sentir-se frio.” Tradução nossa.

bāng”¹⁸. Estas formas adagiárias que se destinavam a salientar a importância da delicadeza linguística nas interações sociais, resistiram ao tempo e acabaram por ficar inseridas na língua chinesa, fazendo parte das convenções socioculturais do povo. Ao interagirem, os falantes, com ou sem consciência, procuram optar por estratégias que facilitem uma comunicação coerente e bem-sucedida, através de atos de fala adequados aos seus interesses e o mais atinentes possível às normas sociais.

Este longo processo de acomodação de práticas linguísticas, no que à delicadeza chinesa diz respeito, pode ser dividido em duas fases de desenvolvimento: um período chamado histórico e um período contemporâneo de delicadeza da língua chinesa (Y. Pan & Kádár, 2011a, 2011b). Trata-se, segundo o autor, de um fenómeno único e misterioso, pois não há outra língua em que se verifique uma desconexão tão pronunciada entre a delicadeza histórica e a delicadeza contemporânea (Y. Pan & Kádár, 2011a, p. 1526).

There is a disconnection between the modern and traditional Chinese in terms of the application of politeness formulae. On the one hand, the Chinese people are famed for their long tradition of polite rituals and polite vocatives, and on the other hand, modern Chinese politeness behavior seems to be quite different and distant from these 'famous' polite phenomena. As a result, there seems to be a myth about Chinese politeness.

(Y. Pan, 2008, p. 328)

As invasões sofridas pela sociedade chinesa no século passado levaram a que muitos chineses tivessem rompido com as normas e os valores tradicionais, quer na última parte do Séc. XIX, quer nos anos posteriores à Revolução *Xinhai* de 1911 e, em seguida, novamente, a experiência da fundação da República Popular da China em 1949 promoveu novas ações de rutura.

Não é de surpreender que os chineses tenham ficado atónitos com a humilhante derrota sofrida durante as Guerras de Ópio¹⁹ (*Yāpiàn Zhànzhēng* 鴉片战争) e durante os

¹⁸ “一言兴邦，一言丧邦”，“As palavras, por si só, podem fazer florescer um estado, uma única instrução errada pode ser desastrosa para o mesmo.” Tradução nossa.

¹⁹ As Guerras do Ópio, ou Guerras Anglo-Chinesas, foram conflitos armados ocorridos entre a Grã-Bretanha e a China nos anos de 1839-1842 e 1856-1860.

conflitos que se seguiram (Grasso et al., 1997) já que, desde a Dinastia *Ming* (1368-1644) que foi aplicada uma política de isolacionismo, em que a população era levada a considerar a sua civilização superior às restantes. Surgiram, então, em consequência, iniciativas antitradicionalistas, a primeira das quais terá ocorrido no ano 1919, durante o Movimento de Quatro de Maio²⁰ (*Wǔsì Yùndòng* 五四运动). Tratava-se de um movimento anti-imperialista, cultural (inclui o Movimento Vernacular) e político, que cresceu a partir de manifestações estudantis em Pequim, no dia 4 de maio de 1919. Poder-se-á dizer então, que a divisão entre o período histórico e contemporâneo tem origem numa reação nativa face à invasão militar e à influência político-cultural dos poderes estrangeiros (Y. Pan & Kádár, 2011a), em que o povo chinês, recusando a ideologia que tinha sido seguida, tomou a iniciativa de introduzir o pensamento ocidental, a fim de procurar a verdade e o caminho para fortalecer o país.

Neste capítulo, tomamos como ponto de partida a reflexão sobre o Princípio de Delicadeza proposto por Gu Yueguo (1990) e adotamos, pelas razões acima adiantadas, uma perspetiva diacrónica de análise, no seguimento do trabalho de vários autores (Francesca Bargiela-Chiappini & Kádár, 2011; Kádár & Pan, 2011; Mills & Kádár, 2011; Pan & Kádár, 2011a, 2011b, etc.), aceitando como apropriados, os dois períodos referidos: histórico e contemporâneo.

2.2 A Delicadeza na “era histórica” da China

Ao abordar, ainda que sinteticamente, as principais peculiaridades dos comportamentos de (in)delicadeza em chinês moderno, será benéfico, antes de mais, estar ciente da história das normas de delicadeza chinesas (Kádár & Pan, 2011).

Apesar da relevância que a cultura chinesa usufrui no mundo, pouca atenção foi dedicada à delicadeza histórica chinesa. Com efeito, poucas obras se dedicaram ao assunto; Yuan (1994) e Guoyue Peng (1998, 1999, 2000) estarão entre as honrosas

²⁰ Nele, os estudantes “progressistas” protestavam contra a fraca resposta do governo chinês em relação ao Tratado de Versalhes, especialmente a permissão dada ao Japão para manter territórios em Shandong que tinham sido devolvidos pela Alemanha após o cerco de Qingtao (Jin, Tan, & Lu, 1999).

exceções; porém, nenhuma adota uma teorização sócio-pragmática; no limite, não poderão ser consideradas como verdadeiros estudos sobre a “delicadeza linguística”, pois não são analisados comportamentos discursivos.

Na verdade, a primeira publicação baseada na pragmática sobre a delicadeza histórica chinesa é o artigo de Skewis (2003) que explora diretrizes numa das quatro grandes novelas clássicas²¹, o *Hónglómèng*²² (*O Sonho da Câmara Vermelha*, «红楼梦»). Muito provavelmente, o único esforço em aplicar as teorias discursivas aos dados históricos chineses foi feito por Kádár (2007a, 2007b, 2008, 2009), cujos estudos examinam, principalmente, as formas de tratamento e o seu uso, sendo, portanto, de alcance limitado. Porém, mais tarde, os trabalhos de Pan & Kádár (2011a, 2011b) preenchem uma importante lacuna, ao analisar a polémica histórica chinesa, trabalhos estes que servirão como referências fundamentais do presente capítulo.

Observemos, brevemente, a ideologia e as normas dominantes e os comportamentos socioculturais na era de escravismo e feudalismo da China antiga, já que são fundamentais para entender a delicadeza linguística nesse período.

In order to understand the polite behavior in a given culture, society or a community of any size, it is necessary to look into the major dominant politeness ideologies that form the group's politeness norms.

(Y. Pan & Kádár, 2011a, p. 1527)

A assunção, não de uma ideologia, mas sim, de um conjunto de ideologias, de várias escolas e/ou de várias épocas, é a primeira ideia realçada por Pan & Kádár (*op. cit.*) já que as ideologias dominantes podem diferir entre grupos e comunidades de prática dentro de uma sociedade, nomeadamente, num território tão grande como o da China, dentro do qual se encontra não só a complexidade presente em diferentes

²¹ As quatro grandes novelas/obras clássicas da literatura chinesa (Sìdà Míngzhù, 四大名著) são:

1) *O Romance dos Três Reinos* (Sānguó Yǎnyì, 三国演义), escrito por Luo Guanzhong (罗贯中) no Séc. XV;
2) *Margem de água* (Shuǐhúzhuan, 水浒传) escrito na Dinastia Ming por Shi Nai'na (施耐庵);
3) *Jornada ao Oeste* (Xīyóujì, 西游记) escrito na Dinastia Ming tardia, pelo escritor e oficial Wu Cheng'en (吴承恩);
4) *O Sonho da Câmara Vermelha* (Hónglómèng, 红楼梦) escrito na década 60 do Séc.XVIII, na Dinastia Qing por Cao Xueqin (曹雪芹) (Dillon, 1998, pp. 140, 270, 285, 359).

²² Em inglês, “The Dream of the Red Chamber”.

realidades regionais ou étnicas, mas também a abundância em termos de escolas/ideologias surgidas durante mais de dois milénios de história. Este facto exige que o nosso esforço seja de apresentar um fundo histórico válido para abarcar a enorme diversidade.

A “delicadeza” chinesa, com efeito, tem uma longa história de investigação protocientífica, facto que fica a dever-se à circunstância da expressão nativa ou tradicional para a “delicadeza”, *lǐ* (礼, com a sua forma tradicional de escrita “禮”), a representar um conceito cujos contornos fundamentais são atribuídos a Confúcio e aos filósofos neo-confucianos antes e durante a Dinastia *Han* (incluindo o anterior e posterior *Hans* datado de 206 a.C. a 220 d.C.).

2.2.1 O conceito de *lǐ*

O conceito moderno de delicadeza chinesa, o *lǐmào* (礼貌), tipicamente encapsulado no item lexical, é derivado do antigo conceito de *lǐ* (礼), embora a primeira ocorrência de *lǐ* (貌) e *mào* (貌) usados em conjunto seja encontrada na literatura contemporânea de Mêncio (Séc. III – Séc. II a.C.). Esse termo possui estreitas conexões históricas com o termo antigo *lǐ* (礼), conceito essencial do *Livro dos Ritos* (*Lǐ Jì* «礼记», também conhecido por *Clássico dos Ritos* ou *Livro do Ritual*)²³, a obra clássica confuciana que descreve as formas sociais, o sistema governamental e os ritos cerimoniais da Dinastia *Zhou* (de 1046 a 256 a.C.). Quanto à divulgação do conceito *lǐ*, ela ficará a dever-se, sobretudo a Confúcio e a alguns dos seus discípulos que teriam compilado ideias e normas no *Livro dos Ritos* e em outros igualmente antigos, designadamente *Os Ritos da Dinastia de Zhou* (*Zhōu Lǐ* «周礼») e *O Cerimonial* (*Yì Lǐ* «仪礼»); o primeiro, mais centrado nas regras da governação política enquanto o segundo, ligado aos preceitos cerimoniais do quotidiano.

O significado de *lǐ*, segundo Confúcio, é de limitação e sanção para comportamentos pessoais que se recebem das normas sociais; porém, o filósofo não

²³ Atribuído, geralmente, a Tai Cheng, que o teria organizado a partir de textos antigos, com 85 seções. Essa obra seria fixada, afinal, por Tai Te, com 46 seções. A obra contém decretos e instituições, regras e regulamentos, bem como rituais e etiqueta.

chegou a apurar a natureza de *lǐ* nem a sua relação com a vida humana. Só no final do “Período dos Reinos Combatentes” e do início da Dinastia *Han* (Séc. II a.C.) os académicos confucianos elaboraram teorias comuns, assaz complexas, para a explicação dos valores incluídos no conceito. *Lǐ*, literalmente significa “ritos”, a cuja obediência cada indivíduo estava obrigado, servindo, de resto, como critério fundamental para diferenciar dos cultos bárbaros (Z. Shi, 2018, p. 55). Com o devir do tempo, a noção de *lǐ* acabou por se tornar intimamente associado à natureza humana²⁴, à ética e à ordem social, na medida em que as pessoas integraram essas ideias nas suas vidas. Diferentemente de outras religiões (como o cristianismo ou o islão) ou ideologias, ao manifestar-se nas práticas quotidianas ou na definição de políticas, a ideologia de Confucianismo, segundo Z. Shi (2018), não é concretizada através de conversão espiritual do indivíduo, mas sim de uma rede de relacionamentos pessoais representativos da ideologia como recipiente. As suas conotações podem ser diversas; entendidas como referência às formas de comportamento social, como “cerimonial”, como “regras de condutas sociais” e “comportamento linguístico adequado” (J. He, Wang, & Dong, 2015). Como também se pode verificar na investigação de Gou (2002), o primeiro componente que *lǐ* implica é *lǐzhì* (礼治), uma teoria político-ideológica sobre como aproveitar o *lǐ* na governação de um estado; completando-a com os outros quatro componentes que são *lǐzhì* (礼制), a infraestrutura social e política para a implementação de *lǐ*; *lǐyí*²⁵ (礼仪), as regras específicas e rituais que materializam *lǐ*; *lǐjiào* (礼教), a prática de doutrinar *lǐ* de tal forma que os direitos individuais sejam definidos e *lǐxué* (礼学), estudos de *lǐ* como disciplina académica. Na verdade, durante um longo tempo, todos estes elementos estiveram ao serviço da política (Chow, 1956); com efeito, *os Analectos* (*Lúnyǔ* «论语») e o *Livro dos Ritos* (*Lǐjì* «礼记») são duas obras que juntam as leis e regulamentos comunicativos na era pré-*Qin* (antes de 221 a.C.) (Feng, 2009; Gu, 1992; Kádár & Pan, 2011).

Nas várias dinastias seguintes, mais especificamente, desde a Dinastia *Han*, uma

²⁴ “[*Li* is] a set of norms appropriate to one’s natural moral development.” (H. Chang & Holt, 1994, p. 104).

²⁵ Nas últimas décadas na China, testemunha-se uma ebulição de publicações sobre *lǐyí* chinês, no seu sentido ético e moral, por exemplo, J. Wang, Chen, Xing, & Yang (1992), Huang (1995), Zhong (2001), entre outros.

amalgama de doutrinas confucianas²⁶ e de algumas outras tradições filosóficas foi adotada como filosofia/ideologia oficial do Estado da China. O confucionismo, que é considerado a expressão sistemática do *lǐ* e origem da ortodoxia das dinastias, foi, então, apreciado pelos reis e imperadores, tendo tido concretização na governação dos múltiplos regimes e poderes políticos que tiveram lugar, nomeadamente, na Zona central²⁷ do território chinês, com consequências na conquista de estabilidade e harmonia social²⁸ durante gerações (Z. Shi, 2018).

2.2.1.1 Retificar o nome

Como salienta Cua (1983), sendo uma importante ferramenta de controlo social e político o *lǐ* preocupa-se com a manutenção da estrutura social como um padrão harmonioso de papéis e estatutos (Cua, 1983, p. 2). O *lǐ* tem, pois, desempenhado um papel predominante tanto na governação do Estado como na vida quotidiana do povo. Numa sociedade que foi, profundamente, influenciada pelo conceito patriarcal, o Estado é considerado como uma grande família e a família é a organização social primária e central; em ambos. Em conformidade, as hierarquias devem ser mantidas e as regras respeitadas (W. Li & Li, 1996). Confúcio preconizava que se respeitassem as hierarquias e a diferença do poder em todos tipos de relações. Definiu o *Wúlún* (五伦), os cinco relacionamentos básicos: governante e ministro, pai e filho, irmão mais velho e irmão mais novo, marido e esposa e, amigos mais velhos e amigos mais jovens. Esses relacionamentos implicam obrigações mútuas e complementares regulamentadas; por exemplo, pessoas com menos poder (i.e., ministro em comparação com o rei, irmão mais novo, esposa, etc.) devem o respeito e obediência a pessoas com mais poder

²⁶ O Confucionismo é um sistema filosófico chinês criado por Kung Tzu (孔子, Confúcio, da sua forma latina); para além do sentido religioso, é considerado como uma filosofia, ética social, ideologia política, tradição literária e um modo de vida. Os representantes principais são Confúcio e Mêncio (孟子). Confúcio compila e organiza as antigas tradições da sabedoria chinesa e elabora uma doutrina assumida por governantes na China durante mais de dois milénios. A doutrina e os princípios defendidos pelas obras foram amplamente aceites pelo povo e acabaram por se tornar em normas sociais da China antiga, chegando a sua influência até ao presente (Ding, 2014, p. 3).

²⁷ Zona central ou *Zhongyuan*, área na parte inferior do rio Amarelo que formou o berço da civilização chinesa.

²⁸ Grasso et al. colocam a questão nos seguintes termos: "Between 551 and 479 B.C. Confucius, China's most important thinker, outlined his ideas about how to secure social harmony and good government. Confucius's thinking reflected deeply rooted Chinese concepts, and many of the classic Confucian texts and writings attributed to the great master really antedate him by centuries." (Grasso et al., 1997, p. 18).

(Hofstede, Hofstede, & Minkov, 2010, p. 80). Trata-se de *Zhèngmíng* (正名, retificar/corriger o nome), que é essencialmente um normativo sociocultural que permite perceber as definições sociológicas e o estatuto de cada indivíduo; logo, a linguagem (ou comportamento) adequada à realização de determinada interação (Feng, 2009; Gu, 1990).

Se míng não for devidamente retificado, o discurso não poderá ser usado de forma adequada; se o discurso não for utilizado adequadamente, nada poderá ser alcançado; se nada for alcançado, lí não poderá ser restaurado; se não for restaurado o lí, a lei e a justiça não poderão ser praticadas; e se a lei e a justiça não forem exercidas, as pessoas não sabem como se comportar.

*(Confúcio, Zilu²⁹, citado por Yang, 1987
apud Gu, 1990, tradução nossa)*

Zhèngmíng é, portanto, essencial para manter a consciência da distinção hierárquica, a fim de garantir a estabilidade dos clãs, bem como de um Estado (Feng, 2009). Por exemplo, na era histórica da China, uma mulher casada podia ser tratada de várias formas com diferentes títulos consoante o estatuto social do seu marido; a imperatriz é *hòu* (后), a esposa de um duque/príncipe é tratada como *fūrén* (夫人)³⁰ e a cónjuge de um homem comum é *qī* (妻)³¹. Outro exemplo, um criado/subordinado era obrigado a ser designado por *núcai* (奴才, escravo) ou *xiǎorén* (小人, “pequena pessoa”, i.e. pessoa desvalorizada), enquanto estes deviam tratar o seu empregador/dono por *dàrén* (大人, “grande pessoa”, i.e., pessoa respeitosa), ou *zhǔzi* (主子, mestre, em tradução literal)³², ficando bem patente a minimização do subordinado e o enaltecimento do seu chefe, etc. (Gu, 1990, 1992; Kádár & Pan, 2011; Y. Pan & Kádár, 2011b).

Como referem também Kádár & Pan (2011), as expressões foram desigualmente distribuídas nesta sociedade oriental devido ao facto de o uso das normas mais complexas exigir uma boa educação, bem como padrões sociais de elite. Além disso, as

²⁹ *Zǐ Lù*:子路, parte da obra de Confúcio.

³⁰ “*fūrén* (夫人)” também é utilizado hoje em dia para chamar a esposa de si e de outro, mostrando o respeito.

³¹ “*qī* (妻)” ou “*qīzi* (妻子)” é a palavra neutra chinesa equivalente, mais aproximada à “mulher” ou “wife”.

³² Inversamente, o dono enquanto recebe umas formas de tratamento de um título/pronome polido, trata os seus subordinados como ‘tu’ ou ‘tu, este *núcai*’, formas de tratamento familiares, i.e. a poderosa semântica é não-recíproca, o superior diz *T* e recebe *V* (R. Brown & Gilman, 1960, p. 255). Estes aspetos serão apresentados e discutidos de forma mais detalhada no capítulo 3 desta primeira parte.

formas de tratamento honoríficas são socialmente “marcadas”, i.e., “poderoso” e “superior” (R. Brown & Gilman, 1960) são restritos a uma elite, considerando o estatuto social dos seus interlocutores. Por outro lado, como no exemplo supracitado, as pessoas com estatuto inferior referiam-se a si próprias usando uma forma de auto-depreciação, *xiǎorén*; um funcionário menor referir-se-ia a si próprio como *xiǎoguān* (小官) ou *xiàguān* (下官), i.e., “funcionário inferior/indigno”; um monge budista como *pínsēng* (貧僧, “pobre monge”) e assim por diante (Kádár & Pan, 2011; Y. Pan & Kádár, 2011a):

On the lexical level, the most frequently used honorifics are terms of address, which:

a) denigrate the speaker/writer and their intimates/belongings elevate the addressee and their intimates/belongings, or (indirectly) a third-revered person.

(Y. Pan & Kádár, 2011b, p. 44)

Mesmo que não existam verbos conjugados como em algumas línguas latinas (ex., o português), em chinês, a delicadeza pode ser expressa, também com um diferente sistema de formas verbais honoríficas:

Along with terms of address, another important historical lexical tool for elevation and denigration is the group of honorific verb forms, that is, forms that deferentially describe the actions of the speaker and the addressee.

(Y. Pan & Kádár, 2011b, p. 46)

Por exemplo, usando *bàixiè* (拜谢, o locutor agradece ao destinatário com prostração”) e quando se usa *shǎngguāng* (赏光, solicita que o interlocutor ofereça “luminosidade”) referindo-se à visita deste último, que lhe é inferior (Gu, 1990, p. 248; Kádár & Pan, 2011, p. 130; Y. Pan & Kádár, 2011a, p. 46).

Nas formas substantivas e verbais, não só se manifesta a hierarquia que é obrigatório manter na distinção entre pessoas, como também se demonstra um dos componentes mais importantes da delicadeza cultural chinesa: a auto-depreciação (*biǎnjǐ* 贬己) e o elogio do outro (*zūnrén* 尊人) em interações, sendo este um aspeto fundamental nos princípios de delicadeza propostos por Gu (1990, 1992) e Pan & Kádár

(2011b).

2.2.1.2 Aproximação às máximas de Leech

Shu e Wang (1993/2001), adotando as seis máximas de Leech (1980, 1983, 2005) (a Máxima de Aprovação e de Modéstia, em particular), defendem que a autovalorização viola a Máxima de Modéstia de Leech, enquanto a desvalorização do outro viola a Máxima de Aprovação de Leech, ambas, portanto, sendo indelicadas. Em consequência, a valorização de outros e a auto-depreciação serão bem-vistas e educadas, uma vez que respeitam, respetivamente, as Máximas de Aprovação e Modéstia leechianas. Numa leitura mais geral, as considerações de Shu e Wang (1993/2001) e de Gu (1990, 1992) parecem cobrir mais ou menos o mesmo fenómeno, no entanto, existe uma diferença entre eles: o estudo de Shu e Wang (1993/2001) considera as máximas de delicadeza propostas por Leech totalmente aplicáveis ao contexto sociocultural chinês, porém, as máximas de Gu (sobretudo, a máxima de Auto-depreciação e Elogio do outro) porque derivadas do *Livro dos Ritos* (《礼记》), são mais genuínas, pela proximidade da origem chinesa.

A auto-depreciação e o elogio do outro de Gu (1990, 1992) não só se relaciona com a humildade enraizada na personalidade do povo chinês, como é doutrina essencial para atingir um ideal em termos de delicadeza comportamental.

O junzi [homem de bem] não se eleva em suas ações nem sobrevaloriza o seu próprio mérito, daí poder buscar a verdade. Ele não pretende fazer ações extraordinárias, mas busca ocupar-se apenas com o que é substancial. Ele exhibe proeminentemente as boas qualidades dos outros, e comemora os seus méritos, e subestima a sua própria sabedoria. Embora assim o junzi se deprecie, o povo respeitá-lo-á na mesma.

(Livro dos Ritos, Biaoji, tradução nossa)³³

A importância da auto-depreciação e o elogio de outros, que deveria ser realmente importante, pode verificar-se no *Livro dos Ritos*: “*Lǐ* significa a depreciação do próprio

³³ 君子不自大其事，不自尚其功，以求处情；过行弗率，以求出厚；彰人之善而没人之功，以求下贤。是故君子虽自卑，而民尊之。《礼记·表记》

e o elogio do outro.” (Livro dos Ritos, *Quli*, Parte I)³⁴.

Em suma, na era antiga da China, a delicadeza concebida pela literatura de moralidade confuciana, destinava-se a manter a diferença de classes e a hierarquia. Como é natural, após a Revolução *Xinhai* de 1911, o sistema feudal da China foi abolido e a função de *lǐ* deixou de sinalizar hierarquia social, tornando-se um termo obscuro. À medida que a sociedade se foi desenvolvendo, alguns honoríficos ficam obsoletos. Aparentemente, *lǐ* assume duas novas funções nos dias de hoje: a melhoria da coerência social e a redução da tensão ou conflito interpessoal (Gu, 1990, 1992) .

2.3 Delicadeza na China contemporânea³⁵

Após ter perecido o regime feudal, a China viveu umas dezenas de anos que são designados por Kádár & Pan (2011) como o “período de transição”, após o qual o declínio das normas e expressões históricas da delicadeza se intensificou, operando-se a tomada de posse dos comunistas com a fundação da “nova China” (República Popular da China) e o início da China contemporânea.

Desde o estudo pioneiro de Gu (1990), a investigação da delicadeza contemporânea da China tornou-se um campo de colossal dimensão, pelo que está além do escopo do presente capítulo apresentá-lo de forma exaustiva. Em vez de uma revisão abrangente, iremos listar, brevemente, algumas vias mais importantes do estudo da delicadeza contemporânea chinesa.

Um contributo fundamental para esta área foi realizado por Luming Robert Mao (1994), que analisou a validade da aplicação do conceito de “face” proposto por Brown e Levinson (1978, 1987) à realidade chinesa, a que se seguiram vários estudos como os de Zhai (1994, 2006), Lee-Wong (2000), Ji (2000), Haugh e Hinze (2003) e Hinze (2007). O contributo de Haugh e Hinze é particularmente notável por ter problematizado a aplicabilidade do conceito de “face” no(s) contexto(s) chinês e

³⁴ 夫礼者，自卑而尊人。《礼记·曲礼上》

³⁵ Usa-se aqui o termo “contemporâneo” em vez de “moderno” porque historicamente representam dois períodos diferentes. “China contemporânea” refere-se à história após a fundação da República Popular da China (Y. Pan & Kádár, 2011a, p. 1531).

japonês. Deve notar-se que, a par destes estudos predominantemente sócio-pragmáticos, uma tendência de investigação multidisciplinar sobre a “face” chinesa foi sendo desenvolvida, sendo a monografia de Bond (1991) um dos exemplos mais representativos. Outra série de estudos relevantes incluem Zhan (1992), Zhang (1995), Pan (1995), Hong (1996), Li e Li (1996) e Chen (1996).

Uma outra linha de investigação, especificamente centrada nos atos de fala em chinês enriqueceu o conhecimento sobre a delicadeza chinesa, tendo revelado importantes dados sobre a delicadeza intercultural. A investigação, porventura, mais completa sobre a delicadeza chinesa intracultural contemporânea foi realizada por Pan (2000), onde a autora se interessa, principalmente, pelos estereótipos interculturais sobre a China contemporânea. Não é de estranhar o interesse pela investigação intercultural dada a crescente importância da China nos campos económico e cultural, merecendo citação os estudos de Ting-Toomey et al. (1991), Chen (1993), Yeung (1997) e Spencer-Oatey (1997, 2008).

Tenha-se em linha de conta que a literatura acima referida não faz uma distinção clara entre chinês histórico e contemporâneo, questão que só foi verdadeiramente abordada a partir de dois estudos, de Pan & Kádár (2011a) e de Kádár & Pan (2011). É esta dicotomia, abordagem histórica *versus* contemporânea, que permite estabelecer uma ligação profícua entre o passado e o presente da delicadeza e, ao mesmo tempo, aprofundar o *ethos* cultural chinês. A mudança registada coincide com campanhas, nomeadamente nos últimos anos, que favorecem o estudo de clássicos chineses, incluindo a restauração de valores tradicionais há muito abandonados, por exemplo, costumes tradicionais, tais como casamentos e funerais, etc. (Gu, 2011).

A formação do sistema de delicadeza contemporânea chinesa resulta das várias mudanças na sociedade chinesa durante a Revolução Comunista, a fundação da RPC, a Revolução Cultural e o Período de Reforma e Abertura.

Na era contemporânea da China, durante a Revolução Comunista (1921-1949) e após a fundação da RPC em 1949, o estabelecimento de uma nova forma de pensamento era tarefa principal, salientando as ideias de “igualdade” e “solidariedade” (Fairbank, 1997; Q. E. Wang, 2001), daí a introdução da expressão “tóngzhì” (同志, literalmente,

“aqueles que partilham ambições comuns”³⁶, camarada), no sistema de formas de tratamento do chinês. Com a preferência por uma expressão que veicula a camaradagem nas interações conversacionais, as fórmulas que eram tradicionalmente honoríficas foram abolidas. *Tóngzhì*, com forte conotação política e revolucionária, é tratada como uma forma de tratamento “universal” (Scotton & Zhu, 1983), independente da diversidade de poder ou estatuto social entre os interlocutores envolvidos na conversa. Além disso, “tóngzhì” pode ocorrer em diferentes formas:

- 1) tóngzhì (título sozinho): 同志 “Camarada”;
- 2) apelido + título: Wáng tóngzhì (王同志: “Camarada Wang”);
- 3) nome completo + título: Wáng Wèiguó tóngzhì (王卫国同志: “Camarada Wang Weiguo”);
- 4) função/cargo profissional + título “tóngzhì”: Zhǔrèn tóngzhì (主任同志: “Camarada Diretor”).

(adaptado de Scotton & Zhu, 1983, pp. 484–485)

Por exemplo:

- (1) 向雷锋同志学习!

Vamos aprender com o camarada Lei Feng!

(Mao Zedong no Diário do Povo, 05. 03. 1963, tradução nossa)³⁷

- (2) 老李同志, 请帮我一个忙。

Camarada Velho Li, por favor ajude-me.

(exemplo retirado de Kádár & Pan, 2011, p. 132, tradução nossa)

No último exemplo, o apelido Li e a forma de tratamento “tóngzhì” são modificados por um prefixo (também adjetivo) “lǎo”, que é literalmente “velho”.

Porém, aqui não tem o valor de “venerável” ou “inútil”, mas um sentido de “experiente”,

³⁶ Literalmente traduzida como “pessoa que tem a mesma ambição”.

A fórmula de “Tóngzhì” já foi utilizada na era da revolução de Sun Yat-sen: “Geming shangwei chengong, tongzhi rengxu nuli. 革命尚未成功, 同志仍需努力。[Como a revolução ainda não está concluída, todos os meus camaradas devem esforçar-se para realizá-la.]” (Fang & Heng, 1983, p. 496). “Tóngzhì” no testamento de Dr. Sun Yat-sen é usado como um termo equivalente para os seguidores revolucionários.

A estreia oficial do termo “tóngzhì” pelo Partido Comunista da China encontra-se na primeira declaração do partido sobre os seus objetivos políticos, que afirma que “aqueles que defendem a Constituição e as políticas do PCC podem ser aceites como nossos membros do Partido, como nossos camaradas” (凡承认本党纲领和政策者, 均可接收为党员, 成为我们的同志). (a Constituição do Partido Comunista da China, 1921).

³⁷ Editorial do Diário do Povo da China (人民日报 05.03.1963), em que o presidente Mao Zedong escreveu esta inscrição renomada para incentivar o povo chinês a aprender com o modelo altruísta, Lei Feng.

“respeitado” e de “sábio”, constituindo uma forma de tratamento com delicadeza adequada (cf. Capítulo 3, Parte I).

Durante o período designado por “Revolução Cultural”³⁸ (1966-1976), com o radicalismo ideológico inerente, o pensamento confuciano e neo-confuciano foi abandonado e, conseqüentemente, as práticas de delicadeza tradicionais foram eliminadas. Na Revolução, os Guardas Vermelhos³⁹ invadiram as casas da intelectualidade para realizarem a chamada inspeção dos “Quatro Antigos” (*Sìjiù* 四旧), que abrangem “Pensamentos antigos, Costumes antigos, Culturas antigas e Tradições antigas”⁴⁰. Concretamente, tratou-se de eliminar artefactos, livros, pinturas, etc., julgados como práticas “burguesas”, abolindo-se as normas e a ideologia tradicionais (Kádár & Pan, 2011, p. 131), situação que veio a terminar com o fim da iniciativa, em 1976.

Com a tomada de posse de Deng Xiaoping, teve início uma era de reformas económicas e de abertura para o exterior que propiciou uma mudança na atitude do governo central em relação à “delicadeza” (Kádár & Pan, 2011, p. 134), iniciando-se um período em que o pensamento velho, o novo, a ideologia e as práticas chinesas e ocidentais estão presentes e são até concorrentes. Essa mudança tem um enorme impacto no uso da linguagem delicada na interação social, tendo as massas sido incentivadas a usar expressões tais como *xièxie* (谢谢, obrigado), *qǐng* (请, por favor), etc., naturalmente, portadoras de uma vontade de maior delicadeza. Os valores confucianos foram ressuscitados como uma preciosa herança da nação chinesa e muitos dos comportamentos educados até então abandonados, passaram a ser praticados novamente, se bem que nem todos tenham sido revividos na sua versão original, uma vez que, não tendo sido redefinidos, a acomodação foi muito diversa. Muitas pessoas, incluindo intelectuais, não conseguiam usá-los de forma “adequada” (Kádár, 2007b).

³⁸ A Revolução Cultural teve início com uma crítica literária a uma peça de teatro chamada “A destituição de Hai Rui”, escrita pelo vice-prefeito de Xangai, Wu Han, a qual promoveu uma luta no seio do Partido, já que tratava da história de um funcionário antigo (da Dinastia *Ming*) que havia sido vítima do imperador tirânico (Dillon, 1998; J. Z. Gao, 2009). Na verdade, constituiu-o um meio para Mao se livrar de seus adversários políticos (Kádár & Pan, 2011, p. 132).

³⁹ Os Guardas Vermelhos eram civis, na sua maioria estudantes e outros jovens, que foram mobilizados por Mao Zedong durante a Revolução Cultural.

⁴⁰ 旧思想、旧习惯、旧文化、旧传统。

Assim, até hoje, a delicadeza contemporânea continua a ser, em grande parte, heterogênea e diferente da sua versão histórica.

Além disso, algumas das poucas formas tradicionais de deferência em uso, novamente, na era contemporânea, perderam a sua conotação honorífica. Por exemplo, a forma de tratamento *xiānsheng* (先生, literalmente “primeiro nascido”) para tratar as pessoas com estatuto social superior, que era uma fórmula reservada a professores universitários de ambos os sexos na era antiga, tornou-se o equivalente a “senhor” ou “marido” no ocidente (cf. Capítulo 3, Parte I). Outro exemplo de natureza idêntica será *xiǎojiě* (小姐)⁴¹, que se destinava ao tratamento de filhas de famílias nobres, sendo hoje em dia utilizada com o valor de “senhora” ou “menina”. Estas formas de tratamento deixam de expressar elogio como no seu contexto histórico, ao mesmo tempo que as formas de tratamento de auto-depreciação desaparecem, em grande parte, da linguagem coloquial chinesa (Y. Pan & Kádár, 2011b).

Ao contrário de muitas línguas ocidentais, onde a delicadeza podia ser indicada por uma mudança na estrutura sintática, como os vários formatos indiretos convencionais, a delicadeza chinesa histórica utiliza os seus elaborados itens lexicais honoríficos para sinalizar a delicadeza e o respeito apropriados à estrutura hierárquica entre os interlocutores. A delicadeza convencional em chinês observa-se mais frequentemente ao nível lexical do que sintático, como são exemplos, as expressões acima mencionadas: *xièxie* (谢谢, obrigado), *duìbùqǐ* (对不起, desculpe), ou *qǐng* (请, por favor).

Outra observação feita por Zhang (1995) refere-se à expressão indireta na língua chinesa que está frequentemente associada ao sequenciamento de informação, ideia que é também suportada por Scollon & Scollon (1991) que se referiram a esta prática como “padrão indutivo de introdução tópica” (Scollon & Scollon, 2001, p. 75) . Com efeito, os chineses, tal como outros asiáticos, geralmente adiam a introdução do tópico até depois de um período considerável de “pequenas conversas”.

Apesar da mudança de comportamentos e de práticas linguísticas, análises têm

⁴¹ Nos últimos anos, devido a certas mudanças na sociedade, nomeadamente a era de Reforma de Abertura, a forma de tratamento *xiǎojiě* 小姐 acabou por ser abandonada para tratar todas as senhoras, porque se tornou numa fórmula particular com conotação negativa de “prostituta” (Y. Pan & Kádár, 2011b, pp. 82–83).

demonstrado que o sistema linguístico honorífico na língua chinesa não sofreu uma renovação profunda em relação às referências à hierarquia. A estrutura hierárquica tradicional foi simplesmente substituída por uma nova visão hierárquica das interações linguísticas (Y. Pan & Kádár, 2011a), continuando os recursos discursivos aplicados nas interações sociais contemporâneas a satisfazer os requisitos sócio-pragmáticos de reconhecimento das diferenças do poder e da distância social. Scollon e Scollon (1995/2001) estiveram entre o primeiro grupo de estudiosos a destacar uma característica única da cortesia chinesa, ou seja, o uso assimétrico de estratégias de delicadeza entre os interlocutores, tendo por isso definido o sistema como de delicadeza “hierárquica”. Consideram os autores que este sistema de delicadeza hierárquica “moderna” se baseia no reconhecimento e no respeito pelas diferenças sociais que colocam um participante na interação numa posição superior-coordenada e o outro numa posição subordinada, posições estas, definidas pela idade, sexo, estatuto social, entre outros (Scollon & Scollon, 1995/2001, p. 55). Os estudos mais recentes convergem em afirmar que há sempre algum tipo de ordem hierárquica entre os interlocutores envolvidos numa interação conversacional.

Na verdade, sob alguns pontos de vista, a delicadeza linguística chinesa contemporânea pode mesmo apresentar-se como mais complexa do que a sua equivalente histórica.

2.4 Gu e o Princípio de Delicadeza chinesa

O estudo matricial de Yueguo Gu (1990), versão revista de anterior trabalho (1985), representará a primeira tentativa para examinar, a partir de uma perspectiva pragmática, o conceito chinês de *lǐmào*, fenómeno de delicadeza linguística analisável. Baseando-se nas máximas conversacionais de Leech (1983), Gu interpreta os valores de *lǐ* segundo os usos, tanto clássicos como contemporâneos, chegando a cinco máximas de delicadeza particulares para a língua (e cultura) chinesa:

- 1) a Máxima de Auto-depreciação;
- 2) a Máxima de Formas de tratamento;
- 3) a Máxima de Refinamento da língua;
- 4) a Máxima de Acordo;
- 5) a Máxima de Virtudes-palavras-comportamentos (Gu, 1992)⁴².

A Máxima de **Auto-depreciação** consiste em (a) depreciar-se a si próprio e (b) elogiar o outro. Possuindo características particulares chinesas, esta máxima é essencial na delicadeza da cultura, mesmo que estudos recentes (ex. Kádár & Pan, 2011) argumentem que a auto-depreciação e o elogio dedicado perderam já o seu significado tradicional⁴³. Com esta máxima, o locutor utiliza a forma de tratamento inferior para ele próprio e desvaloriza os assuntos relacionados com ele, enquanto louva os relacionados com o seu alocutário. Desconsiderar o outro é visto como indelicado e auto elogiar-se é interpretado como sendo arrogante ou pretensioso, de modo que o funcionamento das máximas de auto-depreciação e de formas de tratamento orienta-se pelo cuidado dos participantes para com a hierarquia, a deferência, a solidariedade e o poder interpessoal, mesmo em situações não presenciais (Weifang Zhu, 1998).

⁴² Optou-se por uma tradução ao pé de letra.

⁴³ Muito provavelmente, esta situação é válida para o mandarim na China continental, embora, em Hong-Kong, Macau e Taiwan se mantenham as fórmulas de delicadeza mais formais, sobretudo nos requerimentos oficiais, por exemplo.

Esfera de delicadeza	Uso com auto-depreciação	Uso com elogio de outros
peessoa	bǐrén 鄙人 (eu próprio humilde)	nín 您 = <i>vous</i> ⁴⁴
apelido	bìxìng, jàixìng 鄙姓、贱姓 (apelido humilde)	zūnxìng, guìxìng 尊姓、贵姓 (apelido respetivo/nobre)
profissão	bēizhí 卑职 (profissão humilde)	zūnzhí 尊职 (profissão respetivo)
opinião	yújiàn 愚见 (opinião estúpida)	gāojiàn 高见 (opinião grandiosa)
escrita/obra	zhūozuò 拙作 (trabalho grosseiro)	dàzuò 大作 (trabalho grandioso)
esposa	nèizhù 内助 (ajudante doméstica)	fūrén 夫人 (esposa)
filhos	quǎnzǐ ⁴⁵ 犬子 (filho muito humilde) xiǎonǚ 小女 (pequena filha)	gōngzǐ 公子 (filho refinado) qiānjīn 千金 (mil peças de ouro; filha preciosa)
casa	hánshè 寒舍 (casa simples e grosseira)	guìfǔ 贵府 (mansão preciosa)
escola	bìxiào 敝校 (escola humilde)	guìxiào 贵校 (escola preciosa)
visita	bàifǎng 拜访 (literalmente como “visitar [o superior] com prostração”) ⁴⁶	shǎngguāng 赏光 (literalmente como “oferecer luminosidade”, ao convidar o alocutário)

Quadro I-5 Lexicalização ilustrativa da máxima de Auto-depreciação (adaptada de Gu, 1990, p. 248)

Os chineses têm, portanto, em conta a máxima da auto-depreciação, elogiando o outro com o termo “guì” (贵 preciosa, nobre) ao referir-se aos trabalhos, membros da casa ou profissão do alocutário, etc. Como existem inúmeros termos com valor delicado em chinês, o quadro supracitado será somente um exemplo ilustrativo (Gu, 1990, 1992; Guo & Xu, 2005).

Quanto aos elogios, os chineses costumam, primeiro, realizar uma auto-depreciação, rejeitando ser louvados, a fim de mostrar a sua modéstia. Tomemos como exemplo o modo como a esta questão se refere um comentador chinês, Fu Pei: “Um locutor não poderia referir-se ao seu próprio nome como *guìxìng*, embora na china moderna, *bǐ/bì* seja raramente usado em chinês falado, *guìxìng* ainda é frequentemente

⁴⁴ Oportou-se pela forma francesa, como no original. Posteriormente faremos alusão a este valor em português.

⁴⁵ Nome infantil de Sima Xiangru (司马相如, 179 – 117 a.C.), poeta, escritor e músico da Dinastia *Han Ocidental* (202-8 a.C.). É uma figura importante na história da poesia clássica chinesa. Importa mencionar que, quanto às formas de tratamento dos familiares do locutor, em chinês, nota-se a tendência de realizar a auto-depreciação. Os chineses utilizam palavras com sentido bastante humilde para mencionar os seus próprios filhos, por exemplo, “xiǎo” (pequeno), mesmo que não haja preocupação da diferença hierárquica social ou profissional entre o falante e o destinatário.

⁴⁶ Também pode ser 拜谒 quando se refere à visita do locutor ao destinatário (Y. Pan & Kádár, 2011a, p. 1530).

usado quando perguntamos o nome de outra pessoa.” (Leech, 2005, p. 11). Vejamos agora um diálogo:

(3) A: - bìxìng wáng, nín guìxìng?

敝姓王，您贵姓？

O meu apelido humilde é Wang, qual é o seu precioso apelido?

B: - miǎn guì xìng zhāng.

免贵姓章。

O meu desvalorizado apelido é Zhang.

(adaptado de Gu, 1990, p. 246; Leech, 2005, p. 11)

A Máxima das **Formas de tratamento**, estritamente ligadas à delicadeza, constitui uma característica relevante da cultura chinesa (cf. Capítulo 3, Parte I). Esta máxima é baseada nas noções de respeitabilidade; consiste em tratar o seu alocutário com uma fórmula de tratamento adequada. Mesmo que alguns termos com sentido hierárquico feudal já sejam obsoletos na sociedade chinesa moderna, ao referir-se diretamente a outros, as pessoas ainda consideram inevitavelmente o grau de proximidade com o interlocutor e o estatuto social do mesmo. Por exemplo, a uma criança nunca será permitido chamar diretamente os nomes dos membros da família de mais idade (avós, pais, tios, irmão mais velho, etc.), nem os dos professores, mesmo que tenha com eles uma relação bastante próxima. Respeitando o mesmo princípio, apresentamos outro exemplo: o adjetivo *lǎo* (老, velho), na cultura chinesa, veicula o sentido de alguém experiente, respeitado e com conhecimentos abundantes; por exemplo, para referir um estudioso, aplica-se *lǎo* junto com o apelido da pessoa, “*Lǐlǎo*” (李老), “*Zhānglǎo*” (张老). Porém, na cultura ocidental, tratar um senhor ou uma senhora como ‘Velho Gonçalves’, ‘Velha Santos’, não é aceitável do ponto de vista da boa delicadeza. O capítulo seguinte irá centrar-se nesta máxima de Gu, nos subsistemas das formas de tratamento nas duas línguas, português e chinês, de modo a abordar esta temática, partindo do pressuposto de que o seu uso é suscetível de refletir atitudes culturalmente tão marcadas que pode tornar problemáticas as interações entre falantes menos experientes dos dois povos.

A Máxima de **Refinamento da língua**, consiste em utilizar uma linguagem refinada, por exemplo, a utilização do eufemismo, com que se disfarçam as ideias desagradáveis por meio de expressões mais suaves. O locutor deverá também tentar evitar léxico grosseiro, bem como formas descuidadas ou demasiado diretas. Na língua chinesa, as áreas em que se deve optar por eufemismo incluem óbito/morte, sexo/cópula, excremento, doença incurável, entre outras (Gu, 1992, p. 13). Por exemplo, o óbito/a morte (*sǐ*, 死) é sempre evitado, para não ser considerado indelicado ou ofensivo (Gu, 1990, 1992; Guo & Xu, 2005), sendo substituído por *chángmián* (长眠, dormir para sempre), *shìshì* (逝世, falecer), *qùle* (去了, partido), *ānxi* (安息, descansar em paz), etc.

A Máxima de **Acordo** refere-se aos esforços feitos por ambos os interlocutores para maximizar o acordo e a harmonia mútua e para minimizar a divergência ou conflito entre os dois, não divergindo muito, portanto, da Máxima de Acordo de Leech (1983, ver Capítulo 1, Parte I). Por exemplo, na cultura chinesa, ao convidar alguém para uma refeição em sua casa (muitas vezes jantar) é normal fazer-se insistindo, reiteradamente, enquanto o convidado deverá rejeitar, também, várias vezes, em sinal de delicadeza. Caso o convidado aceitasse imediatamente o convite, seria, muito provavelmente, visto como indelicado (Gu, 1992). Neste caso seria violada a face negativa do locutor; porém, na cultura chinesa, em atos de fala de “convidar e oferecer”, a Máxima de Acordo terá prioridade sobre os deveres de “preservar a face” do locutor. Entenda-se que o objetivo final não é recusar o convite, mas chegar a um “acordo”; um consenso de tal modo importante que é referido num ditado chinês, frequentemente utilizado no fecho da interação por parte do alocutário (convidado): “Mais vale aceitar o convite do que permanecer na cerimónia [gōngjìng bùrú cóngmìng].”⁴⁷

A Máxima de **Virtudes-palavras-comportamentos** refere-se à minimização dos custos e maximização dos benefícios do outro.

As últimas duas máximas têm uma natureza próxima da máxima de Tato e de Generosidade de Leech (1983), mas com ligeiras diferenças, mais especificamente, em convites e oferta de bens e serviços, que não deixaremos de mencionar.

⁴⁷ “恭敬不如从命。”

Gu (1990) afirma que as duas máximas leechianas, a Máxima de tato e a máxima de generosidade, são complementares porque os atos impositivos e os comissivos são transacionais (Gu, 1987, 1990). Do ponto de vista da dimensão de “custo-benefício” (Leech, 1983), os atos de fala impositivos do locutor serão, exatamente, os comissivos do alocutário, e vice-versa. Em atos de fala impositivos, o locutor cumpre a Máxima de Tato, enquanto o seu alocutário observa a Máxima de Generosidade, respondendo aos atos do locutor (o que inclui reações perlocutórias), e vice-versa (Gu, 1987, 1990). Observemos o exemplo do “convite”, uma interação altamente estruturada, para ilustrar o modo como as duas máximas funcionam em conjunto.

Raramente um processo de “convite” é realizado por meio de um ou dois enunciados; uma sequência de enunciados orientados pela delicadeza será necessariamente feita. Depois do convite, há algumas opções: se o/a convidado/a não pode, ou não quer ir, pode recusar imediatamente, dando uma explicação (e muitas vezes com uma expressão facial de lamento); se o/a convidado/a, de facto, vai aceitar o convite, um padrão geral é seguido:

- i. A: convite
B: recusa
- ii. A: convite
B: recusa
- iii. A: convite
B: aceitação (Gu, 1990, p. 253; Leech, 2005, p. 11)

Leech, curiosamente, denomina esta sequência de interações de “batalha de delicadeza” (Leech, 2005, p. 12). Um exemplo dessa “batalha” pragmática é exposto a seguir:

(4) A e B são amigos, A convida B para jantar em casa, no dia seguinte⁴⁸:

A: míngwǎn	lái	jiālǐ	chīfàn	a!
明晚	来	家里	吃饭	啊!
Amanhã à noite	vem	à casa	jantar	(partícula modal) ⁴⁹ !

⁴⁸ A tradução mais apropriada dos enunciados encontra-se entre parênteses.

⁴⁹ Dada a complexidade dos usos das partículas modais em mandarim, apresentamos, apenas, a tradução relativa ao enunciado. Neste caso, o uso da partícula acrescenta um valor de delicadeza ao enunciado.

(Vem, amanhã, jantar a minha casa!)

B: bù le, tài máfan le.

不了, 太 麻烦 了。

Não, muito incomodar (partícula modal, expressão de delicadeza).

(Deixa estar, não quero incomodar.)

A: máfan shénme, dōushi jiāchángbiànfàn.

麻烦 什么, 都是 家常便饭。

Incomodar o quê, todos são pratos de casa.

(Não incomoda nada, é só um jantar familiar.)

B: nà yěděi zuò ya, jiù bù dǎrǎo nǐmen le.

那 也得 做 呀, 就 不 打扰 你们 了。

Mas também tens de fazer (partícula modal, reforço da negação), portanto não incomodar-vos (partícula modal, mudança de estado).

(Mesmo assim, tem que ser feito. Deixa estar.)

A: nǐ bùlái wǒmen yěděi chīfàn.

你不来 我们 也得 吃饭。

Tu não vens, nós também precisamos de comer.

(Mesmo que não venhas, também temos de jantar.)

B: nà hǎoba! wǒ jiù búkèqì le !

那 好吧! 我就 不客气 了!

Então, bem (partícula modal, expressão da delicadeza)! Eu não vou ser polido (partícula modal, mudança de estado)!

(Bem! Então não faço mais cerimónias!)

(Exemplo adaptado de Leech, 2005, p. 12)

A conversa acima apresentada é um processo bem-sucedido de um “convite”, embora seja provavelmente estranho para locutores de outras culturas. Neste diálogo, o que para A é delicado será indelicado para B, i.e., “vem a casa jantar” é um benefício para B, um custo para A; B quer mostrar a sua generosidade, rejeitando o convite, maximizando oralmente (e só) o custo para A, seguindo a Máxima de Tato. É legítimo concluir-se, então, que, numa cultura como a chinesa, a Máxima de Generosidade e de Tato funcionam de forma cooperativa e complementar. Estas “batalhas” pragmáticas

são somente resolvidas (como neste caso, o convidado aceitou “relutantemente” o convite) através de uma interação profundamente marcada pela intenção de delicadeza.

2.5 Conclusão

Neste capítulo foram passados em revista os principais fenómenos da delicadeza chinesa, tendo como pano de fundo o desenvolvimento histórico no interior daquela cultura. O estabelecimento dos períodos e a compreensão dos fenómenos sociais, culturais e políticos ocorridos nesses momentos históricos, explicam a descontinuidade (desconexão, nos termos de Pan, 2008, p. 328) registada no sistema da delicadeza chinesa e ajudam a interpretar a diversidade no presente. Tal diversidade encontra-se plasmada no sistema de tratamento, igualmente complexo, que será abordado no Capítulo 3 desta primeira parte.

Capítulo 3 A Questão das Formas de Tratamento

3.1 Introdução

Como se depreende da leitura do capítulo anterior, o sistema do tratamento ocupa um espaço privilegiado no interior de toda a expressão da delicadeza. Com efeito, as formas de tratamento, sendo meios linguísticos utilizados obrigatoriamente pelos interlocutores, representam a maneira através da qual se dirigirem um ao outro (Fasold, 1990) mas, sobretudo, marcam a percepção mútua sobre a classe e o estatuto que conferem ao outro e a si próprios (Thomas, 2006). Não é, pois, de estranhar que a escolha da forma de tratamento na interação seja culturalmente marcada e que, portanto, a opção do aprendente, num contexto de aprendizagem de uma língua não materna, lhe coloque questões só resolúveis através de uma consciência intercultural bem solidificada. No caso da aprendizagem da língua portuguesa por universitários chineses este aspeto tem particular acuidade, como também a situação inversa a terá.

Nesta dissertação e, neste capítulo em particular, justifica-se, portanto, uma aproximação entre os sistemas de tratamento da língua portuguesa e do mandarim, nos

dias de hoje, bem como os seus empregos, assim como a investigação dos impactos deixados pelos respetivos fatores contextuais, quer históricos, quer culturais, ao longo das histórias de Portugal e da China. Na verdade, as histórias de Portugal e da China tomaram rumos muito distintos no seu desenvolvimento, tornando incompatível o estabelecimento de certos termos de comparação sincrónica, o que não impede o paralelo que aqui se tenta fazer. Antes, porém, teceremos algumas considerações sobre os conceitos de “poder” e de “solidariedade”, partindo do estudo fundamental de Brown e Gilman (1960); na verdade, considerações que poderiam ter sido realizadas em momento anterior, uma vez que são válidas para todo o sistema da delicadeza.

3.2 “Poder” e “Solidariedade”

Segundo Brown & Gilman, no seu estudo *The Pronouns of power and solidarity* (1960), cuja publicação inaugurou o campo de estudo das “formas de tratamento” (Medeiros, 1992, p. 330), o desenvolvimento europeu de dois pronomes de tratamento, começa com o *tu* e *vos* latino. Os autores usaram os símbolos *T* e *V* para distinguir os usos a que chamaram “familiar” e “delicado” do pronome, sendo esta distinção extensiva a qualquer língua: “[...] we propose to use the symbols *T* and *V* (from the Latin *tu* and *vos*) as generic designators for a familiar and a polite pronoun in any language.” (R. Brown & Gilman, 1960, p. 254). Esta tentativa de objetivação da relação entre o locutor e o alocutário a partir dos pronomes utilizados não só tornou compreensivos muitos dos valores e recursos em jogo numa interação como permitiu apresentar uma visão polarizada da sociedade entre duas forças: o poder e a solidariedade.

O “Poder” representa uma relação não-recíproca entre duas pessoas, no sentido em que ambos não podem ter força idêntica na mesma área de comportamento⁵⁰. Uma pessoa é vista como poderosa por possuir maior grau de poder relativamente a outrém:

⁵⁰ Na história da humanidade, filósofos e fundadores de religiões trataram explicitamente questões de poder e desigualdade. Na China, cerca de 500 a.C., Confúcio sustentou que a estabilidade da sociedade se baseava em relações desiguais entre as pessoas (Hofstede et al., 2010, p. 80).

“There are many bases of power – physical strength, wealth, age, sex, institutionalized role in the church, the state the army, or within the family.” (R. Brown & Gilman, 1960, p. 255). A semântica do “poder” é, portanto, não-recíproca, assimétrica: o mencionado “superior” dá *T* e recebe *V* (Brown & Gilman, 1960, pp. 255–257).

A utilização simétrica de *V* veio a ser uma forma com delicadeza nas comunicações em certas classes, mas nunca chegou às pessoas de estatuto inferior, segundo Wardhaugh (2006, p. 261). Por outro lado, a utilização simétrica de *T* está sempre disponível quando se prefere uma relação em que os interesses comuns são fortes, i.e., quando se efetiva a solidariedade.

A “solidariedade”, cuja entrada nos pronomes europeus é vista como um meio diferenciador das formas de tratamento, promove um equilíbrio no sistema bidimensional. O resultado desta extensão da dimensão da solidariedade pode ser visto ao longo das linhas pontilhadas (Figura I-2), criando seis categorias de interlocutores, definidas pela respetiva relação com o locutor.

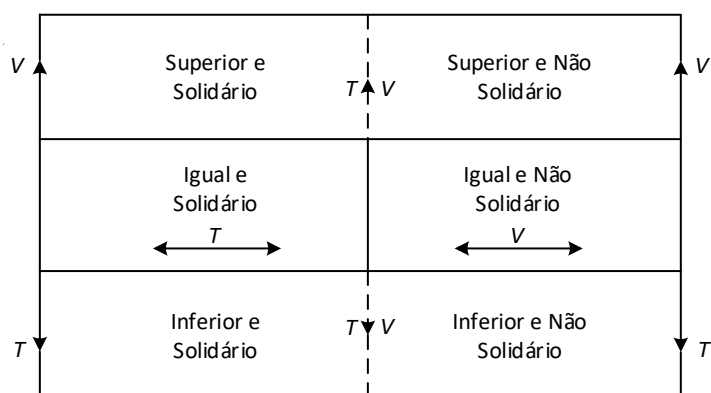


Figura I-2 O elemento bidimensional no tratamento (adaptado de Brown & Gilman, 1960, p. 259)

Com o desenvolvimento gradual da sociedade, o uso da relação assimétrica *T/V* foi acompanhado pelo de *V/V*, até que a solidariedade ganhou mais importância que o poder em várias sociedades, nomeadamente entre os jovens de classe superior de França, Alemanha, Itália e se iniciou o uso frequente de *T* (Wardhaugh, 2006). É nesta medida que se pode afirmar que a distinção entre os pronomes deixou de representar, meramente, formas pronominais no singular ou no plural, passou a ser *T* de intimidade

e *V* de deferência (R. Brown & Gilman, 1960).

Apurando a evolução da mudança de assimétrica *T/V* ou *V/V* de delicadeza para a mútua utilização de *T*, a consideração dos fatores com que se decide o grau de intimidade e de reverência não deixa de ser complexa, sendo muito variáveis os fatores que governam a escolha de *T* ou *V*: estatuto social, género, idade, relação familiar, profissão, poder económico, entre outros (Carreira, 1995; Wardhaugh, 2006).

Carreira destaca os valores familiares e a idade como sendo preponderantes na hierarquia que preside às escolhas do falante para se situar face ao outro:

La hiérarchie selon les valeurs familiales et selon les valeurs d'âge joue également un rôle important [...] Chaque locuteur peut se situer et situer l'autre ou les autres à qui il s'adresse ou dont il parle, au même niveau, à un niveau supérieur ou à un niveau inférieur. Le choix du traitement découle directement de l'évaluation que le locuteur fait de ces facteurs [susmentionné].

(Carreira, 1995, p. 99)

Wardhaugh inclui outros fatores como a “ocasião particular”, supostamente recaindo em grande parte no contexto da situação, o estatuto social, e, só então, outros elementos como o género, a idade, a hierarquia ocupacional ou profissional:

If we look at what is involved in addressing another, it seems that a variety of social factors usually governs our choice of terms: the particular occasion; the social status or rank of the other; gender; age; family relationship; occupational hierarchy; transactional status (i.e., a service encounter, or a doctor–patient relationship, or one of priest–penitent); race; or degree of intimacy.

(Wardhaugh, 2006, p. 272)

As formas de tratamento abrem atos comunicativos e definem o tom com que as interações que se realizam, apoiando os utilizadores de línguas como o inglês ou o chinês, e é difícil/impossível fazer distinção das relações interpessoais meramente com pronomes ou conjugações verbais. A escolha de formas de tratamento apropriadas em algumas situações é bem clara, por exemplo quando a origem racial era um fator extremamente importante (como no caso da América do Norte) ou quando o

interlocutor comunicava no âmbito de uma hierarquia dentro do clã (na China antiga, por exemplo). Porém, nos dias de hoje e na maioria das sociedades que considera a importância da igualdade e da solidariedade, surgirão, muito provavelmente, incertezas quando é pretendida a opção adequada das formas de tratamento. Portanto será necessário investigar não só os fatores socioculturais da língua materna, como também da língua com a qual se realizam as comunicações verbais, pelo que a escassez de conhecimento dos fatores que sustentam e influenciam os diferentes sistemas de formas de tratamento provocará possíveis perigos nas interações ou até nas relações.

3.3 Formas de tratamento em Português

Existem línguas em que as formas de tratamento constituem um sistema complexo e a língua portuguesa encontra-se presente nesta lista (Villalva, 2004, p. 21), despertando a atenção de investigadores portugueses e estrangeiros, atraídos pela sua complexidade e instabilidade. A complexidade, causadora de espanto em falantes de outras línguas, não deixa de apresentar dificuldade até para falantes nativos da língua portuguesa (Carreira, 2004) nem sempre sabendo interpretar a sua inadequação.

À parte das dificuldades de pronúncia, dois obstáculos principais para o principiante (na aprendizagem do português) são a gramática complexa, especialmente no que se refere aos verbos, e a forma de tratamento antiquada, quase oriental.

*(Fryer & Pinheiro, 1961, p.123
apud Cintra, 1972, p. 8)*

Os mais relevantes estudos sobre a problemática terão sido realizados por Cuesta & Luz (1971), Lindley Cintra (1972), Wilhelm (1979), Michel de Oliveira Medeiros (1985), Günther Hammermüller (1993), Carreira (1995), entre outros, registando-se o facto de se encontrar um número significativo de estudos elaborados por linguistas cuja língua materna não é o português, como refere Carreira (2004).

Il est significatif que les études développées sur le "tratamento" du portugais proviennent en grande partie de linguistes dont la langue maternelle n'est pas le portugais ou alors de linguistes ayant été sensibilisés à ce problème par le biais de l'étrangeté que les formes d'adresse provoquent chez les étrangers qui apprennent le portugais.

(Carreira, 2004, p. 5)

3.3.1 Classificação das formas de tratamento em Português

Nos estudos acima referidos sobre as formas de tratamento em português europeu contemporâneo, os seus autores optaram por abordagens distintas como as que assentam em critérios morfossintáticos, semântico-pragmáticos ou semântico-lexicais.

O estudo de L. F. L. Cintra (1972) foi crucial para os futuros estudos, sendo ricas a descrição da evolução diacrónica bem como a sistematização das formas de tratamento existentes. A sua perspetiva morfossintática focaliza-se nas formas de tratamento que podem desempenhar o papel de sujeito, aceitando, segundo a sua proposta, uma divisão em tratamentos nominais, tratamentos pronominais e tratamentos verbais:

- 1) Tratamentos nominais:
 - *o(s) senhor(es), a(s) senhora(s)*
 - *o senhor doutor, o senhor Ministro, etc.*
 - *o pai, a mãe, o avô, etc.*
 - *o João, a Maria, etc.*
 - *a minha amiga, o professor, o amigo, etc.*
- 2) Tratamentos pronominais: *tu, você, vocês, Vossa Excelência, Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Senhoria, etc.*
- 3) Tratamentos verbais: sem sujeito exposto, ou seja, a simples utilização do verbo conjugado: *Queres um café? Quer um café?* e no plural *Querem café?* (Cintra, 1972).

Com base neste sistema tripartido, Sandi Michele de Oliveira Medeiros (1985)⁵¹ distingue, dentro do grupo de formas de tratamento nominais, vários subgrupos segundo a perspectiva semântico-lexical. Segundo Medeiros, as fórmulas de tratamento podem ser acompanhadas por determinantes definidos e/ou possessivos, adjetivos, bem como, no caso de vocativos (que fica fora do campo de observação do presente trabalho), de partícula interjetiva. O uso dos determinantes pode aumentar ou reduzir a proximidade ou a distância entre os interlocutores.

- 1) Nome próprio e/ou Nome apelido: *Maria, João, Silva, Maria Silva*;
- 2) Nome de parentesco: *pai, filho, avó, tia, prima*;
- 3) Nome de afeto: *querido, lindo, amor*;
- 4) Nome de profissão: *advogado, professor, médico, taxista*;
- 5) Título académico: *engenheiro, professor, arquiteto, doutor*;
político: *presidente, ministro, secretário de estado, deputado*;
civil: *chefe, administrador, secretária*;
militar: *sargento, coronel, general*;
religioso: *padre, frade, bispo*;
- 6) Título nobiliárquico: *duque, conde, fidalgo, majestade*;
- 7) Título honorífico: *Vossa Magnificência, Vossa Senhoria, Vossa Excelência*;
- 8) Senhor/a, Dona: *senhor, senhora, dona, senhora dona*;
- 9) Nomes de relação especial: *camarada, vizinho, amigo*;
- 10) Insultos: *burro/a, estúpido/a* (Medeiros, 1985, pp. 247–256).

A proposta de Medeiros (1985) é semelhante à classificação elaborada por Cui (1996) e por Cao (2005) para o sistema das formas de tratamento no mandarim, que será analisado adiante.

Medeiros (1985) considera que, na sistematização realizada por Cintra, a essência da inter-relação dos pronomes e nominais não foi capturada e propõe, por isso, uma nova classificação das formas de tratamento, substituindo a designação morfossintática

⁵¹ Embora o estudo se tenha baseado numa determinada comunidade (habitantes em Évora), a autora considera que a conclusão que retirou é aplicável a todo o país.

de Cintra por uma classificação mais fina e onde as “*Zero forms*” correspondem aos “tratamentos verbais” de Cintra:

- 1) Pronomes puros (*Pure pronouns*): *tu, você e vossemecê* e os seus plurais;
- 2) Pró-pronomes (*Propronouns*): nomes e sintagmas nominais usados como pronomes;
- 3) Formas zero (*Zero forms*): verbos sem sujeito expresso.

O sistema problemático de tratamentos cerimoniais de Cintra é classificado como o grupo de pró-pronomes, como também todos os tratamentos nominais.

Um dos contributos mais importantes de Cintra é a divisão das formas de tratamento de acordo com uma perspectiva semântico-pragmática que está apta a estabelecer nexos com a hierarquização da sociedade portuguesa pela atenção dada aos valores transmitidos pelas formas de tratamento, bem como também com as relações interpessoais estabelecidas.

Efetivamente, entre as formas de tratamento do português atual é possível distinguir:

- 1) Formas próprias da intimidade: *tu*;
- 2) Formas usadas no tratamento de igual para igual (ou de superior para inferior) e que não implicam intimidade: *você*;
- 3) Formas chamadas “de reverência” e “de cortesia”: o senhor, o António, *o Sr. Dr. António, a Sr^a Maria, a D. Maria, V. Ex^a*, etc. (Cintra, 1972, pp. 14–15).

No presente trabalho, optarei pela classificação de Cintra (1972).

3.3.2 A visão tripartida em Cintra

Desde o início do Séc. XX até os dias de hoje, é possível, apesar da relativa instabilidade do sistema sintetizar em modelo tripartido, as principais formas de tratamento (Biderman, 1972; Cintra, 1972):

	Íntimo	Não-íntimo		
		<i>V. Ex^a</i>		supra-superior
superior	<i>O senhor</i> <i>A senhora</i>	<i>O senhor</i> <i>A senhora</i>		
Igual	<i>tu</i>	<i>Familiar</i>	<i>Distante</i>	
		<i>Você</i>	<i>O senhor</i> <i>A senhora</i>	
inferior	<i>tu</i>	<i>Você</i>		

Quadro I-6 O sistema tripartido de formas de tratamento (adaptado de Biderman, 1972, p. 365)

Carreira (1995), baseando-se nos estudos anteriores, apresenta uma nova proposta da delimitação semântico-pragmática das formas de tratamento em Português de Portugal contemporâneo. Na sua proposta, para além do grau de formalidade/inferioridade, a delimitação semântico-pragmática das diversas formas de tratamento junta-se a um conjunto de valores socioculturais e intersubjetivos, onde os mais relevantes poderão ser identificados com um eixo vertical:

+FAMILIARIDADE		+ FAMILIARIDADE		- FAMILIARIDADE
-DISTÂNCIA		+ DISTÂNCIA		+ DISTÂNCIA
→				
Tu	Você(s)	o/a nome próprio e nome apelido	o/a Sr/ ^a /D ^a	o/a título
				o/a Sr/ ^a + título
				V.Ex ^a /Sr ^a
-CORTESIA		+ CORTESIA		+CORTESIA

Figura I-3 As formas de tratamento e as relações interpessoais (Carreira, 1995)

A proposta de Carreira (1995) leva em linha de conta a hierarquização de lugares,

estabelecendo um nexo entre os valores que provocam o grau de familiaridade e a distância entre os interlocutores, por um lado, e, por outro, os valores de delicadeza. Quanto menor for a familiaridade, maior será a distância entre os interlocutores, conseqüentemente, mais recursos da delicadeza serão convocados. O locutor escolhe o tratamento adequado, avaliando estes fatores para se situar a si próprio (tratamento elocutivo), a quem se dirige (tratamento alocutivo) ou a quem está presente ou ausente na interação conversacional (tratamento delocutivo) (Carreira, 1995, 2001, 2004).

A escolha da adequada fórmula no tratamento depende do estatuto social, do sexo, da idade, da relação familiar, da profissão ou da riqueza (Carreira, 1995; Wardhaugh, 2006), mas o registo da linguagem que o locutor adota também emana da posição hierárquica em que os interlocutores reciprocamente se colocam e tacitamente aceitam. Numa conversa em que os dois lados são considerados iguais, qualquer que sejam os fatores preponderantes supracitados, por exemplo, a idade, o sexo, o grau académico ou mesmo a situação de locução, o registo pode ser inferior, ou seja, informal, sendo admitidas formas de tratamento que indiciam maior proximidade. Quanto à situação em que se estabelece uma relação assimétrica de superioridade/inferioridade entre os interlocutores, a liberdade de escolha do registo linguístico fica reduzida, tende-se a captar mais formalidade, mais distância e um maior grau de delicadeza: os mais novos não falam com os mais velhos como falam uns com os outros, chefes e subordinados controlam o seu uso da língua quando interagem verbalmente. Os homens também não falam com os seus amigos como numa conversa com as suas esposas.

Neste particular, para se estabelecer e conhecer os diversos padrões de delicadeza preferido pelos portugueses, carecemos de investigação.

3.4 Formas de tratamento em Chinês

Tal como no caso português, apresentaremos, de forma genérica, as formas de tratamento que se empregam, nos dias de hoje, em mandarim, bem como os seus fatores socioculturais mais influentes. O campo de observação será restringido à linguagem utilizada por pessoas cultas ou semicultas; excluindo os dialetos.

Em primeiro lugar daremos conta da discussão frequente entre os autores chineses no que diz respeito ao próprio conceito de tratamento. Muitos autores defendem que, dada a complexidade do sistema em mandarim, há vantagens em distinguir o que são formas de tratamento propriamente ditas do que pode ser designado por “termos titulares”.

3.4.1 Questões terminológicas e de categorização

As primeiras considerações destinam-se a interações onde não se apresenta distinção entre os chamados *chēnghū* (称呼 formas de tratamento) e *chēngwèi* (称谓 termos titulares)⁵² (Y. Chen, 1990; Gu, 1992; Pan & Kádár, 2011b; J. Shi, 2003; W. Sun, 1991; Y. Yang, 1989). Outra perspetiva é a das que consideram as “formas de tratamento” parte dos “termos titulares”, tal como é proposto pelo Dicionário do Chinês Contemporâneo (2016, p. 157). Autores como Cao (2005), Yao (2008), Zheng (2005) consideram aceitáveis as duas perspetivas.

Se a primeira perspetiva é a mais comumente disseminada na China, porventura, seria menos apropriada num estudo como este porque, para o português, ela não foi feita. Optaremos por tentar incluir, nesta síntese, os melhores estudos, independentemente da perspetiva tomada, até porque a distinção a que nos referimos nem sempre interfere decisivamente na natureza das classificações, dado que os autores

52 A tradução dos dois termos *chēnghū* (称呼) e *chēngwèi* (称谓) para português apresenta alguma dificuldade, não só porque ambos se formam a partir do carácter 称 (*chēng*, chamar/tratar), com as consequências naturais na conotação dos mesmos, mas também porque não há literatura em português disponível para enquadrar situações semelhantes. Tendo em conta que os títulos dos artigos publicados por investigadores relevantes chineses (W. Cao, 2005; D. Li, 2012, etc.) utilizam “appellation” para se referir a *chēngwèi* (称谓) e “Addressing Terms” ou “Terms of Address” para *chēnghū* (称呼), considerando também as discussões sobre as conotações dos dois termos, usamos “formas de tratamento” para *chēnghū* (称呼) e “termos titulares” para *chēngwèi* (称谓).

incluem, por norma, novos elementos de elaboração, tornando a distinção inconsequente. Por exemplo, a segunda proposta que tem como base a definição proporcionada pelo Dicionário⁵³, não dá conta de algumas formas de tratamento: nomes (ex.: 吴汉江 *Wu Hanjiang*) ou alcunhas (ex.: 板爷儿 *Ban Ye'er*) servirão apenas como tratamentos usados para nos dirigirmos a alguém/chamar alguém numa interação presencial, mas não refletem as relações entre as pessoas nem os papéis desempenhados pelos alocutários. Portanto, este tipo de fórmulas não constituem “termos titulares”, logo, a segunda proposta não é correta, ou seja, os “termos titulares” não abrange todas as “formas de tratamento” (Cao, 2005; Yao, 2008; Zheng, 2005).

Teoricamente, entende-se por “termos titulares” (称谓 *chēngwèi*) aqueles que referem o falante a partir de um repertório de formas que manifestam relações sociais e papéis desempenhados pelas pessoas, enquanto as “formas de tratamento” (称呼 *chēnghū*) são fórmulas que são utilizadas pelo locutor dirigindo-se ao seu destinatário nas comunicações verbais, por meios orais ou escritos (Cao, 2005; Ma & Zhang, 1998; Yao, 2008; Zheng, 2005).

Seguindo os princípios de abordagem acima referidos, introduzimos aqui uma classificação abrangente da delicadeza linguística do chinês (Cui, 1996), muito disseminada no ensino da língua chinesa como língua estrangeira. Segundo este autor, as FORMAS DE TRATAMENTO, no *sensu lato*, podem ser divididas em duas partes:

- (1) *miànchēng* (面称 tratamentos presenciais), com que os interlocutores realizam interações face a face; e
- (2) *bèichēng* (背称 tratamentos não-presenciais), i.e., sintagmas, muitas vezes nominais, que são utilizados numa conversa quando se referem a terceiras pessoas que não estão presentes na interação (Cui, 1996, p. 37; D. Li, 2012, p. 68; Zheng, 2005, p. 120).

Note-se que, embora o autor não dê conta disso, os “termos titulares” enquanto tratamento presencial (cf. “professor”, “mãe” ou “coronel”), possuindo também as funções de “formas de tratamento”, podem ser tratamentos não presenciais. Porém, por

⁵³ É um dicionário autoritário de um volume em chinês, publicado pela Commercial Press, agora na sua 7ª edição (2016). Foi originalmente editado por Lü Shuxiang e Ding Shengshu como um trabalho de referência sobre o chinês padrão.

exemplo, “marido”, “esposa” ou “pedreiro”, sendo termos titulares, são, apenas, não presenciais.

Yao (2008), numa outra perspectiva, refere que os “termos titulares” (称谓 *chēngwèi*) referentes aos seres humanos pertencem a uma categoria semântica, possuindo alta sistematização e estabilidade, enquanto as “formas de tratamento” (称呼 *chēnghū*) pertencem a uma categoria pragmática onde se encontra mais flexibilidade e particularidade. Ambas as categorias desempenham funções referenciais (Yao, 2008, p. 22).

As observações por nós feitas e as de Yao acima referidas apontam na direção de que, independentemente das polémicas sobre a melhor perspectiva, há evidentemente elementos coincidentes dos dois lados; os *chēnghū*, as “formas de tratamento” e os *chēngwèi*, os “termos titulares” (Cao, 2005, p. 63).

Falaremos, a partir de agora, apenas de FORMAS DE TRATAMENTO no *sensu lato*, incluindo, portanto, as duas categorias, pelo que “FORMAS DE TRATAMENTO” voltará, doravante, a ser escrito com minúscula, indo ao encontro dos estudos sobre as FORMAS DE TRATAMENTO em português (Biderman, 1972; Cintra, 1972; Gonçalves, 2014; Gouveia, 2008; Manole, 2011, 2012; Marques, 2014, etc.).

3.4.1.1 Sinopse dos principais estudos

Zheng (2005, p. 121) propôs uma classificação de raiz morfossintática, distinguindo, como o fez Cintra para as formas de tratamento portuguesas, formas pronominais e nominais. Em Chinês, não existem, naturalmente, as verbais, no sentido em que, aqui, se emprega⁵⁴.

O sistema de formas de tratamento em Chinês poderá, assim, na perspectiva morfossintática, ser dividido em:

- 1) tratamentos pronominais e
- 2) tratamentos nominais (Zheng, 2005, p. 121).

⁵⁴ Na verdade, em mandarim existe o tratamento verbal, no sentido em que, para determinados atos de fala, a escolha do verbo realiza-se segundo os valores semântico-pragmáticos envolvidos.

Os tratamentos pronominais na língua chinesa são, na sua totalidade 13 (treze); *wǒ* (我 eu), *nǐ* (你 tu), *nín* (您 você/o senhor), *tā* (她/他 ela/ele), *wǒmen*⁵⁵ (我们 nós), *zán* (咱 nós/eu/a gente), *rénjia*⁵⁶ (人家 eu ou ele/ela), *zánmen* (咱们 nós), *nǐmen* (你们 vocês/vós), *tāmen* (她/他们 elas/eles), *dàjiā* (大家 pessoal), *gèwèi* (各位 pessoal/“senhores”), *zhūwèi* (诸位 “senhores” com deferência). Os tratamentos veiculam poucas informações sobre a relação entre as pessoas, portanto estas formas raramente são analisadas em investigações da área. E quanto às formas de tratamento propriamente ditas, os investigadores referir-se-ão aos tratamentos nominais, ex., *xiānsheng* (先生 senhor), *tóngzhì* (同志 camarada), *zhǔxí* (主席 presidente), entre outros.

Recorrendo aos estudos que consideramos mais relevantes sobre as formas de tratamento em Chinês (Cao, 2005; Cui, 1996; Gu, 1992; Zheng, 2005), elaborámos o quadro seguinte que dá conta dos modelos e classificações:

⁵⁵ Nos dialetos boreais, *wǒmen* (我们) não inclui o alocutário na conversa, mas *zánmen* (咱们) sim; nos dialetos austrais ambos *zánmen* e *wǒmen* excluem o alocutário (Cui, 1996).

⁵⁶ O uso do pronome “Rénjia” como tratamento da primeira pessoa é restrito, normalmente é utilizado por jovens femininas ou crianças.

Classificação de Gu (1992)	Classificação de Cui (1996)		Classificação de Cao (2005)		Classificação de Zheng (2005)		
	Tratamento pronominal				Tratamento pronominal		
Tratamento de parentesco	Tratamento de parentesco		Tratamento de parentesco		Tratamento nominal	Tratamento de parentesco	
Marcadores de reverência	Tratamento social					Tratamento social	Tratamento na comunicação social
Tratamento neutro ⁵⁷	Tratamento de relação		Tratamento de relação				Tratamento de relação
Títulos de profissão	Tratamento de profissão	Títulos de profissão	Tratamento de profissão	Títulos de profissão			Tratamento de profissão
Títulos de cargo		Títulos de cargo		Títulos de cargo			
	Tratamento de modéstia/reverência						Tratamento de modéstia/reverência
Nome próprio e/ou Apelido Nome	Nome próprio e/ou Apelido Nome ⁵⁸						
Tratamento de afeto	Tratamento de afeto						Tratamento de intimidade
	Tratamento de gracejo						Tratamento de gracejo

Quadro I-7 Quadro sinótico das classificações das formas de tratamento em Chinês

Como se pode constatar no Quadro I-7, as várias propostas de classificação do tratamento partilham elementos importantes, até porque, devido ao impacto do Sistema Patriarcal (宗法) que influenciou a China durante milhares de anos, os chineses dão grande importância às suas famílias e assim sendo, foi-se produzindo um sistema extremamente complexo de tratamento de parentesco (Kádár & Pan, 2011; S. Li, 1990; Pan & Kádár, 2011a, 2011b; J. Shi, 2003; X. Zhu, 2005; X. Zhu & Xu, 2005). Para exemplificar, o irmão mais velho do pai é tratado como *bóbo/dàye* (伯伯/大爷) e o mais novo é *shūshu* (叔叔); filho dos tios (*bóbo/dàye* ou *shūshu*) é *tángxiōng* (堂兄), quando

⁵⁷ Nessa categoria, para além de tratamentos como *tóngzhì* (camarada) ou *tóngxué* (colega), Gu (1992) classifica como “tratamentos neutros” também as fórmulas formadas com caracteres 小 (pequeno/jovem)+nome próprio/apelido e 老 (velho)+nome próprio/apelido para manifestar proximidade entre o locutor e o seu destinatário. A formação e o uso dessas fórmulas serão analisados mais adiante.

⁵⁸ Nos nomes chineses vêm primeiro os apelidos, seguidos pelos nomes próprios. A ordem é contrária à dos nomes ocidentais.

este é mais velho que o locutor, e *tángdì* (堂弟) quando este é mais novo; no caso de um rapaz que é filho da tia (irmã do pai, *gūgu* 姑姑 ou da mãe, *yí* 姨), será, então, um *biǎoxiōng* (表兄) ou *biǎodì* (表弟) segundo a sua idade⁵⁹.

No que diz respeito aos tratamentos sociais (tratamento na comunicação social), existem fórmulas utilizadas como tratamentos de reverência, para falar com pessoas com papéis ou estatuto especiais. Por exemplo, *xiānsheng* (先生 senhor), *nǚshì* (女士 senhora/dona), *géxià* (阁下 sua excelência), etc.. Salientamos a evolução e atual utilização do uso da fórmula “*xiānsheng*” (senhor) que será apresentada mais adiante.

As formas de tratamento de relação, como no seu nome se revela, são fórmulas que manifestam as relações sociais entre o alocutário e o locutor, por exemplo, *lǎoshī* (老师 professor/a), *péngyou* (朋友 amigo/a), *tóngzhì* (同志 camarada), *lǎobǎn* (老板 patrão, chefe), entre outras. Podem sozinhas desempenhar a função de formas de tratamento, ou alguns podem constituir tratamentos complexos junto com o cargo/a profissão (警察同志 *jǐngchá tóngzhì*, literalmente como “Polícia Camarada”, Sr. Presidente) ou com nomes próprios ou apelidos (王老板 *Wáng lǎobǎn*, “Wáng Patrão/Chefe”, Sr. Wang) O termo *tóngzhì* (camarada) bem como *lǎobǎn* (patrão/chefe) transportam com eles marcas ideológicas de certos períodos históricos da China.

Os títulos de profissão são fórmulas como *yīshēng* (医生 médico), *jiàoliàn* (教练 treinador), *gōngchéngshī* (工程师 engenheiro), entre outros, enquanto os títulos de cargo/categoria se referem aos cargos exercidos, incluindo civis e militares: ex., *fù xiàozhǎng* (副校长 vice-diretor da escola), *shàoxiào* (少校 major-general), *jiàoshòu* (教授 professor catedrático), etc. (Cao, 2005; Cui, 1996).

O tratamento de modéstia/reverência realizam-se por meio de fórmulas escolhidas pelo locutor quando se dirige a um alocutário cujo poder é, nesse caso, maior e o seu estatuto social ou senioridade (antiguidade na família/clã) é superior (D. Li, 2012, p. 69). Parte das formas de tratamento de reverência são comuns às do tratamento social, tais como *xiānsheng* (先生 senhor), *nǚshì* (女士 senhora/dona) e *géxià* (阁下 Sua Excelência).

⁵⁹ No Anexo, far-se-á uma apresentação mais detalhada destes aspetos, com apoio de árvores genealógicas.

Estas fórmulas são normalmente utilizadas em ocasiões presenciais, sendo possível anteceder-las de nomes próprios, apelidos ou nomes completos (*Wáng xiānsheng*, Sr. Wang ou *Zhāng Shàoyún nǚshì*, Sra. Zhang Shaoyun) tornando-se, então, tratamento complexo de reverência, quer presencial, quer não-presencial.

A parte remanescente do tratamento de reverência⁶⁰ e todo o tratamento de modéstia estão estritamente relacionados com o estabelecido por uma das maiores personalidades da etnia *Han* e foram sendo consolidados ao longo da história; trata-se da auto-depreciação e do elogio do outro (贬己尊人) (Gu, 1990; Kádár & Pan, 2011; Y. Pan & Kádár, 2011b). Personalidade esta é apresentada no capítulo 2. Ao referir-se a si próprio ou a familiares, o locutor optará por usar termos como *bǐrén* (鄙人 eu próprio humilde), *bēizhí* (卑职, “eu com profissão humilde”), *xiǎonǚ* (小女 pequena filha), entre outros; enquanto termos com caracteres reverenciais, ex. *zūnzhí* (尊职, o senhor com profissão respetiva) ou *qiānjīn* (千金, “mil peças de ouro”; a sua filha preciosa) são para o elogio do interlocutor ou da sua família (Gu, 1990; Y. Pan & Kádár, 2011b). esta personalidade e a sua influência na língua e cultura chinesa já foi apresentada no Capítulo 2.

Os nomes próprios ou nomes completos (apelidos + nomes próprios) são, no entender de alguns académicos, irrelevantes para o estudo das formas de tratamento por serem apenas identificadores do indivíduo, não da sua *persona social*, e não possuírem conotações sociais (profissão, estatuto, relação com o locutor, etc.) (Zheng, 2005). É interessante mencionar que, quando se trata de uma relação com mais proximidade, os interlocutores optarão por utilizar apenas o nome próprio do seu interlocutor, sem mencionar o apelido, ou repetem o som do último carácter (chinês) do nome próprio do alocutário (ex.: *Míngmíng* 明明, *Fāngfāng* 芳芳). Com mais afeto ainda, seria a combinação do carácter “小 (*xiǎo*, pequeno)” com alguns tratamentos fixos, por exemplo, *xiǎohuǒzi* (小伙子 menino, moço), *xiǎogūniang* (小姑娘 menina) (Cui, 1996; Zheng, 2005).

O tratamento de gracejo realiza-se através de formas especiais e muitas vezes insultuosas que manifestam, normalmente, indelicadeza para as pessoas, exceto em

⁶⁰ São também intitulados “tratamentos honoríficos” como em Pan & Kádár (2011b).

contextos de brincadeira, ex.: *tǔlǎomào* (土老帽 pessoas grosseiros ou incultos, matuto/caipira), *xiǎobiēsān'er* (小瘪三 jovens sem abrigo que exercem atitudes imorais ou ilegais, ex., roubo ou furto) (Cui, 1996; Zheng, 2005). Estes tratamentos são idênticos a “insultos” na classificação das formas de tratamento da língua portuguesa proposta por Medeiros (1985).

Não poderemos deixar de mencionar que, na investigação de Gu (1992), para além de se propor um modelo de classificação das formas de tratamento, há também uma preocupação com os elementos pragmáticos que determinam a decisão do locutor.

3.4.2 Fatores sócio-pragmáticos

A opção pela forma adequada de tratamento (de um adulto) será realizada tendo em consideração 12 (doze) fatores sócio-pragmáticos (Gu, 1992) que se encontram sistematizados no quadro seguinte adaptado de Gu onde é possível perceber o tratamento sistémico-funcional proposto pelo autor:

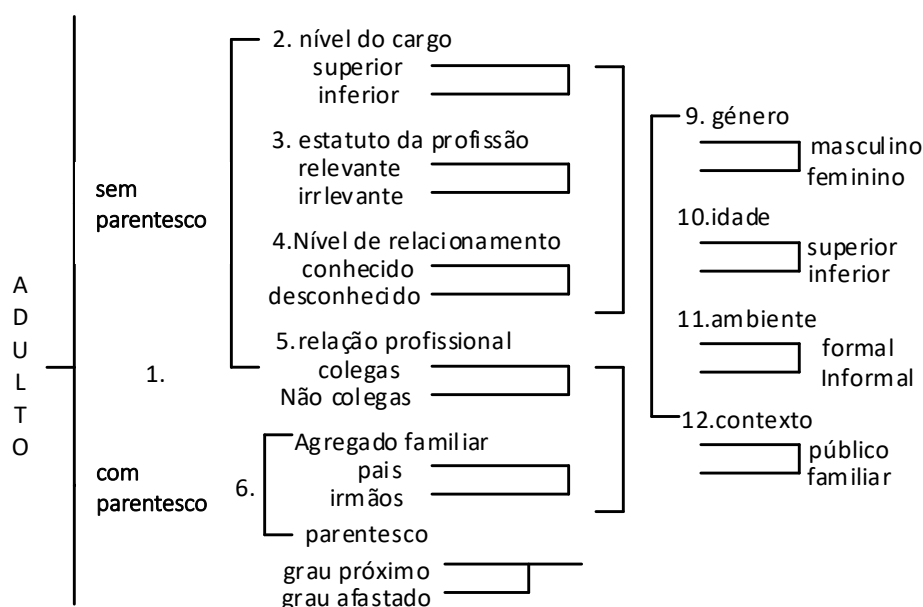


Figura I-4 Fatores pragmáticos para a escolha adequada da forma de tratamento (adaptado de Gu, 1992, p. 12)

Como se pode constatar no diagrama, as referências que um locutor tem ao seu

dispor para tomar opções dentro das formas de tratamento estão dependentes de várias vertentes, pelo que a decisão estará envolta numa grande complexidade.

3.4.2.1 Perspetiva histórica e sócio-pragmática

Argumenta-se que a delicadeza chinesa foi ritual e de deferência, razão pela qual os comportamentos tendem ser mais honoríficos e delicados, transportando a apreciação e valorização do alocutário (Goffman, 1967). Para analisar as formas de tratamento utilizadas em Chinês contemporâneo, será imprescindível estar ciente da complexidade e impacto da história e dos elementos que influenciam as peculiaridades dos comportamentos de (in)delicadeza no Chinês moderno. Na secção seguinte, serão apresentados os fatores, sobretudo históricos e culturais, que causaram impacto na evolução das formas de tratamento do mandarim.

Zōngfǎ (宗法), o Sistema Patriarcal, que se formou na Dinastia *Shang* (1766 - 1122 a.C.) e se fixou na Dinastia *Zhou Ocidental* (1046 - 771 a.C.), é um dos sistemas políticos que mais influenciam a cultura tradicional chinesa (S. Li, 1990; X. Zhu, 2005). O sistema inclui a família e o clã como alicerces dentro dos quais é estabelecida, sobretudo, a hierarquia em conformidade com a distância de parentesco. O sistema patriarcal bem como a escravatura findaram, mas as suas características básicas foram herdadas pela sociedade feudal e mantidas até ao final do período das dinastias da China, sendo domesticadas já na “cultura da nação”. O estatuto inabalável deste sistema faz com que a língua chinesa tenha obtido e mantido ricas características patriarcais (X. Zhu & Xu, 2005). Com efeito, os chineses (nomeadamente da etnia *Han*) do mesmo clã costumam viver juntos ou, pelo menos, perto e dão grande importância aos laços de sangue. A realização do culto dos antepassados da família e a compilação do livro de genealogia, entre outros elementos, dotam a etnia *Han* de um amplo sistema de parentesco que tem consequência num sistema de formas de tratamento familiares excessivamente complexo e abundante. Como manifestam alguns registos, existem

mais de 230 formas de tratamento de parentesco⁶¹ nucleares que ainda são usadas (Cao, 2005; Tang, 1989). Abreviando esta referência, as formas principais de tratamento de parentesco serão apresentadas no Anexo, juntamente com árvores genealógicas.

Quando o rei *Qijing* (550 a.C. 490 a.C.) consultou Confúcio sobre estratégias de governação, este último respondeu: “que o rei seja rei, que o ministro seja ministro, que o pai seja pai, e que o filho seja filho”⁶² (Feng, 2009). Este episódio simboliza o pensamento e o desejo (autoridade) disseminado no interior do clã, por todo o estado, em que cada pessoa será obrigada a ficar no seu lugar proibida de exorbitar as suas funções. Assegura que a hierarquia será mantida, logo, a harmonia da sociedade será afixada. Desde sempre, nomeadamente após a ascensão da escola do confucionismo⁶³, tornando-se predominante entre as várias escolas, o *lǐ* (礼), conceito fundamental confucionista, começou a desempenhar um papel predominante e intocável tanto na governação do estado como na vida quotidiana do povo (Grasso et al., 1997). *Li*, diferente do termo *lǐmào* (礼貌) nos dias de hoje, tinha ligações a ritos e a regras sociais, desempenhando um papel de conservação hierárquica. *Zhèngmíng* (正名). Era um termo seriamente necessário a fim de restaurar o *lǐ*, i.e., retificar os títulos (tradução à letra: 正 zhèng - retificar; 名 míng – nomes/tratamento). O seu valor reflete-se, principalmente, ao marcar o estatuto⁶⁴ do destinatário e, em seguida, garantir o grau de respeito e o tratamento adequado. Se todas as pessoas cumprissem as regras de delicadeza, i.e., *lǐ*, a estabilidade do estado seria fortalecida.

Após da Revolução de 1911⁶⁵, o sistema feudal da China foi abolido e a função de *lǐ* deixou de sinalizar relações sociais hierárquicas, tornando-se um termo obscuro. Segundo Gu, *lǐ* tem assumido duas funções no novo período da China: melhoramento da coerência social e alívio da tensão ou conflito interpessoal (Gu, 1990, 1992).

No que diz respeito ao léxico da delicadeza linguística, as formas de tratamento em

⁶¹ Para não me prolongar, umas principais formas de tratamento de parentesco serão apresentadas no Anexo.

⁶² 齐景公问政于孔子，孔子对曰：“君君，臣臣，父父，子子。”

⁶³ Confúcio compila e organiza as antigas tradições da sabedoria chinesa e elabora uma doutrina assumida pelos governantes na China durante mais de dois milénios. As doutrinas confucionistas foram interpretadas e desenvolvidas por Dong Zhongshu (董仲舒), Mèngzi (Mêncio 孟子), Xunzi (荀子), Zhu Xi (朱熹), entre outros, durante várias dinastias (Bary, 1983; Eber, 1986; Tu, 1985).

⁶⁴ Também é entendido como o significado dum assunto, i.e., antes de fazer alguma coisa, deveria ter pensado bem no seu significado, senão, não iria ser correto nem obteria aprovação dos outros.

⁶⁵ Revolução de 1911, também é conhecida como Revolução Xinhai (辛亥革命), foi o declínio da Dinastia *Qing* e o início da República da China, pondo fim ao período feudal da China (Esherick, 1976; Wright, 1968).

Chinês contam com a presença dos termos honoríficos, i.e., termos com conotações de auto-depreciação do próprio locutor e dos seus familiares e do elogio do alocutário e familiares ou de terceira pessoa aludida na interação (Y. Pan & Kádár, 2011b, p. 44).

O cavalheiro é reverente e não faz nada de errado, é respeitoso para com os outros e observador dos ritos, e tudo que se encontra dentro dos quatro mares são os seus irmãos.

(Os Analectos, tradução nossa)

Os termos honoríficos incluem as formas de tratamento honoríficas bem como os termos verbais honoríficos.

3.4.2.2 Fenómenos de generalização no Tratamento de Parentesco

Sob o impacto do sistema patriarcal da China antiga, a família, o clã e o estado possuíam uma estrutura idêntica (X. Zhu, 2005). Todos os indivíduos na sociedade estavam, antes de mais, subordinados a uma família “[...] even the smallest predetermined social unit, the family, was a strictly hierarchical community” (Pan & Kádár, 2011b, p. 41), a instituição mais básica de economia, política e de moralidade (Grasso et al., 1997).

It was the family, not the individual, that owned property, paid taxes, and frequently took responsibility for the legal or moral transgressions of one of its members.

(Grasso et al., 1997, p. 12)

No período da escravatura e do feudalismo, o sistema de *Zongfa* era, não só um sistema de parentesco, mas também um sistema de organização da sociedade, bem como uma doutrina para proteger a hierarquia política (S. Li, 1990, p. 55). Como afirma Pan & Kádár (2011b), a própria sociedade chinesa foi uma pirâmide patriarcal hierárquica. As famílias são a unidade básica do estado e a sociedade é uma extensão

da família, um “clã ampliado”. Como acentua Liang Qichao⁶⁶:

A organização da sociedade chinesa tem a família como unidade básica, não o indivíduo. Isto implica que, só após ter consolidado a sua família, conseguirá governar todo o estado. Embora, hoje, o Sistema patriarcal da Dinastia Zhou esteja formalmente revogado, o seu espírito permanece.

*(consultado de Zhu & Xu, 2005, p. 24,
tradução nossa)*

Mesmo na era contemporânea, após a tomada de posse do Partido Comunista da China, a “família” continuou a ser a unidade social mais importante da China (Freedman, 1970), facto que se pode perceber nas atividades e comunicação na sociedade atual da China.

O pensamento que valoriza a estreita relação de parentesco faz com que o uso das formas de tratamento familiares na língua chinesa não se limitam ao interior do clã e sejam utilizadas por todo o estado. Para exemplificar, a fórmula aplicada ao imperador, o governante do estado, era *Tiānzǐ* (天子), i.e., “filho do céu”:

“Aquele que governa o mundo, é chamado Tianzi.”

(Li Ji⁶⁷)

*“Quem é o Senhor que é tratado como Tianzi? Aquele que impera,
tem o céu como o pai, a terra como a mãe, é ele filho do céu.”*

(Bai Hu Tong⁶⁸)

O imperador também é tratado como *Wànsuì Yé* (万岁爷, “avô/mestre de dez mil anos”) enquanto a imperatriz é tratada por *Niángniang* (娘娘, “mãe-mãe”). Poderemos ver que, na ponderação do povo, o imperador é filho do céu e está tão alto na pirâmide da hierarquia como se fosse “avô”, a pessoa de maior deferência numa família. Com

⁶⁶ Liang Qichao (梁启超, 1873 - 1929): Académico, jornalista, filósofo e participante principal nos movimentos das reformas do Séc. XIX. Os seus textos “Petição” (Gongche Shangshu 公车上书) e “Propostas para a Reforma” 《变法通议》 inspiraram estudantes, pensadores e reformistas chineses de várias gerações (Dillon, 1998, pp. 191–192; J. Z. Gao, 2009, pp. 197–198).

⁶⁷ Li Ji (《礼记》): É uma compilação das obras sobre os ritos da *étnia Han* antes das dinastias *Qin* e *Han*, feita pelo Dai Sheng (戴圣) da Dinastia *Han Ocidental* (202 a. C. – 9 d. C.). O *Li Ji*, conhecido também como Clássico dos Ritos, tem 49 artigos, é uma obra clássica da Escola *Ru* (confucionismo). Entre os seus vários capítulos encontram-se *Da Xue* (大学) e *Zhong Yong* (中庸) que mais tarde foram selecionados pelo Zhu Xi (朱熹) para fazer parte dos Quatro Livros e tornaram-se influentes (Dillon, 1998).

⁶⁸ 《白虎通》: Foi compilado pelo Ban Gu (班固 32 - 92 d.C.) a pedido do imperador *Zhang* de Han Oriental (57 - 88 d.C.). É uma obra de confucionismo clássico (Dillon, 1998, p. 20).

efeito, como refere Che (1979), o estatuto numa família é definido pela hierarquia de idade (gerações mais velhas) e de género, i.e., o predomínio masculino.

Os príncipes e cortesãos também veem colocado nos seus títulos o carácter *yé* (爷 avô/mestre). Alguns membros e empregados da família tratam o seu dono como *lǎoye* (老爷, mestre), logo, as cônjuges destes mestres, ou seja, as “donas da casa” são tratadas como *tàitai* (太太, esposa) ou *nǎinai* (奶奶, “avó”, esposa) e os seus filhos como *shàoye* (少爷, “jovem avô”/mestre). Durante muito tempo, a estrutura resultante de união do estado com o parentesco, através da conceção ‘falsa’ da família e a chamada afeição de parentesco, encobriu a natureza das classes exploradoras. Com o passar do tempo, *lǎoye* e *shàoye*, formas de tratamento honoríficas com conotação feudal, acabam por entrar em desuso. Porém, o carácter *yé* permanece domesticado na língua e é, hoje em dia, muito raramente dedicado a pessoas que possuem privilégios ou poderes em determinada área.

Em virtude do conceito lato de família herdado da influência patriarcal, ainda hoje os termos que indicam grau de parentesco podem ser também utilizados para tratar os alocutários não familiares, i.e., todos os que não estejam relacionados por descendência ou casamento, para construir uma relação com maior intimidade.

Remarkably, and this is where the Chinese concept of a family differs sharply from that in the Anglo-Saxon culture, the family includes not only everyone who is related by descent or marriage, but also those quasi-relations who are sufficiently close to be regarded as ‘one of the family’.

(W. Li & Li, 1996, pp. 132–133)

Nesta conformidade, consoante a idade e o género da pessoa com quem se realiza a interação, por exemplo, a escolha de “*āyí*” (tia) pode ser realizada por jovens, dirigindo-se a senhoras desconhecidas, com mais idade do que o locutor (Gonçalves, 2014). Consideremos como exemplo:

(5) Gōng'ān āyí, sì lù chēzhàn zài nǎ'r ?
公安 阿姨, 四路 车站 在 哪儿?
Polícia tia, nº4 paragem fica onde ?

(A senhora podia-me dizer onde fica a paragem do autocarro nº4 ?)

(exemplo retirado de Kádár & Pan, 2011, p. 136)

Na mente do povo chinês, as relações familiares, nomeadamente no mesmo clã, são, sem dúvida, mais íntimas do que com outras pessoas. Por isso, o emprego das formas de tratamento tradicionalmente restritas à família, em interações entre pessoas não parentes ou desconhecidas, está a ser valorizado com a intenção de promover a harmonia social. *Hé* (和 harmonia) é o padrão mais valorizado na cultura tradicional chinesa (X. Zhu, 2005). Exemplos semelhantes aos acima referidos são os casos de *dàgē* (大哥, literalmente como “grande irmão” / “irmão mais velho”) e *dàjiě* (大姐, “grande irmã”), enquanto tratamento para interlocutores masculinos e femininos de idade aproximada à do locutor (Y. Pan & Kádár, 2011b, p. 83).

3.4.3 Algumas considerações de natureza contrastiva

Nesta secção, tecemos algumas considerações de natureza contrastiva que são prova da complexidade da transposição entre dois sistemas. Não representando um estudo detalhado, decidimos incluí-las, dados os inúmeros paradoxos registados em documentos traduzidos e em documentos didáticos. É por esta razão que nos centraremos, apenas, nos usos de tu e você *v.s.* *nǐ* e *nín*, no de senhor e de *xiānsheng* e no uso das profissões e títulos académicos. Em primeiro lugar, o Chinês é um membro da família linguística sino-tibetana, completamente alheia à indo-europeia, à qual o português e muitas outras línguas europeias pertencem. Em segundo lugar, a cultura chinesa é uma das culturas mais antigas que se tem desenvolvido num contexto diferente e próprio, ao longo de milhares de anos (Qin, 2008). Estes fatores implicam, por si só, que os usos das formas de tratamento nos dois contextos socioculturais sejam muito apartados, o que dificulta imenso a comunicação recíproca. Com efeito, a escassez de conhecimento da língua de chegada e da respetiva cultura provocará,

segundo Wardhaugh (2006), “perigos” na comunicação intercultural.

We can see some of the possible dangers in cross-cultural communication when different relationships are expressed through what appears, superficially at least, to be the same address system. The dangers are even greater if you learn the terms in a new address system but fail to appreciate how they are related to one another.

(Wardhaugh, 2006, p. 269)

A história e a cultura de Portugal e da China, sendo tão distintas no seu desenvolvimento, inviabilizam, para efeitos de investigação, o estabelecimento de certos termos de comparação sincrónica. O uso de linhas paralelas de interpretação também não é facilitado, no que diz respeito aos usos e práticas linguísticas. Por exemplo, em Portugal, a herdeira presuntiva de uma coroa, filha de um príncipe ou filha de família reinante, poderá ser tratada por “princesa”⁶⁹. Filha de rei que não é herdeira da coroa é chamada “infanta”⁷⁰. Caso fossem elas princesas ou infantas, por exemplo, no reinado de Filipe II, eram tratadas por *Vossa Alteza*. Na China, porém, a fórmula que exprime respeito e honra para esses membros de família imperial é logo manifestada nos seus títulos, sujeitos a variação em diferentes dinastias: na Dinastia *Zhou* (1046 a.C. – 256 a.C.), a filha do rei era chamada *wángjī* (王姬); no chamado Período de Primavera e Outono (770 a.C. – 221 a.C.), as filhas do imperador foram tratadas por *gōngzhǔ*⁷¹ (公主). Desde a Dinastia *Han* (202 a.C. – 8 a.C.), *gōngzhǔ* é exclusivamente dedicado à filha de imperador⁷² e filha de príncipes só pode ser chamada *jùnzhǔ* (郡主). Chegando à Dinastia *Qing* (1616 – 1912), a filha da imperatriz⁷³ é *Gùlùn Gōngzhǔ* (固伦公主),

⁶⁹ "princesa", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/princesa> [consultado em 04-06-2016].

⁷⁰ "infanta", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/infanta> [consultado em 04-06-2016].

⁷¹ Na Dinastia *Zhou*, o casamento de filha de imperador não era presidido e apresentado (em chinês é *zhǔ* 主) por ele próprio, mas sim por ministros/príncipes do mesmo clã (que são chamados *gōng* 公), as filhas (princesas) são tratadas como *Gōngzhǔ* (公主), i.e., “as princesas cujos casamentos foram presididos pelos ministros”. O termo é então herdado por gerações posteriores e é a tradução comum para “princesa” ou “princess” em chinês.

⁷² Na Dinastia *Han*, mais especificamente no reinado de *Han Wudi* (172-87 a.D.), a irmã mais velha do imperador é *Zhǎng Gōngzhǔ* (长公主). *Zhǎng* (长), literalmente significa alguém com mais idade e é fórmula de respeito.

⁷³ Segundo a poligamia da sociedade feudal na China antiga, a esposa de imperador, a imperatriz, é chamada *Hou* (后), as outras mulheres, ou seja, as concubinas imperiais são chamadas *Fēi* (妃) ou *Pín* (嫔). Geralmente, os filhos da imperatriz que são “filhos de Di” (嫡子), é que são herdeiros presuntivos.

enquanto as filhas de concubinas imperiais foram chamadas *Héshuò Gōngzhǔ* (和硕公主), que é um tratamento com menos deferência, tendo em conta o seu estatuto na família real. Exemplos como este vieram a enfatizar a existência de uma pirâmide hierárquica na China que distingue superiores e inferiores. Seria, portanto, impossível realizar um estudo contrastivo, sincrónico, que procurasse correspondências exatas para cada tratamento.

Apesar de autores como Saraiva (1994, p. 79) sublinharem o facto de Portugal ser um estado “implantado num território com uma cultura própria e relativamente homogénea”, o que implicaria a assunção de um certo monolitismo variacional; na verdade, a complexidade do sistema de tratamento em português é um facto, designadamente, quando usarmos como termos comparativos os sistemas inglês, alemão ou até o da maioria das línguas europeias e do leste asiático. Acresce dizer que as últimas décadas impulsionadas por alterações sócio-políticas importantes, têm colocado forte pressão variacionista sobre o sistema português.

A situação da China, o “Império do Meio”, será diferente. Em 221 a.C., estabeleceu-se o primeiro estado centralizado, unificado, multiétnico - a Dinastia *Qin*. Depois da Dinastia *Han* (202-220 a.C.), os governos centrais contribuíram para desenvolver e consolidar o padrão elaborado nas dinastias *Qin* e *Han* de “Grande Unificação” (大一统 *Dà yītǒng*). A “Grande Unificação” consistia na formação da nação “Chinesa” (中华 *Zhōnghuá*) mesmo que existissem no território chinês várias etnias com as suas respetivas identidades culturais, linguísticas ou até religiosas. Por um lado, constata-se o domínio de impérios de diferentes povos⁷⁴ no território chinês ao longo das diferentes dinastias, por outro, o fator filosófico cuja influência no sistema do tratamento é indesmentível, justificam a distinção do ponto de vista da génese, fixação e evolução das formas de tratamento na China e em Portugal.

É bom não esquecer que, olhando para os dias de hoje, em conformidade com o artigo 19º da Constituição da República Popular da China, “O Estado promove o uso generalizado do *Pǔtōnghuà* [língua vulgar baseada na pronúncia de Pequim] ”

⁷⁴ Por exemplo, durante a Dinastia *Yuan* (1271-1368 d.C.), fundada pela etnia Mongol, o imperador era tratado como ‘Kehan’ (可汗), o que é totalmente diferente do que aconteceu nas dinastias governadas pelo povo da etnia *Han*.

(Constituição de 4 de Dezembro de 1982 da República Popular da China, 1982, tradução nossa). Mais tarde, *A Lei da Língua e Escrita Universal da República Popular da China*, promulgada em 31 de outubro de 2000, estabelece claramente o mandarim como a língua oficial do país. Mesmo que assim seja, em certas regiões, nomeadamente nas regiões autónomas, são ainda mantidas línguas distintas (línguas com sistema de escrita e de pronúncia totalmente distintos do mandarim), para além de costumes muito diferentes.

3.4.3.1 Tu e você v.s. *nǐ* e *nín*

Existem nas duas línguas, chinesa e portuguesa, tratamentos pronominais comuns, como o *tu*, em Chinês *nǐ* 你, para se dirigir a um destinatário com quem o locutor possua uma relação de maior proximidade, quando são iguais ou, noutra situação, quando a pessoa com mais poder (estatuto social mais elevado, com mais idade ou riqueza, etc.) pretende estabelecer um clima de maior proximidade/solidariedade.

Vejamos o caso de *você*⁷⁵, que, segundo alguns autores, expressa em português de Portugal uma relação assimétrica entre os interlocutores, sendo utilizado pelo superior quando se dirige ao inferior (Biderman, 1972; Cunha & Cintra, 2015; Manole, 2012); porém, seguramente, usado com outros valores. Não será despreciando, na sociedade portuguesa, o emprego de *você* entre pessoas de estatuto social idêntico, mas afastadas ou neutras do ponto de vista afetivo (cf. tratamento entre bancários ou trabalhadores da mesma empresa). Em determinados socioletos, também se vem verificando o tratamento de *você* entre pessoas próximas do ponto de vista afetivo (cf. pais/filhos, irmãos/irmãs). Na verdade, *você* reconhece instabilidades diatópicas e diastráticas em Portugal, sendo considerado ora respeitoso, ora ofensivo, o que faz com que alguns locutores, em particulares contextos geográficos, o evitem (Hammermüller, 2004).

Nín 您 é amplamente considerado o pronome que corresponde a “você” em português,

⁷⁵ *Você* é, prototipicamente, um pronome de tratamento resultado de criação interna através de processos de gramaticalização (*vossa mercê* > *vocemecê* > *você*), habitualmente associado a um grau de delicadeza que pode ser considerado intermédio, não se usando, de uma forma geral, em relações de intimidade. Embora, do ponto de vista morfológico “vocês” seja o plural de “você”, do ponto de vista semântico, os valores são distintos; o plural tem um valor informal, neutro, funcionando, realmente, como plural de “tu”.

porém tal afirmação provoca, para alguns aprendentes chineses, compreensão incompleta que poderá mais tarde pôr em causa a comunicação interpessoal. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia (Cunha & Cintra, 2015, p. 294), enquanto o *nín* em Chinês, uso de inferior para superior, é frequente e melhor dizendo, ocupa a maior parte das situações comunicativas (Nie, 2009).

Como em português, o *nín* em chinês, pronome de segunda pessoa, sofreu mudança durante a história. *Nín*, sendo o único pronome de reverência reconhecido na língua chinesa, tem despertado a atenção de muitos académicos (M. Gao, 1957; Lv & Jiang, 1985; Ōta, 2013; L. Wang, 1957; Xie, 1993) cujo foco de investigação é a altura em que o seu uso como tratamento de reverência se iniciou. Os mais antigos exemplos foram recolhidos em obras do Séc. XII. Era utilizado no norte do país onde desempenhava uma função de pronome plural de segunda pessoa (que é igual a *nǐmen* 你们, igual a “vós”). Na dinastia Yuan (1271-1368), a utilização de “*nín*” como pronome singular ganhou maior expressão tendo vindo a exercer, mais tarde, a mesma função que o já existente pronome de segunda pessoa singular *nǐ* (你, tu) (Nie, 2009) e foi mesmo nesse processo que *nín* ganhou a conotação de reverência e de respeito (Xie, 1993). Xie (1993) considera que, até ao início do Séc. XX, na República da China, *nín* já se tinha tornado num tratamento de reverência, pois no *Jiùjīngsuǒjì* (《旧京琐记》) já se encontra registada a afirmação:

Há um carácter que é divisível em dois significados. Por exemplo o “nǐ”, quando dirigido a igual ou inferior, significa “tu”. Mas quando dirigido a superiores deve-se dizer “nín”, pronúncia semelhante a “lín”, caso contrário, é falta de respeito.

(Jiùjīngsuǒjì apud Nie, 2009, p. 72)⁷⁶

Na verdade, este é o primeiro registo e explicação sobre o uso e valor de *nín* como tratamento honorífico, não se conhecendo, na verdade, o momento em que começou a ser usado. Poderemos considerar que a tendência de *nín* passar a ser fórmula honorífica

⁷⁶ 有一字而分两意者，如你我之‘你’，遇平行以下可直呼‘你’，尔、汝意也。然遇尊长则必曰‘您’，读如‘邻’，非是则不敬。”

tenha começado muito antes da República da China. Atualmente, *nín*, como pronome honorífico de segunda pessoa singular, usa-se em Chinês, nomeadamente no dialeto de Pequim (S. Chen, 1986; Liu, 2009), base do mandarim.

A utilização do tratamento *nín* depende de várias componentes. Chen (1986) afirma que as pessoas que desempenham tarefas manuais têm a tendência para utilizar, mais frequentemente, fórmulas de *V* (ex., *nín*), mesmo que se trate de uma relação de alguma proximidade e até quando se dirigem a pessoas que têm menos idade. Isso dever-se-á ao facto de que, desde sempre, os trabalhadores manuais possuíram estatuto social inferior (S. Chen, 1986, p. 26). Os locutores com outros tipos de ocupação, nomeadamente trabalho intelectual, não costumam tratar os seus alocutários de menos idade como *V*.

Para além dos motivos socioculturais, i.e., idade, riqueza, hierarquia de parentesco, cargo profissional, a alteração para tratamentos de *V* (*nín*, nesse caso) pode resultar da própria situação de comunicação. Numa interação em que os participantes sejam interlocutores mal conhecidos, um destes pode alterar a forma de *T* para *V* a fim de manifestar respeito. Nas interações entre iguais ou quando o locutor é superior ao destinatário, *nín* também poderá ser usado com valor irónico, de zombaria ou desconsideração.

Sem embargo dum estudo mais detalhado, verifica-se, pois, que, *tu* e *nǐ*, sendo ambos pronomes pessoais de segunda pessoa singular, têm uso quase igual em ambas as culturas, enquanto o uso do “você” português, tantas vezes considerado como “*nín*” em chinês, se distingue frequentemente, desta forma. Logo, será inapropriado afirmar a simples correspondência entre “você” e “*nín*”, como tem sido proposto em muitos materiais de ensino da língua portuguesa como língua segunda (PLE) para aprendentes chineses.

3.4.3.2 Senhor e *xiānsheng*

No que diz respeito à utilização de *senhor*, a correspondência no sistema chinês seria *xiānsheng* (先生, literalmente, “primeiro nascido”). *Xiānsheng*, como forma de

tratamento muito antiga, tem sofrido alterações semânticas, designadamente, desde 1949 (Fang & Heng, 1983; Ju, 1991). Com a fundação da nova China, acompanhada pela abolição das distinções hierárquicas (pelo menos teoricamente), *xiānsheng* deixou de se associar apenas às classes superiores ou a académicos e acabou por não ser usada na linguagem quotidiana. Durante a era de Reforma e Abertura da China (final dos anos 70 do último século), o tratamento *xiānsheng* foi amplamente reutilizado, embora com valor algo diferente (Lee-Wong, 2000). Com a mais frequente interação com o exterior, esse tratamento chinês passou a ser uma forma de tratamento geral, mais do que um mero honorífico (Y. Pan & Kádár, 2011b, p. 82).

Na China, para além de situações pragmáticas especiais, ainda não existem nomes ou pronomes particulares que possam ser dirigidos a todas as pessoas sem se saber a profissão, idade, o estatuto ou o grau de proximidade, como acontece com “senhor/senhora” em português ou “Sir/Miss” em inglês. Trata-se de que alguns investigadores designam por “Fenómeno da ausência de formas de tratamento social” (Ren, Feng, & Wang, 2004, p. 173). *Xiānsheng*, enquanto tratamento de reverência, normalmente é acompanhado por nomes próprios e/ou apelidos, tal como *senhor* em português; por exemplo, *Zhāng Xiānsheng* (Sr. Zhang). Porém, *xiānsheng* perdeu o uso quando dirigido a todos (género masculino); de uma forma geral, é necessário dar-se conta do estatuto, da função social, ou da idade do interlocutor, portanto, fazendo recurso a outras formas. A forma *xiānsheng*, hoje em dia, é mais utilizada com o valor de ‘marido’: quando uma senhora apresenta aos outros o seu marido, pode dizer, de uma maneira formal e delicada, «Zhèwèi shì wǒde xiānsheng» (这位是我的先生, Este é o meu marido).

Xiānsheng, ou *senhor* em Chinês, ainda é muitas das vezes dirigido a certas senhoras que atingiram êxito excepcional na sua área profissional e que, portanto, são muito respeitadas. Foi o caso de Yang Jiang⁷⁷, por exemplo, uma excelente dramaturga chinesa, autora e tradutora, tratada como “*Yáng Jiàng Xiānsheng*”, literalmente, “Senhor Yang Jiang”. Este emprego de *senhor* dirigido a senhoras também é comum

⁷⁷ Yang Jiang (杨绛) foi a primeira pessoa na China que produziu uma tradução completa da novela de Miguel de Cervantes: Don Quixote.

no tratamento de maestrinas conhecidas.

3.4.3.3 Profissões e títulos acadêmicos

Como foi anteriormente mencionado, a fim de restaurar o *lǐ*, foi necessário retificar alguns nomes, pelo que foi relevante perceber o enquadramento sociológico, o papel desempenhado ou o estatuto do indivíduo. Só então se estará em condições de entender qual a forma de tratamento adequada para uma determinada situação. Em português, bem como em muitas línguas ocidentais como o inglês, um mesmo título profissional poderá ser utilizado para muitos interlocutores com cargos/profissões diferentes. É o caso de “presidente”, podendo ser Presidente da República, do Conselho de Administração de uma companhia, de uma instituição académica, entre outros. Porém, em Chinês, o falante possui diferentes termos particulares para cada cargo/profissão. Assim sendo, *zǒngtǒng* (总统, literalmente como “pessoa que governa tudo”) destina-se ao Presidente da República, *jīnglǐ* (经理, gerente/diretor) e *xiàozhǎng* (校长, reitor/diretor da escola) ou *yuànzhǎng* (院长, presidente do instituto/colégio).

Em Chinês, os títulos de profissão como formas de tratamento são comumente observadas na China contemporânea (Blum, 1997). A sua expansão na linguagem coloquial e formal dever-se-á à menor utilização de *tóngzhì* (camarada) que deixou um vazio para várias formas de tratamento, genéricas mas delicadas (Y. Pan & Kádár, 2011a, p. 81). Os títulos para cargo/profissão podem ser imediatamente seguidos do apelido da pessoa, como por exemplo: *Zhào Lǚshī* (赵律师, “Advogado Zhao”, Sr. Advogado Zhao/Sr. Dr. Zhao), *Wáng Mìshū* (王秘书, “Secretária Wang”, Sra. Dra. Wang/Sra. D. Wang) ou simplesmente *zhǔrèn* (主任, chefe), *bùzhǎng* (部长, diretor de um departamento). Veja-se a situação:

(6) [Numa reunião]

– Wáng Kēzhǎng, Lǐ Jīnglǐ shuō wǒmen bìxū sāntiān wánchéng bàobiǎo.”

王 科长, 李经理 说 我们 必须 三天 完成 报表。”

Chefe de Divisão Wang, o Gestor Li disse que tínhamos que completar o formulário de notificação dentro de três dias.

(exemplo retirado e adaptado de Pan & Kádár, 2011b, p. 81)

O uso dos títulos de profissão como formas de tratamento foi inicialmente confinado ao contexto de trabalho, nomeadamente nas organizações governamentais, mas a sua abrangência foi-se estendendo a outros domínios. Vale a pena mencionar ainda que, na China, as profissões que são consideradas de estatuto inferior não são usadas como formas de tratamento: *mùjiàng*⁷⁸ (木匠, carpinteiro), *sījī* (司机, motorista), *lǐfàshī* (理发师, barbeiro), entre outros, por essas terem sido depreciadas na China antiga (Fang & Heng, 1983; Mills & Kádár, 2011; Y. Pan & Kádár, 2011b)⁷⁹.

Outro aspeto comum entre as duas línguas, portuguesa e chinesa, consiste na colocação do título profissional ou académico mais elevado nas formas de tratamento, i.e. Sr. Presidente, ou Sra. Doutora. Quanto aos títulos inferiores, como “Professora assistente” ou “Licenciado”, já não é tão frequente a sua utilização como formas de tratamento. Porém, é curiosa que, se uma pessoa possuir ao mesmo tempo um título elevado académico e um de profissão/cargo, o último será mais valorizado no contexto sociocultural chinês (Ren et al., 2004).

⁷⁸ Salvo casos em que o uso do tratamento “*mùjiàng*” (carpinteiro) é aceitável, por exemplo nas zonas rurais.

⁷⁹ Um caso que merece a atenção no confronto das duas línguas é o adjetivo *lǎo* (老), velho, em português. Na cultura chinesa, *lǎo* inclui os valores de (alguém) experiente, respeitado, sábio, tratando-se de uma forma de tratamento delicada. Por exemplo para se fazer referência a um estudioso, aplica-se *lǎo* com o apelido da pessoa, “*Lǐlǎo*” (李老), “*Zhānglǎo*” (张老); porém, na cultura portuguesa, se um senhor ou uma senhora já com alguma idade for tratado/a como “Velho Gonçalves”, “Velha Santos”, é sem dúvida indelicado (a não ser que estejamos perante um caso de ironia ou gracejo).

3.5 Conclusão

A percepção desta limitação associada aos estudos do tratamento não se prende, apenas, com a complexidade do tópico, mas, ainda e sobretudo, quando falamos de sociedades como as portuguesa e chinesa, ela liga-se à variação a que as formas de tratamento estão sujeitas. Os exemplos apresentados nas secções anteriores são disso prova. Trata-se de uma variação imprevisível nos espaços físico e social, mas rápida, no tempo, se tivermos em conta os valores a que se associam as formas de tratamento. É também por esta razão que, estudar o tratamento e a delicadeza em geral, numa situação concreta (de aprendizagem de uma língua não materna) e num género discursivo em particular (email) entre participantes cujos estatutos sociais não estão estáveis (professores universitários), é suscetível de revelar dados relevantes, por um lado, sobre as próprias línguas e sociedades, por outro, sobre as dificuldades que um aprendente, mesmo com um grau de proficiência avançado, encontra para interiorizar as particularidades de dois sistemas de delicadeza complexos. Este estudo, levá-lo-emos à prática na segunda parte desta dissertação.

PARTE II

Capítulo 1 Estudo quantitativo dos dados

1.1 Introdução

Admitindo a hipótese de que existe um relacionamento linear, supostamente positivo, entre o grau de delicadeza linguística e o nível de proficiência dos aprendentes de PL2/PLE na sua produção escrita, neste primeiro capítulo da Parte II damos conta dos procedimentos e dados obtidos para entender o significado, a influência ou a preponderância dos principais fatores estruturais e funcionais envolvidos na produção escrita de emails aluno/professor por alunos chineses. Teremos como referência o comportamento discursivo de alunos portugueses, a fim de orientar a interpretação dos dados.

1.1.1 Procedimentos e metodologia

A complexidade dos elementos em presença, tratando-se de objetivar quantitativamente o uso da expressão da delicadeza, obriga-nos a vários procedimentos

e a uma metodologia restritiva. Trata-se de aplicar uma metodologia de Descrição e de Regressão cujas variáveis resultam da ponderação da investigadora, tendo em conta bibliografia anteriormente produzida. Na próxima secção dar-se-á conta desses procedimentos, da codificação e da própria constituição do *corpus*.

1.1.1.1 Recolha de dados

Nesta secção daremos conta da análise quantitativa realizada através de métodos estatísticos de Descrição e de Regressão. O estudo será feito com base num *corpus* construído entre fevereiro e julho de 2017, após seis meses de recolha de emails entre alunos e professores de 10 (dez) instituições de ensino superior de Portugal (Lisboa, Leiria, Aveiro) e da China (interior e Macau), com apoio de 17 (dezassete) professores e de elevado número de alunos⁸⁰.

Os emails recolhidos estão agrupados segundo o grau académico e a língua materna⁸¹ dos remetentes/escritores, o que implica que os dados são classificados em 4 (quatro) categorias e codificados no seguinte modo:

- MDCN: alunos dos cursos pós-graduados que têm a língua chinesa como língua materna, i.e., mestrandos e doutorandos;
- LCN: alunos dos cursos de língua que têm a língua chinesa como língua materna;
- MDPT: alunos dos cursos pós-graduados que têm a língua portuguesa como língua materna, i.e., mestrandos e doutorandos;
- LPT: alunos dos cursos de licenciatura que têm a língua portuguesa como língua materna⁸².

⁸⁰ Será importante referir, até pensando nos efeitos em investigações futuras, que a recolha de dados foi extremamente difícil de realizar. Com efeito, foi solicitada colaboração em instituições portuguesas que trabalham com alunos chineses; porém, não se obteve a sensibilidade científica esperada para o nosso pedido. Na maior parte dos casos, esta colaboração não se registou e em grande medida, nem obtivemos resposta.

⁸¹ Não utilizamos o termo “nacionalidade” porque desejamos salvar casos em que o estudante tem a língua portuguesa como L1 (língua materna), mas é de nacionalidade chinesa (ex., segunda geração de imigrantes chineses em Portugal); ou outro que é cidadão português, tem passaporte de Portugal, mas tirou/está a tirar um curso de português como língua estrangeira na sua licenciatura (ex., alunos de Macau).

⁸² Em termos ideais, teríamos uma informação tão detalhada quanto possível do nível de proficiência atingido pelos alunos. De facto, esta subdivisão em categorias realizada por um critério temporal tem uma correspondência apenas indicativa e não rigorosa entre LCN (entre A2 e B1), MDCN (B2-C1).

Procurou-se um relativo equilíbrio entre o número relativo de emails para cada categoria, como se pode ver na Figura II-1.

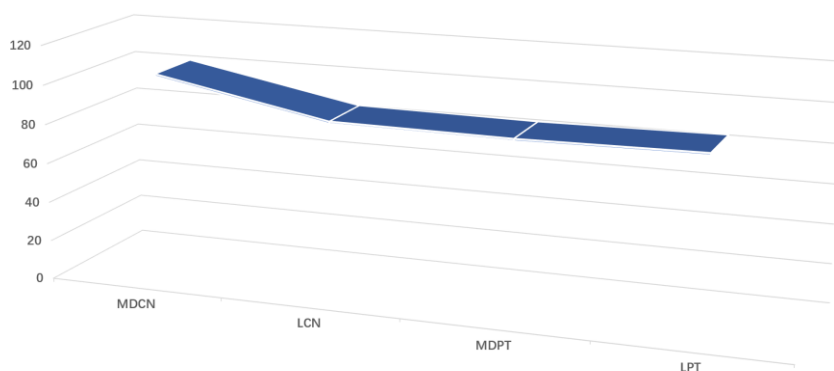


Figura II-1 Agrupamento de emails do *corpus* segundo a escolaridade e língua materna

Valerá a pena esclarecer que, na segunda categoria de LCN, os alunos são quase todos de curso de língua, pois, como se pode compreender, não é comum frequentarem outros cursos de licenciatura em Portugal (e/ou em português) sem dominarem suficientemente a língua portuguesa⁸³. Há, apenas, dois casos em que alunas, de origem macaense, após um ano de preparação em língua, estão a frequentar, simultaneamente, o curso de língua portuguesa e curso de Direito, dando seguimento ao protocolo entre um Fundo de Macau e a Universidade Católica Portuguesa. Ainda, no que diz respeito ao critério de seleção de dados (emails), tendo em conta a natureza do estudo, que procura perceber os *ethos* dos aprendentes chineses na sua produção escrita, em comparação como os dos estudantes portugueses, foram selecionados emails de mais autores (alunos), explicitamente, com o mais variado leque possível de propósitos sócio-comunicativos. Com efeito, recusou-se um número substancial de emails cujo conteúdo era muito repetido e, sobretudo, parco (cf. Professora, aqui vai o meu trabalho). Do *corpus* fazem, portanto, parte textos produzidos por alunos de áreas/cursos de língua, linguística, tradução, literatura, direito, gestão, arquitetura,

⁸³ Os cursos de Erasmus efetuados em Portugal poderão ser uma exceção, uma vez que a língua inglesa é normalmente mais utilizada. Como o inglês fica fora da questão do presente trabalho, não será esse aspeto considerado de forma detalhada na nossa investigação.

educação, engenharia civil, enfermagem, comunicação intercultural e multimédia.

O nosso *corpus* contém 360 emails, dos quais, 189 produzidos por alunos chineses, mais precisamente, alunos que têm a língua chinesa como língua materna e 171 de alunos que têm o português como língua materna.

	Frequência	Percentagem
Chineses	189	52.5
Portugueses	171	47.5
<i>Total</i>	<i>360</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-1 Frequência e percentagem dos emails produzidos por alunos chineses e portugueses

Tendo em conta o grau académico dos autores, os emails constantes do *corpus* distribuem-se do seguinte modo: 172 de alunos de licenciatura e 188 de alunos de pós-graduação, i.e., mestrados e doutorandos.

	Frequência	Percentagem
Licenciatura	172	47.8
Mestrado e Doutoramento	188	52.2
<i>Total</i>	<i>360</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-2 Frequência e percentagem tendo em conta o nível da escolaridade

Poder-se-á constatar que tentámos manter o equilíbrio entre as várias categorias de modo a não interferir negativamente tanto na análise quantitativa como na qualitativa.

Antes de mais, será relevante esclarecer que na presente secção, de entre as variáveis que adiante apresentaremos, as variáveis X2, “Ordem no envio do email”, e X3, a “Extensão do email” não serão consideradas por não serem relevantes ou a sua relevância não ser expressa através de uma análise estatística descritiva. Posteriormente,

a correlação destes dois fatores (variáveis) será analisada através de uma abordagem estatística de regressão (ver Parte II 1.2.2.).

1.1.1.2 Metodologia de análise

Para entender integralmente os dados de modo a melhor permitir a aplicação de técnicas estatísticas, o processo de pedido e de seleção dos dados foi complementado, sempre que necessário, com breves entrevistas presenciais ou via Skype, Messenger ou, ainda, via email com os professores dos alunos e até alguns alunos que disponibilizaram a sua correspondência. Este contato visou esclarecer pontos como por exemplo, a urgência, o propósito sócio-comunicativo do email ou a relação entre o aluno/professor, quando não estavam expressos ou claros. Com efeito, há docentes, designadamente de língua, com quem os alunos mantêm uma relação relativamente mais próxima, provavelmente, por terem um maior número de tempos letivos, permitindo um melhor conhecimento mútuo. Porém, como os emails de cursos de língua são todos registados para a categoria LCN, não será possível a quantificação desse fator, pelo que o presente estudo não demonstra de forma credível a variável de “relação/distância social”. Tal facto não é, no entanto, impeditivo de uma apreciação qualitativa sobre a suposta distinção da “relação/distância social” entre os professores, de língua e restantes, com os respetivos alunos.

O tratamento estatístico terá como base o *software* Statistical Product and Service Solutions (IBM SPSS), software aplicativo que nos pareceu adequado à natureza dos dados em causa.

Foram variáveis de natureza estrutural que, numa primeira análise, tiveram preponderância no lançamento do nosso estudo (cf. abertura, encerramento, ordem no envio de email, urgência, etc.). Teria sido apetecível, e até estaria mais de acordo com o nosso ponto de vista, levar em linha de conta algumas incidências discursivas (cf. recursos da modalidade, recursos de indireção, etc.) como ponto de partida para o estudo estatístico; porém, após levantamento do *corpus* e até alguma manipulação estatística realizada, optámos por variáveis de natureza mais estrutural ou funcional por

se terem revelado mais suscetíveis de fornecer dados com validade estatística. A abertura e o encerramento são elementos relevantes na escrita de emails, designadamente na comunicação intercultural, até pelo facto de os recursos aí empregues poderem aliviar ou aumentar a tensão da interação *on-line* numa língua/cultura estrangeira afastada.

Greetings and Closings in email play an important social role in easing the strain of interacting online in a foreign language with someone from another culture.

(Eckert & McConnell-Ginet, 2003, p. 105 apud Huang, 2016, p. 186)

Na verdade, também foram considerados os aspetos relacionados com atos de fala em presença, dos quais fizemos uma requalificação de modo a possibilitar uma melhor abordagem. A abertura e o encerramento serão alternadamente optados na parte de análise de regressão como alvo de estudo estatístico, porque isso nos permite estabelecer uma correlação entre estes e os potenciais fatores expressivos que virão a influenciar o grau de delicadeza linguística.

A abertura que inclui, em regra, a forma de tratamento, relevará o grau de delicadeza esperado em relações já definidas ou negociadas entre os intervenientes, enquanto o encerramento poderá consolidar o relacionamento e construir uma base para encontros futuros (Chen, Victoria Rau, & Rau, 2016, p. 186). Dada a natureza da nossa investigação, sobretudo no que diz respeito à análise quantitativa, é mais operacional uma codificação das fórmulas utilizadas na abertura e no encerramento segundo o seu grau de delicadeza, permitindo a possibilidade de modelação estatística do nosso *corpus*. Em termos de análise de dados realizaremos, primeiramente, uma abordagem descritiva para verificar, de uma forma geral, as percentagens ocupadas pelas fórmulas de abertura e de encerramento. Seguidamente, será feita a Análise de Regressão Linear para explorar uma série de fatores, estatisticamente significativos, em termos do seu relacionamento linear com a (in)formalidade dos emails.

A saudação da abertura e a valência do fechamento serão designadas como

variáveis dependentes (Y), para além de outras 8 (oito) variáveis independentes identificadas (adiante discutidas) suscetíveis de influenciar a (in)formalidade do (abertura e encerramento do) email.

1.2 Análise estatística

A investigação quantitativa atribui valores numéricos às declarações ou observações, de modo a estudar estatisticamente possíveis relações entre as variáveis. Nesta secção dar-se-á conta dos resultados das análises descritiva, de regressão linear (multivariada) e de um teste Kruskal Wallis.

1.2.1 Descritivo

A presente secção contém, pois, duas partes: uma descritiva (frequência e percentagem) e uma análise de regressão. Esta segunda tem como objetivo verificar a existência de correlação funcional entre as variáveis (Ventura, Pestana, Gomes, & Pestana, 2013, p. 78; Wen, Yu, & Zhou, 2014, p. 182). Por outras palavras, procura-se uma equação que permita explicar a variação da variável dependente pela variação dos níveis das variáveis independentes, pelo que será utilizado o modelo de Regressão Linear Múltipla⁸⁴. Também se procurará estabelecer o poder preditivo de cada variável independente em relação à variável dependente. Para efeitos do estudo, a hipótese nula (H_0) significará que “a variável independente não tem relação com a variável dependente”. O objetivo da análise de regressão é testar essa hipótese, a fim de confirmar se poderá ou não ser rejeitada⁸⁵. Quando a hipótese nula é rejeitada, a hipótese alternativa (H_1) será estabelecida, ou seja, estamos em condições de afirmar a

⁸⁴ Temos em consideração algumas exceções quando se torna necessário realizar análises de regressão linear, com a finalidade de indagar sobre a possível correlação entre duas variáveis congêneres, i.e., duas variáveis independentes ou duas variáveis dependentes. Por exemplo, na sessão de análise estatística de cruzamento em que se junta duas categorias MDCN e LCN. Para que o estudo seja mais rigoroso e completo, será feita uma análise de regressão linear entre as duas variáveis dependentes “Grau académico” e “Marcadores de Delicadeza”, a fim de perceber a relação entre as mesmas.

⁸⁵ É habitual considerar-se que caso o valor-p seja inferior a 0.05, a probabilidade de os resultados serem causados pelo erro de amostragem é suficientemente baixa para ser desprezada e, assim, os resultados serão considerados como “estatisticamente significativos”.

correlação entre as variáveis consideradas. Se pelo contrário, o valor-p for superior a 0.05, os resultados serão considerados “estatisticamente não significativos” (Field, 2005). No que diz respeito ao R^2 , nomeadamente nos estudos fora do domínio humanístico, deseja-se sempre um valor elevado de R^2 que indicará uma melhor modelagem, pois R^2 representa a qualidade de ajuste, i.e., uma medida auxiliar ao resultado da análise da regressão. Isso verifica-se se e quando um modelo proposto for adequado para descrever um fenómeno verdadeiro. Porém, sendo a natureza do nosso estudo uma investigação em ciência social, é de aceitar que a modelagem tenha valores distintos.

1.2.1.2 Procedimento; seleção e codificação das variáveis

No que diz respeito à abertura como variável dependente (Y1), codificamos, de 1 a 3, numa escala crescente de formalidade, em que as fórmulas com maior formalidade recebem um número maior. Assim, a ausência de abertura e uma abertura de “Olá” são codificados com “1”; a saudação temporal (cf. “Bom dia” ou “Boa tarde professor”) é codificada com “2”; “Caro”, “Estimado”, “Exmo.” são codificados com “3”. É curioso que “Querido” (“Querida professora”) foi frequentemente utilizado pelos aprendentes chineses de licenciatura, nomeadamente pelos alunos de Macau. Após algumas entrevistas apercebemo-nos de que este tratamento, porventura, se deve mais a uma tradução errónea (interferência do “Dear” em inglês), do que a uma manifestação do grau de intimidade entre o professor e o aluno, razão pela qual propomos uma classificação de nível 2. Na verdade, a penas 4,44% dos informantes opta por esta forma de tratamento, o que, a verificar-se uma interpretação errada da nossa parte, esta não tem grande significado no cômputo geral. Este assunto, porém, carece de confirmação em futuros estudos.

Fórmula de abertura (Y1)	codificação
N/A; Olá (Olá Professor; Olá Professor + nome)	1
Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite (+ nome); Querido (Querido professor + nome)	2
Caro/ Estimado/ Exmo. Professor (+ nome)	3

Quadro II-3 Critério de codificação das fórmulas na abertura dos emails

Da mesma forma, o encerramento (variável dependente Y2) também foi codificado segundo o grau de formalidade, de 1 a 3 em uma escala crescente. Dentro das várias formas de encerramento ou despedida, “Nenhum encerramento” e termos que indicam intimidade como “Beijinhos” ou “Abraço” serão codificados com “1”⁸⁶; votos temporais tais como “Boa tarde”, “Bom fim de semana” serão codificados com “2”, juntamente com a despedida mais vulgar, “Cumprimentos”; “Com os melhores cumprimentos”, “Saudações/Cumprimentos cordiais”, e/ou advérbios mais utilizados na despedida, tais como “cordialmente” ou “atenciosamente”, são codificados com “3”.

Fórmula de encerramento (Y2)	codificação
N/A; Até breve; Beijinhos (Bjs)/ Abraço	1
Cumprimentos; Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite/ Bom fim de semana	2
Com os melhores cumprimentos/ Saudações cordiais (+ Cordialmente/ Atenciosamente, etc.)	3

Quadro II-4 Critérios de Codificação das fórmulas do encerramento dos emails

Como se trata de uma Análise de Regressão Linear Múltipla, a fim de explorar os fatores suscetíveis de influenciar o grau de formalidade da escrita dos emails, achamos prudente e funcional identificar variáveis independentes. Tendo em consideração a natureza do estudo e os dados recolhidos nas entrevistas suplementares, estabelecemos

⁸⁶ Uma forma de encerramento bastante íntima como “beijinhos” é aqui classificado com 1, porque para efeitos desta investigação e neste momento, atentando a que se trata de relações com professores com um grau forte de intimidade, parece-nos revelar uma menor necessidade de delicadeza na interação.

8 (oito) variáveis independentes listadas no Quadro II-5 e abaixo discutidas. Devemos esclarecer que a taxonomia procura captar fatores sócio-pragmáticos, a fim de tornar viável a análise estatística. Por exemplo, a variável “Marcadores de Delicadeza” foi projetada para, simplesmente, registrar a presença de número de marcadores de delicadeza convencional (cf. o uso do conjuntivo ou condicional, a manifestação de gratidão ou pedidos de desculpa diretos), nestes casos, não manifestando formas mais elaboradas. Tais como expressões ou segmentos inteiros dedicados à estratégia de salvaguarda da face negativa.

Variável Independente	codificação
Assunto	X1
Ordem no envio do email	X2
Extensão (número de palavras)	X3
Urgência	X4
Multi-propósito/finalidade	X5
Marcador de delicadeza	X6
Português língua materna	X7
Grau acadêmico	X8

Quadro II-5 Variáveis independentes consideradas no estudo

A variável X1 (Assunto) registra a presença e a ausência do preenchimento do campo de Assunto, uma vez que a consciência de formalidade do texto poderá estar relacionada com a consciência da delicadeza pretendida. Naturalmente que os assuntos na presente investigação serão apenas uma variável que poderá (ou não) apresentar correlação com outras variáveis de referência, ou seja, as variáveis dependentes. A tipologia do “Assunto” não parece ser pertinente num trabalho desta natureza, pelo que não a consideramos, logo, “0” corresponde à ausência de assunto, “1” à presença, independentemente da sua natureza.

A variável X2 (Ordem no envio do email) foi desenhada de modo a registar simplesmente a ordem de um email individual dentro de uma dada cadeia de mensagens trocadas. Apesar de se registarem alguns emails (respostas) dos professores, apenas as mensagens produzidas pelos alunos são alvo neste estudo. A variável X2 visa, portanto, registar o número de ordem de um email em termos da contribuição do remetente para a cadeia. Partimos do pressuposto de que a posição de ordem de um email numa cadeia interativa terá alguma interferência no grau de formalidade usado.

A Variável independente X3 (Extensão do email) regista o número de palavras em cada email escrito e, permitirá a exploração da relação entre esse fator e a opção de fórmulas utilizadas na abertura e encerramento.

A variável X4 (Urgência) representa o grau de urgência do assunto referido nos emails, tendo como referência marcadores de importância, incluindo o uso de funcionalidades incorporadas, como a função de importância da bandeira na plataforma de Microsoft Outlook ou Google Mails, por exemplo, bem como indicadores linguísticos no corpo do email. Por exemplo:

(1) Já estou de volta e venho por este meio indagar sobre a possibilidade de agendar um breve encontro consigo para esta semana ainda.

(nº 72 - MDCN)

(2) Desculpe incomodá-la durante as férias, mas devido às limitações de tempo, gostaria de saber quando é que me podia enviar a carta de recomendação (a carta para a universidade é muito urgente).

(nº 29 - LCN)

No email nº 72-MDCN, o/a aluno/a escreve para o informar sobre a possibilidade de se encontrar com o professor dentro daquela semana ainda, portanto, comparando com o assunto da entrega de trabalhos de casa ou de declaração de não poder estar presente em alguma aula, que são assuntos de pouca urgência, foi considerado esse tipo de email de nível médio “urgente”. No email nº 29-LCN, mesmo que o/a aluno/a não tenha inserido o marcador linguístico “Urgente” no assunto, nem tenha utilizado a funcionalidade incorporada de marcação da importância como alta (foi confirmado na entrevista com a docente), explicita no corpo do email, a razão da sua urgência. Em

função destas indicações, classificamos a urgência em três níveis: 1=não urgente, 2=urgente, 3=muito urgente.

A variável X5 (Multi-propósito/finalidade) regista as finalidades manifestadas nos emails, admitindo-se que estas afetarão a (in)formalidade das fórmulas de abertura e encerramento usadas. Suspeitamos que; quando há mais que um objetivo, nomeadamente quando se trata de pedidos, o remetente utilizará com mais cuidado em termos de mais decididas expressões de delicadeza linguística. Neste caso, registara-se *small talks*, para a proteção da face positiva do destinatário ou até se elogia esse último (às vezes com auto-depreciação).

- (3) Gostava de saber as suas opiniões sobre este tema. Aliás, como o professor é perito em “género”, peço-lhe recomendar-me obras que abordam os géneros e a aplicação dos géneros na prática, e qualquer outras obras que sejam úteis para o meu trabalho.

(nº 80 - MDCN)

- (4) Mas assim que possível, poderia dizer-me alguma coisa? Eu sei que já devia ter entregue mais cedo, e sei que inicialmente fui teimosa e estava fixada na ideia de fazer o manual, e de facto trabalhei nisso, o que me fez só começar a fazer a tradução muito tarde. Eu sei que é responsabilidade minha e que a professora não tem nada a ver com isso.

(nº 16 - LPT)

- (5) Haha sei que agora é tempo para praia em Portugal! Já tenho saudades de sol lá. Sim sim posso esperar. Sendo mais fácil ler, é melhor escrever online em inglês e depois imprimir no papel da escola, assinar e digitalizá-la

(nº 39 - LCN)

Para além do pedido, naturalmente, há outros temas registados que serão mais adiante objeto de análise descritiva (frequência) e do Teste não-Paramétrico (relação entre a utilização de certo tema e o grau de delicadeza expressada).

A variável X6 (Marcador de Delicadeza) procura codificar formas de delicadeza linguísticas presentes nos emails. Como as fórmulas usadas na abertura e no encerramento já estão codificadas, nesta variável, apenas expressões linguísticas de delicadeza presentes no corpo dos emails. Todos os elementos de delicadeza não considerados aqui serão objeto de análise qualitativa.

X7 (Português como língua materna) e X8 (mestrando-doutorando) são variáveis

independentes que visam dar conta do nível académico e da língua materna dos estudantes. Estas variáveis permitirão cruzamentos interpretativos com significado. Nota-se que, por exemplo, “MDCN+LCN”, ou seja, grupo de “aprendentes chineses (ou com mais precisão, aprendentes que têm a língua chinesa como língua materna)”. Nesse caso, o elemento comum será a língua chinesa, a variável X7, i.e., sendo todos produzidos por chineses, possuir um grau académico mais elevado poderá ter correlação (ou não) com as variáveis dependentes. Quanto ao cruzamento de MDCN+MDPT, de mesma forma, ter a língua portuguesa como língua materna será codificado como X8, admitindo o seu nível de significância face às variáveis dependentes, uma vez que é o mesmo grau académico (pós-graduação).

Segue um quadro em que o nome das variáveis bem como a sua definição e forma de inserção no SPSS são constantes.

Variáveis		Inserção/Definição no SPSS
Y1	Abertura	1= N/A ou pouco delicado; 2=delicado; 3=muito delicado
Y2	Encerramento	1= N/A ou pouco delicado; 2=delicado; 3=muito delicado
X1	Assunto	1= positivo; 0=negativo
X2	Ordem no envio do email	Valor inteiro contínuo
X3	Extensão (número de palavras)	Valor inteiro contínuo
X4	Urgência	1= não urgente; 2= urgente; 3= muito urgente
X5	Multi-finalidade/propósito sócio-comunicativo	1= positivo; 0=negativo
X6	Marcador de delicadeza	1= N/A ou muito pouco; 2= pouco; 3= médio; 4= frequente; 5= muito frequente
X7	Português língua materna	1= positivo; 0= negativo
X8	Grau académico	1= positivo; 0= negativo

Quadro II-6 Codificação das variáveis dependentes e independentes

Na próxima secção apresenta-se a análise descritiva dos dados.

1.2.2 Análise descritiva

Como anteriormente foi referido, os dados resultam de dois tipos de análise, o primeiro dos quais é descritivo. Passamos a apresentar estes resultados.

1.2.2.1 Abertura e encerramento

Consideramos em primeiro lugar, os dados obtidos quanto às sequências de abertura e fechamento dos emails.

Fórmula de abertura (Y1)		Frequência	Percentagem
N/A; Olá (Olá Professor; Olá Professor + nome)	1	86	23.9
Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite (+ nome); Querido (Querido professor + nome)	2	158	43.9
Caro/ Estimado/ Exmo. Professor (+ nome)	3	116	32.2
	<i>Total</i>	<i>360</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-7 Frequência e percentagem de “Abertura” (variável Y1)

Fórmula de encerramento (Y2)		Frequência	Percentagem
N/A; Até breve; Beijinhos (Bjs)/ Abraço	1	110	30.6
Cumprimentos; Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite/ Bom fim de semana	2	122	33.9
Com os melhores cumprimentos/ Saudações cordiais (+ Cordialmente/ Atenciosamente, etc.)	3	128	35.6
	<i>Total</i>	<i>360</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-8 Frequência e percentagem de “Encerramento” (variável Y2)

Dos resultados mostrados no Quadro II-7 acima exposto, pode-se constatar que no nosso *corpus* 43,9% dos emails contêm saudações temporais (ex., Bom dia, Boa tarde) ou “querido” como abertura, seguido por fórmulas de nível 3 de formalidade “Caro”,

“Estimado” ou “Exmo.”. A soma dos dois níveis mais baixo e intermédio é bastante significativo (67,8%).

Este aparente alto grau de informalidade na abertura não tem correspondência nos dados obtidos para o encerramento, em que a soma das percentagens dos níveis 2 e 3, ultrapassam em dois pontos percentuais a soma dos níveis 1 e 2 nas aberturas. Com efeito, o nível com percentagem mais alta no encerramento 35,6% é o de maior grau de formalidade, ao contrário da abertura.

1.2.2.1.1 Distribuição por língua materna

Antes de passarmos para resultado de outras variáveis, será pertinente observarmos também a frequência bem como a respetiva percentagem de “Abertura” (variável Y1) e de “Encerramento” (variável Y2), isoladamente, dos emails produzidos por aprendentes chineses e por alunos portugueses, tendo em conta a sua delicadeza ou grau de formalidade.

		Frequência	Percentagem
Abertura	1	39	20.6
	2	58	30.7
	3	92	48.7
	<i>Total</i>	<i>189</i>	<i>100.0</i>
Encerramento	1	54	28.6
	2	57	30.2
	3	78	41.3
	<i>Total</i>	<i>189</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-9 Frequência e percentagem de Abertura e Encerramento nos emails de alunos chineses

		Frequência	Porcentagem
Abertura	1	47	27.5
	2	100	58.5
	3	24	14.0
	<i>Total</i>	<i>171</i>	<i>100.0</i>
Encerramento	1	56	32.7
	2	65	38.0
	3	50	29.2
	<i>Total</i>	<i>171</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-10 Frequência e porcentagem de Abertura e Encerramento nos emails de alunos portugueses

Na consulta dos Quadros II-9 e II-10, resulta clara a preferência dos alunos chineses por fórmulas do nível 3 de delicadeza enquanto os portugueses escolhem a fórmula do nível 2.

No Quadro II-9 revela-se a frequência e a porcentagem da utilização das fórmulas e/ou expressões na abertura e encerramento dos emails produzidos por alunos chineses. A abertura de nível 3 de formalidade representa 48,7% e o encerramento desse mesmo nível ocupa 41,3%, confirmando que os alunos chineses têm a tendência para utilizar fórmulas e expressões de mais elevado grau de delicadeza. Nos emails produzidos por alunos portugueses (Quadro II-10) são fórmulas de abertura de nível 2 que obtêm uma maior porcentagem (58,5%), tal como se verifica no encerramento (38%). Reside aqui a maior diferença entre as escolhas linguísticas dos alunos chineses face as dos portugueses. Na análise qualitativa este assunto será de novo objeto de estudo (cf. Parte II 2.2.1).

1.2.2.2 Assunto

O preenchimento da área reservado ao “Assunto” do email foi realizado por 87,5% dos alunos.

		Frequência	Porcentagem
Válido	0	45	12.5
	1	315	87.5
<i>Total</i>		<i>360</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-11 Resultado geral de estatística descritiva: preenchimento de Assunto

Vejamos como este preenchimento foi realizado pelos estudantes chineses e pelos portugueses. Eis os resultados:

		Frequência	Porcentagem
Válido	0	23	12.2
	1	166	87.8
<i>Total</i>		<i>189</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-12 Frequência e porcentagem do preenchimento de Assunto nos emails dos alunos chineses

		Frequência	Porcentagem
Válido	0	22	12.9
	1	149	87.1
<i>Total</i>		<i>171</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-13 Frequência e porcentagem do preenchimento de Assunto nos emails dos alunos portugueses

Como se pode facilmente constatar, há um equilíbrio quanto ao preenchimento desta formalidade no email pelo que este aspeto não suscita qualquer outra análise.

1.2.2.3 Urgência dos emails

Como anteriormente explicado, o nível 2 de urgência, apontando para neutralidade, não significa, porém, um apagamento da expectativa. Com efeito, os emails, designadamente os que têm o propósito de “pedir informação” ou de “solicitar bens e serviços”, normalmente deixam registado o facto de ficarem a aguardar resposta. É esta manifestação da expectativa que vai estar presente em 57,5% dos emails. Apenas 3,1% dos emails refere uma nota de muita urgência.

		Frequência	Percentagem
Válido	1	142	39.4
	2	207	57.5
	3	11	3.1
	<i>Total</i>	<i>360</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-14 Resultado geral de estatística descritiva: Urgência de emails

Vejamos agora resultados que revelam isoladamente a situação de “urgência” dos emails produzidos por alunos, cuja língua materna é mandarim, e por alunos que têm o Português como língua materna.

		Frequência	Percentagem
Válido	1	180	42.3
	2	107	56.6
	3	2	1.1
	<i>Total</i>	<i>189</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-15 Frequência e percentagem do diferente nível de Urgência de emails dos alunos chineses

		Frequência	Porcentagem
Válido	1	62	36.3
	2	100	58.5
	3	9	5.3
	<i>Total</i>	<i>171</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-16 Frequência e porcentagem do diferente nível de Urgência de emails dos alunos portugueses

Quanto à “Urgência”, as porcentagens para os portugueses e para os chineses são idênticas, respectivamente 56,6% e 58,5%. Emails “menos urgentes” (do nível 1) apresentam também uma considerável frequência (42,3% e 36,3%). Considerando a natureza do *corpus*, que são interações entre professores e alunos no contexto universitário, será compreensível que assuntos como “entrega de trabalhos de casa” ou de “declaração de ausência em alguma aula” são frequentemente encontrados, não envolvendo um elevado grau de urgência (cf. a codificação em Parte II 1.2.1.2).

1.2.2.4 Propósitos sócio-comunicativos

No que diz respeito à variável “Multi-propósito/finalidade”, poderemos ver, através do resultado geral do Quadro II-17, que mais de metade dos emails contém apenas uma finalidade (57,5%), enquanto 42,5% dos emails apresenta mais do que um propósito sócio-comunicativo.

		Frequência	Porcentagem
Válido	0	207	57.5
	1	153	42.5
	<i>Total</i>	<i>360</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-17 Frequência e porcentagem dos Propósitos sócio-comunicativos

Os dois quadros seguintes (Quadros II-18 e II-19) apresentam os propósitos sócio-comunicativos tendo em conta os emails produzidos por alunos chineses e por

alunos portugueses.

		Frequência	Percentagem
Válido	0	110	58.2
	1	79	41.8
	<i>Total</i>	<i>189</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-18 Frequência e percentagem dos Propósitos sócio-comunicativos nos emails dos alunos chineses

		Frequência	Percentagem
Válido	0	97	56.7
	1	74	43.3
	<i>Total</i>	<i>171</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-19 Frequência e percentagem dos Propósitos sócio-comunicativos nos emails dos alunos portugueses

Com ligeira diferença, os alunos portugueses apresentam mais emails com maior número de propósitos sócio-comunicativos do que os chineses. Posteriormente será apresentado um resultado descritivo, mapa global da frequência e de percentagem de cada finalidade (principal).

1.2.2.5 Marcador de Delicadeza

Os “Marcadores de Delicadeza” quantificam os recursos de delicadeza presentes no corpo de cada email. Esta variável, apresenta níveis de 1 a 5, não sendo considerados marcadores “escondidos”, como por exemplo, a indireção, a utilização de *small talks*, entre outros, razão pela qual não será prudente afirmar o grau de delicadeza global do email apenas com base na frequência dos marcadores.

		Frequência	Porcentagem
Válido	1	173	48.1
	2	118	32.8
	3	44	12.2
	4	13	3.9
	5	11	3.1
	<i>Total</i>	<i>360</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-20 Frequência e porcentagem dos Marcadores de Delicadeza

Como se pode constatar no Quadro II-20, emails com menos marcadores ocupam 48,1% enquanto apenas 3,1% dos emails têm o nível 5. Vejamos agora também o resultado isoladamente obtido dos emails escritos por alunos chineses e por alunos portugueses:

		Frequência	Porcentagem
Válido	1	84	44.4
	2	68	36.0
	3	21	11.1
	4	9	4.8
	5	7	3.7
	<i>Total</i>	<i>189</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-21 Frequência e porcentagem de Marcadores de Delicadeza nos emails dos alunos chineses

		Frequência	Porcentagem
Válido	1	89	52.0
	2	50	29.2
	3	23	13.5
	4	5	2.9
	5	4	2.3
	<i>Total</i>	<i>171</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-22 Frequência e porcentagem de Marcadores de Delicadeza nos emails dos alunos portugueses

Os portugueses tendem utilizar mais emails desprovidos de recursos de delicadeza (nível 1) do que os chineses. De resto, globalmente, o email do aluno chinês é mais cuidado do ponto de vista da delicadeza, tendo em conta a percentagem de recursos utilizados. Relembramos que, do ponto de vista discursivo, a quantidade dos marcadores não representa obrigatoriamente o grau de delicadeza dos emails produzidos.

Esta análise descritiva está longe de revelar a essência dos dados produzidos pelo estudo, no entanto, aponta, já, para algumas evidências que serão confirmadas posteriormente, designadamente, na análise de regressão que está mais apta a dar conta da relação entre as variáveis consideradas. É desta análise que daremos conta na secção seguinte.

1.2.3 Análise de Regressão

Um modelo de “Regressão Linear” é suscetível de revelar o relacionamento linear entre duas variáveis, sejam elas dependentes ou independentes, enquanto um modelo de “Regressão Linear Múltipla” revela o relacionamento linear entre uma variável dependente e uma série de variáveis dependentes ou independentes.

Como foi referido, os dois fatores, “abertura” e “encerramento”, sendo de primordial importância na escrita dos emails, serão abordados nesta investigação de forma alternada, por uma questão: este procedimento deve-se a razões de viabilidade da própria análise estatística, mas também à clareza na apresentação dos dados. Assim sendo, teremos um “modelo a”, que diz respeito à variável “Abertura”, e um “modelo b”, que se refere ao relacionamento entre a variável “Encerramento” e as outras variáveis em causa.

1.2.3.1 Universo dos emails

Em primeiro lugar teremos, como objeto de análise, o universo total dos informantes, que correspondem às quatro categorias: MDCN, LCN, MDPT e LPT. Apuram-se como válidas as correlações entre a “abertura” e “encerramento” e, entre a “abertura”, com as variáveis independentes “Ordem”, “Extensão” e “Língua materna”. O R^2 ajustado, não sendo excelente, indica que estes valores são capazes de explicar cerca de 40,1% e 28,2% das escolhas efetuadas.

Variáveis	Significância* Modelo a: <i>Abertura</i> como variável dependente	Significância* Modelo b: <i>Encerramento</i> como variável dependente
Abertura (Y1)	–	.000
Encerramento (Y2)	.000	–
Assunto (X1)	.435	.823
Ordem no envio do email (X2)	.000	.096
Extensão (X3)	.012	.330
Urgência (X4)	.173	.853
Multi-propósito/finalidade (X5)	.616	.066
Marcadores de Delicadeza (X6)	.326	.069
Português língua materna (X7)	.000	.421
Grau académico (X8)	.803	.436
	Nº= 360	Nº= 360
	$R^2 = .401^{**}$	$R^2 = .282^{**}$

* nível de significância: 0.05

** O R^2 ajustado dos dois modelos de regressão é de cerca de 0.401 e 0.282

Quadro II-23 Análise de Regressão: significância, valores globais obtidos

1.2.3.2 Cruzamentos: MDCN+LCN, MDPT+LPT, MDCN+MDPT

Nesta secção, serão abordados três cruzamentos possíveis: (1) MDCN+LCN, i.e., emails dos alunos que têm a língua chinesa como língua materna; (2) MDCN+MDPT, i.e., emails dos alunos que frequentam cursos de pós-graduação; (3) MDPT+LPT refere-se aos emails produzidos por alunos que têm o português como língua materna.

Quando a categoria MDCN se combina com LCN, o elemento comum será a língua chinesa, o que nos permitirá entender melhor a expressão de delicadeza na sua relação com o grau académico dos alunos chineses. Quanto ao cruzamento de MDCN+MDPT, dado que o grau académico dos alunos é idêntico, será a interferência das respetivas línguas o objetivo de estudo. O terceiro cruzamento em que se comparam MDPT e LPT, permitirá perceber melhor a relevância de grau académico nos emails produzidos por alunos portugueses (que têm o português como língua materna).

Outras possíveis combinações, por exemplo, MDPT+LCN, não terão comparabilidade, dada a inexistência de fatores comuns entre as categorias simuladas. No caso do possível cruzamento de LPT+LCN existem fatores comuns; porém, o nível de língua dos aprendentes chineses de licenciatura não aconselha qualquer comparação.

1.2.3.2.1 A hipótese do grau académico

Será relevante tentar perceber se o facto de “ter grau académico mais elevado” interfere nas escolhas dos informantes, de forma idêntica ou distinta, para os portugueses e para os chineses.

O primeiro cruzamento, como foi referido, visa estudar a probabilidade do grau académico ter interferência na formalidade dos emails, considerando as variáveis dependentes e independentes.

Da leitura dos Quadros II-24 e II-25, resulta claro que não há validade estatística quer para os alunos chineses quer para os alunos portugueses, porventura, dado o número de variáveis em consideração.

Variáveis	Significância* Modelo a: <i>Abertura</i> como variável dependente	Significância* Modelo b: <i>Encerramento</i> como variável dependente
Abertura (Y1)	–	.000
Encerramento (Y2)	.000	–
Assunto (X1)	.929	.463
Ordem no envio do email (X2)	.000	.216
Extensão (X3)	.004	.687
Urgência (X4)	.393	.905
Multi-propósito/finalidade (X5)	.855	.197
Marcadores de Delicadeza (X6)	.082	.004
Português língua materna (X7)	-	-
Pós-graduação (X8)	.257	.721
	Nº= 189	Nº= 189
	R ² = .340	R ² = .281

* nível de significância: 0.05

Quadro II-24 Análise de Regressão de MDCN+LCN: variáveis significativas

Variáveis	Significância* Modelo a: <i>Abertura</i> como variável dependente	Significância* Modelo b: <i>Encerramento</i> como variável dependente
Abertura (Y1)	–	.000
Encerramento (Y2)	.000	–
Assunto (X1)	.328	.323
Ordem no envio do email (X2)	.000	.145
Extensão (X3)	.179	.264
Urgência (X4)	.244	.916
Multi-propósito/finalidade (X5)	.114	.041
Marcadores de Delicadeza (X6)	.979	.525
Português língua materna (X7)	-	-
Pós-graduação (X8)	.277	.252
	Nº= 171	Nº= 171
	R ² = .394	R ² = .297

* nível de significância: 0.05

Quadro II-25 Análise de Regressão de MDPT+LPT: variáveis significativas

Com o objetivo de perceber melhor a interferência do “grau acadêmico”, estabelecemos uma correlação possível apenas entre duas variáveis, a quantidade de “marcadores de delicadeza” (X6) e o “grau acadêmico” (X8). Neste caso, apesar de um R^2 baixo, é possível afirmar essa correlação, dado que o valor obtido 0.033 significará uma percentagem de 96,7% de probabilidade desta correlação ter interferência no comportamento linguístico dos informantes.

Variáveis na análise	Significância*
Marcadores de Delicadeza (X6)	–
Grau acadêmico (X8)	.033
	Nº= 189
	$R^2 = .19^{**}$

* nível de significância: 0.05

Quadro II-26 Análise de Regressão Linear dos emails produzidos por alunos chineses:
Correlação da variável X8 Grau acadêmico e X6 Marcadores de Delicadeza

Portanto, afirmar-se-á que, para os alunos chineses, possuir um grau acadêmico conduzirá a uma maior quantidade de marcadores de delicadeza utilizados nos emails. O mesmo não se poderá afirmar relativamente aos alunos portugueses (significância apurada: 0.890).

1.2.3.2.2 A hipótese da interferência da língua materna

A hipótese de língua materna ter interferência nas escolhas pode ser abordada usando o nosso *corpus* pela junção dos emails produzidos por alunos chineses e portugueses de pós-graduação. Não foram contabilizados os alunos portugueses de licenciatura, embora tendo a língua materna, com o intuito de não desequilibrar o número de informantes de ambas as nacionalidades. Ter o português como língua materna não só produziu resultados com um R^2 já relativamente alto, como se verificou uma análise estatisticamente válida, como se pode verificar no Quadro II-27. Isso significa que, há 97,4% de possibilidade deste resultado ser uma evidência experimental e não fruto do acaso.

Variáveis (in)dependentes	Significância* Modelo a: <i>Abertura</i> como variável dependente	Significância* Modelo b: <i>Encerramento</i> como variável dependente
Abertura (Y1)	–	.000
Encerramento (Y2)	.000	–
Assunto (X1)	.936	.979
Posição (X2)	.000	.035
Extensão (X3)	.417	.104
Urgência (X4)	.586	.421
Multi-propósito/finalidade (X5)	.796	.440
Marcadores de Delicadeza (X6)	.961	.403
Português (X7)	.001	.647
Pós-graduação (X8)	–	–
	Nº= 188	Nº= 188
	R ² = .500	R ² = .407

* nível de significância: 0.05

Quadro II-27 Análise de Regressão de MDCN+MDPT: variáveis significativas

Em outras palavras, o facto de “ter o português como língua materna” possui muito provavelmente uma correlação estatística com as fórmulas utilizadas na abertura dos emails. Porém, no modelo b, o relacionamento linear entre a variável X7 (“Português língua materna”) e a variável dependente Y2 (“Encerramento”) não é estabelecido (.358); logo, afirmar-se-á que esses dois fatores não serão pertinentes entre si.

1.2.3.3 Escolhas individuais dos públicos considerados (MDCN, LCN, MDPT, LPT)

Os dados das quatro categorias (MDCN, LCN, MDPT, LPT)⁸⁷, uma vez codificados serão analisados, a seguir, de forma separada, o que permitirá revelar as propriedades individuais, permitindo um melhor desenvolvimento do estudo.

⁸⁷ MDCN: alunos dos cursos pós-graduados; mestrados e doutorandos;
LCN: alunos dos cursos de língua que têm a língua chinesa como língua materna;
MDPT: alunos dos cursos pós-graduados; mestrados e doutorandos;
LPT: alunos dos cursos de licenciatura que têm a língua portuguesa como língua materna.

1.2.3.3.1 Emails de alunos chineses em pós-graduação (MDCN)

Foram registrados 103 emails MDCN (alunos dos cursos pós-graduados; mestrado e doutoramento). Em primeiro lugar, tratou-se de estabelecer os cálculos para identificar as variáveis com viabilidade estatística para as duas variáveis dependentes.

Variáveis (in)dependentes	Significância* Modelo a: <i>Abertura</i> como variável dependente	Significância* Modelo b: <i>Encerramento</i> como variável dependente
Abertura (Y1)	–	.000
Encerramento (Y2)	.000	–
Assunto (X1)	.763	.946
Ordem no envio do email (X2)	.000	.002
Extensão (X3)	.029	.895
Urgência (X4)	.612	.630
Multi-propósito/finalidade (X5)	.528	.209
Marcador de delicadeza (X6)	.059	.030
Português língua materna(X7)	–	–
Grau acadêmico (X8)	–	–
	Nº= 103	Nº= 103
	R ² = .538**	R ² = .464**

* nível de significância: 0.05

** O R² ajustado dos dois modelos de regressão é de cerca de 0.538 e 0.464, o que indica que esses modelos são capazes de explicar cerca de 53,8% e 46,4% da variação total das variáveis dependentes, indicando assim um bom grau de explicabilidade.

Quadro II-28 Validade estatística das correlações apuradas para os alunos MDCN

Como foi anteriormente referido, uma vez rejeitada a hipótese nula (H_0), o valor de 5% é o máximo permitido para que se considere uma correlação com validade estatística. Assim sendo, a correlação entre as duas variáveis dependentes, sendo de 0.000, tem validade estatística. Outras duas variáveis independentes (“ordem” e “extensão”) também têm validade estatística na sua correlação com a abertura. Quanto ao fechamento, para além da validade estatística já apontada com a abertura, as variáveis independentes de “ordem” e “marcador de delicadeza” têm viabilidade estatística. As restantes correlações esperadas não foram estabelecidas por apresentarem probabilidade de valores superiores ao nível pré-definido; a hipótese nula não foi rejeitada nestes casos.

1.2.3.3.2 Emails de alunos chineses no curso de licenciatura (LCN)

Passaremos a apresentar os dados disponíveis para a categoria LCN (alunos chineses de licenciatura, melhor dizendo, de cursos de língua portuguesa), onde se registaram 86 emails.

Variáveis (in)dependentes	Significância* Modelo a: <i>Abertura</i> como variável dependente	Significância* Modelo b: <i>Encerramento</i> como variável dependente
Abertura (Y1)	–	.031
Encerramento (Y2)	.031	–
Assunto (X1)	.554	.151
Ordem no envio do email (X2)	.155	.434
Extensão (X3)	.103	.486
Urgência (X4)	.353	.740
Multi-propósito/finalidade (X5)	.969	.673
Marcadores de Delicadeza (X6)	.460	.041
	Nº= 86 R ² = .119**	Nº= 86 R ² = .125**

* nível de significância: 0.05

Quadro II-29 Validade estatística das correlações apuradas para os alunos LCN

Não serão possíveis muitas extrapolações na medida em que apenas a correlação entre a abertura e encerramento tem validade estatística e, no caso do encerramento (modelo b), apenas a variável “marcador de delicadeza” é válida. Vejamos o quadro acima mostrado: é evidente que na categoria de LCN, cujos autores são chineses do curso de língua (licenciatura), se encontram menos variáveis expressivas. No Modelo a, apenas poderemos dizer que provavelmente o encerramento está relacionado com as fórmulas utilizadas na abertura (.031).

1.2.3.3.3 Emails de alunos portugueses em pós-graduação (MDPT)

Quanto aos alunos de pós-graduação e que possuem a língua portuguesa como língua materna (MDPT), foram registados 85 emails, que permitiram estabelecer uma

correlação significativa entre as duas variáveis dependentes, abertura e encerramento, e entre a primeira e a variável independente “ordem”.

Variáveis	Significância* Modelo a: <i>Abertura</i> como variável dependente	Significância* Modelo b: <i>Encerramento</i> como variável dependente
Abertura (Y1)	–	.000
Encerramento (Y2)	.000	–
Assunto (X1)	.838	.931
Ordem no envio do email (X2)	.008	.588
Extensão (X3)	.924	.136
Urgência (X4)	.676	.573
Multi-propósito/finalidade (X5)	.932	.669
Marcador de delicadeza (X6)	.315	.346
	Nº= 85	Nº= 85
	R ² = .398	R ² = .347

* nível de significância: 0.05

Quadro II-30 Análise de Regressão de MDPT: variáveis significativas

As restantes variáveis não chegaram a ter um nível descritivo de significância tão baixo que nos permitisse a rejeição da hipótese nula (H_0).

1.2.3.3.4 Emails de alunos portugueses no curso de licenciatura (LPT)

Foram recolhidos 86 emails produzidos por alunos de licenciatura, cuja língua materna (ou uma das línguas maternas) é a portuguesa, autorizando as seguintes correlações com validade estatística. Para além de mútua correlação abertura/encerramento, a primeira destas variáveis independentes admite uma correlação válida com a “ordem”, a “extensão” e “multi-propósito/finalidade”; por seu lado, o encerramento tem validade na sua correlação com a “ordem” e “multi-propósito/finalidade”.

Variáveis (in)dependentes	Significância* Modelo a: <i>Abertura</i> como variável dependente	Significância* Modelo b: <i>Encerramento</i> como variável dependente
Abertura (Y1)	–	.000
Encerramento (Y2)	.000	–
Assunto (X1)	.147	.129
Ordem no envio do email (X2)	.000	.009
Extensão (X3)	.040	.619
Urgência (X4)	.059	.932
Multi-propósito/finalidade (X5)	.018	.004
Marcador de delicadeza (X6)	.159	.937
	Nº= 86	Nº= 86
	R ² = .425	R ² = .288

* nível de significância: 0.05

Quadro II-31 Análise de Regressão de LPT: variáveis independentes significativas

Concluída a análise de regressão, decidimos realizar, pelas razões já apontadas e que a seguir se comentam, uma análise centrada nos propósitos sócio-comunicativos dos emails, o que foi feito com uma testagem Kruskal-Wallis.

1.2.4 Análise dos propósitos sócio-comunicativos principais (Teste Kruskal-Wallis)

1.2.4.1 Procedimentos de codificação

Como se verificou nas análises acima produzidas, quer para o universo global ou de cruzamentos, a variável X5 (multi-propósito) apenas teve uma correlação válida quando se tratou de alunos chineses de mestrado e doutoramento (MDCN) e dos alunos de licenciatura portugueses (LPT). A definição para a variável X5 inserida no *software* SPSS era “Multi-propósito” (o facto de o email conter mais do que um propósito sócio-comunicativo). Porém, conhecendo nós o contexto de recolha de dados, temos dificuldade em perceber um tão baixo grau de correlação. Não duvidamos que existe uma forte possibilidade de colinearidade entre a variável de “Extensão” (X3) e a variável X5, ou seja, é de prever que um número superior de propósitos corresponda a

um maior número de palavras, ou seja, uma maior extensão. Por isso, decidimos aprofundar a análise através de um Teste Kruskal-Wallis. Este teste permite identificar a importância/significância dos propósitos sócio-comunicativos, uma vez que este teste é aplicável à testagem deste tipo de hipóteses, quando a distribuição geral dos dados é desconhecida. Lembramos que o propósito sócio-comunicativo selecionado é o mais importante no email. A hipótese nula (H_0) será “A distribuição global dos vários propósitos sócio-comunicativos é a mesma”, enquanto a hipótese alternante (H_1) é quando “A distribuição global dos vários propósitos sócio-comunicativos é diferente”.

Após a seleção do propósito principal para cada email, através do Teste Kruskal-Wallis testaremos a possibilidade de “a distribuição global dos vários propósitos sócio-comunicativos ser a mesma”. Lembramos que o grau de delicadeza da “abertura” (Y1), do “encerramento” (Y2) e o número de “marcadores de delicadeza” (X6) servirão como referência. Caso a hipótese nula seja válida, concluiremos pela indistinção dos propósitos, em termos de influência ou correlação com as variáveis de referência. Caso a hipótese não seja válida (H_0 é rejeitada), concluiremos que “a distribuição global dos vários propósitos sócio-comunicativos é diferente”.

1.2.4.1.1 Codificação dos propósitos sócio-comunicativos

Tendo em vista os temas presentes no nosso *corpus*, e em conformidade com as propostas de funções de fala de Halliday (1985, 1994) e de Halliday & Matthiessen (2004), os variados propósitos sócio-comunicativos foram categorizados em ‘dar’ e ‘pedir’:

*The most fundamental types of speech role, which lie behind all the more specific types that we may eventually be able to recognize, are just two: (i) **giving** and (ii) **demanding**.*

(Halliday & Matthiessen, 2004, p. 107)

Ainda segundo os autores, uma outra distinção fundamental, e tendo em conta a natureza da mercadoria trocada, outra categorização se impõe: “Bens e Serviços” e

“Informações”.

Cutting across this basic distinction between giving and demanding is another distinction, equally fundamental, that relates to the nature of the commodity being exchanged: [...] (a) goods-&-services or (b) information.

(Halliday & Matthiessen, 2004, p. 107)

A discussão destas categorias em Halliday (1985, 1994) prende-se com a oração enquanto troca, portanto, com a análise do significado interpessoal, o que faz sentido do nosso contexto de estudo. De acordo com o modelo de Halliday, vários são os cruzamentos possíveis (cf. quadro abaixo), dos quais resultará a nossa codificação.

Papel na troca	Mercadorias trocadas	
	(a) bens-&-serviços	(b) informação
(i) dar	‘oferta’	‘declaração’
(ii) pedir	‘ordem’	‘questão’

Quadro II-32 Papéis básicos de atos de fala (adaptado de Halliday, 1994, p. 69; Halliday & Matthiessen, 2004, p. 107)

Os propósitos dos emails recolhidos foram codificados de 1 a 5, sem que se estabeleça um valor hierárquico entre eles. Pode-se constatar no Quadro II-33 a situação de agrupamento e da respetiva codificação dos propósitos detetados nos nossos dados.

Propósito		Codificação
Pedir	Informação	1
	opinião	
Dar	Bens e serviços	2
	Informação	3
Outros	declaração quanto a factos opinião positiva (acordo) opinião negativa (desacordo)	
	Bens e serviços	
	entrega do trabalho	4
	Outros	5
	agradecimento desejos (de Natal)	

Quadro II-33 Codificação dos propósitos sócio-comunicativos dos emails incluídos no *corpus*

Alguns exemplos em categoria 1, onde se encontram registados emails cujo propósito sócio-comunicativo é pedir informação ou opinião:

(6) Queria pedir-lhe me contar a que categoria de livros posso recorrer para esclarecer estes conceitos.

(Nº 81 - MDCN)

(7) Venho por este meio solicitar [solicitar] informações quanto a data para a entrega final da dissertação e o meio de suporte (impresso ou em formato digital?)

(Nº 19 - MDPT)

A codificação dos pedidos (Bens & Serviços e Informação) exigiu muito cuidado interpretativo, dada as incidências próprias de um ato de fala com a ordem e seus derivados em que, retoricamente, os propósitos sócio-comunicativos são muitas vezes disfarçados.

(8) Queria saber se o professor tem disponibilidade na sexta-feira às 10:00 de manhã.

(Nº 14 - MDCN)

- (9) Ficaria muito grato se me enviasses um resumo dos conteúdos do seminário porque será mais fácil perceber o que fizeram do que a consulta dos documentos disponíveis na página da disciplina.

(Nº 44 - MDPT)

No Exemplo (8), por exemplo, utilizando um enunciado declarativo, o aluno não pretende apenas receber uma resposta de “Sim, tenho.” ou “Não, não tenho”, mas solicita que o professor disponibilize um “serviço”; uma reunião.

Na terceira categoria de “Dar informações”, encontram-se presentes propósitos de “declaração quanto a factos”, “opinião positiva (acordo)” e “opinião negativa (desacordo)”. As declarações de factos são muito frequentes nos emails, por exemplo, quando o/a aluno/a refere a razão pela qual deixou de contactar o professor no período de elaboração da dissertação:

- (10)A razão pela qual tenho estado ocupada é o facto de me encontrar fora de Portugal, pois fui convidada pelo xxx para participar na formação de intérpretes [...].

(Nº 71 - MDCN)

Ou, quando o aluno repara que o dia combinado para uma reunião com a docente não é viável devido ao encerramento do campus:

- (11)[...] o ISCTE fecha a partir de quinta-feira segundo as informações publicadas. Por isso, vai ter que ficar para a segunda primeira aula depois das férias, assim, vou trabalhando e fazendo ainda mais coisas para falar consigo nesse dia.

(Nº 6 - MDPT)

Por vezes, ainda, os alunos manifestam as suas opiniões sobre matérias sugeridas pelos professores, ou sobre seminários que frequentam, etc. Neste caso, surgirão expressão de acordo, e de desacordo.

- (12)Então estive a ler o livro que me disponibilizou, "Courtyards", e achei bastante interessante a ao meu gosto o tema de pátio [...].

(Nº 16 - MDPT)

- (13)Eu estive a contemplar a sua avaliação para mim [...]. Não percebo como é que tive

apenas 17 nas frequências e tpc's, pois sempre fui uma aluna pontual, assídua e sempre fiz os pequenos trabalhos das aulas e o tpc's, e bem feitos. Talvez tenha faltado a uma aula, o que não me recordo, ou ter-me esquecido de fazer um tpc, mas mesmo que esse seja o caso, penso que não merecia apenas 17.

(Nº 86 - LPT)

A quarta categoria abrange envio/oferta de “Bens & Serviços”, em que se encontra envio de materiais, ou, com muita frequência, a entrega do trabalho, por exemplo:

(14) Conforme combinado, envio-lhe em anexo o livro "Construing Experience through Meaning: A Language-based Approach to Cognition" (1999).

(Nº 64 - MDCN)

(15) Entretanto conforme combinado, não cheguei entregar o abstract inicial da tese, envio juntamente anexado.

(Nº 15 - MDPT)

(16) Aqui tem o meu trabalho sobre a bandeira e o hino nacional da China e de Portugal.

(Nº 85 - LCN)

Para além das quatro categorias de propósito sócio-comunicativo, no nosso *corpus* ainda foram detetados emails apenas com finalidade de “agradecimento” e “desejos (votos de Natal, etc.)”. Os agradecimentos são, na maioria dos casos, apresentados juntamente com outros assuntos, por exemplo, na despedida escreve-se “Desde já muito obrigado.” (Nº 35 - LPT); porém, a sua presença, de forma particular, é também registada em séries de emails trocados, quando nos emails-respostas poder-se-á encontrar apenas frases como “Obrigada pela sua informação.” (Nº 16 - LCN). Para além dessas situações, registam-se emails cujo propósito é meramente a manifestação de gratidão:

(17) Não tenho palavras para explicar a minha emoção de receber uma nota tão boa com o meu professor favorito e excelente! Tenho algumas palavras que só queria dizer a si ao final do curso é que: foi e será um orgulho de ser a sua aluna! Foi por causa das aulas do Direito Constitucional dado pelo professor que nos fizeram pensar muito e me deram motivação a estudar Direito com o maior esforço! Agradeço muito a sua contribuição e paixão no ensino! Além disso, fiquei contente de testemunhar o seu bom despenho na reitoria. Vou ter muitas saudades das suas aulas, um beijinho grande!

(Nº 45 - MDCN)

São registados no nosso *corpus* alguns emails em que se fazem votos para certas datas festivas, normalmente no final da elaboração de um email. Existem também emails em que os “desejos” são o único propósito, neste caso, nomeadamente produzidos por alunos chineses de licenciatura (devido à provável proximidade entre eles e professores de língua).

(18) Querida professora xxx:

Feliz Natal! Espero que você tenha um bom tempo com a sua família e um bom descanso [descanso] nas férias de Natal.

Beijinhos!

(Nº 17 - LCN)

1.2.4.2 Resultados

Antes de mais, gostaríamos de apresentar um resultado descritivo que nos permitirá uma ideia global da frequência e de percentagens que cada finalidade ocupa.

		Frequência	Percentagem
Pedir Informação	1	83	23.1
Pedir Bens e Serviços	2	114	31.7
Dar Informação	3	100	27.8
Dar Bens e Serviços	4	62	17.2
Outros	5	1	.3
	<i>Total</i>	<i>360</i>	<i>100.0</i>

Quadro II-34 Resultado descritivo dos propósitos sócio-comunicativos principais de todos os emails no *corpus*

Dos 360 emails do nosso *corpus*, 114 emails têm como propósito principal “pedir bens e serviços” (31,7%) das finalidades; sendo seguido pelo propósito de “dar informação” (27,8%). A questão que se coloca é de se saber se uma maior frequência indica correlação correspondente entre as diferentes finalidades e variáveis de

referência (Y1, Y2 e X6).

O Teste Kruskal Wallis, sendo um teste não-paramétrico baseado em *rank* pode ser usado para determinar as diferenças estatisticamente significativas entre dois ou mais grupos de uma variável independente tendo como referência uma variável dependente contínua ou ordenada.

A aplicação do Teste Kruskal Wallis neste contexto permitirá revelar a existência (ou não) da correlação entre os propósitos e as referências de delicadeza que consideramos pertinentes (“abertura”, “encerramento” e “marcadores de delicadeza”).

Estatísticas de teste ^{a,b}			
	Abertura	Encerramento	Marcadores de Delicadeza
Significância Assint.	.009	.037	.000

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: **Propósito Sócio-comunicativo Principal**

Quadro II-35 Resultado do Teste Kruskal Wallis:
Significância das três variáveis “Abertura”, “Encerramento” e “Marcadores de Delicadeza”

Com os valores obtidos do Teste Kruskal Wallis podemos concluir que a correlação existente entre os propósitos (variável de agrupamento) e as três variáveis de teste é significativa. Como foi referido, quando o resultado dessa primeira etapa do Teste Kruskal Wallis for positivo, ou seja, apurada correlação estatística (valor-p inferior que 0,05), estaremos em condições a passar à segunda etapa do Teste, que consiste em identificar, dentro dos propósitos sócio-comunicativos, anteriormente codificados e testados, quais os que mais influenciam o resultado.

	Propósito Principal	Posto Médio
Abertura	1	171.31
	2	152.06
	3	132.53
	4	137.13
	5	34.00
Encerramento	1	160.93
	2	163.53
	3	125.20
	4	152.50
	5	40.50
Marcadores de Delicadeza	1	161.88
	2	195.41
	3	116.12
	4	91.79
	5	73.00

Quadro II-36 Predominância dos Pedidos de Informação e Bens & Serviços

Segundo os resultados no Quadro II-36, poder-se-á constatar que quando a “abertura” é a variável de teste, a categoria 1 (propósito sócio-comunicativo “Pedir informação”) apresenta um maior valor de posto médio (171.31). Estes dados permitem concluir que, o maior grau de formalidade na abertura será relacionado com um pedido de “informação”. Porém, quanto a “encerramento”, a correlação faz-se com o propósito “pedir bens e serviços” (163.53). Dada a proximidade dos valores obtidos para “Pedir informações” (categoria 1) e “Pedir bens e serviços” (categoria 2), estamos autorizados a concluir que os emails com estes propósitos serão os que promovem aberturas ou encerramentos com maior grau de delicadeza/formalidade.

Quanto aos marcadores de delicadeza na sua correlação com “pedidos de bens e serviços” (posto médio de 195.41), este valor está muito provavelmente relacionado com maior quantidade de marcadores de delicadeza presentes no corpo dos emails. Segue-se o “pedido de informações” (161.88).

Não será difícil concluir que os propósitos “dar Informações e Bens & Serviços”, bem como outros propósitos (categoria 5) interferem menos nas variáveis consideradas. Outros dados complementares na análise sobre os propósitos sócio-comunicativos serão objeto na análise qualitativa.

1.3 Apreciação global dos dados estatísticos

Em primeiro lugar, afirmamos a importância dos métodos estatísticos para a investigação empírica. Neste tipo de estudo, ao invés de estudar toda a produção escrita de alunos chineses e portugueses do ensino superior, cabe ao investigador selecionar uma parte que toma como “amostra”, sendo que as conclusões estatisticamente apoiadas serão válidas para o conjunto. No caso particular deste estudo, uma vez que se debruça sobre a delicadeza, faz sentido também trabalhar a partir de amostra orientada para uma situação discursiva particular – a comunicação escrita entre professor e aluno. Com efeito, se por um lado não obtivemos dados extraordinários em resposta a todas as perguntas que gostaríamos de ver respondidas, por outro lado, o rigor dos dados apresenta a vantagem de orientar seletivamente a nossa análise, incluindo a qualitativa.

No processo de codificação, a “abertura” e o “encerramento” foram os escolhidos como fatores de referência, definidos, portanto como variáveis dependentes, com os quais os outros elementos (variáveis independentes) terão, ou não, um relacionamento linear. Será óbvio que, como foi referido, os emails não foram mecanicamente feitos dentro de certos modelos (como muitas vezes utilizados nas aulas de produção escrita de língua estrangeira/língua segunda), muitas e variadas fórmulas foram utilizadas, e de seguida agrupadas em 3 categorias em conformidade com o seu grau de formalidade em cada variável para que a análise estatística seja viável. Em outras palavras, como a complexidade do corpo dos emails está muito para lá da questão da abertura e do encerramento, será difícil encontrar uma classificação totalmente aceitável.

1.3.1 Predomínio das incidências estruturais

O primeiro dado a relevar é, justamente, a correlação válida para todo o universo de emails entre a abertura e o encerramento, o que de certo modo confirma a razoabilidade da nossa escolha quanto às variáveis dependentes. Tratou-se de uma escolha que convoca as preocupações de delicadeza mais próximas da estruturação textual do que de outros aspetos discursivos (cf. “assunto”, “extensão”, ou “propósito sócio-comunicativo”). Anteriormente, manifestámos o desacordo quanto considerar-se a delicadeza e as questões de “face” como universais partilhados. Mantemos esta opinião; porém, os dados obtidos para esta correlação parecem apontar para que ela goze de alguma universalidade. Ainda em relação às variáveis dependentes, os dados deixam claro que a abertura é mais correlacionável do que o encerramento, o que faz admitir que, consideradas as variáveis independentes, há uma hierarquia entre a abertura e o encerramento com vantagem para a primeira. Por outras palavras, no momento de iniciar a escrita, o aluno tem mais consciência da natureza delicada de abertura do que no encerramento. O valor-p apurado (0.031) para alunos de licenciatura/língua, portanto chineses, é consistente com a insegurança do aprendente de língua. A correlação existe, sem dúvida, nestes alunos, no entanto, em nosso parecer, fica a dever-se mais às práticas linguísticas na língua materna do que a um verdadeiro trabalho com o professor sobre a consciência sócio-pragmática e/ou cultural que o email implica. Em todo o caso, é-nos permitido supor que os alunos chineses que frequentam curso de língua não terão uma consciência precisa da coerência exigida na utilização das formas de tratamento e das fórmulas de despedida no encerramento do email.

1.3.2 Proximidade discursiva; aluno chinês MDCN e aluno português LPT

O segundo aspeto que reportamos de significativo é a proximidade de valores, de correlações, portanto, entre os dados obtidos para o aluno português de licenciatura (LPT) e o aluno chinês de mestrado e doutoramento (MDCN). Tudo se passa como se

no processo de aprendizagem do aluno chinês, a consciência do texto delicado, no que aos emails diz respeito, só começa a identificar-se com o padrão português (do aluno português) quando frequenta o curso de mestrado ou de doutoramento. Os nossos dados não permitem afirmar, mas provavelmente tratar-se-á da confluência de três fatores: o domínio da própria língua, o domínio das incidências relacionais aluno/professor admitidas na sociedade portuguesa, e em terceiro lugar, o domínio discursivo e funcional do email.

1.3.2.1 Ordem e Extensão

Outro elemento revelado pelos dados diz respeito aos valores da variável independente “ordem no envio do email”, designadamente na sua correlação com a “abertura”. Os valores desta correlação são importantes *per se*, sobretudo quando comparados com os das restantes variáveis independentes. Seria de esperar que a “urgência” ou o “multi-propósito/finalidade” fossem mais determinantes do que a “ordem”. Na verdade, iniciada uma conversa, havendo posteriormente resposta e contrarresposta, menos preocupações com aspetos formais e discursivos de delicadeza vão sendo convocados. Ainda merece ser referido, neste particular que os alunos chineses de licenciatura (LCN) não estabelecem esta correlação. Eventualmente, por estarem preocupados com outros recursos de língua nesta fase de aprendizagem.

No que diz respeito à correlação com o encerramento, os estudantes portugueses de licenciatura (LPT) e os chineses de mestrado e doutoramento (MDCN) são os únicos a estabelecê-la. Facto que é consistente com observações anteriores, parecendo confirmar o padrão acima apontado de proximidade entre o aluno chinês de pós-graduação e o português de licenciatura.

Quanto à variável “extensão”, apenas foi possível estabelecer correlação válida com a “abertura” nos emails dos alunos portugueses de licenciatura (LPT) e dos chineses de mestrado e doutoramento (MDCN). De novo, dados que aproximam estes dois tipos de alunos.

1.3.2.2 Variáveis menos correlacionáveis

“Urgência” e “multi-propósito/finalidade” são variáveis que apresentam número muito pouco relevantes, a primeira das quais não permitindo qualquer correlação, quanto ao “multi-propósito/finalidade”, o aluno português de licenciatura (LPT) é o único que deixa nos seus emails os traços de uma correlação quer com a abertura, quer com o encerramento.

No que diz respeito a “marcador de delicadeza”, só existe correlação com o encerramento nos emails dos alunos chineses, de licenciatura (LCN) e de pós-graduação (MDCN).

Ser estudante que tem a língua portuguesa como língua materna (variável X7 “Português língua materna”) só tem correlação com a abertura e, o facto de ter um elevado “grau académico” não apresenta correlação nenhuma nem com a abertura nem com o encerramento.

1.3.3 Expressão de delicadeza e Propósitos sócio-comunicativos

Foi a suspeita colinearidade entre a extensão do texto e a quantidade de propósitos que, num primeiro momento, esteve na origem de mais uma análise particular, o teste Kruskal Wallis, com o fim de nos fornecer uma visão mais fina da relação entre o propósito sócio-comunicativo e as restantes variáveis dependentes e uma variável “marcador de delicadeza”. Os “pedidos” são sem dúvida os propósitos que implicam uma maior consideração de delicadeza por parte dos alunos. Trata-se, no dizer de Brown & Levinson, de um tratamento do enunciado para salvaguardar a face negativa do destinatário, muitas vezes com mais “poder” (Brown & Levinson, 1978, 1987), nomeadamente na cultura chinesa (cf. Capítulo 2 e 3, Parte I), que é o professor. Ainda aqui, há uma distinção a fazer entre os tipos de pedido; por um lado, pedido da informação exige mais formalidade na abertura enquanto o pedido de bens & serviços a suscita no encerramento. Não foi possível determinar se este comportamento é idêntico ou distinto nos alunos portugueses e chineses.

Um estudo estatístico aplicado a este tipo de dados, tendo sempre a vantagem de cunhar as afirmações produzidas, não deixa de limitar as possibilidades que o investigador desejaria ver trabalhadas. É bom não esquecer que, como os emails recolhidos são autênticos, escritos em contextos verídicos, levam com eles informações que poderão vir a influenciar, de forma conjunta e complexa, os resultados estatísticos. Os valores de probabilidade de significância são mais indicadores do que meros números resultantes de um cálculo. Alguns dos dados obtidos, mesmo não tendo uma validade estatística definitiva, têm a virtualidade de orientar a própria análise qualitativa que realizamos no próximo capítulo.

Capítulo 2 Análise qualitativa

2.1 Introdução

Se a análise qualitativa não permite a cunhagem estatística das conclusões a que vamos chegando, quando aplicada aos textos e contexto do presente trabalho, ela permite a aproximação a outras dimensões textuais que muito dificilmente podem ser quantificadas. Aqui, já é possível encarar o texto na sua globalidade (Creswell, 2013, p. 179), ou seja, nas suas dinâmicas interativas e discursivas. Como foi anteriormente dito, a interpretação dos dados quantitativos servir-nos-á de orientação para a abordagem dos textos que faremos nesta secção. A nossa análise será, pois, apresentada tendo em conta os “assuntos”, em que estarão presentes questões/fenómenos de natureza idêntica, tentando interpretar a regularidade das características detetadas na produção escrita dos alunos e procurar perceber a causa e a génese das possíveis dificuldades ou até usos erróneos por parte dos aprendentes da língua materna chinesa. O estudo vai focar-se principalmente nos seguintes assuntos:

- Abertura e encerramento; padrão das escolhas dos alunos de língua chinesa;

- Preponderância do “você”;
- Pedido e estratégias linguísticas na realização de pedido;
- Usos erróneos induzidos pela intenção de delicadeza.

Será necessário salientar que, tendo em conta a natureza da presente investigação, não serão tidos em conta erros ortográficos, lexicais ou morfológicos, exceto quando provocados pela intenção de expressar-se com delicadeza.

2.2 Enquadramento analítico

Procura-se nesta secção apresentar a caracterização do comportamento discursivo escrito dos alunos chineses em emails dirigidos aos seus professores, tendo como referência o comportamento dos alunos portugueses.

O que está de facto em equação são os fatores que podem contribuir para esse comportamento linguístico dissemelhante. Colocamos como hipóteses explicativas as seguintes:

- 1) Domínio da língua;
- 2) Consciência sócio-pragmática;
- 3) Questões do foro interpessoal (aluno/professor).

Na verdade, os alunos chineses, quando comparados com os portugueses, apresentam uma maior tendência para utilizar fórmulas de mais elevadas formalidades (nível 3 no estudo quantitativo), 48,7% de todas das fórmulas e expressões (cf. Parte II, Capítulo 1, análise descritiva). Há que considerar que, em culturas asiáticas como a chinesa ou a japonesa e a coreana, o eixo hierárquico das relações sociais é mais preponderante do que na generalidade das sociedades na cultura ocidental, o que resulta da complexidade de tratamento igualmente superior. “Em praticamente qualquer par imaginável de falantes, um será considerado como superior, por mais ligeiramente que seja, e o outro inferior a esse mesmo grau” (Scollon & Scollon, 1991, p. 117). Esta dissimetria identificada pelos autores referindo-se especificamente às culturas chinesa

e japonesa, é particularmente verdadeira quanto à relação professor-aluno⁸⁸, em que os professores ocupam a posição de poder conferido pela autoridade científica e hierárquica ou institucional. No dizer de Chiang, um poder “autocrático” sobre os alunos (Chiang, 2013, p. 307). Com efeito, na cultura chinesa, é conhecido o ditado “Aquele que me ensina um dia é o meu pai pela vida” (“一日为师，终生为父”, Yí rì wéi shī, zhōngshēng wéi fù) que não deixa dúvidas sobre a importância do papel do professor. Um outro ditado orienta para o respeito da norma “honrar os professores e estimar a verdade” (“尊师重道”, zūn shī zhòng dào). É sabido como o conceito de *Lǐ* (礼) (cf. Parte I, Capítulo 2), literalmente interpretado como “ritos”, seguramente enraizado já na era histórica da China, continua a ser plasmado e até é domesticado na língua e cultura chinesa (Y. Pan & Kádár, 2011a, 2011b). O aluno chinês que integrou estas ideias na sua vida, associando-as intimamente à sua natureza, à ética, às regras de conduta na sociedade e, ao comportamento linguístico adequado (J. He et al., 2015), terá dificuldade em desfazer-se delas no momento da escrita dum email ao seu professor. É assim que os fatores 2) (Consciência sócio-pragmática) e 3) (Questões do foro interpessoal) confluem no estabelecimento de *Zhèngmíng* (正名), essencialmente uma norma sociocultural que permite perceber as definições sociológicas e o estatuto de cada indivíduo, e logo, a linguagem adequada para realizar uma interação (Feng, 2009; Gu, 1990). Para além de algumas deficiências no domínio de língua, o aluno chinês terá as dificuldades naturais de lidar com uma figura com “poder” carecedora de alta estima, como é, tradicionalmente, o professor na China, agora transposta para outra sociedade e cultura. A preferência por uma linguagem mais formal e que lhe segura a expressão de maior estima e deferência estaria, então, explicada.

Vejamos então como se concretizam as dissemelhanças apontadas neste enquadramento analítico.

⁸⁸ Scollon & Scollon (1991) afirmam ainda que a relação professor/aluno é sentida pelos asiáticos como tão omnipresente quanto entre pais e filhos ou entre irmão mais velho e irmão mais jovem (Scollon & Scollon, 1991, p. 121). Essa comparação refletirá a elevada posição do professor, bem como uma forte obrigação moral da parte dos estudantes.

2.2.1 Abertura e encerramento padrão das escolhas dos alunos de língua chinesa

Como foi anteriormente discutido, a abertura e o encerramento são importantes nas interações através dos emails. Na abertura, nomeadamente na fórmula utilizada como tratamento, o locutor deixará a sua primeira impressão relativamente ao destinatário, indicando a distância/proximidade pretendida, enquanto o encerramento poderá consolidar o relacionamento entre os interlocutores e construir uma base para encontros posteriores. Estas formas de tratamento bem como as de despedida refletirão a relação no momento da escrita do email entre o remetente e o destinatário, a fim de que a comunicação seja bem-sucedida e fluente.

2.2.1.1 Alunos de licenciatura

De acordo com os resultados da nossa análise quantitativa, os alunos chineses manifestam tendência para utilizar mais frequentemente fórmulas (e/ou expressões) de mais elevado grau de formalidade⁸⁹ (nível 3), quando comparados com os portugueses⁹⁰ que utilizam preferencialmente fórmulas (e/ou expressões) do nível médio de formalidade.

Durante o processo de recolha de dados e em entrevistas que tivemos de realizar, nomeadamente dos emails escritos por estudantes que têm a língua chinesa como língua materna, sobretudo os que frequentam a licenciatura, pode-se constatar que estes alunos estavam muito inseguros quanto à formalidade exigida na escrita de muitos emails; mais do que isso, nunca tinham discutido em ambiente pedagógico as incidências sociopragmáticas não só deste texto em particular, mas da generalidade dos atos comunicativos escritos ou orais.

Seguindo as pistas identificadas no estudo quantitativo, vamo-nos referir a emails

⁸⁹ Nos emails dos alunos chineses (ou mais precisamente, alunos que têm o chinês como língua materna), fórmulas e expressões do nível 3, nível de mais elevado grau de formalidade, utilizadas na abertura e no encerramento ocupam respetivamente 48,7% e 41,1%. Ver Parte II Capítulo 1.

⁹⁰ Nos emails escritos por alunos que têm a língua portuguesa como língua materna, abertura e encerramento do nível 2 ocupam respetivamente 58,5% e 38,0%. Ver Parte II Capítulo 1.

dos alunos de licenciatura chineses. Em primeiro lugar, constata-se que, apesar de tudo, uma maioria sensível dos alunos chineses de licenciatura conhecem a formalidade e a importância da abertura e do encerramento. As fórmulas mais ocorrentes são “caro/a”, “estimado/a” para a abertura e “cumprimentos” e “com os melhores cumprimentos” para o encerramento. Quando analisado o conteúdo dos emails, verificamos que não se trata meramente de uma escolha coerente, já que essa mesma formalidade não é frequentemente cumprida no corpo do email. Com efeito, uma forma de tratamento como “você” pode surgir (nº 10-LCN), alterando toda a coerência construída, mas também os restantes recursos de delicadeza exigida, ou estão ausentes, ou são escolhas erradas.

(1) Estimada Prof.ª Xxx,

Desculpe! Eu cheguei à sala às 15:30, mas não vi a professora na sala. Achei que você já saiu, portanto voltei para o dormitório.

A professora estava na sala B209?

Cumprimentos,

Xxx

(nº 10 - LCN)

Como explicar então este fenómeno? Supomos que o aluno adquiriu uma listagem de fórmulas de tratamento e, no momento da escolha, fá-lo como se de qualquer outro item lexical se tratasse. Não tendo uma consciência sócio-pragmática explícita quanto a este tipo de textos e de situação, a sua escolha é pouco mais do que cega. Um número ainda substancial de emails iniciado pela forma “querida” aparenta apontar para uma relação interpessoal mais forte com a professora. Como já foi apontado, frequentemente “querida” não será uma mais do que uma tradução do inglês “Dear”, fórmula que não envolve uma intimidade. Há a testar este facto um número significativo de emails começados por “querido”, encerrados com “com os melhores cumprimentos” ou “cumprimentos”. Na verdade, verificou-se que há emails em que a abertura “querida” corresponde coerentemente com o encerramento “beijinhos”. Estes últimos referem-se

a emails entre aluna e professora, ambas portanto do sexo feminino.

(2) Querida professora,

Bom dia!

Sou a xxx. Estão as fotos tiradas no dia de graduação em anexo, espero que você goste. :))

Cumprimentos.

Xxx

(nº 18 - LCN)

Observemos como a dissemelhança anteriormente apontada se concretiza no nosso *corpus* em outras situações identificadas.

(3) Olá, professora xxx,

Sou a xxx da turma noturna do primeiro ano do curso de tradução.

Esqueci-me de falar consigo na segunda-feira, como eu já pedi a dispensa de disciplina, não vou fazer o teste intermédio. Muito obrigada!

Com os melhores cumprimentos,

(nº 3 - LCN)

(4) olá [Olá], professora xxx sou o xxx, em anexo vai o meu trabalho de casa, obrigado pela sua atenção.

Com os meus melhores cumprimentos.

(nº 25 - LCN)

(5) Olá professora,

peço desculpa, só agora vi a sua resposta. Para mim, pode ser uma eletrónica e depois voce [você] assina o nome, como acha?

Os melhores cumprimentos,

(nº 44 - LCN)

Os exemplos números 3, 25 e 44 tipificam de forma esclarecedora as hesitações dos estudantes de licenciatura chineses quanto às formas de tratamento usadas na

abertura e no encerramento. Identificam-se, na abertura, formas de tratamento informais que contrastam com a formalidade usada na despedida. Se observarmos o conteúdo, repararemos num padrão claro de ausência de modalização, indireção ou outros recursos de delicadeza, em que um agradecimento é a única exceção. Confirmando este padrão de incoerência, no email nº 44-LCN, surge a forma de tratamento “você” dirigida ao professor, totalmente incongruente com a abertura e até com encerramento.

(6) Cara professora xxx,

Tudo bem?

Sou xxx. Aluno da BLCU. Agora quero candidatar mais universidades da Inglaterra e preciso de references [referências]. Sendo sempre simpática e conhece-me bem, pode ser mais uma vez o meu referee? Eu quero candidatar as duas unversidades [universidades] e cada universidade tem diferentes condições de reference [referência].

1. The University of Manchester, majoring in Social Anthropology MA - Latin American Studies Pathway.

Voçê precisa de preencher e assinar uma pequena Referee Report Form que está no anexo(PDF).

Além disso, the university request a written reference com o seu details (posição,contacts and so on) que pode enviar por email diretamente para mim .

2. The University of Sheffield, majoring in MA Latin American Studies. (Department of Hispanic Studies, Faculty of Arts and Humanities)

The university only request a written reference com o seu details. E isso pode enviar diretamente para mim por email. Se quiser, the written reference of the two university can be the same,

because of the same program.

3. Pode dizer-me o seu first name and last name?

Obrigadíssima pela sua ajuda! Voçê [Você] sempre é a professora que fica na primeira posição. Feliz Natal!

Beijinhos.

(nº 37 - LCN)

No email nº 37-LCN, regista-se uma situação inversa da acima apontada. Aqui a

formalidade está na abertura enquanto a informalidade se verifica no encerramento. Melhor dizendo, na abertura a formalidade existe na forma de tratamento “Cara professora x”⁷; porém, é logo seguida de um incongruente “Tudo bem?”. As dificuldades do aluno em organizar enunciados morfossintaticamente complexos é evidente pelo recurso ao inglês, no entanto, pelo conteúdo do email, percebe-se tratar-se de um aluno do 4º ano de licenciatura.

A falta de correspondência no eixo interno de tratamento é denunciada pelo uso (duas vezes) do tratamento “você”. Nota-se, no entanto, a forte presença de uma intenção de delicadeza manifesta nos dois elogios à professora (tratamento da face positiva), um no início, outro ao terminar o corpo do texto. Em ambos se percebe a presença do sistema chinês de delicadeza, sendo que o primeiro configura uma situação de *small talks*, adiante abordada. Nenhum dos recursos naturais de delicadeza num texto como este (modalização, indireção, diminutivo, desatualização temporal presente/imperfeito) foi usado.

2.2.1.2 Alunos de mestrado e doutoramento

Resultou da análise quantitativa, que o comportamento dos alunos de mestrado e doutoramento chineses (MDCN), do ponto de vista da coerência textual, se aproximou dos alunos portugueses de licenciatura (LPT). Trata-se de um dado que merece ser aprofundado na análise qualitativa. De facto, o aluno chinês da licenciatura para a pós-graduação manifesta mais homogeneidade na abertura e no encerramento; porém este dado não permite estender a afirmação às escolhas do tratamento e da delicadeza, de *per se*.

Nos emails de mestrado e doutoramento escritos por alunos chineses, mantém-se a preferência nítida pelo tratamento formal (grau 3 e 2) registada nos emails dos alunos de licenciatura, esta formalidade, no entanto, é mais coerente entre a abertura e o encerramento e nas incidências da delicadeza utilizadas no corpo dos emails.

(7) Cara Professora,

Espero que esteja tudo bem consigo e tenha boas férias.

Já me inscrevi no novo ano lectivo, assim que começou a época de inscrição. Tudo corre muito bem.

Queria saber que tipo de posição oficial da Faculdade é que a Professora precisa? Certificado de matrícula ou?

Estou a elaborar a parte de metáforas e tenho dúvida de se alguns exemplos estão bem encaixados em categorias que pus (quadro de características de linguagem geral e língua para fins específicos). Aliás, uns exemplos de chinês também poderão ficar em algumas categorias, não sei se puder colocá-los ou tenho mesmo de esperar pela resposta da Professora xxx?

Agradeço desde já toda a sua disponibilidade e apoio,
Com os melhores cumprimentos,

(nº 5 - MDCN)

(8) Cara Professora,
Muito boa tarde.

Agradeço imenso que me enviou a correção das partes novas e também os cometários importantes.

Fico muito contente e relaxado por saber as novas partes foram redigidas conforme as suas orientações.

Relativamente à questão das numerações, vou corrigir tudo consoante sua a orientação. Visto que os exemplos dos textos chineses ainda não são definidos, no início, estive a pensar em colocar os exemplos de inglês com numerações separadas em cada categoria, para que possa ver se depois inserir mais alguns exemplos, quer de inglês quer de chinês. Mas, já vou corrigir tudo com numerações contínuas.

Quanto ao número dos exemplos de inglês, a Professora acha que já são suficientes, ou ainda poderei introduzir mais alguns?

Após a recepção da correção da Professora XXX, irei incorporar a nota prévia, a introdução, as observações finais, a bibliografia e os anexos com os originais e as traduções, pelo que na próxima entrega irão receber uma versão completa (se não for preciso introduzir os exemplos de sintaxe).

Agradeço muito que me enviou o relatório da colega xxx que irá, com certeza, inspirar-me na elaboração.

Agradeço também que me informou a sua disponibilidade da próxima Segunda-

feira, confirmo que irei presente nessa hora na faculdade para a sessão de orientação. O local de encontro pode ser qualquer que lhe dê mais jeito, por mim, não há nenhum problema.

Com os melhores cumprimentos.

(nº 7 - MDCN)

Nos exemplos em cima (nº 5 e nº 7 - MDCN) fica bem patente o que se afirmou sobre preferência pela formalidade alta e coerência nas escolhas da abertura e do encerramento. Se não é possível ainda identificar recursos como a modalização ou a indireção, nestes como em grande parte dos emails destes alunos encontram-se dispersos, quase sempre adequadamente utilizados outros recursos de delicadeza. Por exemplo, aspetos que distinguem claramente estes emails dos da licenciatura, estão presentes os seguintes recursos:

- desatualização temporal (“queria saber que tipo de ...” nº 5 - MDCN),
- algum léxico atitudinal (“fico contente e relaxado por ...” nº 7 - MDCN),
- votos pessoais (“Espero que esteja tudo bem consigo” nº 5 - MDCN),
- agradecimentos sobre várias formas (“agradeço, desde já ...” nº 5 - MDCN), com intensificadores (“muito”/ “imenso” nº 7 - MDCN).

Nos alunos de pós-graduação está portanto mais presente a intenção de delicadeza e o acesso aos seus recursos. A escolha do email nº 7, para além de elucidativa quanto ao que foi anteriormente afirmado, permite também exemplificar o facto da evolução no domínio de delicadeza se fazer independentemente da correção formal da frase. Com efeito, o email nº 7 contém muitos erros gramaticais.

A atestar uma aproximação com as escolhas dos emails dos alunos portugueses de licenciatura, estão os cerca de 30% de emails em que os alunos chineses optam por um tratamento temporal na abertura. Trata-se de um aumento muito significativo (o tratamento temporal nos emails dos alunos chineses de licenciatura era residual). Esta novidade, nestes alunos, é consistente com o desaparecimento do tratamento “querido” (apenas um email registado).

2.2.1.3 O email dos alunos portugueses

A primeira observação que temos que fazer relativamente aos emails dos alunos portugueses é que não há grandes distinções entre os emails de licenciatura e de pós-graduação. A formalidade escolhida é relativamente baixa na “abertura”, um número substancial dos alunos opta por tratamento de natureza temporal (“Bom dia”, “Boa noite”, etc. Ocupam estes 58,5% de todos os formas de cumprimento, (cf. Parte II, 1.2.1). Em muito menor número surge o informal “Olá”, que parece ser mais escolhido quando se trata do segundo ou terceiro email numa sequência interativa. Em emails em que a escolha de forma de tratamento é mais formal, predomina a presença do nome do professor (cf. “Caro professor xxx”, “Estimado professor xxx”), facto que ocorre esporadicamente quando a escolha é menos formal. No corpo do texto e, no “encerramento”, a formalidade é média e alta, não confirmando a “abertura”. Este facto dever-se-á à consciência do imediatismo que o email proporciona na comunicação e menos a uma perceção de menor formalidade na relação com o professor no contexto universitário. Neste último caso, a descida da formalidade iria atingir todo o texto.

(9) Boa Tarde Professor,

Espero que esteja tudo bem, queria então saber quando é que temos de ir buscar as notas dos testes da nossa cadeira Linguagem e Comunicação? Se temos de combinar um dia em particular?

Obrigado e bom fim de semana!

(nº 13 - LPT)

(10) Olá professora,

Peço desculpa desde já por não ter falar consigo na semana passada devido à viagem de curso, gostaria de saber a sua disponibilidade durante esta semana que vem. Obrigado.

Cumprimentos,

(nº 4 - MDPT)

(11) Caro Professor xxx,

Gostaria de colocar algumas questões quanto a dissertação final do curso:

- como seria o funcionamento na escolha ou na atribuição do tema da dissertação final?
- qual são os prazos? Consultei junto a secretária da school of architecture of Tsinghua University quanto à esta questão, fui informado que a confirmação do tema da tese é necessário ser o mais breve possível, devido a um limite número de professor na faculdade, para evitar que recorria o risco de não ter orientador cá.

(Para se ter uma ideia, o sistema cá é muito burocrático, não sei se era só para Exchange student, qualquer informação que pretendia obter é super difícil e demorado, normalmente mandam-nos para vários departamentos a falar com pessoas diferentes para uma simples resposta...)

Agradecia desde já a sua atenção.

Com os melhores cumprimentos,

(nº 22 - MDPT)

Não se conhecendo a natureza das relações entre estes alunos e os seus professores, mas sabendo-se que, sobretudo, o universo limitado dos alunos de um curso de mestrado e doutoramento produz por vezes estilos comunicativos particulares, não arriscamos produzir mais especulações sobre os emails portugueses.

Os emails dos alunos portugueses, porém, nesta investigação são apenas a referência comparativa pelo que não merecerão mais comentários.

2.2.2 Preponderância do “você”

Sem embargo de outras observações de menor efeito que aqui serão feitas, poremos em destaque nas próximas secções os aspetos que mais distanciam o email do aluno chinês do português. Antes, no entanto, é bom referir um dado que é por demais evidente: no email do alunos chinês, independentemente do seu grau académico, costata-se um desequilíbrio significativo entre as competências linguística e pragmática, em prejuízo desta segunda.

Como foi discutido no Capítulo 3 da primeira Parte, as abordagens às formas de

tratamento na língua portuguesa não são suficientes para entender todas as dimensões do uso e, portanto, para permitir uma boa informação aos professores de língua. Autores, há que afirmam, simplesmente que “você” expressa em português de Portugal uma relação assimétrica entre os interlocutores, sendo utilizado pelo superior quando se dirige ao inferior (Biderman, 1972; Cunha & Cintra, 2015; Manole, 2012). Na verdade, mesmo não tendo dados disponíveis suficientemente claros, é possível identificar na sociedade portuguesa usos, no eixo do poder, do “você” simétrico (trabalhadores da mesma empresa com estatuto idêntico), em que a relação pessoal é neutra ou distante. Também será fácil encontrar a mesma forma de tratamento num ambiente familiar, portanto de proximidade afetiva (cf. pais/filhos, irmãos/irmãs). Este último uso terá crescido na última década, sendo possível vê-lo estendido ao tratamento recíproco entre professor e alunos no ensino secundário, em determinadas escolas. Não nos referimos ao tradicional uso em zonas muito restritas do país, mas ao recente aparecimento de socioletos que trouxeram uma maior instabilidade diatópica e diastrática em Portugal. Não chegamos ao ponto de, como Hammermüller (2004) propõe, o uso do “você” na sociedade portuguesa poder ser considerado tanto respeitoso, como ofensivo, fazendo com que alguns locutores, em contextos particulares, o evitem. A fórmula mais óbvia de o evitar é recorrer ao tratamento de terceira pessoa, que como vimos, os estudantes com mandarim como língua materna só vão usar claramente no mestrado e no doutoramento.

Estarão todos os professores de língua informados sobre todos os valores do “você”? Estando informados, o que como vimos é difícil pela ausência de bibliografia, preocupam-se em deixar claro aos seus alunos, no momento oportuno estes elementos? Seguramente que as hesitações e usos erróneos observados no nosso *corpus* não apontam para uma resposta positiva:

(12) Querida professora,

Bom dia!

Sou xxx. Estão as fotos tiradas no dia de graduação em anexo, espero que você goste. :))

Cumprimentos.

(nº 18 - LCN)

(13) Cara professora,

Tudo bem?

Onde está agora? Tenho muitas saudades [saudades] de você!!

Sou xxx-- A menina chinesa que estudava em Macau consigo no ano passado. Estou a fazer um estágio em Beijing e estou a pensar em continuar o meu estudo de mestrado na Inglaterra (queria estudar na área de políticas públicas, comunicação intercultural ou gestão), você pode escrever uma carta de recomendação para mim? É melhor em inglês, mas se não for conveniente para você, pode escrever em português e depois vou traduzir. Quanto ao conteúdo da carta, pode escrever as suas impressões de mim incluindo os exemplos e tudo o que quiser.

Se você não tiver tempo, penso que posso escrever primeiro e depois posso enviá-la por e-mail para você verificar.

Espero à sua resposta.

Com os melhores cumprimentos.

Bjs!

(nº 38 - LCN)

Nos emails nº 18-LCN e nº 38-LCN vemos o uso do tratamento “você” por alunos de licenciatura que associam a forma a uma abertura de “Querida” (nº 18) e no email nº 38, uma abertura mais formal de “Cara”. Os dois emails são representativos, por um lado das questões da abertura anteriormente discutidas, por outro, e principalmente, do uso expresso do “você”. Com efeito, a forma de tratamento (será só esta?) não parece representar, para os alunos, valores particulares distintos, nos dois casos, sendo significativa a percentagem de alunos que o fazem. Por outras palavras, o “você” associa-se tão facilmente no email do aluno chinês de licenciatura a um tratamento formal como a um tratamento informal. A informalidade (email nº 18), por exemplo, é associada sem qualquer reticência a um *emoji*. O que foi dito para um email iniciado por “querida” é válido, no nosso *corpus*, para emails iniciados por “Olá” ou tratamentos temporais. O encerramento do nº 38 é uma exceção, embora a dupla despedida (“Com os melhores cumprimentos” e “Bjs!”) se enquadre em toda a insegurança verificada.

Da licenciatura para o curso pós-graduação verifica-se uma alteração drástica na escolha do tratamento pelos alunos chineses. Com efeito, o uso expresso do “você” é

insignificante (dois emails), aproximando-se, como em outros aspetos já tratados, das escolhas realizadas pelos alunos portugueses.

Apesar de todas as observações feitas neste capítulo e no anterior sobre a formalidade e a informalidade, é bom deixar claro que o tratamento por “tu”, que tem equivalente no Mandarim em “nǐ” não é uma escolha dos alunos para o tratamento com o seu professor.

Para entender a escolha do você pelos alunos chineses, será importante colocar a hipótese de que a forma de tratamento é apresentada com alguma frequência em documentos de ensino como correspondendo a *nín* 您 e explicado dessa forma. Tais formulações produzem uma compreensão incompleta do que está em causa na comunicação interpessoal. Na verdade, o *nín* chinês, ao contrário do “você”, é frequente enquanto uso de inferior para superior (Nie, 2009). O aprendente chinês é, pois, confrontado com um uso paralelo de *tu* e *nǐ*, sendo ambos pronomes pessoais de segunda pessoa singular, têm uso idêntico no interior das duas culturas, enquanto os usos de “você” e de “nín”, não sendo paralelos, muitas vezes são apresentados como tal pelos professores.

A juntar a esta questão dos recursos disponíveis nas duas línguas, juntam-se os ingredientes interpessoais, discursivos e culturais que, por experiência própria, raramente são trabalhados em aula.

2.2.3 Pedido e estratégias linguísticas na realização do ato de fala

Se quisermos entender melhor determinadas opções da delicadeza nos emails dos alunos chineses e não só, temos que remontar ao desaparecimento dos honoríficos e do léxico tradicional educativo da língua e cultura chinesa, que, deixando um vazio, permitiu o reforço de outras ferramentas discursivas na interação social. Entre estes novos recursos comunicacionais ganhou progressivamente popularidade, nomeadamente em situações de comunicação informais e interações quotidianas (Y. Pan & Kádár, 2011b, pp. 95–97), a chamada “*small talk*”, uma “fala sobre tópicos diferentes dos relacionados com a ação pretendida” (Zhang, 1995, p. 82).

Entre as *small talks*, encontramos expressões como “Chī le ma?” (吃了嗎? Já

comeu?/Já almoçou?/Já jantou?), “Nǐ qù nǎ’r?” (你去哪儿? Onde é que vais?) ou “Zuì jìn máng bù máng?” (最近忙不忙? Tem estado ocupado ou não?), saudações frequentemente usadas sobretudo entre conhecidos, que se foram tornando rotineiras nas interações sociais da vida quotidiana dos chineses (Y. Pan & Kádár, 2011b, pp. 95–97). Logo, as *small talks* servem, não só como formas de saudação que iniciam um diálogo, mas também como elemento que permite a atenuação de um ato ameaçador da face⁹¹ como o pedido, a ordem, etc. As *small talks* são muitas vezes utilizadas antes de um pedido ser feito (Zhang, 1995, pp. 82–86), uma vez que a “face” é uma imagem pública que é especificamente saliente na sociedade chinesa (Hinze, 2005, p. 171). Tal como referem Scollon & Scollon (1991), os chineses e outros asiáticos geralmente adiam a introdução do tópico por um período considerável até que uma *small talk* seja realizada (Scollon & Scollon, 1991, p. 115). Zhang (1995) sublinha o papel de equilíbrio ou harmonia desempenhado pelas *small talks* nas interações.

Such interactive adjustment aims at a face-balance between the interlocutors in a communicative event. If facework is instrumental to politeness and harmony, face-balance is central in the facework.

(Zhang, 1995, pp. 85–86)

Pode-se dizer que as *small talks* da língua chinesa têm um quase paralelo funcional nas saudações no início dos emails escritos pelos portugueses, por exemplo, “Espero que tudo esteja bem consigo” (nº 11 - MDPT), porém, o que distingue as *small talks* das saudações propriamente ditas será o uso possível de frases que exprimem uma saudação de forma indireta.

Vejamos um exemplo (14.1) em que a aluna enviou um email à professora para pedir um favor: a escrita uma carta de recomendação. Junto com o email, foram também salientados vários requisitos (em itálico) em termos da língua utilizada e conteúdo da carta. As *small talks* encontram-se sublinhados.

⁹¹ Por outras palavras, poderão também ser considerados estratégias para o tratamento de atos ameaçadores de face; por exemplo, estratégias positivas de Brown & Levinson (1978, 1987) como “Perceber o outro” ou “Exagerar o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro” (P. Brown & Levinson, 1978, p. 74).

(14.1) Cara professora,

Tudo bem?

Onde está agora? Tenho muitas saudades [saudades] de você!!

Sou xxx-- A menina chinesa que estudava em Macau consigo no ano passado. Estou a fazer um estágio em Beijing e estou a pensar em continuar o meu estudo de mestrado na Inglaterra (queria estudar na área de políticas públicas, comunicação [comunicação] intercultural ou gestão), *you can write a recommendation letter for me? It's better in English, but if it's not convenient for you, you can write in Portuguese and then I'll translate. As for the content of the letter, you can write your impressions of me including examples and everything you want.*

Se você não tiver tempo, penso que posso escrever primeiro e depois posso enviá-la por e-mail para você verificar.

Espero à sua resposta.

Com os melhores cumprimentos.

Bjs!

(nº 38 - LCN)

Sendo o propósito do email fazer um pedido, um ato de fala sempre ameaçador para a face do outro, a aluna chinesa, após iniciar um email com um cumprimento, optou por suavizar o pedido com *small talks*, em que pergunta onde está a professora, e expressa a saudade. Como se compreende, este procedimento não visa obter resposta, mas apenas atenuar o pedido. Este comportamento poderá enquadrar-se nas estratégias propostas por Brown e Levinson (1978, 1987) (cf. Parte I 1.4), em “exagerar o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro” (P. Brown & Levinson, 1978, p. 74).

A interação continua, com a resposta da professora (exemplo 14.2), solicitando informações mais detalhadas para a elaboração da carta:

(14.2) (resposta da professora)

Querida xxx,

Tenho todo o gosto em escrever-lhe uma carta de recomendação, mas para quando precisa dela? É escrita online ou é necessário escrever, assinar e digitalizá-la? Estou na aldeia, em casa da minha mãe, e só irei para Lisboa no fim de semana, só então é que terei scanner. Se puder esperar estes dias, tratarei disso, quando chegar a casa.

Um beijinho grande e fico à espera de notícias suas.

(nº 38 - LCN)

A resposta da professora confirma a relação interpessoal existente entre ambas pelo tratamento inicial “querida” e “beijinho grande” no encerramento. No corpo do email, a forma de tratamento é de terceira pessoa. Na reação a este email, a aluna vai utilizar uma nova *small talk*, que dá conta de proximidade já discutida que o email pode conferir a interação. Com efeito, como se estivéssemos perante uma interação face a face, a *small talk* alude ao “tempo de praia em Portugal” e às “saudades de sol”.

(14.3) Querida professora, Muito obrigada!!

Haha sei que agora é tempo para praia em Portugal! Já tenho saudades de sol lá.
Sim sim posso esperar. *Sendo mais fácil ler, é melhor escrever online em inglês e depois imprimir no papel da escola, assinar e digitalizá-la. Não precisa de ser muito longa, 400 palavras é suficiente.* Se você precisar de qualquer [quaisquer] informações sobre mim ou se achar que é melhor que escrevo a carta primeiro, diga-me.
Obrigada!
Com os melhores cumprimentos.
Grandes Bjs!

(nº 39 - LCN)

As *small talks* podem ocorrer em outros momentos da interação. No paradigma seguinte, ele ocorre após o propósito ter sido atingido. A *small talk* neste email (nº 40 - LCN) complementa o agradecimento “Muito obrigada pela sua carta de recomendação,” e refere as saudades do tempo passado, as aulas e as memórias.

(15) Cara professora,

Sou xxx, a estudante de BLCU. Como é que você está? Espero que tudo lhe corra bem!

Muito obrigada pela sua carta de recomendação, mas finalmente escolhi [escolhi] a continuar o meu mestrado na Academia Chinesa de Ciências Sociais. E o meu curso é relações internacionais da América latina. Porque ACCS fica em Pequim, mais perto da minha casa e interesse-me por este curso.

Tenho saudades dos dias que eu passava em Macau consigo e das suas aulas interessantes e brilhantes. São as memórias maravilhosas na minha vida.

Beijos.

(nº 40 - MDCN)

Um outro paradigma encontrado diz respeito ao uso de “sequências de apoio”

(supportive moves), “enunciados que trabalham sobre as condições preparatórias ou apresentam sugestões orientadas para objetivos” (Zhang, 1995, p. 82). O grau de delicadeza indireta será determinado pela extensão dessas “sequências” que nunca contêm explicitamente a propósito pretendido.

No email a seguir, a aluna apresenta condições e razões que a levarão a solicitar reuniões:

(16) Caro Professor,

Espero que esteja tudo bem consigo e com a sua família.

Peço desculpa pela falta de contacto durante este tempo desde a última conversa. A razão pela qual tenho estado ocupada é o facto de me encontrar fora de Portugal, pois fui convidada pelo xxx para participar na formação de intérpretes, iniciativa colaborada pela Direção Geral da Interpretação da UE para aperfeiçoar as nossas capacidades de interpretação em todos os aspectos.

O dia de retorno a Portugal está marcado para 25 deste mês, altura em que entrarei novamente contacto consigo, se não lhe incomodar muito, gostaria de combinar reuniões para nessa altura a fim de poder discutir e me dar mais indicações sobre a tese.
[...]

(nº 71 - MDCN)

Poder-se-á concluir que, sobretudo, pedidos e solicitações por alunos chineses, porque orientados pela sua cultura (Zhang, 1995, p. 83) realizam-se o seguinte padrão: *small talk* e/ou sequências de apoio + pedido + *small talk* e/ou sequências de apoio (ao agradecimento) (adaptado de Zhang, 1990 *apud* Zhang, 1995, p. 83).

Elaborando sobre o *ethos* comunicativo chinês, semelhantes observações foram feitas por Kirkpatrick (1991) e Chang & Hsu (1998). Kirkpatrick (1991) afirma que os falantes nativos chineses preferem colocar os seus pedidos no final das mensagens, e que o processo de realização dos pedidos geralmente se adequa ao esquema seguinte: saudação, preâmbulo (*facework*), justificação, a solicitação propriamente dita e o fecho (Kirkpatrick, 1991, p. 197). Chang & Hsu (1998) subscrevem, reforçando a ideia de que o padrão é válido quer em relações de poder desigual, quer em relações de poder idêntico (Y.-Y. Chang & Hsu, 1998, pp. 129–130). As observações acima feitas

explicam, de certo modo, diferenças nos emails dos alunos chineses relativamente aos alunos portugueses, atentam as dificuldades encontradas, e não deixam de explicar a tendência de escrever mais do que é suposto em outras culturas, a fim de diminuir a sensação de imposição causada (Y.-Y. Chang & Hsu, 1998, p. 131).

2.2.4 Usos erróneos induzidos pela intenção de delicadeza

Como qualquer aprendente duma nova língua, o aluno chinês faz recurso de estratégias comunicativas que se aproximem dos hábitos linguísticos na língua materna ou de outras línguas que tenha adquirido. No caso do aprendente chinês, é mais comum, por exemplo, surgir para um agradecimento, um “muito obrigado por ...” do que “agradeço/agradecia/ficaria grato que ...”. Se evitar for a estratégia repetida, o aprendente acabará por cristalizar a primeira destas formas, que é a mais próxima dos seus hábitos linguísticos. No nosso *corpus*, os exemplos encontrados de interferências e usos erróneos terão explicação no âmbito desta estratégia:

(17) Espero que não tem* sido [~~seja~~/tenha sido] muito ocupado.

(nº 86 - LCN)

(18) Agradeço que me recorda* [~~recorde~~/tenha recordado] a questão do equilíbrio das páginas, vou tentar fazê-lo o melhor possível.

(nº 8 - MDCN)

Parece ser bastante claro nos exemplos que a manifestação de um voto, ou um agradecimento iniciado pelo próprio verbo ilocutório, são eles próprios as causas de uma mais escolha modal.

Outros exemplos significativos ficam listados abaixo:

- *A professora poderia dizer-me qual diferença é que tenho de verificar no exercício?* (nº 15 - LCN)
- *Queria pergunta se você recebeu* o email com ...?* (nº 32 - LCN)
- *Se você possa dar-me auxiliar, gostaria de lhe ...* (nº 47 - LCN)

Embora sendo de natureza diferente, é patente a insegurança causada pela intenção da delicadeza. Este tipo de ocorrências significativas nos emails de alunos chineses de

licenciatura (LCN), deixa de se verificar nos emails de alunos chineses de pós-graduação (MDCN).

Outra tipologia de interferências ocorre na própria fórmula de delicadeza. Registaram-se, tipicamente, ocorrências como as seguintes:

- - *gradeço-lhe a sua compreensão e atenção.* (nº 2 - LCN)
- - *Apresenta os seus melhores cumprimentos.* (nº 4 - LCN)
- - *Apresenta os seus melhores cumprimentos.* (nº 7 - LCN)
- - *Desculpa por enviar muito tarde.* (nº 13 - LCN) (email iniciado por um tratamento de “Prezada professora xxx”)
- - *Agradeço, desde já a sua atenção despendida.* (nº 56 - MDPT) (o pedido já obteve resposta)
- - *Agradeço desde já toda a sua disponibilidade e atenção.* (nº 4 - MDCN) (colocado no início do email, confusão com “antes de mais”)
- - *Agradeço desde já toda a sua disponibilidade e atenção.* (nº 6 - MDCN) (colocado no início do email, confusão com “antes de mais”).

Se é verdade que os estudantes chineses de licenciatura recorrem às estratégias de evitar (“avoidance”) e produzem erros sobretudo por má seleção modal, os emails dos alunos chineses de mestrado/doutoramento revelam uma muito maior segurança nos enunciados delicados; porém, alguns erros, que poderíamos chamar de hiper-utilização, foram identificados, como está patente nos emails seguintes:

(19) Queria saber se pudesse* [pode/podia] escrever uma declaração a fim de afirmar [...].
(nº 34 - MDCN)

(20) Uma professora sugeriu-me que é melhor dar um vídeo sobre como os portugueses fazer pedidos no restaurante. Queria perguntar se tivesse* [tem/tinha] este tipo de vídeo.
(nº 78 - MDCN)

As escolhas do modo de conjuntivo, agora, são desnecessárias, já que o indicativo é o modo adequado. Claro que outras explicações podem ter lugar para estas

ocorrências, e não forçosamente em interferência da delicadeza.

2.3 Apreciação global dos dados qualitativos

O estudo qualitativo que realizamos foi, como dissemos anteriormente, orientado por algumas das conclusões do estudo quantitativo. Com efeito, o propósito deste estudo é, sobretudo, aprofundar dados que possam ser reveladores do comportamento linguístico dos alunos chineses em duas etapas avançadas da sua formação, na escrita de um texto de Comunicação Mediada por Computador (CMC). Apesar de ambos os estudos, muitos dados que gostaríamos de confirmar ficam por determinar, designadamente, os que se prendem com a relação interpessoal dos participantes aluno/professor, as limitações colocadas por ambas as culturas. Se é verdade que o desenho da investigação não foi feito pensando nestes aspetos diretamente, o seu conhecimento poderia esclarecer muitas dúvidas que ainda mantemos. São apenas as incidências discursivas que estão como alvo desta secção, que visa sobretudo descrever o comportamento linguístico de um público aprendente, na escrita de um texto particular.

Ficou claro da análise dos dados que são determinadas etapas do texto (abertura e encerramento) e alguns atos de fala utilizados nos emails que mais aptos estão a revelar as dificuldades dos alunos chineses. Do estudo destes momentos textuais e dos atos de fala, resultou claro que os alunos chineses no mestrado e doutoramento se aproximaram nas suas escolhas dos alunos portugueses de licenciatura. Esta aproximação é nítida nas escolhas do tratamento, na abertura e no encerramento, e nas intenções de delicadeza denotadas no corpo do email. De facto, estes alunos têm um maior acesso aos recursos de delicadeza, um uso mais coerente com a funcionalidade textual. Para melhor se entender as diferenças nos emails dos alunos chineses em ambas as etapas, escolhemos do *corpus*, dois textos que são muito representativos destas diferenças. Falamos da diferença e não de evolução porque representando embora dois níveis contíguos na aprendizagem da língua e cultura, uma seleção foi produzida, acreditando nós que apenas os melhores alunos estão na fase de pós-graduação.

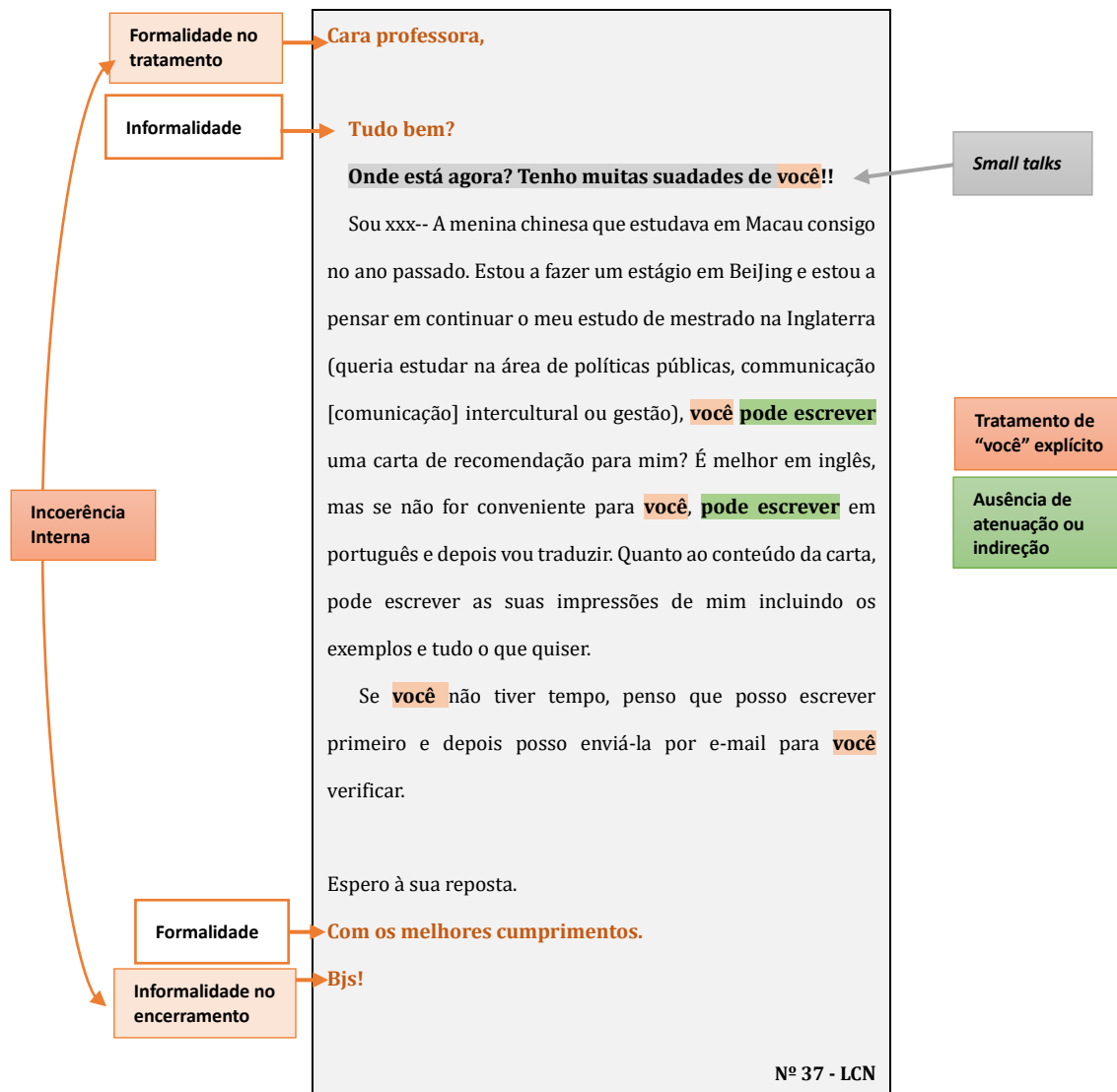


Figura II-2 Email tipo (LCN) selecionado do *corpus*

O email do aluno chinês de licenciatura é marcado, sobretudo, por uma forte incoerência no tratamento do seu professor, quer na abertura e encerramento, quer no corpo do email. O email selecionado abre com o tratamento de “Cara professora”, considerado da formalidade média-alta, usa repetidamente o “você” no corpo do texto e termina com encerramento mais do que não formal, íntimo. O texto começa com uma *small talk*, que também caracteriza um comportamento linguístico ainda orientado pela delicadeza chinesa e nesta *small talk*, verifica-se a ocorrência de léxico atitudinal. No texto não é possível identificar nenhum processo de atenuação, modalização ou indireção, como é próprio dos emails de licenciatura. As várias possibilidades de

ocorrência de metáforas gramaticais não foram aproveitadas pelo aluno, seguindo o padrão destes alunos. Não se registou nenhum *emoji*, embora seja possível identificar o uso em alguns alunos.

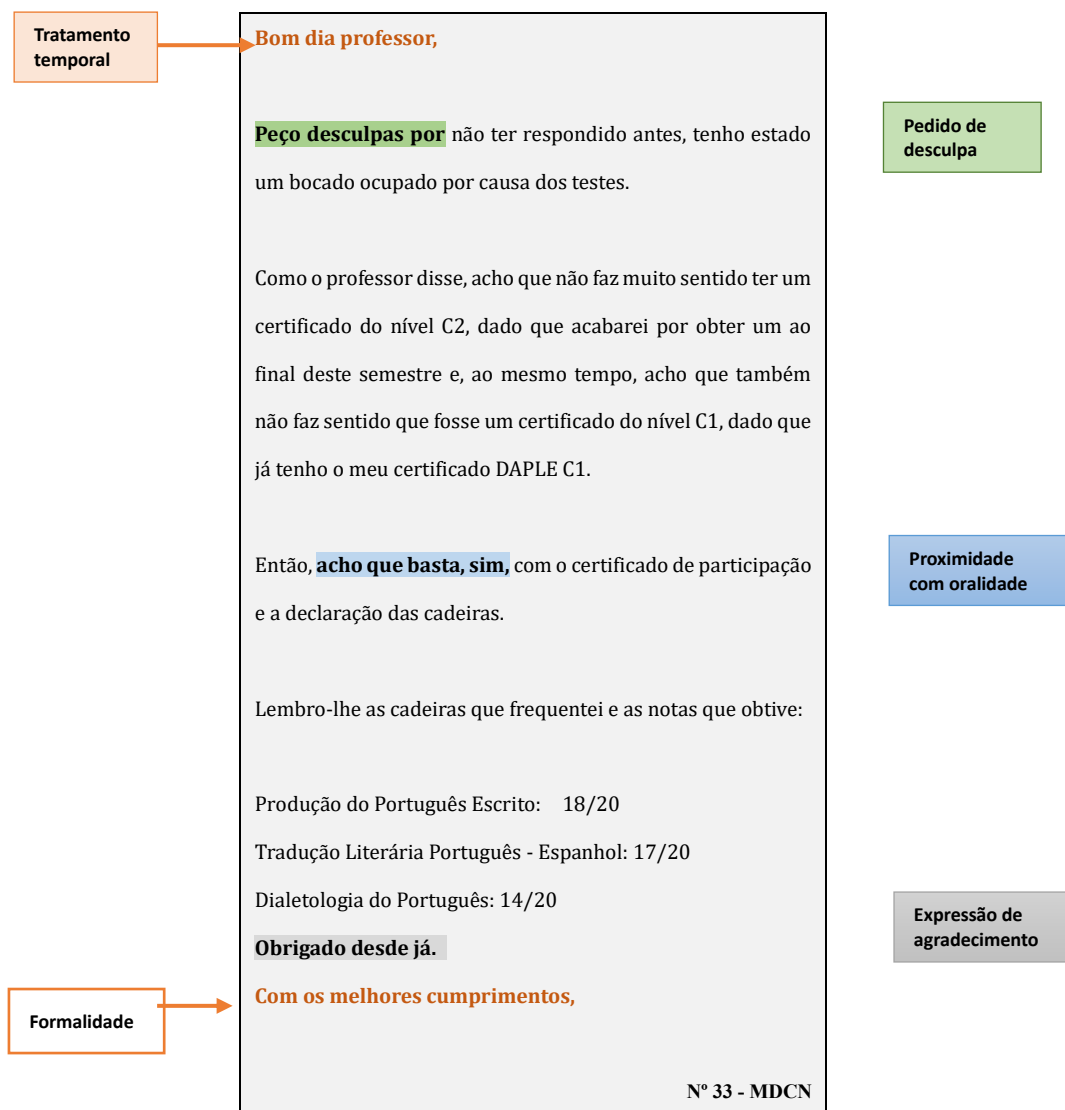


Figura II-3 Email tipo (MDCN) selecionado do *corpus*

No texto escolhido para simbolizar os emails do aluno chinês de mestrado e doutoramento, verificamos que a opção da abertura inicial é por uma fórmula temporal (“Bom dia professora”) que contrasta com a formalidade textual e do encerramento. Esta característica na abertura, denotando alguma consciência de imediatez do texto

mediado por computador, aproxima a escolha das dos alunos portugueses. O texto em si, porque mantém um certo grau de formalidade acaba por ser emagrecido de recursos como *small talk*, léxico atitudinal, contém uma formulação próxima da oralidade (“acho que basta, sim, com o certificado ...”), usa o tratamento de terceira pessoa e inicia-se por um pedido de desculpas adequado à situação. Por não haver razão para tal, dado o conteúdo, neste email não se encontram recursos de atenuação nem metáforas gramaticais, como é possível observar em muitos emails deste tipo de alunos.

	LCN	MDCN	PT
Abertura formalidade alta	+	+	+
Abertura formalidade baixa	+	-	-
Coerência interna (tratamento)	-	+	+
Uso de “você” explícito	+	-	-
Recursos de modalidade	-	+ -	+
Indireção	-	+ -	+
<i>Small talks</i>	+	+ -	-
Léxico atitudinal	+	+ -	+ -
Metáforas gramaticais	-	+	+
<i>emojis</i>	+	-	-
Encerramento formalidade alta	+	+	+
Encerramento formalidade baixa	+	-	-

Quadro II-37 Quadro sinótico dos recursos de delicadeza considerando os três públicos LCN, MDCN e PT

Para uma melhor visualização das características dos emails, no que à expressão de delicadeza diz respeito, elaboramos um quadro sinótico (Quadro II-37). Nele é possível verificar que a referida proximidade entre os processos dos alunos de mestrado e doutoramento chineses com os alunos portugueses, designadamente, quanto às questões

de tratamento, à formalidade textual, aos recursos na abertura e no encerramento e uso moderado de metáforas gramaticais. Porém, outros recursos de delicadeza como a modalização, a indireção e processos de atenuação distinguem claramente estes emails dos portugueses. É de referir o desaparecimento do uso de “você” explícito, de *small talks*, do léxico atitudinal e de *emoji*.

Ficou, sobretudo, claro nos emails dos alunos chineses, um desequilíbrio global entre as competências linguística e pragmática, com prejuízo da segunda.

Considerações Finais

À partida, esta investigação sobre o texto de emails entre alunos e professores destinava-se, essencialmente, a determinar as ações linguísticas que distinguem emails de alunos chineses e portugueses em situação idêntica de comunicação. Falamos de emails de alunos portugueses, no seu todo, e não discriminando os dois níveis considerados (licenciatura e pós-graduação) já que não se registaram distinções significativas entre os de ambos os grupos, ao contrário do verificado quanto aos alunos chineses. Tal objetivo tinha como pressuposições, por um lado, o facto de o texto escolhido encerrar em si uma enorme riqueza analítica, desde logo por envolver as complexas incidências da expressão da delicadeza; por outro, por estarem em presença duas culturas muito apartadas, conferindo representações muito distintas ao alocutário (o professor universitário).

Face e identidade na construção de uma competência comunicativa

Ao longo deste trabalho, sem que se tenha pretendido fazer dessa discussão um

tópico central, fomos dando conta do nosso posicionamento quanto às noções de “face”, de *facework* (comportamento para atribuição de imagem do próprio) e, naturalmente, de delicadeza, sublinhando que estas resultam de um conjunto de fenómenos situados num determinado contexto, portanto, no interior de um grupo. Evitou-se, portanto, uma perspetiva estática e determinística da delicadeza, que implicaria uma análise mais centrada no indivíduo.

O *corpus* reunido revelou, ao invés da riqueza esperada, um conjunto substancial de emails com algum monolitismo no que diz respeito à variedade de propósitos sócio-comunicativos, aos recursos da delicadeza envolvidos, aos processos discursivos escolhidos. Apesar deste facto, nas análises realizadas, tivemos em conta as dimensões discursiva, argumentativa e avaliativa envolvidas na escrita dos emails. Note-se, no entanto, que, embora com ligeira diferença, os alunos portugueses apresentam mais emails com maior número de propósitos sócio-comunicativos do que os chineses. Neste sentido, os papéis sociais dos participantes, as suas respetivas representações nas culturas em presença, a segurança/insegurança em relação ao papel do professor, ao conhecimento da “comunidade de prática”, entre outros aspetos, não tendo sido o foco das nossas observações, foram considerados na discussão, sempre que os dados o permitiam. Ter como referência os emails dos alunos portugueses para contrastar, onde possível, os dois padrões de escrita foi uma opção que marcando, desde o início, a natureza desta investigação permitiu obter dados verdadeiramente reveladores. Com efeito, a oposição entre as escolhas dos escritores nativos e não nativos permitiu esclarecer aspetos como o grau de (in)direção dos emails, a presença mais ou menos significativa de recursos de mitigação e o grau de formalidade⁹², entre outros.

Todos estes aspetos convergem na sempre complexa ponderação de uma competência comunicativa ou de um grau de proficiência relativa revelado pelos emails.

⁹² No decorrer desta investigação, temos falado com muitos colegas sobre a natureza dos emails, sendo os emails dos alunos portugueses apreciados pelos professores de forma muito diversa. Vários são os colegas que apontam para usos paradoxais dos seus alunos quanto à formalidade, ao tratamento e à indireção usada no texto dos emails, designadamente quando se trata de alunos do primeiro ano. No nosso *corpus*, provavelmente pela recolha ser da responsabilidade dos docentes, com autorização dos alunos, não foram encontrados tais usos.

Desequilíbrio entre as competências sócio-pragmáticas e linguísticas

Os dados aqui observados, relacionados com a expressão da delicadeza, remetem para a competência pragmática ou, como preferimos ao longo deste estudo, sócio-pragmática, que compreende os aspetos apontados por Thomas (1983), referindo-se ao insucesso pragmático dos estudantes, discriminados do seguinte modo em duas componentes:

While pramalinguistic failure is basically a linguistic problem, caused by diferences in the linguistic encoding of pragmatic force, sociopragmatic failure stems from cross-culturalaly different perceptions of what constitue the appropriate linguistic behaviour.

(Thomas, 1983, p. 99)

Uma das primeiras observações que a análise do *corpus* permite é, com efeito, o desequilíbrio entre a competência pragmática (sócio-pragmática) e a competência linguística revelada pelos emails dos alunos chineses. Tal observação confirma os dados de abundante investigação sobre a escrita de emails realizando pedidos (C.-F. E. Chen, 2006; Economidou-Kogetsidis, 2011; Félix-Brasdefer, 2012; C. Pan, 2012).

Indeed, a number of interlanguage email studies have shown that L2 email writers from various cultural and linguistic backgrounds often fail to achieve a balance between pragmatic clarity and politeness, and quite often they opt for inappropriate directness when phrasing their email requests.

(Economidou-Kogetsidis, 2016, p. 2)

Em segundo lugar, uma caraterística geral que inclui emails de ambos os públicos é a sua relativa simplicidade discursiva. Com efeito, os emails não são muito complexos no que diz respeito aos propósitos sócio comunicativos – apresentam um número reduzido de propósitos, onde o de pedido de informação/bens e serviços é predominante.

Outra caraterística que une ambos os públicos é o aparente contraste entre a informalidade na abertura e a da verificada no encerramento. Recorde-se que um

número relativamente significativo dos emails contém saudações temporais (ex., Bom dia, Boa tarde) ou até “querido” como abertura, saudações estas que podem ser confrontadas com fórmulas de formalidade distinta como “Caro”, “Estimado” ou “Exmo.”.

A análise descritiva revelou, porém, a preferência dos alunos chineses por uma maior formalidade (nível 3 de delicadeza, no nosso estudo), enquanto os portugueses escolhem preferencialmente fórmulas do nível intermédio. Tomemos como referência o facto de, na generalidade das culturas asiáticas, o eixo hierárquico das relações sociais ser mais preponderante do que nas sociedades de cultura ocidental.

Com o objetivo de perceber até que ponto o “grau académico” do aluno chinês é determinante na escrita de emails, estabelecemos, num primeiro momento, uma correlação apenas entre duas variáveis, a quantidade de “marcadores de delicadeza” e o “grau académico”. Apesar de um R^2 baixo, é possível afirmar a validade dessa correlação, e que, portanto, para os alunos chineses, ao contrário dos portugueses, possuir um maior grau académico conduzirá a uma maior quantidade de marcadores de delicadeza utilizados nos emails.

O estudo apurou, além do mais, uma proximidade de correlações, entre os dados obtidos para o aluno português de licenciatura e o aluno chinês pós-graduado, o que indicia que, no processo de aprendizagem do aluno chinês, a consciência do texto delicado, no que aos emails diz respeito, só começa a identificar-se com o padrão português na fase derradeira da aprendizagem. Esta proximidade, porém, foi estabelecida a partir dos reduzidos parâmetros considerados no estudo quantitativo; se considerados os detalhes da análise qualitativa, continuamos a observar, no email enviado pelo aluno chinês em pós-graduação, menor incidência de recursos da modalização, menos quantidade de léxico atitudinal, menos indireção, maior presença de *small talks* e deslocação para o final do email do ato de fala predominante, o pedido. Será fácil afirmar que, tratando-se de alunos em fase de mestrado ou doutoramento, o domínio geral da própria língua, o domínio das incidências relacionais aluno/professor admitidas na sociedade portuguesa e o próprio domínio discursivo e funcional do email serão superiores aos das fases anteriores. Será, no entanto, legítimo deduzir, que estes

alunos passarão grande parte da sua aprendizagem em “pragmatic failure” (Economidou-Kogetsidis, 2016), só se aproximando na pós-graduação de alguns dos padrões identificados nos seus colegas portugueses.

Outro aspeto que marca todo o universo dos emails é a correlação válida registada entre a abertura e o encerramento e as restantes variáveis consideradas. Os dados deixaram claro que a abertura é mais correlacionável do que o encerramento, o que faz admitir que o momento crítico do início da escrita convoca de forma mais presente a consciência da natureza delicada de abertura do que acontece no encerramento; oportunidade primeira para o locutor deixar a sua primeira impressão relativamente ao destinatário, indicando a distância/proximidade pretendida. De resto, globalmente, o email do aluno chinês é mais cuidado do ponto de vista da delicadeza, tendo em conta a percentagem de recursos utilizados. Relembramos que, do ponto de vista discursivo, a quantidade dos marcadores não representa, obrigatoriamente, o grau de delicadeza dos emails produzidos.

Os valores obtidos a partir das variáveis independentes “ordem no envio do email”, “urgência” ou “multi-propósito/finalidade” designadamente na sua correlação com a “abertura” são importantes por revelarem dinâmicas de escrita muito difíceis de determinar através da análise qualitativa. Com efeito, seria de esperar que a “urgência” ou o “multi-propósito/finalidade” fossem mais preponderantes do que a “ordem”, mas o que se apurou aponta para que, iniciada uma “conversa”, com posteriores respostas e contrarrespostas, os cuidados com os aspetos de formalidade e discursivos da delicadeza vão diminuindo, exceto com alunos chineses de licenciatura, onde esta correlação não se verificou, supomos que por estarem centrados noutros recursos da língua.

Indagada uma correlação positiva com o “encerramento”, verificou-se uma proximidade de comportamento entre os estudantes portugueses de licenciatura e os estudantes chineses de mestrado e doutoramento, facto que é consistente com outras observações, parecendo confirmar o padrão de proximidade entre o aluno chinês de pós-graduação e o aluno português de licenciatura.

Tipificação dos dois momentos de aprendizagem

Os “pedidos”, a par de terem sido o propósito predominante nos emails, são sem dúvida o propósito que implica uma maior consideração de delicadeza por parte dos alunos. Como Brown & Levinson apontaram, estamos em presença de um tratamento do enunciado para salvaguardar a face negativa do destinatário, muitas vezes com mais “poder” (Brown & Levinson, 1978, 1987). Se, na cultura chinesa o professor mantém este estatuto de “poder” e o facto é sentido de uma forma particular, em outras culturas, como a portuguesa, onde a proximidade dos autores é maior, o email contendo este ato de fala não deixa de ser crítico em termos da expressão da delicadeza.

As diferenças de escolhas e de comportamentos entre os dois públicos revelaram-se significativas, desde logo pela preferência dos alunos chineses pela realização de *small talks*, servindo, não só, como formas de saudação no início de um diálogo, mas também como recurso de atenuação de um ato ameaçador da face, como o pedido, a ordem, etc. As *small talks* podem ocorrer ainda em outros momentos da interação. Como consequência retórica do recurso às *small talks*, o pedido, diferentemente do que se verificou nos emails dos alunos portugueses, ocupa uma posição final na interação.

Foi possível desenhar um email tipo, no que à expressão da delicadeza diz respeito, para cada um dos momentos de aprendizagem dos aprendentes chineses. Este desenho fez-se a partir da escolha de dois textos simbólicos que concentram, respetivamente, as principais características reveladas pelos dados.

O email do aluno chinês de licenciatura denota significativa incoerência no tratamento do seu professor, quer na abertura e encerramento, quer no corpo do email (ex., o email selecionado abre com o tratamento de “Cara professora”, usa repetidamente o “você” no corpo do texto e termina com encerramento de grande proximidade), depois de iniciar o pedido com uma *small talk*, nenhum processo de atenuação, modalização ou indireção é registado, como também não ocorre nenhuma metáfora gramatical.

Por seu turno, o texto tipo do aluno chinês de mestrado e doutoramento já comporta uma abertura inicial através de fórmula temporal (“Bom dia professora”) que contrasta

com a formalidade textual e com a do encerramento. No texto, a forma de tratamento é de terceira pessoa, sendo o “você” mais raro; não há recurso a *small talk*, sendo esta substituída, quando muito, por um pedido de desculpas adequado à situação; o léxico atitudinal é diminuto; admitem-se formulações próximas da oralidade (ex., “acho que basta, sim, com o certificado ...”). Mantém-se, em comparação com o email do aluno português, menos quantidade de processos de atenuação, modalização ou indireção e o uso de metáforas gramaticais é raro.

Estes dois perfis de escolhas, se revelam um progresso na escrita de emails por parte dos alunos chineses, são testemunho das dúvidas, hesitações, incongruências que marcam a longa aprendizagem e contato com a língua e cultura portuguesas. Revelam, seguramente, uma distinta evolução no desenvolvimento das competências linguística e sócio-pragmática, com prejuízo desta segunda.

Procurando entender, até que ponto o enunciado modificado por intenção de delicadeza pode provocar interferências ou usos erróneos de natureza linguística, analisámos os enunciados marcados pela expressão da delicadeza e identificámos exemplos em número significativo onde a manifestação de um voto, ou um agradecimento iniciado pelo próprio verbo ilocutório, coocorriam com uma má escolha modal. Também foram identificadas inúmeras ocorrências de interferências na própria fórmula de delicadeza.

Estes dados comprovam a vantagem de se realizarem estudos complementares, qualitativos e quantitativos para o estudo da delicadeza em ambiente de aprendizagem de uma língua não materna. Se para algumas outras línguas e contextos, a investigação é abundante, sobretudo para o inglês, o mesmo não se verifica para o português; todavia, mesmo para as línguas e situações mais estudadas, ainda há um vasto terreno desconhecido. Por exemplo, seria muito interessante estudar-se as reações e expectativas dos alocutários relativamente ao tipo de textos que elegemos neste estudo. Seria, também, muito proficuo aprofundar as interligações entre os conceitos de face, identidade e imagem para podermos entender melhor as escolhas linguísticas dos alunos. Estas são limitações relacionadas com o desenho da investigação. Também gostaríamos de ter tido acesso a um número superior de emails, recolhido em mais universidades e

estendido a mais cursos para que, porventura, mais afirmações fossem inequívocas.

Se, em última análise, o mais importante é o desenvolvimento do processo de aprendizagem e o modo como podemos ajudar os aprendentes a ultrapassar as barreiras culturais e linguísticas para realizarem uma comunicação eficaz, algumas sugestões fazem sentido quanto ao desenvolvimento da competência sócio-pragmática. Desde logo, a necessidade de um *input* rico, também orientado para esta competência e não apenas escolhido pela componente linguística. É nítido que os documentos de ensino são parcos em sistematizações de natureza pragmática, sendo, pois, credível que os professores darão muito menos importância a questões como a expressão da delicadeza, já que não sobejam elementos facilmente disponíveis sobre estes e outros tópicos afins. Na verdade, a natureza destes assuntos exige um ensino explícito, pelo menos tanto quanto os tópicos da gramática. Percebeu-se das análises realizadas que a modalidade de ensino escolhida orientou os alunos, sobretudo, para as formas, uma vez que estes, de um modo geral, não manifestavam desconhecimento das mesmas. Será fundamental explorar o material disponibilizado explicitamente para a criação de uma consciência sócio-pragmática, o que significará realizar um trabalho visando a compreensão profunda do contexto, amplamente preenchido de informação cultural, incluindo os elementos sobre os participantes; em suma, textos que tornem mais fácil o entendimento das razões das escolhas sócio-pragmáticas dos seus autores. Para que os professores o possam fazer cabalmente, necessitam de dados seguros disponibilizados pela investigação. Espera-se, pois, uma vez que o interesse pela aprendizagem do português como língua não materna é efetivo, que se produzam mais estudos para o esclarecimento das dimensões discursiva e pragmática da aprendizagem bem como da comunicação entre línguas e culturas tão apartadas.

Referências Bibliográficas

- Alexandre, M., Barbeiro, L., Nunes, S., & Santos, I. (2018). A abertura das mensagens de correio eletrónico de estudantes chineses para os professores: Formalidade e procura de proximidade. In L. Barbeiro, S. Nunes, M. Daubney, & Y. Sun (Eds.), *Entre Línguas e Culturas: Pontes Europa/China* (pp. 223–246). Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais [Instituto Politécnico de Leiria].
- André, J. St. (2013). How the Chinese lost “face.” *Journal of Pragmatics*, 55, 68–85. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2013.05.015>
- Arundale, R. B. (2009). Face as emergent in interpersonal communication: an alternative to Goffman. In F. Bargiela-Chiappini & D. Z. Kádár (Eds.), *Politeness Across Cultures* (pp. 33–54). New York: Palgrave Macmillan.
- Arundale, R. B. (2013). Face as a research focus in interpersonal pragmatics: Relational and emic perspectives. *Journal of Pragmatics*, 58, 108–120. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2013.05.013>
- Austin, J. L. (1962). *How to do things with words*. Oxford: At the clarendon press.
- Barbeiro, L., Nunes, S., Alexandre, M., & Conde, I. (2018). Por palavras e anexo: Comunicação por correio eletrónico dos estudantes chineses com os professores. In L. Barbeiro, S. Nunes, M. Daubney, & Y. Sun (Eds.), *Entre Línguas e Culturas: Pontes Europa/China* (pp. 199–222). Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais [Instituto Politécnico de Leiria].
- Bardovi-Harlig, K. (2001). Evaluating the empirical evidence. Grounds for instruction in pragmatics? In K. R. Rose & G. Kasper (Eds.), *Pragmatics in Language Teaching* (pp. 13–32). Cambridge University Press.
- Bargiela-Chiappini, F. (2003). Face and politeness: new (insights) for old (concepts). *Journal of Pragmatics*, 35(10–11), 1453–1469. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00173-X](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00173-X)
- Bargiela-Chiappini, F., & Kádár, D. Z. (Eds.). (2011). *Politeness Across Cultures*.

Palgrave Macmillan.

- Bary, W. T. de. (1983). *The Liberal Tradition in China*. Columbia University Press.
- Biderman, M. T. C. (1972). Formas de tratamento e estruturas sociais. *ALFA*, 18/19, 339–382.
- Blum, S. D. (1997). Naming practices and the power of words in China. *Language in Society*, (26), 357–379.
- Bond, M. H. (1991). *Beyond the Chinese Face: Insights from Psychology*. Hongkong: Oxford University Press.
- Bousfield, D. (2008). *Impoliteness in Interaction*. Amsterdam: John Benjamins.
- Brandão, C., & Sathler, E. (2014). Cortesia brasileira: reações a elogios. In I. R. Seara (Org.), *Cortesia: Olhares e (re)Invenções* (pp. 283–310). Lisbon: Chiado Editora.
- Brown, P., & Levinson, S. C. (1978). Universals in language usage: Politeness phenomena. In E. N. Goody (Ed.), *Questions and politeness: Strategies in social interaction* (pp. 56–289). New York: Cambridge University Press.
- Brown, P., & Levinson, S. C. (1987). *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge University Press.
- Brown, R., & Gilman, A. (1960). The Pronouns of Power and Solidarity. In T. A. Sebeok (Ed.), *Style in Language* (pp. 253–276). Cambridge: MIT Press.
- Cao, W. [曹炜]. (2005). Xiàndài hànyǔ zhōng de chēngwèiyǔ hé chēnghūyǔ 现代汉语中的称谓语和称呼语 [Appellation and Addressing Terms in Modern Chinese]. *Jiāngsūdàxué Xuébào (Shèhuìkǔxuébǎn) 江苏大学学报 (社会科学版) Journal of Jiangsu University (Social Sciences)*, 7(2), 62–69.
- Carreira, M. H. A. (1995). *Modalisation Linguistique en Situation d'Interlocution: Proxémique Verbale et Modalités en Portugais*. Université de Paris IV - Sorbonne.
- Carreira, M. H. A. (2001). *Semântica e discurso. Estudos de linguística portuguesa e comparativa (Português/Francês)*. Porto: Porto Editora.
- Carreira, M. H. A. (2004). Les formes allocutives du portugais européen : évolutions, valeurs et fonctionnements discursifs. *Franco-British Studies*, 35–45.
- Carreira, M. H. A. (2014). Cortesia e Proxémica: Abordagem Semântico-pragmática. In I. R. Seara (Org.), *Cortesia: Olhares e (re)Invenções* (pp. 27–46). Chiado

Editora.

- Carvalho, M. V. A. (2013). *Cortesia e indireção: a expressão do pedido em Português Europeu Contemporâneo. Uma leitura das produções de alunos com PL2*. Universidade Coimbra, tese de Mestrado.
- Chang, H., & Holt, R. (1994). A Chinese perspective on face as inter-relational concern. In S. Ting-Toomey (Ed.), *The Challenge of Facework: Cross-cultural and Interpersonal Issues*. (pp. 95–132). Albany: State University of New York Press.
- Chang, W., & Haugh, M. (2011). Evaluations of im / politeness of an intercultural apology. *Intercultural Pragmatics*, 8(3), 411–442. <https://doi.org/10.1515/IPRG.2011.019>
- Chang, Y.-F. (2011). Interlanguage pragmatic development: the relation between pragmalinguistic competence and sociopragmatic competence. *Language Sciences*, 33(5), 786–798. <https://doi.org/10.1016/J.LANGSCI.2011.02.002>
- Chang, Y.-Y., & Hsu, Y. (1998). Requests on e-mail: A cross-cultural comparison. *RELC Journal*, 29(1989), 121–151. <https://doi.org/10.1177/003368829802900206>
- Chao, Y. R. (1956). Chinese Terms of Address. *Language*, 32(1), 217–241.
- Che, W.-K. (1979). *The Modern Chinese Family*. San Francisco: R & E Research Associates.
- Chen, C.-F. E. (2001). Making E-mail Requests to Professors: Taiwanese vs. American Students. In *Annual Meeting of the American Association for Applied Linguistics*. St. Louis.
- Chen, C.-F. E. (2006). The development of e-mail literacy: From writing to peers writing to authority figures. *Language Learning & Technology*, 10(2), 35–55.
- Chen, D. (2014). *O papel da imersão na aprendizagem das formas de tratamento em português europeu por alunos chineses*. Universidade Coimbra, tese de Mestrado.
- Chen, R. [陈融]. (1985). Gélaìsì de huìhuàhányì xuéshūo 格赖斯的会话含义学说 [Grice's Conversational Implicature]. *Wàiguóyǔ 外国语 Journal of Foreign Languages*, 3, 15, 63-76.

- Chen, R. [陈融]. (1986). Miànzi·Liúmiànzi·Diūmiànzi - Jièshào Brown hé Levinson de lǐmào yuánzé 面子·留面子·丢面子——介绍Brown和Levinson的礼貌原则 [Face, Save Face, Lose Face - Introduction of the Principles of Politeness of Brown and Levinson]. *Wàiguóyǔ 外国语 Journal of Foreign Languages*, 4, 16, 17-21.
- Chen, R. [陈融]. (1993). Responding to compliments A contrastive study of politeness strategies between American English and Chinese speakers. *Journal of Pragmatics*, 20(1), 49–75. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(93\)90106-Y](https://doi.org/10.1016/0378-2166(93)90106-Y)
- Chen, R. [陈融]. (1996). Food-plying and Chinese politeness. *Journal of Asian Pacific Communication*, 7, 143–155.
- Chen, S. [陈松岑]. (1986). Běijīnghuà “nǐ”“nín” shǐòngguīlǜ chūtàn 北京话“你”“您”使用规律初探 [A Preliminary Study on the Use of “nǐ” and “nín” in Beijing dialect]. *Yǔwén Yánjiū 语文研究 Linguistic Researches*, (8), 24–31.
- Chen, Y. [陈月明]. (1990). Xiàndài hànyǔ qīnshǔchēngwèixìtǒng jí wénhuà yìnjì 现代汉语亲属称谓系统以及文化印记 [Relative Appellation System in Modern Chinese and its Cultural Mark]. *Hányǔ xuéxí 汉语学习 [Chinese Language Learning]*, 5, 57–60.
- Cheng, C.-Y. (1986). The Concept of Face And it's Confucian Roots. *Journal of Chinese Philosophy*, 13(3), 329–348. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6253.1986.tb00102.x>
- Chiang, S. Y. (2013). “The word isn't there!”: a Foucauldian approach to power negotiation in an instructional interaction across linguistic and cultural boundaries. *Critical Discourse Studies*, 10(3), 298–311. <https://doi.org/10.1080/17405904.2013.795490>
- Chow, Y. C. (1956). *La Philosophie Chinoise*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Christie, F. (Ed.). (1998). *Pedagogy and the Shaping of Consciousness: linguistic and social processes*. London: Cassell (Open Linguistics Series).
- Christie, F., & Martin, J. R. (Eds.). (1997). *Genre and Institutions: Social Processes in the Workplace and School*. London: Cassell.
- Cintra, L. F. L. (1972). Origens do Sistema de Formas de Tratamento do Português Actual. In *Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa* (pp. 7–42).

Lisbon: Livros Horizonte.

- Cohen, A. D. (2016). The teaching of pragmatics by native and nonnative language teachers: What they know and what they report doing. *Studies in Second Language Learning and Teaching, SSLT* 6(4), 561–585. <https://doi.org/10.14746/sslit.2016.6.4.2>
- Conde, I., Nunes, S., Barbeiro, L., & Alexandre, M. (2018). O encerramento das mensagens de correio eletrónico de estudantes chineses para os professores: escolhas linguísticas e discursivas. In L. Barbeiro, S. Nunes, M. Daubney, & Y. Sun (Eds.), *Entre Línguas e Culturas: Pontes Europa/China* (pp. 247–272). Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais [Instituto Politécnico de Leiria].
- Constituição de 4 de Dezembro de 1982 da República Popular da China (1982). RPC. Retrieved from <http://bo.io.gov.mo/bo/i/1999/constituicao/index.asp>
- Creswell, J. W. (2013). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (4th ed.). SAGE Publications.
- Cua, A. S. (1983). Li and Moral Justification: A Study in the Li Chi. *Philosophy East and West*, 33(1), 1. <https://doi.org/10.2307/1398662>
- Cui, X. [崔希亮]. (1996). Xiàndàihànyǔ chēngwèi xìtǒng yú duìwàihànyǔjiàoxué 现代汉语称谓系统与对外汉语教学 [Chinese Addressing System and Teaching Chinese as a Foreign Language]. *Yǔyánjiàoxuéyǔyànjiū 语言教学与研究 Language Teaching and Linguistic Studies*, 2, 34–47.
- Culpeper, J. (1996). Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, 25(3), 349–367. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)
- Culpeper, J. (2008). Reflections on impoliteness, relational work and power. *Impoliteness in Language. Studies on Its Interplay with Power in Theory and Practices*, 17–44. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2009.05.001>
- Culpeper, J. (2011). *Impoliteness: using language to cause offence*. Cambridge University Press.
- Culpeper, J. (2012). (Im)politeness: Three issues. *Journal of Pragmatics*, 44(9), 1128–1133. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.05.011>
- Culpeper, J., Bousfield, D., & Wichmann, A. (2003). Impoliteness revisited: with

- special reference to dynamic and prosodic aspects. *Journal of Pragmatics*, 35(10–11), 1545–1579. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00118-2](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00118-2)
- Cunha, C., & Cintra, L. F. L. (1985/2015). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (22nd ed.). Figueirinhas.
- Dillon, M. (Ed.). (1998). *China: A Historical and Cultural Dictionary*. Curzon Press.
- Ding, X. [丁晓东]. (2014). Shēnfèn, dàodé yú zìyóuqìyuē - rújiāxuéshuō de zhìdùxìng jiědú 身份、道德与自由契约——儒家学说的制度性解读 [Status, Morality and Free Contract: An Institutional Interpretation of Confucianism]. *Fǎxuéjiā 法学家 The Jurist*, 3, 1–13.
- Eber, I. (1986). *Confucianism, the Dynamics of Tradition*. Macmillan.
- Eckert, P., & McConnell-Ginet, S. (2003). *Language and Gender*. Cambridge University Press.
- Economidou-Kogetsidis, M. (2011). “Please answer me as soon as possible”: Pragmatic failure in non-native speakers’ e-mail requests to faculty. *Journal of Pragmatics*, 43(13), 3193–3215. <https://doi.org/10.1016/J.PRAGMA.2011.06.006>
- Economidou-Kogetsidis, M. (2016). Variation in evaluations of the (im)politeness of emails from L2 learners and perceptions of the personality of their senders. *Journal of Pragmatics*, 106, 1–19. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2016.10.001>
- Eelen, G. (2001). *A Critique of Politeness Theories*. Manchester and Northampton: St. Jerome Publishing.
- Esherick, J. (1976). *Reform and Revolution in China: The 1911 Revolution in Hunan and Hubei*. Berkeley: University of California Press.
- Fairbank, J. K. (1997). *China: A New History*. London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Fang, H., & Heng, J. H. (1983). Social changes and changing address norms in China. *Language in Society*, 12(4), 495. <https://doi.org/10.1017/S0047404500010216>
- Fasold, R. W. (1990). *The Sociolinguistics of Language*. Blackwell.
- Félix-Brasdefer, C. (2012). Email requests to faculty:e-politeness and internal modification. In M. Economidou-Kogetsidis & Helen Woodfield (Eds.), *Interlanguage Request Modification* (pp. 87–118). Amsterdam: John Benjamins

Publishing.

- Felix-Brasdefer, C. (2008). *Politeness in Mexico and the United States: A Contrastive Study of the Realization and Perception of Refusals*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company.
- Feng, Y. [冯友兰]. (2009). *Zhōngguó zhéxuéshǐ (shàng) 中国哲学史(上) [A History of Chinese Philosophy (1)]*. Chongqing: Chóngqìngchūbǎnjítuán 重庆出版集团 Chongqing Publishing Group.
- Fernandes, G. (2007). O princípio da cortesia em Português europeu. In M. Iliescu, H. M. Siller-Runggaldier, & P. Danler (Eds.), *XXVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (pp. 39–48). Innsbruck: De Gruyter.
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics Using SPSS* (2nd ed.). Sage Publications.
https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2007.04270_1.x
- Freedman, M. (Ed.). (1970). *Family and kinship in Chinese society*. Stanford University Press.
- Fukushima, S. (2003). *Requests and Culture: Politeness in British English and Japanese*. *Journal of Pragmatics* (Vol. 37).
<https://doi.org/10.1016/j.pragma.2004.11.003>
- Gao, J. Z. (2009). *Historical Dictionary of Modern China*. The Scarecrow Press.
- Gao, M. [高名凯]. (1957). *Hànyǔ yǔfǎlùn 汉语语法论 [Chinese Grammar]*. Beijing: Kēxuéchūbǎnshè 科学出版社 Science Press.
- Goffman, E. (1955/1995). On facework: An Analysis of Ritual Elements in Social Interaction. In B. G. Blount (Ed.), *Language, culture, and society: a book of readings* (2nd ed., pp. 222–247). Waveland Press.
- Goffman, E. (1959). *Presentation of Self in Everyday Life* (Vol. 55). New York: Doubleday.
- Goffman, E. (1967). *Interaction Ritual: Essays in Face to Face Behavior*. New York: Random House.
- Gomes, R., Sousa, B. V. e, & Monteiro, N. G. (2015). *História de Portugal* (8th ed.). A Esfera dos Livros.
- Gonçalves, L. (2014). Formas de tratamento na língua portuguesa e na língua chinesa. In

- M. J. Grosso & A. P. C. Godinho (Eds.), *O Português na China: Ensino e Investigação* (pp. 218–226). Lidel.
- Gonçalves, M. R. Marques. (2013). *Atos expressivos e ensino do português como língua não materna*. Universidade Coimbra, tese de Mestrado.
- Gou, C. [勾承益]. (2002). *Xiānqín Lǐxué 先秦礼学 [Li (Rite) Philosophies of the Pre-Qin Period]*. Chengdu: Bāshǔshūshè 巴蜀书社 Bashushushe Press.
- Gouveia, C. A. M. (1996). Pragmática. In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (2nd ed., pp. 383–419). Editorial Caminho.
- Gouveia, C. A. M. (2008). As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em português europeu. In I. M. liveira, F, Duarte (Ed.), *O Fascínio da Linguagem – Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca* (pp. 91–100). Porto: Universidade do Porto.
- Grasso, J. M., Corrin, J. P., & Kort, M. (1997). *Modernization and Revolution in China*. New York: M. E. Sharpe.
- Grice, H. P. (1967). *Logic and Conversation*. William James Lectures, Harvard University.
- Grice, H. P. (1975). *Logic and Conversation*. In P. Cole & J. L. Morgan (Eds.), *Speech Acts* (pp. 41–58). New York: Academic Press.
- Grice, H. P. (1989). *Studies in the Way of Words*. Harvard University Press.
- Gu, Y. [顾曰国]. (1985). *Politeness Phenomena in Modern Chinese [Thesis]*. Lancaster University, UK.
- Gu, Y. [顾曰国]. (1987). *Towards a model of conversational rhetoric : An investigation of the perlocutionary phenomenon in conversation*. University of Lancaster.
- Gu, Y. [顾曰国]. (1990). Politeness Phenomena in Modern Chinese. *Journal of Pragmatics*, 14(2), 237–257. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(90\)90082-O](https://doi.org/10.1016/0378-2166(90)90082-O)
- Gu, Y. [顾曰国]. (1992). Lǐmào, yǔyòng yú wénhuà 礼貌、语用与文化 [Politeness, pragmatics and culture]. *Wàiyǔjiàoxuéyúyánjiū 外语教学与研究 [Foreign Language Teaching and Research]*, 4, 10–17.
- Gu, Y. [顾曰国]. (2011). Modern Chinese Politeness Revisited. In F. Bargiela-Chiappini & D. Z. Kádár (Eds.), *Politeness Across Cultures* (pp. 128–148).

Palgrave Macmillan.

- Guo, W. [郭卫], & Xu, Z. [许之所]. (2005). Zhōngxī lǐmào yuánzé duìbǐ fēnxī 中西礼貌原则对比分析 [A Comparative Study of Politeness Principle in Chinese and English Cultures]. *Wūhànlǐgōngdàxué xuébào 武汉理工大学学报 Wuhan University of Technology (Social Science Edition)*, 18, 443–446.
- Gyulai, É. V. (2012). Abordagem das formas de tratamento nas aulas de Português Língua Segunda / Língua Estrangeira, Relatório de Estágio. Universidade do Porto.
- Halliday, M. A. K. (1985/1994). *An introduction to functional grammar* (功能语法导论) (2nd ed.). Foreign Language Teaching and Research Press; Edward Arnold (Publishers) Limited.
- Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. (2004). *An Introduction to Functional Grammar* (3rd ed.). Great Britain: Arnold, a member of the Hodder Headline Group.
- Hammermüller, G. (2004). Adresser ou éviter, c'est la question... Comment s'adresser à quelqu'un en portugais sans avoir recours à un pronom ou à une autre forme équivalente. Retrieved May 7, 2016, from http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_hammermueller.pdf
- Haugh, M. (2007). The discursive challenge to politeness research: an interactional perspective. *Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture*, 3, 295–317.
- Haugh, M. (2009). Face and interaction. In F. Bargiela-Chiappini & M. Haugh (Eds.), *Face, Communication and Social Interaction* (pp. 1–30). London: Equinox.
- Haugh, M. (2012). Epilogue: The first-second order distinction in face and politeness research. *Journal of Politeness Research*, 8(1), 111–134. <https://doi.org/10.1515/pr-2012-0007>
- Haugh, M. (2013a). Disentangling face, facework and im/politeness. *Sociocultural Pragmatics*, 1(1), 46–73. <https://doi.org/10.1515/soprag-2012-0005>
- Haugh, M. (2013b). Im/politeness, social practice and the participation order. *Journal of Pragmatics*, 58, 52–72. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2013.07.003>
- Haugh, M., & Bargiela-Chiappini, F. (2010). Face in interaction. *Journal of Pragmatics*, 42(8), 2073–2077. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2009.12.013>

- Haugh, M., & Chang, W. L. M. (2015). Understanding im/politeness across cultures: An interactional approach to raising sociopragmatic awareness. *IRAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 53(4), 389–414. <https://doi.org/10.1515/iral-2015-0018>
- Haugh, M., & Hinze, C. (2003). A metalinguistic approach to deconstructing the concepts of “face” and “politeness” in Chinese, English and Japanese. *Journal of Pragmatics*, 35(10–11), 1581–1611. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(03\)00049-3](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(03)00049-3)
- He, J. [何九盈], Wang, N. [王寧], & Dong, K. [董琨] (Eds.). (2015). *Cíyuán 辭源 [Dictionary]*. Hongkong: Shāngwùyìnshūguǎn 商务印书馆 Commercial Press.
- He, Z. [何兆熊]. (2000). *Xīnbiān yǔyòngxué gàiyào 新编语用学概要 [A New Introduction to Pragmatics]*. (Z. He, D. Yu, G. Hong, & J. Wang, Eds.). Shanghai: Shànghǎiwàiyǔjiàoyùchūbǎnshè 上海外语教育出版社 Shanghai Foreign Language Education Press.
- He, Z. [何兆熊]. (2011). *Pragmatics*. (H. Zhaoxiong, Y. Dongming, H. Gang, & W. Jianhua, Eds.). Shanghai: Shànghǎiwàiyǔjiàoyùchūbǎnshè 上海外语教育出版社 Shanghai Foreign Language Education Press.
- Hill, B., Ide, S., Ikuta, S., Kawasaki, A., & Ogino, T. (1986). Universals of linguistic politeness. *Journal of Pragmatics*, 10(3), 347–371. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(86\)90006-8](https://doi.org/10.1016/0378-2166(86)90006-8)
- Hinze, C. (2005). The importance of Chinese miàn and liǎn as emic categories. In B.-C. Gotti (Ed.), *Asian Business Discourse* (pp. 169–210). Berlin: Peter Lang.
- Hinze, C. (2007). Looking into “Face”: The importance of Chinese mian and lian as emic categories. In F. Bargiela-Chiappini & M. Gotti (Eds.), *Asian Business Discourses* (pp. 169–217). Berne: Peter Lang.
- Ho, D. Y.-F. (1976). On the Concept of Face. *American Journal of Sociology*, 81(4), 867–884.
- Hofstede, G., Hofstede, G. J., & Minkov, M. (2010). *Cultures and Organizations: Software of the Mind: Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival. Cultures and Organizations*. McGraw-Hill.

- Holmes, J. (1995). *Women, Men and Politeness*. London: Longman.
- Holtgraves, T., & Joong-nam, Y. (1990). Politeness as universal: Cross-cultural perceptions of request strategies and inferences based on their use. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(4), 719–729. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.4.719>
- Hong, W. (1996). An empirical study of Chinese request strategies. *International Journal of the Sociology of Language*, 122(1), 127–138. <https://doi.org/10.1515/ijsl.1996.122.127>
- Hu, H. C. (1944). The Chinese Concepts of 'Face'. *American Anthropologist*, 46, 45–64. <https://doi.org/10.1525/aa.1944.46.1.02a00040>
- Huang, H. (2016). Openings and Closings in Intercultural Email Communication: A Case Study of Taiwanese, Japanese, and Italian Students. In Y. C. • D.-H. V. Rau & G. Rau (Eds.), *Email discourse among Chinese using English as a Lingua Franca* (pp. 185–204). Springer.
- Huang, S. [黄世平] (Ed.). (1995). *Xiàndài lǐyéxué 现代礼仪学 [Contemporary Etiquette Studies]*. Wuhan: ūhàncéhuìdàxuéchūbǎnshè 武汉测绘科技大学出版社 Wuhan Technical University of Surveying and Mapping Press.
- Hwang, K. (1987). Face and favor: The Chinese power game. *The American Journal of Sociology*, 92(4), 944–974.
- Hwang, K. (2006). Moral face and social face: Contingent self-esteem in Confucian. *International Journal of Psychology*, 41(4), 276–281. <https://doi.org/10.1080/00207590544000040>
- Hwang, K. (2011). Face dynamism in confucian society. *China Media Research*, 7(4), 13–25.
- Ide, S. (1989). Formal Forms and Discernment Two Neglected Aspects of Universals on Linguistic Politeness. *Journal of Cross-Cultural and Interlanguage Communication*, 8(2–3), 223–248. <https://doi.org/10.1515/mult.1989.8.2-3.223>
- Ishihara, N. (2010). Instructional Pragmatics: Bridging Teaching, Research, and Teacher Education. *Language and Linguistics Compass*, 4(10), 938–953. <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2010.00242.x>

- Ishihara, N., & Cohen, A. D. (2010). *Teaching and learning pragmatics: Where Language and Culture Meet*. Longman.
- Janney, R., & Arndt, H. (1992). Intracultural tact versus intercultural tact. In R. J. Watts, S. Ide, & K. Ehlich (Eds.), *Politeness in Language: studies in its History, Theory and Practice*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Janney, R. W., & Arndt, H. (1993). Universality and relativity in cross-cultural politeness research: A historical perspective. *Multilingua*, 12(1), 13–50.
- Ji, S. (2000). “Face” and polite behaviours in Chinese culture. *Journal of Pragmatics*, 32(7), 1059–1062.
- Ju, Z. (1991). The “depreciation” and “appreciation” of some address terms in China. *Language in Society*, (20), 387–390.
- Kádár, D. Z. (2007a). On historical Chinese apology and its strategic application. *Journal of Politeness Research*, 3(1), 125–150. <https://doi.org/10.1515/PR.2007.006>
- Kádár, D. Z. (2007b). *Terms of (Im)politeness: A Study of the Communicational Properties of Traditional Chinese Terms of Address*. Budapest: University of Budapest Press.
- Kádár, D. Z. (2008). Power and (Im)Politeness in Traditional Chinese Criminal Investigations. In H. Sun & D. Z. Kádár (Eds.), *It's the Dragon's Turn – Chinese Institutional Discourses* (pp. 127–180). Peter Lang AG.
- Kádár, D. Z. (2009). *Model Letters in Late Imperial China: 60 Selected Epistles from Letters from Snow Swan Retreat*. München/Newcastle: Lincom Europa.
- Kádár, D. Z., & Bargiela-Chiappini, F. (2011). Introduction: politeness research in and across cultures. In F. Bargiela-Chiappini & D. Z. Kádár (Eds.), *Politeness Across Cultures* (pp. 1–14). New York: Palgrave Macmillan.
- Kádár, D. Z., & Mills, S. (Eds.). (2011). *Politeness in East Asia*. Cambridge University Press.
- Kádár, D. Z., & Pan, Y. (2011). Politeness in China. In D. Z. Kádár & S. Mills (Eds.), *Politeness in East Asia* (pp. 125–146). Cambridge University Press.
- Kasper, G. (2001). Classroom research on interlanguage pragmatics. In K. R. Rose &

- G. Kasper (Eds.), *Pragmatics and Language Teaching* (pp. 33–60). Cambridge University Press.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2005). *Le discours en interaction*. Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2014). Polidez e Impolidez nos Debates Políticos Televisivos: O Caso dos Debates entre Dois Turnos dos Presidentes Franceses. In I. R. Seara (Org.), *Cortesia: Olhares e (re)Invenções* (pp. 47–82). Chiado Editora.
- Kiesling, S. F., & Paulston, C. B. (2007). *Intercultural Discourse and Communication: The Essential Readings*. Wiley-Blackwell.
- Kinnison, L. Q. (2017). Power, integrity, and mask -- An attempt to disentangle the Chinese face concept. *Journal of Pragmatics*, 114, 32–48. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2017.03.015>
- Kirkpatrick, A. (1991). Information Sequencing in Mandarin Letters of Request. *Anthropological Linguistics*, 33(2), 183–203. <https://doi.org/10.2307/30028184>
- Lakoff, R. T. (1973). The logic of politeness, or: minding your p's and q's. *Papers from the Regional Meeting*, 9, 292–305.
- Lakoff, R. T. (1990). *Talking power: the politics of language in our lives*. New York: Basic Books.
- Lee-Wong, S. M. (2000). *Politeness and Face in Chinese Culture*. Peter Lang Publishing.
- Lee, C. F. K. (2004). Written Requests in Emails Sent by Adult Chinese Learners of English Language. *Culture and Curriculum*, 17(1), 58–71.
- Leech, G. N. (1980). *Explorations in Semantics and Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Leech, G. N. (1983). *Principles of Pragmatics*. London: Longman.
- Leech, G. N. (2005). Politeness: Is There an East-West Divide? . *Journal of Foreign Languages*, 6, 3–31.
- Levinson, S. C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge University Press.
- Li, D. [李东明]. (2012). Xiàndàihànyǔ zhōng shèhuìchēngwèiyǔ de xuǎnzé móshì 现代汉语中社会称谓语的选择模式 [Selection Models of Social Appellation in

- Modern Chinese]. *Chóngqìnglǐgōngdàxuécuéběào (Shèhuìkēxué)* 重庆理工大学学报 (社会科学) *Journal of CHongqing University of Technology (Social Science)*, 26(12).
- Li, S. [李树新]. (1990). Hànyǔ chuántǒng chēngwèicí yú zhōngguóchúantǒngwénhuà 汉语传统称谓词与中国传统文化 [Chinese Traditional Appellation Terms and Chinese Traditional Culture]. *Nèiménggǔdàxuéxuébào (zhéxuéshèhuìkēxuébǎn)* 内蒙古大学学报 (哲学社会科学版) *Journal of Inner Mongolia University(Philosophy and Social Sciences)*, 3, 54–59.
- Li, W., & Li, Y. (1996). My stupid wife and ugly daughter: The use of pejorative references as a politeness strategy by Chinese speakers. *Journal of Asian Pacific Communication*, 7, 129–142.
- Lima, J. P. de. (1983/2007). *O Essencial sobre Língua Portuguesa-Pragmática Linguística*. Lisbon: Editorial Caminho.
- Lin, Y. [林语堂]. (1935). *My Country and My People*. New York: Halcyon House.
- Lin, Y. H. (2009). Query preparatory modals: Cross-linguistic and cross-situational variations in request modification. *Journal of Pragmatics*, 41, 1636–1656.
- Liu, Y. [刘云]. (2009). Běijīnghuà jìngchēngdàicí “nín” kǎoyuán 北京话敬称代词“您”考源 [A Study of the Origin of Honorific“nin”in Beijing Dialect]. *Běijīngshèhuìkēxué 北京社会科学 Social Science of Beijing*, (3), 98–102.
- Locher, M. A. (2004). *Power and Politeness in Action: Disagreements in Oral Communication*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Longcope, P. (1995). The universality of face in Brown and Levinson-s politeness theory:A Japanese perspective. *Working Papers in Educational Linguistics*, 11, 69–79.
- Lv, S. [吕叔湘], & Jiang, L. [江蓝生]. (1985). Jìndàihànyǔzhǐdàicí 近代汉语指代词 [Modern Chinese Deixis]. Shanghai: Xuélínchūbǎnshè 学林出版社 Xuelin Press.
- Ma, H. [马宏基], & Zhang, Q. [长庆丰]. (1998). *Chēngwèiyǔ 称谓语 [Address Forms]*. Xīnhuáchūbǎnshè 新华出版社 Xinhua Publishing House.
- Manole, V. (2011). Usos de Formas de Tratamento Alocutivo do Português e do

- Romeno em Contexto Profissional. In *XVI Congreso Internacional de la ALFAL - Alcalá 2011* (Vol. 8, pp. 1285–1290).
- Manole, V. (2012). As formas pronominais de tratamento no ensino de PLE: uma abordagem comparativa Português Europeu / Português Brasileiro. In *Atas de III Jornadas de Língua Portuguesa e Culturas lusófonas da Europa Central e de Leste*. Budapest: Universidade Eötvös Loránd de Budapest.
- Mao, L. M. R. (1994). Beyond politeness theory: “Face” revisited and renewed. *Journal of Pragmatics*, 21(5), 451–486. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(94\)90025-6](https://doi.org/10.1016/0378-2166(94)90025-6)
- Marques, M. A. (2009). Quando a cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do outro. In F. Oliveira & I. M. Duarte (Eds.), *O Fascínio da Linguagem: Colóquio de Homenagem a Irene Fonseca* (pp. 277–296). Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Marques, M. A. (2014). Cortesia, formas de tratamento e géneros discursivos - Condições de ocorrência de de uso. In I. R. Seara (Org.), *Cortesia: Olhares e (re)Invenções* (pp. 145–172). Chiado Editora.
- Martin, J. R. (1999). Mentoring semogenesis: “Genre-based” literacy pedagogy. In F. Christie (Ed.), *Pedagogy and the Shaping of Consciousness: Linguistic and Social Processes* (pp. 123–155). London: Cassell (Open Linguistics Series).
- Martin, J. R., & Rothery, J. (1986). What a functional approach to the writing task can show teachers about “good writing.” In B. Couture (Ed.), *Functional Approaches to Writing: Research Perspectives* (pp. 241–265). F. Pinter.
- Matsumoto, Y. (1988). Re-examination of the Universality of Face: Politeness Phenomena in Japanese. *Journal of Pragmatics*, 12(4), 403–426. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(88\)90003-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(88)90003-3)
- Matsumoto, Y. (1989). Politeness and conversational universals: Observations from Japanese. *Multilingua*, 8(2), 107–221.
- Medeiros, S. M. de O. (1985). *A model of address form negotiation: a sociolinguistic study of continental Portuguese*. University Microfilms.
- Medeiros, S. M. de O. (1992). Um Modelo Psico-Sociolinguístico de Formas de Tratamento. In *Actas do VIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de*

Linguística. Direção da Associação Portuguesa de Linguística.

- Mills, S. (2003). *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mills, S., & Kádár, D. Z. (2011). Politeness and culture. In *Politeness in East Asia* (p. 314). Cambridge University Press.
- Nie, Z. [聂志军]. (2009). Zūnchēng “nín” de chǎnshēngguòchéng 尊称“您”的产生过程 The Origin of Chinese V-address. *Hā'ěrbīn xuéyuàn xuébào 哈尔滨学院学报 Journal of Harbin University*, 30(1), 67–73.
- Niu, B. [牛保义]. (2002). Huihuàhányì lǐlùn yánjiū huígù yú zhǎnwàng 会话含意理论研究回顾与展望 [Review and Prospect of the Conversational Implicature Theory]. *Wàiyǔ yánjiū 外语研究 Foreign Languages Research*, 1, 6–13.
- Nwoye, O. G. (1992). Linguistic politeness and socio-cultural variations of the notion of face. *Journal of Pragmatics*, 18(4), 309–328. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(92\)90092-P](https://doi.org/10.1016/0378-2166(92)90092-P)
- O'Driscoll, J. (2011). Some issues with the concept of face: when, what, how and how much? In F. Bargiela-Chiappini & D. Z. Kádár (Eds.), *Politeness Across Cultures* (pp. 17–41). New York: Palgrave Macmillan.
- Ogiermann, E. (2015). Book review: Understanding Politeness. *Journal of Pragmatics*, 77, 113–116. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2015.01.007>
- Okamoto, S. (1999). Situated politeness: Coordinating honorific and non-hon- orific expressions in Japanese conversations. *Pragmatics*, 9(1), 51–74.
- Ōta, T. (2013). *Zhōngguó yǔ lìshǐ wénfǎ 中国语历史文法 A Historical Grammar of Modern Chinese* (Y. Jiang & C. Xu, Trans.). Beijing: Běijīng dàxué chūbǎn shè 北京大学出版社 Peking University Press (Original work published 1958).
- Pan, C. (2012). Interlanguage requests in institutional email discourse. In M. Economidou-Kogetsidis & H. Woodfield (Eds.), *Interlanguage Request Modification* (pp. 119–161). Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Pan, Y. (1995). Power behind Linguistic Behavior. *Journal of Language and Social Psychology*, 14(4), 462–481. <https://doi.org/10.1177/0261927X950144007>
- Pan, Y. (2000). *Politeness in Chinese face-to-face interaction*. Elsevier Science.
- Pan, Y. (2008). Review of Kádár, Dániel Z.: terms of (im)politeness: a study of the

- communicational properties of traditional Chinese (im)polite terms of address. *Journal of Politeness Research*, 4, 327–330.
- Pan, Y., & Kádár, D. Z. (2011a). Historical vs. contemporary Chinese linguistic politeness. *Journal of Pragmatics*, 43(6), 1525–1539. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2010.10.018>
- Pan, Y., & Kádár, D. Z. (2011b). *Politeness in Historical and Contemporary Chinese*. Continuum.
- Peng, G. [彭国躍]. (1998). Kindai Chūgoku keigo no suichoku kūkan metafuā 近代中国敬語の垂直空間メタファー [The imaginary world of politeness using metaphors of vertical space in early-modern Chinese]. *Chūgoku Kankei Ronsetsu Shiryō (China-Related Research Materials Series)*, 40(2–1), 70–78.
- Peng, G. [彭国躍]. (1999). Chūgoku ni keigo ga sukunai no ha naze? 中国語に敬語が少ないのはなぜ? [What is the reason for the small number of honorific forms in Chinese?]. *Gengo*, (88), 60–63.
- Peng, G. [彭国躍]. (2000). *Kindai Chūgoku no keigo shisutemu 近代中国語の敬語システム* [The Polite Language System of Pre-modern Chinese]. Tokyo: Hakuteisha.
- Pizziconi, B. (2003). Re-examining politeness, face and the Japanese language. *Journal of Pragmatics*, 35(10–11), 1471–1506. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00200-X](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00200-X)
- Pratas, S. A. P. (2017). *As formas de tratamento e o ensino de Português como Língua Não Materna*. Universidade Coimbra, tese de Mestrado.
- Qin, X. (2008). Choices in Terms of Address : A Sociolinguistic Study of Chinese and American English Practices. In M. K.M.Chan & H. Kang (Eds.), *Proceedings of the 20th North American Conference on Chinese Linguistics (NACCL-20)* (Vol. 1, pp. 409–421). Columbus, Ohio: The Ohio State University.
- Ren, H. [任海棠], Feng, N. [冯宁霞], & Wang, R. [王荣花]. (2004). Hànyīngshèhuì chēngwèiyǔ duìbǐfēnxī 汉英社会称谓语对比分析 (A Comparison and Analysis of Address Forms in Chinese and English). *Xīběidàxuéxuébào 西北大学学报(哲*

学社会科学版) *Journal of Northwest University (Philosophy and Social Sciences Edition)*, 34(1), 172–175.

- Saraiva, A. J. (1994). *A cultura em Portugal*. Gradiva.
- Scollon, R., & Scollon, S. (1983). Face in interethnic communication. In J. C. Richards & R. W. Schmidt (Eds.), *Language and Communication*. London: Longman.
- Scollon, R., & Scollon, S. (1991). Topic confusion in English-Asian discourse. *World Englishes*, 10(2), 113–125. <https://doi.org/10.1111/j.1467-971X.1991.tb00145.x>
- Scollon, R., & Scollon, S. (1995). *Intercultural communication: A discourse approach*. Blackwell.
- Scollon, R., & Scollon, S. (2001). *Intercultural communication : A discourse approach* (2nd ed.). Blackwell.
- Scotton, C. M., & Zhu, W. (1983). Tóngzhì in China: Language change and its conversational consequences. *Language in Society*, 12(4), 477–494. <https://doi.org/10.1017/S0047404500010204>
- Seara, I. R. (2011). Delicadeza em actos ilocutórios expressivos: estudo em fóruns universitários. In A. M. C. Mancera, I. M. Martos, & F. P. García (Eds.), *La lengua, lugar de encuentro: Actas del XVI Congreso Internacional de la ALFAL (Alcalá de Henares 6-9 de junio de 2011)* (pp. 1697–1707). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- Seara, I. R. & Marques, I. S. (2013) S'tora ou Senhora Doutora: da questão do ensino das formas de tratamento em PLE. In L. Gonçalves (org.) *Fundamentos do ensino de português como língua estrangeira*. São Paulo: Editora Galpão.
- Searle, J. R. (1965). What is a Speech Act? In M. Black (Ed.), *Philosophy in America* (pp. 221–239). New York: Cornell University Press.
- Searle, J. R. (1969). *Speech acts : an essay in the philosophy of language*. Cambridge University Press.
- Searle, J. R. (1975). Indirect speech acts. In P. Cole & J. Morgan (Eds.), *Syntax and Semantics* (Vol. 3, pp. 59–82). New York: Academic Press.
- Searle, J. R. (1976). A Classification of Illocutionary Acts. *Language in Society*, 5, 1–24.

- Searle, J. R. (1979). *Expression and meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*. Cambridge University Press.
- Shi, J. [史宝金]. (2003). Lùn hànyǔqīnshǔchēngwèi de tèzhēng jíqíshèhuì lishǐwénhuàbèijǐng 论汉语亲属称谓的特征及其社会历史文化背景 [On the Characteristics of Chinese Relative Appellation and Their Social and Historical Background]. *Fùdànxuébào (Shèhuìkēxuébǎn) 复旦学报 (社会科学版) Fudan Journal (Social Sciences)*, 2, 132–140.
- Shi, Z. [施展]. (2018). *Shūniǚ - sānqiānnián de zhōngguó 枢纽——三千年的中国 [Pivot - Three thousand years of China]*. Guǎngxīshīfàn dàxué chūbǎn shè 广西师范大学出版社 Guangxi Normal University Press.
- Shu, D. [束定芳], & Wang, H. [王虹]. (1993/2001). Yǔyán jiāojià zhōng de yángshēngyǐjiàng yú lǐmào yuánzé 言语交际中的扬升抑降与礼貌原则 [Complimenting and Self-Humbling Acts in Interpersonal Rhetoric and the Politeness Principle]. In D. Shu (Ed.), *Zhōngguó yǔyòngxué yánjiū lùnwén jīngxuǎn 中国语用学研究论文精选 [Selected Research Essays on Chinese Pragmatics]* (pp. 525–538). Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Skewis, M. (2003). Mitigated politeness in *Honglou meng*: Directive speech acts and politeness. *Journal of Pragmatics*, 35, 161–189.
- Song, S. (2017). The Brown and Levinson theory revisited: A statistical analysis. *Language Sciences*, 62, 66–75. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2017.03.006>
- Spencer-Oatey, H. (1992). *Cross-Cultural Politeness: British and Chinese Conceptions of the Tutor-Student Relationship*. Lancaster University.
- Spencer-Oatey, H. (1997). Unequal Relationships in High and Low Power Distance Societies. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 28(3), 284–302. <https://doi.org/10.1177/0022022197283005>
- Spencer-Oatey, H. (2007). Theories of identity and the analysis of face. *Journal of Pragmatics*, 39(4), 639–656. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2006.12.004>
- Spencer-Oatey, H. (2008). *Culturally speaking : culture, communication and politeness theory* (2nd ed.). London: Continuum.

- Sun, W. [孙维张]. (1991). *Hànyǔshèhuìyǔyánxué* 汉语社会语言学 [Chinese Sociolinguistics]. Guìzhōurénmínchūbǎnshè 贵州人民出版社 [Guizhou People's Publishing House].
- Tanaka, H., & Tanaka, S. (1996). *Shakai gengogaku e no shōtai: shakai, bunka, komyunikāshon* 社会言語学への招待：社会・文化・コミュニケーション [An invitation to sociolinguistics : society culture communication]. (H. Tanaka & S. Tanaka, Eds.). Minerva Press.
- Tang, Z. (1989). Zhōngguó chuántǒngwénhuà duì hànyǔ de yǐngxiǎng 中华传统文化对汉语的影响 [The Influence on Chinese by Traditional Chinese Culture]. *Shēnzhèndàxuéxuébào (rénwénshèhukēxuébǎn)* 深圳大学学报 (人文社会科学版) *Journal of Shenzhen University (Humanities & Social Sciences)*, 2, 98–104.
- Thomas, J. (1983). Cross-cultural pragmatic failure. *Applied Linguistics*, 4(2), 91–112. <https://doi.org/10.1093/applin/4.2.91>
- Thomas, J. (1995/2013). *Meaning in Interaction: an Introduction to Pragmatics*. Routledge.
- Thomas, J. (2006). Cross-cultural pragmatics failure. In K. Bolton & B. B. Kachru (Eds.), *World Englishes: Critical Concepts in Linguistics* (pp. 22–48). Routledge.
- Ting-Toomey, S., Gao, G., Trubisky, P., Yang, Z., Soo Kim, H., Lin, S.-L., & Nishida, T. (1991). Culture, face maintenance, and styles of handling interpersonal conflict: A study in five cultures. *International Journal of Conflict Management*, 2(4), 275–296. <https://doi.org/10.1108/eb022702>
- Tracy, K. (1990). The many faces of facework. In H. Giles & W. P. Robinson (Eds.), *Handbook of Language and Social Psychology* (pp. 209–226). Chichester: John Wiley.
- Tu, W. M. (1985). *Confucian Thought, Selfhood as Creative Transformation*. State University of New York Press.
- Ventura, C., Pestana, D., Gomes, M. I., & Pestana, P. (2013). *Glossário de Termos Estatísticos*. Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- Villalva, A. (2004). *Pequenos Ensaio de Jornalismo Linguístico*. Lisbon: Caminho.

- Wang, J. [王景海], Chen, L. [陈劳志], Xing, S. [邢世杰], & Yang, D. [杨德宏] (Eds.). (1992). *Zhōnghuá lǐyí quánshū 中华礼仪全书 [An Anthology of Chinese Etiquette]*. Changchun: Chángchūnchūbǎnshè 长春出版社 Changchun Press.
- Wang, J., & Spencer-Oatey, H. (2015). The gains and losses of face in ongoing intercultural interaction: A case study of Chinese participant perspectives. *Journal of Pragmatics*, 89, 50–65. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2015.09.007>
- Wang, L. [王力]. (1957). *Zhōngguó yǔfǎ lǐlùn 中国语法理论 [The Theory of Chinese Grammar]*. Beijing: Shāngwùyìnshūguǎn 商务印书馆 Commercial Press.
- Wang, Q. E. (2001). *Inventing China through History*. Albany: State University of New York Press. <https://doi.org/10.1353/pew.2003.0016>
- Wardhaugh, R. (2006). *An Introduction to Sociolinguistics* (5th ed.). Blackwell.
- Watts, R. J. (2003). *Politeness: Key Topics in Sociolinguistics*. Cambridge University Press.
- Watts, R. J. (2005). Linguistic politeness research: Quo vadis? In S. Ide, R. J. Watts, & K. Ehlich (Eds.), *Politeness in Language: Studies in Its History, Theory and Practice*. (2nd ed., pp. xi–xivii). Mouton de Gruyter.
- Wen, Q. [文秋芳], Yu, H. [俞洪亮], & Zhou, W. [周维杰]. (2014). *Yīngyòngyǔyánxué yánjiūfāngfǎ yú lùnwénxiězuò 应用语言学研究方法与论文写作 [Applied Linguistics Research Methods and Thesis Writing]*. Beijing: Wàiyǔjiàoxuéyúyánjiū 外语教学与研究 Foreign Language Teaching and Research.
- Wright, M. C. (Ed.). (1968). *China in Revolution: The First Phase, 1900-1913*. Yale University Press.
- Xàndài hànyǔ cídiǎn 现代汉语词典 Contemporary Chinese Dictionary*. (2016) (7th ed.). Beijing: Shāngwùyìnshūguǎn 商务印书馆 Commercial Press.
- Xie, J. [谢俊英]. (1993). Hànyǔ rénrénghēngdàicí “nín” de biànyìyánjiū 汉语人称代词“您”的变异研究 [A Study on the Variation of Chinese Personal Pronoun “You”]. *Yǔwén Yánjiū 语文研究 Linguistic Researches*, (4), 27–34.
- Yan, C. (2016). A contrastive pragmatic study of politeness strategies in disagreement between native speakers of English and Chinese EFL learners. *Chinese Journal of*

- Applied Linguistics*, 39(2), 231–245. <https://doi.org/10.1515/cjal-2016-0015>
- Yang, M. M. (1994). *Gifts, Favors & Banquets -- The Art of Social Relationships in China*. New York: Cornell University Press.
- Yang, Y. [杨应芹]. (1989). Tántan hànǔchēngwèi 谈谈汉语称谓 [Chinese Appellation Forms]. *Ānhuīdàxuéxuébào* 安徽大学学报 (哲学社会科学版) *Journal of Anhui University (Philosophy and Social Sciences Edition)*, 3, 93–99.
- Yao, X. [么孝颖]. (2008). Chēngwèiyǔ=Chēnghūyǔ ma? - Duìchēngwèiyǔ hé chēnghūyǔ de gàiniànchǎnshì 称谓语=称呼语吗? ——对称谓语和称呼语的概念阐释 [Appellation = Addressing Forms? - Conceptual Interpretation of Appellation and Addressing Forms]. *Wàiyǔjiàoxué* 外语教学 *Foreign Language Education*, 29(4), 20–24.
- Yeung, L. N. T. (1997). Polite requests in English and Chinese business correspondence in Hong Kong. *Journal of Pragmatics*, 27(4), 505–522. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00050-X](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00050-X)
- Yu, M.-C. (2004). Interlinguistic Variation and Similarity in Second Language Speech Act Behavior. *The Modern Language Journal*, 88(1), 102–119. <https://doi.org/10.1111/j.0026-7902.2004.00220.x>
- Yu, M.-C. (2011). Learning how to read situations and know what is the right thing to say or do in an L2: A study of socio-cultural competence and language transfer. *Journal of Pragmatics*, 43(4), 1127–1147. <https://doi.org/10.1016/J.PRAGMA.2009.09.025>
- Yuan, T. [袁庭栋]. (1994). *Gǔrén chēngwèi màntán* 古人称谓漫谈 [An Introduction into Historical Address Forms]. Beijing: 中华书局 ZhonghuaShuju Press.
- Zhai, X. [翟学伟]. (1994). *Miànzi, rénqng, guānxiwǎng* 面子, 人情, 关系网 [Face, Favor and Connection-Networks]. Zhengzhou: Hénánrénmínchūbǎnshè 河南人民出版社 Henan People's Publishing House.
- Zhai, X. [翟学伟]. (2013). *Rénqng, miànzi yú quánlì de zàishēngchǎn* 人情, 面子与权力的再生产 [Reproduction of Favor, Face and Power] (2nd ed.). Beijing: Běijīngdàxuéchūbǎnshè 北京大学出版社 Peking University Press.
- Zhan, K. (1992). *The strategies of politeness in the Chinese language*. Berkeley:

Institute of East Asian Studies, University of California.

- Zhang, Y. (1995). Indirectness in Chinese Requesting. In G. Kasper (Ed.), *Pragmatics of Chinese as Native and Target Language* (pp. 69–118). Honolulu: University of Hawaii Press.
- Zheng, E. [郑尔宁]. (2005). Jin èrshíniánlái xiàndàihànyǔ chēngwèiyǔ yánjiūzōngshù 近二十年来现代汉语称谓语研究综述 [A Research on Modern Chinese Addressing Forms in the Recent Twenty Years]. *Yǔwénxuélán 语文学刊 Journal of Language and Literature Studies*, 2, 120–122.
- Zhong, J. [钟敬文]. (2001). *Zhōngguó lǐyè quánshū 中国礼仪全书 [An Anthology of Etiquette in China]*. Hefei: Ānhuīkējìchūbǎnshè 安徽科技出版社 Anhui Science & Technology Press.
- Zhu, W. (1998). Shuxin yubian limao xianxiang diaocha 书信语篇礼貌现象调查 [An analysis of politeness in letters]. *Foreign Languages Education and Research*, 1, 15–20.
- Zhu, W. (2012). Modal verbs for politeness in email requests to professors: The case of Chinese EFL learners. *Asian EFL Journal*, 14(100–141).
- Zhu, X. [祝西莹]. (2005). Cóng hànyǔ chēngwèiyǔ kàn zōngfǎguānniàn duì guó rén sīxiǎngyìshì de yǐngxiǎng 从汉语称谓语看宗法观念对国人思想意识的影响 [On the Effect of Patriarchal Idea through Chinese Appellation]. *Xībèidàxuéxuébào 西北大学学报 (哲学社会科学版) Journal of Northwest University (Philosophy and Social Sciences Edition)*, 35(6), 155–158.
- Zhu, X. [祝西莹], & Xu, S. [徐淑霞] (Eds.). (2005). *Zhōngxīwénhuà gàilùn 中西文化概论 [An Introduction to Chinese and Western Cultures]*. Zhōngguóqīnggōngyèchūbǎnshè 中国轻工业出版社 China Light Industry Press.
- Zuo, B. [佐斌]. (1997). *Zhōngguó rén de liǎn yú miànzi - běntǔshèhuì xīnlǐxué tàn suǒ 中国人的脸与面子——本土社会心理学探索 [Chinese liǎn & miànzi -- research in indigenous social psychology]*. Wuhan: Huázhōngshīfāndàxuéchūbǎnshè 华中师范大学出版社 Huazhong Normal University Press.

Anexo

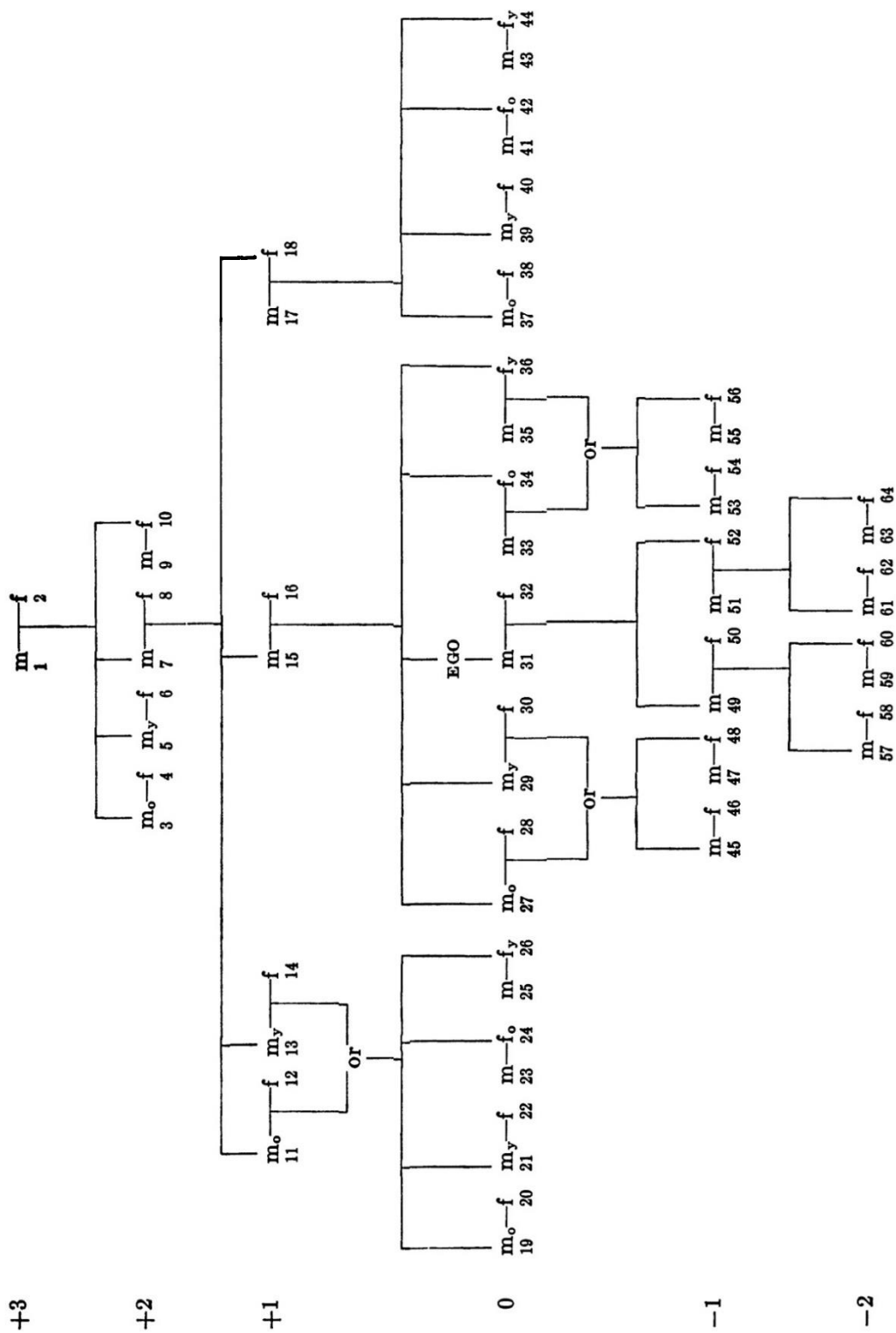


Figura III-1 Árvore genealógica da família paterna (Chao, 1956, p. 228)

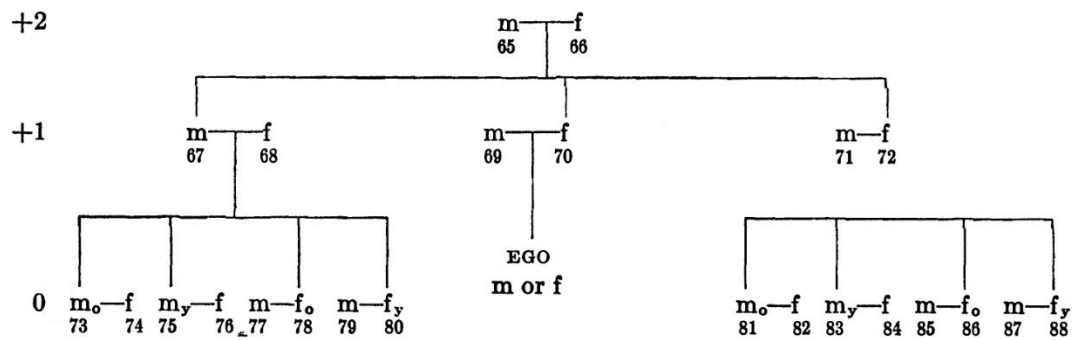


Figura III-2 Árvore genealógica da família materna (Chao, 1956, p. 229)

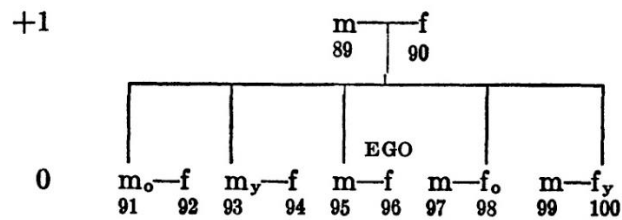


Figura III-3 Árvore genealógica da família do marido (Chao, 1956, p. 229)

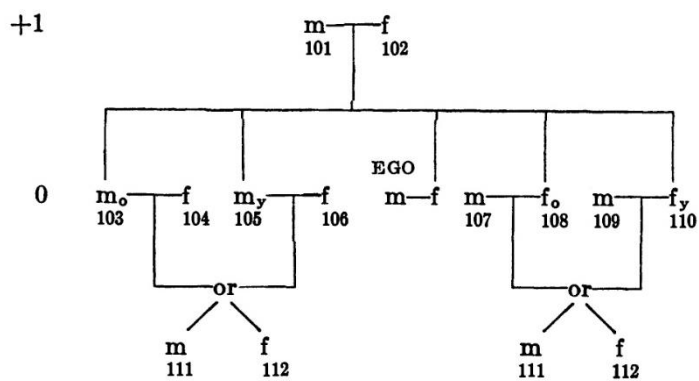


Figura III-4 Árvore genealógica da família da esposa (Chao, 1956, p. 229)

Relação	Vocativo	Tratamento formal
1. bisavô (paterno)	Lao-ye-ye/Tai-ye-ye	Zeng-zu-fu
2. bisavó (paterna)	Lao-nai-nai/Tai-nai-nai	Zeng-zu-mu
3. tio-avô (mais velho, paterno)	Ye-ye	Bo-zu-fu
4. esposa de 3	Nai-nai	Bo-zu-mu
5. tio-avô (mais novo, paterno)	Ye-ye	Shu-zu-fu
6. esposa de 5	Nai-nai	Shu-zu-mu
7. avô (paterno)	Ye-ye	Zu-fu
8. avó (paterna)	Nai-nai	Zu-mu
9. marido de 10	Gu-ye	Gu-ye / Zu-gu-zhang
10. tia-avó (paterna)	Gu-nai-nai	Gu-nai / Zu-gu
11. tio (mais velho)	Da-ye	Bo-fu
12. esposa de 11	Da-niang	Bo-mu
13. tio (mais novo, paterno)	Shu (Shushu)	Shu-fu
14. esposa de 13	Shen-shen	Shen-mu
15. pai	Ba-ba	Fu (Fu-qin)
16. mãe	Ma-ma	Mu (Mu-qin)
17. marido do 18	Gu-fu	Gu-zhang (Gu-fu)
18. tia	Gu-gu	Gu-mu
19. primo (mais velho do mesmo apelido/clã)	Ge (Ge-ge)	Tang-xiong (Zong-xiong)
20. esposa de 19	Sao (Sao-zi)	Tang-sao (Zong-sao)
21. primo (mais novo do mesmo apelido/clã)	Di (Di-di) / nome próprio	Tang-di (Zong-di)
22. esposa de 21	di-mei	Tang-di-mei (zong-di-mei)
23. marido de 24	Jie-fu	Jie-fu (zong-jie-zhang)
24. prima (mais velha do mesmo apelido/clã)	Jie (Jie-jie)	Tang-jie (zong-jie)
25. marido de 26	Mei-fu / próprio nome	Tang-mei-fu (Zong-mei-xu)
26. prima (mais nova do mesmo apelido/clã)	Mei (Mei-mei)/ nome próprio	Tang-mei (Zong-mei)

27. irmão mais velho	Ge / ge-ge	Xiong
28. esposa de 27	Sao (Sao-zi)	Sao (sao-zi)
29. irmão mais novo	Di / Di-di	Di
30. a sua espoa	Di-mei	Di mei -
31. EU		
32. ESPOSA	Nome próprio	Qi (Ai-ren) ⁹³
33. marido de 34	Jie-fu	Jie-fu
34. irmã mais velha	Jie (Jie-jie)	jie
35. marido de 36	Mei-fu/ nome próprio	Mei-fu
36. irmã mais nova	Mei-mei/nome próprio	mei
37. primo mais velho (do outro apelido)	Biao-ge (Ge)	Gu-biao-xiong
38. esposa de 37	Biao-sao (Sao-zi)	Gu-biao-sao
39. primo mais novo (do outro apelido)	Biao-di/nome próprio	Gu-biao-di
40. esposa de 39	Biao-di-mei/nome próprio	Biao-di-mei
41. marido de 42	Biao-jie-fu	Biao-jie-fu
42. prima mais velha (do outro apelido)	Biao-jie	Gu-biao-jie
43. marido de 44	Biao-mei-fu/nome próprio	Biao-mei-fu
44. prima mais nova (do outro apelido)	Biao-mei	Gu-biao-mei
45. primo	Nome próprio	Zhi (Zhi-zi)
46. esposa de 45	nome próprio	Zhi-xi-fu
47. marido de 48	nome próprio	Zhi-nv-xu
48. prima	nome próprio	Zhi-nv
49. filho	Er-zi/nome próprio	Er-zi
50. nora	nome próprio	Er-xi / xi-fu
51. genro	nome próprio	Nv-xu
52. filha	Nv-er/nome próprio	Nv-er
53. primo	nome próprio	Wai-sheng

⁹³ Ài-rén, literalmente como “pessoa amada”, significa “esposa” (ou “marido”, quando o locutor for uma mulher).

54. esposa de 53	nome próprio	Sheng-xi
55. marido de 56	nome próprio	Sheng xu
56. prima	nome próprio	Wai-sheng-nv
57. neto (filho do filho)	nome próprio	Sun-zi
58. esposa de 57	nome próprio	Sun-xi
59. marido de 60	nome próprio	Sun-nv-xu
60. neta (filha do filho)	nome próprio	Sun-nv
61. neto (filho da filha)	nome próprio	Wai-sun
62. esposa de 61	nome próprio	Wai-sun-xi
63. marido de 64	nome próprio	Wai-sun-nv-xu
64. neta (filha da filha)	nome próprio	Wai-sun-nv
65. avô (materno)	Lao-ye	Wai-zu-fu
66. avó (materna)	Lao-lao	Wai-zu-mu
67. tio (materno)	Jiu-jiu	Jiu-fu
68. esposa de 67	Jiu-ma	Jiu-mu
69. =15		
70. =16		
71. marido de 72	Yi-fu	Yi-zhang
72. tia (materna)	Yi/Yi-ma	Yi-mu
73-80/81-88=37-44		
89. sogro	Gong-gong (ou segue o marido, ba)	Gong-gong
90. sogra	Po-po (ou segue o marido, ma)	Po-po
91. irmão mais velho do marido	Ge	Da-bai-ge
92. esposa de 91	Sao	Da-bai-sao
93. irmão mais novo do marido	Di/nome próprio	Xiao-shu
94. esposa de 93	di-mei/nome próprio	Di-mei/Zhou-li
95. marido	Nome próprio	Zhang-fu/Ai-ren
96. =31		

97. marido de 98	Segue o marido ou filho	
98. irmã mais velha do marido	Segue o marido ou filho	Da-gu
99. marido de 100	Segue o marido ou filho	
100. irmã mais nova do marido	Segue o marido ou filho	Xiao-gu
101. sogro (pai da esposa)	Yue-fu (segue o marido, ba)	Yue-zhang
102. sogra (mãe da esposa)	Yue-um (segue o marido, ma)	Yue-mu
103. cunhado (mais venho)	Da-jiu-ge/Da-jiu-zi	Nei-xiong
104. esposa de 103	Sao/Sao-zi	Jiu-sao
105. cunhado (mais novo)	Xiao-jiu/Xiao-jiu-zi/nome próprio	Nei-di
106. esposa de 105	Xiao-jiu-fu	Xiao-jiu-xi
107. marido de 108	Nome próprio	-
108. cunhada mais velha	Da-yi-zi	Da-yi
109. marido do 110	Nome próprio	-
110. cunhada mais nova	Xiao-yi-zi	Xiao-yi
111. primo	Nome próprio	Nei-zhi
112. prima	Nome próprio	Nei-zhi-nv

Quadro III-1 Vocativos e tratamentos familiares⁹⁴ (adaptado de Chao, 1956; Y. Chen, 1990; J. Shi, 2003)

⁹⁴ No quadro, como em todo o estudo, referimos tratamentos/vocativos usados nas regiões onde se fala mandarim padrão e se aplica cultura sobretudo da etnia *Han*, não contemplamos, portanto, expressões minoritárias.